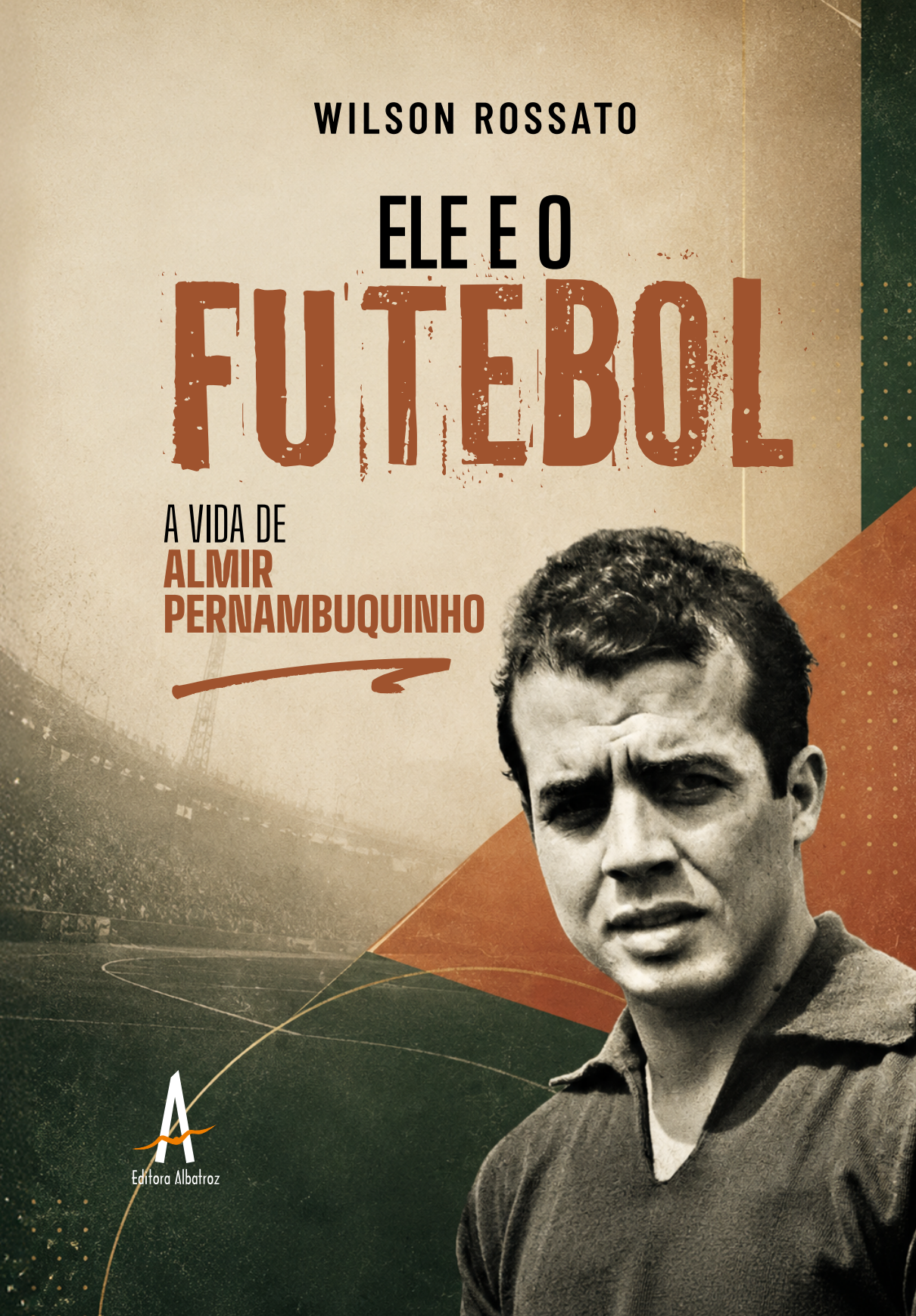
WILSON ROSSATO

ELE E O FUTEBOL

A VIDA DE ALMIR PERNAMBUQUINHO



Editora Albatroz

WILSON ROSSATO

ELE E O FUTEBOL

A VIDA DE ALMIR PERNAMBUQUINHO

Editora Albatroz

Copyright 2026 por **Wilson Rossato**

Ele e o Futebol - A vida de Almir Pernambuquinho

Coordenação editorial:
Lúcia Helena Vidal

Assistente editorial:
Verônica Lazzeroni Del Cet

Diagramação:
Bruno Eustáquio

Revisão:
Camilo Adorno

Capa:
Ingo Bertelli

Imagem capa:
Acervo pessoal de Alvaro Albuquerque

Fotos miolo:
Acervo pessoal de Alvaro Albuquerque

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

R827e
1.ed. Rossato, Wilson
Ele e o futebol [livro eletrônico] : a vida de Almir Pernambuquinho / Wilson Rossato. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Albatroz, 2026.
PDF

ISBN 978-65-5656-394-7

1. Futebol – Brasil – História. 2. Jogadores de futebol – Biografia. 3. Jogadores de futebol – Memórias. 4. Pernambuquinho, Almir Morais de, 1937-1973. I. Título.

07-2026/39 CDD 796.34092

Índice para catálogo sistemático:
1. Jogadores de futebol : Biografia 796.34092
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Editora Albatroz

EDITORA ALBATROZ

www.editoraalbatroz.com.br
sae@editoraalbatroz.com.br
/editora.albatroz
@editoraalbatroz

"Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equipes, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da luta, de quarenta a cinquenta mil pessoas deliram em transe, extáticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, há pausas de silêncio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio classifica. (...) E isso porque de todos os esportes tentados no Brasil só o futebol conseguiu aclimatar-se, como o café."

Monteiro Lobato

SUMÁRIO

Prefácio 6
Prefácio 7
Introdução 8

Capítulo Um
Primeiro gol e confusão 9

Capítulo Dois
Garoto prodígio 18

Capítulo Três
A decisão errada 42

Capítulo Quatro
Impasse e casamento 70

Capítulo Cinco
Não sou um temperamental 92

Capítulo Seis
Frio, lesões e treinador 107

Capítulo Sete
Campeão do Mundo 121

Capítulo Oito
Gol épico e bicho-monstro 157

Capítulo Nove
Altos e baixos no Flamengo 184

Capítulo Dez
O começo do fim 209

Capítulo Onze
As versões para um tiro 234

Títulos de Almir Pernambuquinho 261

Prefácio

Aos 79 anos de idade, com muita história para contar, me vem à memória umas das mais belas lembranças do meu tempo de atleta de futebol. Este episódio tem extrema relevância em razão da participação do excepcional jogador Almir, o Pernambuquinho, queridíssimo por aqueles que tiveram, como eu tive, a honra e o prazer de jogar ao seu lado.

Ano 1968: America 2 x 2 Botafogo, pelo campeonato carioca. Pênalti contra o Botafogo. Bola na marca da cal e a expectativa da cobrança pelo Almir, na época, o cartaz maior da equipe e dotado da mais alta confiança do treinador Evaristo de Macedo. Para a surpresa geral, ele chegou aos meus ouvidos e, gentilmente, falou: "Vai lá, cobra e mostra pra todos o porquê de tanta habilidade e personalidade neste esporte traiçoeiro, mas cheio de gênios como você, que está despontando no cenário brasileiro".

Aumentada a minha confiança, cobrei com perfeição, abrindo o marcador e um enorme espaço de motivação para o restante daquela partida e da minha vida futura no futebol.

Por esta, e por outras razões, é fundamental enaltecer a figura deste competente escritor, Wilson Rossato, que criou uma narrativa brilhante, histórica e cheia de grandes emoções. Curtam todas as letras, todas as linhas, do início ao fim, porque será uma grande vitória de âmbito cultural, conhecendo ainda mais a relevância deste grande ídolo do nosso futebol. Pelo meu lado, a eterna gratidão.

Edu Antunes Coimbra

Prefácio

Ele foi muito cedo.

Era um amigo, um grande amigo, divertido, carinhoso.

Almir era quase oito anos mais velho que eu e um exemplo para mim no Flamengo, onde jogávamos juntos. Ele tinha um carinho especial pela minha pessoa e me chamava de garoto. À noite eu costumava, deitado na cama, recordar como ele jogava, se ele travava a bola, puxava, tocava, fintava, as malandragens dele em campo. Queria fazer o mesmo.

Também cansei de guiar para ele, Almir não gostava de dirigir, e íamos para todos os cantos no Rio de Janeiro, sempre atrás de festas e garotas. Foi com ele que perdi o medo de jogar, de ir para cima dos adversários, de romper defesas. Ele que era capaz de segurar uma bronca sozinho em campo.

Quando no Flamengo fui fazer meu primeiro contrato, meu pai não podia comparecer e ele delegou a Almir a tarefa de cuidar dos meus interesses. O Pernambuquinho era um parceirão, tenho muitas saudades dele. Ele tinha a vitória no coração, a vontade, sempre, de vencer.

Jogar futebol é um dom dado por Deus e nós cumprimos essa missão encantando milhões de pessoas pelos anos afora. Foi uma perda muito grande.

Saudades!
César Maluco

Introdução

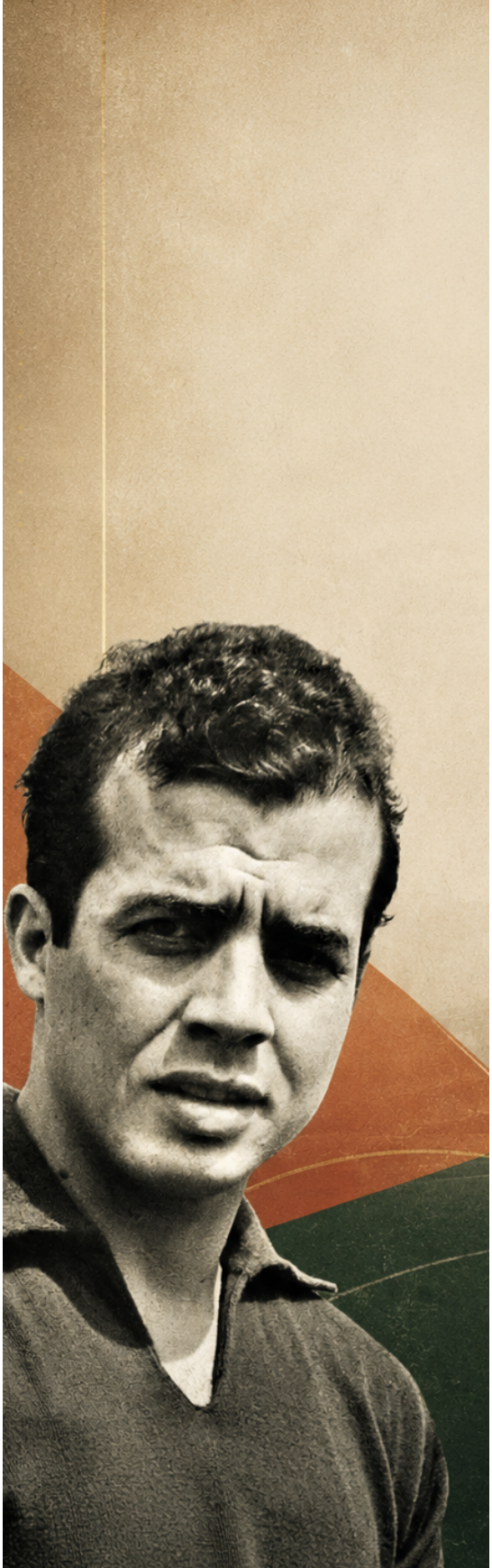
Tornou-se lugar comum citar o jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues em livros sobre futebol. Isso acontece porque é praticamente impossível não o mencionar se o assunto é esse esporte nas décadas de 1950 e 60 em razão de suas famosas colunas nos jornais. E ainda mais no nosso caso, quando ele tecia rasgados elogios a um jogador que não era, de maneira alguma, uma unanimidade em campo e fora dele.

Nelson era míope e mal enxergava o que acontecia no gramado quando sentava nas arquibancadas do Maracanã, nas tardes de domingo, para assistir ao seu querido Fluminense Football Club jogar. Porém, ainda assim, via muito mais do que a maioria das pessoas que estavam no estádio e fora dele.

Em sua crônica na revista *Manchete Esportiva*, de 7 de março de 1959, ele escreveu: "Amigos, não há de ser difícil catar o meu personagem da semana entre os 22 jogadores de Vasco x Flamengo (digo 22 e já amplio: — mais, por causa das substituições). Mas como eu ia dizendo, o personagem pula do jogo como um elástico polichinelo. Chama-se Almir, e os locutores costumam trata-lo de 'Pernambuquinho'. Eu sei que se forma, sobre o craque vascaíno, um caudaloso anedotário. E nós sabemos que a anedota desfigura, que a anedota falsifica. Em tudo o que se diz sobre Almir, já é difícil discriminar o que é verdade e o que é folclore."

O que Nelson apontou, há mais de 65 anos, é exatamente o que essa biografia se propõe a fazer: mostrar a trajetória de vida, como o cronista mesmo afirmou, do craque sem anedota, pré-julgamentos, mitificação de décadas. "A vida como ela é" — tal qual a famosa coluna de Nelson Rodrigues no jornal Última Hora.

A vida de Almir Pernambuquinho como foi. Sem folclore.



Capítulo Um

Primeiro gol e confusão

Almir Moraes Albuquerque nasceu no dia 28 de outubro de 1937, uma quinta-feira, numa capital pernambucana com então pouco mais de 300 mil habitantes, e que passava por uma grande reforma urbana, deixando as ruas estreitas para adotar as largas vias necessárias aos automóveis; uma época em que bondes elétricos circulavam pela cidade e o principal produto de exportação do Recife ainda era o açúcar.

Era um tempo em que a seleção brasileira de futebol usava um uniforme emprestado pelo time do Boca Juniors (o famoso azul e amarelo da equipe de Buenos Aires) porque não dispunha, imaginem, de uniforme reserva para jogar. Isso aconteceu, de fato, no Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1937, realizado na Argentina (e vencido pelos donos da casa), na partida contra o Chile, que, da mesma forma, não tinha uniforme reserva. Apesar da falta de uniforme, o resultado foi favorável aos brasileiros, que venceram por 6 a 4, e o único atleta que jogou vestindo a camisa oficial naquele dia, com o escudo da CBD (Confederação

Brasileira de Desportos), foi o goleiro Jurandir Corrêa. O Brasil acabou sendo o vice-campeão daquele ano.

Ou ainda tempos de uma carta aberta publicada no jornal Diário da Manhã, de Recife, no exato dia do nascimento de Almir. Na seção "Vida Sportiva", o título, com a grafia da época, dizia: "O profissionalismo não constitue nem pode constituir o objectivo verdadeiro dos sports", com um esclarecimento vindo logo na sequência. "A circular que o sportman Oswaldo Gomes, presidente do Olympico Club, dirigiu às associações sportivas cariocas". O jornal pernambucano reproduzia, em seu inteiro teor, a carta do dirigente esportivo do Rio de Janeiro, que defendia o amadorismo como condição primordial para a prática do verdadeiro esporte, querendo separá-lo do inevitável profissionalismo já existente àquela altura.

Nos vinte anos seguintes, o futebol mudaria bastante no Brasil, com a consolidação de uma organização profissional e, ao mesmo tempo, a preocupação do Estado em normatizar o esporte, que passava a ser mais qualificado, equipado e consumido por uma faixa cada vez mais larga da sua população. E foi nesse espaço de tempo que Almir Moraes Albuquerque se preparou para explodir como uma grande revelação do futebol na então capital federal.

Filho mais velho do casal Arlindo de Brito Albuquerque, comerciante, e de Adelaide Moraes Albuquerque, mais conhecida como dona Dedé, professora primária e seguidora da religião batista, tendo sido a primeira diaconisa consagrada em Pernambuco, Almir teve quatro irmãos: Ayres, Airany (única mulher), Arlindo Filho e Adilson. A família inteira tinha a letra A no primeiro nome. E todos os quatro filhos homens eram bons jogadores de futebol. "Meu pai torcia pelo Santa Cruz e nunca chutou uma bola na vida, mas seus quatro filhos foram jogadores de futebol", explica o caçula Adilson, que jogou durante muitos anos no Vasco da Gama e também na Bélgica.

Em relação ao velho Arlindo, há uma história curiosa que alterou o destino dele e de sua futura família. De origem humilde, Arlindo era empregado de uma padaria em Recife e entregava pão logo pela manhã

bem cedo nas casas dos clientes, como era costume na época. Certa noite, teve um sonho e, entusiasmado, apostou no milhar do jogo do bicho, que naquele dia deu touro, e seu número escolhido, 0081, deu no primeiro prêmio. Arlindo ganhou o suficiente para mudar seu futuro, pois comprou uma mercearia e se estabeleceu como comerciante, dando uma vida confortável a seus familiares, sempre com uma mesa farta e aberta a quem os visitasse. Hábito esse que Almir herdou e cultivou a vida inteira, principalmente depois que parou de jogar futebol e, já separado, passou a morar sozinho em seu apartamento no Rio de Janeiro.

O estabelecimento ficava na Estrada dos Remédios 2128, uma via comprida que liga dois bairros de Recife: Afogados e Madalena, uma região de passagem obrigatória para quem ia para o interior ou vinha da zona norte para o litoral. O armazém do seu Arlindo, como todo mundo costumava chamar, ficava mais para os lados de Madalena, o que possibilitava aos filhos ir a pé ao Colégio Americano Batista (CAB), um dos mais conceituados da cidade, situado até hoje no bairro da Boa Vista.

Dona Dedé fazia questão que todos os filhos tivessem a melhor educação que podiam dar e todos os dias eles saíam de casa, colada à mercearia do pai, e caminhavam pela Estrada dos Remédios atravessando a ponte Estácio Coimbra, mais conhecida como ponte do Derby, até chegarem à rua Dom Bosco 1308.

Construída com a fachada imitando a Casa Branca, em Washington, nos Estados Unidos, a escola foi criada por missionários batistas americanos e tinha como filosofia de ensino incentivar seus alunos a praticar esportes, o que foi importante não só na formação do atleta Almir, como de todos os seus irmãos. Peladeiro das ruas de terra perto de casa, onde começou a mostrar ser bom de bola, além de uma personalidade forte de quem não levava desaforo para casa, Almir logo começou a se destacar nas partidas de futebol no CAB, passando a fazer parte da seleção do colégio para as disputas entre escolas.

"Passei os meus tempos de garoto ao ar livre, brincando como qualquer outro. As coisas que fiz são as mesmas que a garotada faz: roubei muita manga e sapoti, pesquei siri, caranguejo e piaba no rio Capibaribe,

joguei pelada, soltei pipa, tive brigas de rua como qualquer moleque", declarou Almir em seu livro de memórias *Eu e o futebol*, lançado pela Biblioteca Esportiva Placar pouco tempo depois de sua morte, em 1973. O livro foi editado com as entrevistas dadas aos jornalistas Fausto Neto e Maurício Azêdo, publicadas em capítulos pela revista *Placar*, num tom sensacionalista por causa de revelações até então inéditas no mundo do futebol.

Paixão e surras

No primeiro capítulo publicado pela *Placar* em 5 de janeiro de 1973, Almir confessou ter se apaixonado por sua primeira professora, dona Creusa, e, curiosamente, declarou sentir-se envergonhado disso — naquele final de 1972, durante as gravações da entrevista, pois a ex-professora estava grávida na época.

Além disso, contou que usualmente levava broncas e surras do pai por insistir em nadar no Capibaribe, um rio perigoso devido à sua corrente forte. O nome do bairro, Afogados, vinha daí, uma vez que vários escravos fugitivos perderam a vida tentando atravessá-lo. Adolescente, Almir começou a frequentar as ruas Bom Jesus e Vigário Tenório, onde ficavam as chamadas "mulheres de vida fácil" do Recife nas décadas de 1940 e 50. Ele e seus irmãos foram frequentadores assíduos, segundo o caçula Adilson, que afirma que todos perderam a virgindade naquelas ruas.

Aprendeu a atirar de espingarda com o pai. Seu Arlindo gostava de sair para caçar com os amigos e levava muitas vezes o filho mais velho. Eles iam a Pau Ferro, bairro rural de Recife, para caçar paca, tatu e veado. Fora a diversão com a caçada, a espingarda servia para afugentar ladrão. Certa vez, um entrou no armazém e seu Arlindo acertou um tiro nas pernas do bandido, amarrando-o depois numa árvore até a chegada da polícia.

Um episódio ocorrido na infância de Almir, e do qual não se tem muito conhecimento, é uma doença nos ossos que ele contraiu quando tinha entre nove e dez anos de idade, provável causa do encurtamento de sua perna direita. A pouca informação se deve ao fato de não haver

registros e, segundo Adilson, de dona Dedé não gostar de lembrar do episódio, evitando que se comentasse o assunto nas reuniões familiares. Ainda em seu livro de memórias, Almir referiu-se à doença como uma "espécie de tuberculose óssea", tratada com sucesso pelo dr. Armando Tavares, médico famoso do Recife da década de 1940, segundo o jogador.

Bom de bola nas peladas de rua com os amigos e na seleção da escola, Almir, apesar de baixinho e franzino, decidiu tentar a sorte na peneira do Sport Recife, clube cuja sede ficava perto da casa do futuro jogador, o que lhe permitiria ir a pé. E não só ele. Cada um a seu tempo, todos os quatro filhos do seu Arlindo foram aprovados na peneira do Leão.

Almir começou a jogar no juvenil do Sport Recife sob o comando de Francisco de Assis Capuano, considerado disciplinador e exigente, comandante das divisões de base do clube. Ele era homossexual e trabalhava com menores de idade, mas, segundo o próprio Almir, nunca mexeu com ele ou sequer disse algo que não fosse sobre seu desempenho nos treinos e jogos da equipe. Alguns anos depois, quando Almir já tinha se transferido para o Vasco, Capuano assumiu o time principal do Sport.

E o time juvenil do Leão brilhou em 1955, ano do cinquentenário do clube, vencendo o Campeonato Juvenil Pernambucano daquele ano de maneira invicta e sem levar um gol sequer durante a competição. Devido a seu desempenho durante todo o campeonato, e recebendo, muitas vezes, uma garrafa de guaraná como bicho pelas vitórias, Almir começou a ganhar reputação como bom jogador, além de raçudo. Com isso, muita gente queria ver o garoto franzino ser transferido para Náutico ou Santa Cruz, time de coração do seu pai. Porém, Almir, já demonstrando personalidade e visão, achava que deveria continuar no Sport porque o clube tinha uma equipe juvenil acima da média. Naquele mesmo ano de 1955, o Sport também se sagrou campeão estadual com seu time principal. No ano seguinte, Almir se juntaria ao elenco dos profissionais.

Comandado por Gentil Cardoso (folclórico técnico criador do termo "zebra" no futebol), o clube começou a promover alguns jogadores dos seus quadros juvenis, entre os quais o filho mais velho de Arlindo,

para serem reservas do time principal do Sport. Almir começou, então, a demonstrar toda sua garra dentro de campo, jogando sempre como quem não admite que sua equipe seja derrotada em nenhuma partida. Ali se manifestava a característica que o acompanharia até o fim de sua carreira, e que lhe traria muitos problemas no futuro.

E, pelo visto, ele tinha a quem puxar. Certo dia, seu pai foi assistir a uma partida entre os juvenis do Sport e do Santa Cruz, seu time. Sentado junto à torcida de sua equipe, começou a ouvir gritos de um homem contra um atacante do Sport, que, no caso, era seu filho Almir. "Filho da puta" gritava o torcedor sem parar. Seu Arlindo começou a ficar irritado e, não conseguindo mais se conter, foi até o homem e lhe perguntou: "O senhor conhece a mãe do jogador pra poder dizer isso? Conhece?". E desceu a mão na cara do xingador, criando a maior confusão na torcida. Dona Dedé deve ter ficado com a orelha quente em casa sem saber o que diziam dela.

Primeiro gol

Uma das primeiras viagens que Almir fez como atleta foi para São Luís do Maranhão, em dezembro de 1956, pouco antes de abandonar sua cidade natal. No dia 9 daquele mês, o Sport jogou um amistoso contra o Sampaio Corrêa (MA) em comemoração à reinauguração do estádio municipal Nhozinho Santos, na capital maranhense, com a presença do governador do Estado, Eurico Bartolomeu Ribeiro, e com o pontapé inicial sendo dado pelo comandante Dylo Modesto de Almeida, em razão das comemorações da Semana da Marinha.

O Sport venceu por 2 a 1 e um dos gols saiu dos pés de Almir, que entrou substituindo Eliezer. Foi seu primeiro gol oficial como jogador de futebol de uma equipe principal. No dia seguinte, 10, o jornal *Pacotilha – O Globo* (fundado em 1881) contou assim a performance do filho de dona Dedé: "Aos 34 minutos, ainda da primeira etapa, o escóre foi ampliado para 2 x 0, a favor do rubro-negro pernambucano graças ao 'goal' conquistado pelo malicioso avante Almir."

Malicioso avante Almir foi a maneira como descreveu o repórter Rangel Cavalcante, autor da matéria do jornal, o jogador de 19 anos que havia marcado o primeiro gol de sua carreira, num amistoso entre times de diferentes estados. Segundo o dicionário Houaiss o adjetivo malicioso quer dizer: "1. Em que há malícia (comportamento) 2. Que ou aquele que tem ou age com malícia; maliciador. Manhoso, arteiro, velhaco, maldoso".

Ou seja, Rangel Cavalcante conseguiu ver em Almir, em menos de 90 minutos de jogo, uma vez que ele entrou em campo para substituir Eliezer, as características do jogador que, dez anos depois, viria a ser chamado de "Rei da Catimba", palavra que, segundo o mesmo Houaiss, é definida como: "1. Manha, astúcia, malícia. Procedimento utilizado em certas competições esportivas, especialmente futebol, e que consiste em prejudicar o desempenho do adversário por meio de recursos astuciosos e, às vezes, antiesportivos".

Houve ainda uma gigantesca briga que tomou conta do estádio depois que Almir, reza a lenda, teria socado o juiz da partida, Antônio Bento. A confusão tornou-se generalizada com a entrada da polícia, que distribuía golpes de cassetete para todo lado, fazendo com que muitos fugissem para os vestiários. Na edição do *Pacotilha*, Almir não consta entre os expulsos naquela partida, mas quem garante que ele socou o juiz é Mainha, atleta do juvenil e amigo de Almir, que também estava em campo, e que quase foi para o Vasco junto com o amigo. "Depois do soco, acabou o jogo. A confusão foi total e tamanha que ninguém sabia de mais nada. Almir socou o árbitro", garante Mainha, com seus 90 anos de idade.

Tudo isso já estava, na realidade, reservado para o Vasco da Gama. Cier Barbosa, ex-dirigente do Ferroviário, ex-técnico do juvenil do Santa Cruz e olheiro do Vasco em Pernambuco, havia preparado a coisa toda (devemos lembrar que naquela época a comunicação não era tão fácil como atualmente). Na verdade, os clubes pernambucanos não tinham muita simpatia pelo olheiro porque o consideravam um aliciador de jovens promessas do futebol local, que acabavam indo parar no Rio de Janeiro. Cier já levara anteriormente craques de Pernambuco como Vavá,

chamado de Peito de Aço, estrela do Vasco nos anos 1950. Portanto, ele tinha crédito no time carioca e estava encantado com o futebol de Almir e de Mainha.

Inaldo Amorim Silva Maia, o Mainha, jogava no juvenil do Sport junto com Almir e, a princípio, também aceitou viajar para o Rio de Janeiro e vestir a camisa do Vasco. Ele iria no mesmo voo que Almir e tudo estava preparado para a viagem. Porém, por pressão da família, que não queria vê-lo longe de casa, Mainha mudou de ideia na última hora. "Minha mãe chorava muito, eu não podia viajar dessa maneira" relembra ele, que fez sua carreira em Pernambuco jogando por Sport, Náutico e Santa Cruz, além de, mais tarde, ter jogado no Botafogo do Rio de Janeiro.

Até uma segunda certidão de nascimento Cier Barbosa providenciou para conseguir a transferência. Almir tinha que ser menor de idade para poder jogar nos aspirantes do Vasco e, assim, não ter um alto custo para o clube. Se desse certo, seria profissionalizado; caso contrário, voltaria para casa. No final de 1956, Almir já tinha completado 19 anos de idade, mas Cier mudou sua data de nascimento para 25 de dezembro de 1938 (dia de Natal, talvez uma ironia dele), fazendo com que o jogador voltasse a ser menor de idade.

Embora seu Arlindo tenha ficado surpreso com a proposta para o filho jogar no Vasco da Gama, o grande time da época, ele aceitou a ideia. Quem não gostou nada foi dona Dedé, que sempre foi contra a ida do filho para o Rio de Janeiro, para longe da família. E até o final da vida ela tentou fazer seu primogênito voltar para Recife, sem sucesso.

O próprio Almir ficou surpreso com a proposta de Cier Barbosa, mas rapidamente se encantou com a ideia de jogar com Vavá e Bellini (que viria a ser o capitão da Seleção Brasileira em 1958, quando imortalizaria o gesto de levantar a taça Jules Rimet), jogadores que compunham seu álbum de figurinhas. Ele foi obrigado a bater o pé para poder mudar para o Rio, segundo contou em suas memórias: "tive de romper com a família para não perder aquela oportunidade".

A fama de Cier Barbosa como aliciador era tão grande em Recife que ele tomava providências inusitadas para conseguir levar consigo as jovens promessas, pois caso os clubes ficassem sabendo, tentariam impedi-lo. Cier pediu que o Vasco emitisse uma passagem para Almir usando outro nome . O jogador virou Altamir Morais para que ninguém ficasse sabendo da contratação. No dia do embarque, ele e Almir, acompanhados do dirigente do Vasco, Edgar Campos, foram até o aeroporto e, para surpresa deles, deram de cara com a delegação do Sport, que estava ali para embarcar numa excursão pelo norte-nordeste do país.

Desse modo, Almir não podia aparecer para não ser visto e, por isso, ficou escondido no táxi esperando enquanto seus dois acompanhantes monitoravam a delegação do Sport e a chamada para o embarque ao Rio de Janeiro. Quando a última chamada para o voo foi anunciada, ele correu alucinadamente pelo saguão do aeroporto dos Guararapes a fim de não deixar que o vissem, e, caso o vissem, para que não houvesse tempo para qualquer coisa. Ainda arfando, Almir ocupou seu lugar num dos assentos do quadrimotor *Constellation*, da Panair do Brasil, que o levaria para a Cidade Maravilhosa.

Depois que relaxou da aventura do embarque secreto, Almir começou a pensar em tudo que estava acontecendo. Ele viajava sozinho para a capital federal, onde não conhecia ninguém. Sua mãe desaprovava totalmente aquela viagem e dizia, chorando, que ele esqueceria dela e dos irmãos quando estivesse no Rio, uma cidade perigosa. Estava inseguro, pois não sabia o que poderia acontecer.

No entanto, estava indo jogar no melhor time do Brasil, no time campeão carioca de 1956, e teria a seu lado companheiros como Vavá, Bellini, Valter Marciano e Pinga. Ganharia muito dinheiro. Era a realização de um sonho. Além disso, no avião a aeromoça o tratava com a maior consideração, perguntando toda hora se ele gostaria de mais alguma coisa.

Sem saber bem o que pensar, uma grande dúvida, de repente, o deixou aflito durante o resto do voo: e se não houvesse ninguém esperando por ele no aeroporto?

Capítulo Dois

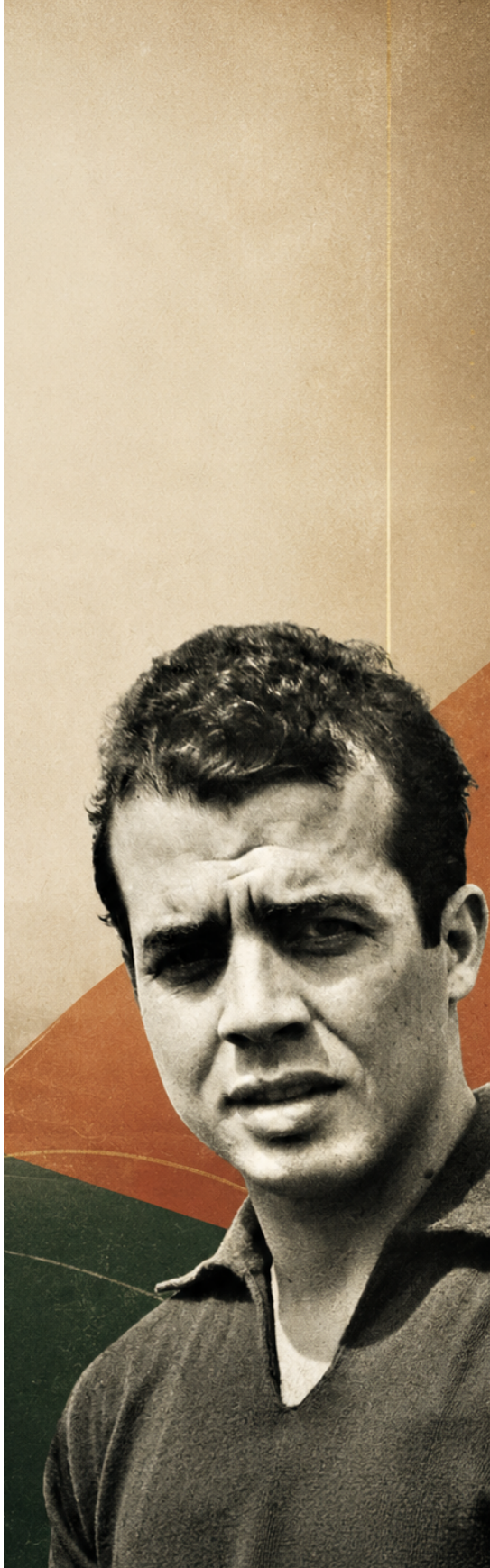
Garoto prodígio

Mas havia.

Um funcionário do Vasco da Gama chamado Antônio Rodrigues, cujo nome Almir nunca mais esqueceria, tamanho o alívio que sentiu ao vê-lo, aguardava-o para levá-lo até São Januário, onde passaria a morar na concentração do clube, à rua General Almério de Moura, hoje em dia chamada de avenida Roberto Dinamite no trecho onde está localizado o estádio.

Um dos primeiros a se aproximar dele foi o atacante Vavá, após ter descoberto que o novato também era de Recife. Além de três anos mais velho que Almir, Vavá Peito de Aço tinha bem mais experiência no clube porque já estava há mais de seis anos no Gigante da Colina, onde se destacava como artilheiro — Almir era um de seus muitos admiradores. Vavá começou a lhe explicar como era o futebol no Rio de Janeiro e no Vasco, e deu algumas dicas sobre a vida na então capital federal.

Mostrou-se, desde o início, um incentivador do conterrâneo, trazendo sempre uma palavra de encorajamento ao novo companheiro. Em suas memórias, Al-



mir afirmou: "ele acreditou em mim e muitas vezes me deu força com palavras simples, revelou-se um amigo mesmo. 'Pé firme, garoto', dizia, sem saber a importância que aquilo tinha para mim; era o meu antigo ídolo, o craque que eu admirava lá no Recife, que estava ali ao meu lado, torcendo pelo meu sucesso".

Ainda sem saber como se comportar entre pessoas estranhas num lugar novo, Almir falava pouco e observava bastante. Aprendia, aos poucos, a se movimentar num dos maiores clubes do Brasil e na capital federal. Jogando nos aspirantes do Vasco da Gama, treinava todos os dias, empenhando-se ao máximo. Sabia que tinha condições de ser profissionalizado no clube carioca. E o vestiário da equipe ajudava bastante — "a concentração do Vasco era muito alegre", dizia. Começou a ser conhecido entre todos como um jogador raçudo que não tinha medo de dividida, e que driblava bem e chutava com as duas pernas.

Enquanto isso, em sua cidade natal, o *Diário de Pernambuco* de 23 de janeiro de 1957, publicou uma matéria com o seguinte título: "Será punido o rubro-negro Almir, que fugiu para o Rio de Janeiro", explicando que o passe dele pertencia ao Sport e, portanto, ele não podia se transferir para outra agremiação sem autorização. A CBD já tinha tomado conhecimento da "fuga" e aplicaria as punições previstas. No dia 6 de fevereiro, saiu a notícia de que o Vasco estava oferecendo 200 mil cruzeiros ao Sport pelo passe de Almir; o clube pernambucano, porém, queria 300 mil. Ao final das negociações, o Vasco cedeu um jogador cruzmaltino para o Sport e pagou mais 150 mil cruzeiros pelo passe dele.

Passados os primeiros meses cheios de novidades, Almir começou a sentir falta de casa, dos pais e da vida em Recife. Chegou mesmo a pensar em voltar para sua cidade, mas encontrou um jeito de diminuir a saudade escrevendo cartas para sua mãe. E dona Dedé, compreendendo as necessidades do filho, respondia todas com cartas ainda maiores e cheias de ternura por seu primogênito. Os textos enviados por ela eram tão bonitos que Almir começou a mostrá-los ao líder do grupo, Bellini, que tratava todos com muito carinho, quase como se fosse um irmão mais velho.

Hilderaldo Bellini, além de grande jogador, era boa-pinta (termo que se usava na época para designar um homem bonito), forte, e respeitado por todos em São Januário. Ele havia notado que Almir era um garoto de fora, inexperiente, mas com grande futuro no futebol. Achava que ele só precisava de apoio para desenvolver bem todo aquele potencial e, por isso, começou a dar uma atenção especial ao garoto de Pernambuco. Tornaram-se amigos.

Tão amigos que Bellini convidou Almir, o volante Écio Capovilla e o atacante Delém (Vladém Quevedo), todos do Vasco da Gama, para dividir um apartamento no famoso bairro de Copacabana. Cansado da rotina de viver confinado em São Januário, o recifense estava curioso por conhecer a Cidade Maravilhosa e já tinha se perdido algumas vezes pelas ruas de Copacabana, estando ainda deslumbrado por todo aquele movimento de uma cidade tão importante.

Enquanto isso, Almir progredia cada vez mais nos treinos, mudando até de posição em campo. Quando chegou, começou como ponta-esquerda, sua posição original no Sport, mas aos poucos foi se tornando um ponta-de-lança, termo para o que hoje chamamos de segundo atacante. Dedicado, não faltava nem se atrasava para nenhum "apronto", expressão da época para treinamento.

Com a evolução de Almir, o técnico Martim Francisco (estudioso do futebol e a quem se credita a criação da formação 4-2-4) começou a ficar cada dia mais confiante no desempenho do atleta que chegara por sugestão do olheiro Cier Barbosa. Um outro pernambucano poderia vir a dar muitas alegrias ao torcedor cruzmaltino, imaginava ele.

Primeiro gol na capital federal

Graças a essa evolução, o jovem Almir começou a entrar no time principal durante algumas partidas, disputando uns minutos do segundo tempo . Essa foi a rotina até o dia 5 de maio de 1957, quando o Vasco fez um amistoso com o Clube Atlético Pastoril, em Governador Valadares, Minas Gerais, recebendo 120 mil cruzeiros pela exibição. Quem foi mais exibido ainda foi Almir, que fez não só seu primeiro gol

no time principal, como também o segundo e o terceiro, anotando três tentos na goleada de 8 a 0 sobre o time mineiro. Vindo do banco para ocupar o lugar de Sabará, fez, ainda no primeiro tempo, dois gols. Na segunda etapa fez mais um.

Confiante, Almir participou do Torneio Rio-São Paulo de 1957, disputado entre 24 de abril e 6 de junho daquele ano. O Vasco fazia uma campanha bastante irregular na competição, ganhando jogos difíceis e perdendo outros mais fáceis; até que no dia 23 de maio, uma quinta-feira à noite, aos 31 minutos do segundo tempo, Almir entrou em campo substituindo Lierte, que, por sua vez, substituía Sabará. A partida era entre Vasco e América-RJ, em São Januário, e o cruzmaltino ganhou por 3 a 0, num jogo considerado fácil, como indica o título do jornal *O Globo* do dia seguinte: "Vitória Cômoda do Vasco".

Já o *Jornal dos Sports* fez uma observação curiosa sobre o jogo, sem crédito do seu autor: "O Vasco sem jogar tudo o que sabe, exibiu-se desta vez à altura do seu renome. Sério e bem. Pena que na hora das substituições, se perceba certo desentrosamento. Principalmente, quando entra o garoto Almir que apenas recebe bolas perfeitas de seu conterrâneo Vavá. Os outros preferem a finta e descambam para a esquerda. Não lhe devolvem as bolas que o garoto dá para efeito de tabela e preferem 'virar o jogo'. Talvez o team do Vasco ainda não confie totalmente em Almir, mas a torcida gosta do garoto e teve a oportunidade de vibrar numa arrancada sua justamente quando o juiz apitou o final do match. Parece-nos que Almir, Lierte e outros que entrem no lugar dos titulares deviam ser mais apoiados pelos companheiros. De qualquer maneira preferimos aguardar novas exibições dos cruzmaltinos para firmar um ponto de vista sobre as sugestões estranhas que tais acontecimentos ocasionam. Por enquanto será prudente atribuir tudo a um erro de observação". A estreia oficial do filho mais velho de dona Dedé e seu Arlindo havia se concretizado. E eles acompanhavam tudo o que acontecia pelos jornais e pelas rádios do Rio de Janeiro, sempre que possível.

Duas rodadas mais tarde, naquele que seria o último jogo do Vasco na competição, o Gigante da Colina enfrentou, no dia 1º de junho, o Santos, na Vila Belmiro, e venceu por 3 a 2. Martim Francisco dessa

vez mandou Almir substituir diretamente Sabará, o que demonstrava uma confiança maior do treinador. O ataque do Vasco da Gama passou então a ser Almir, Livinho, Vavá, Válter e Pinga. Uma curiosidade é que o Santos também fez uma substituição no segundo tempo: saiu Del Vecchio e entrou um outro garoto promissor, Pelé, autor do segundo gol do Peixe no jogo.

O campeão do Torneio Rio-São Paulo de 1957 foi o Fluminense, de maneira invicta, e Vasco e Flamengo dividiram o vice-campeonato, com sete pontos cada. O jogo de maior renda foi Fluminense e Vasco, disputado no dia 21 de maio, quando os tricolores bateram o Gigante da Colina por 2 a 0, e que contou com um público de 58.026 pessoas, rendendo Cr$ 1.454.860,00, ou seja, quase um milhão e meio de cruzeiros, uma grande soma para a época.

Almir correspondeu às expectativas do técnico Martim Francisco em sua estreia num torneio importante. A prova disso é que dois dias depois da partida contra o Santos, ele estava embarcando com a delegação do Vasco para uma excursão de 40 dias por Caribe, Estados Unidos e Europa. Às 22h30, do dia 3 de junho, o avião da Pan-American decolou levando Almir para sua primeira viagem ao exterior.

O Vasco jogou contra a seleção de Curaçao (ilha no Mar do Caribe próxima à costa da Venezuela e que, na época, pertencia às Antilhas Holandesas), em sua capital Willemstad, vencendo por 2 a 1. Em seguida, voou para Nova York, onde goleou o New York Hakoah por 6 a 2, no Downing Stadium, diante de sete mil espectadores. Nesse jogo, Almir entrou no segundo tempo substituindo Livinho, que havia marcado um dos seis gols do Vasco.

Cruzaram, então, o oceano Atlântico e foram para a França disputar o Torneio de Paris, organizado pelo Racing Club de Paris, em comemoração ao seu 25º aniversário de fundação. Além do Racing e do Vasco, faziam parte do torneio o Rot-Weiss Essen (campeão alemão) e o temível Real Madrid, pentacampeão europeu de clubes (atual *Champions League*) e considerado o melhor time do mundo.

Durante a estadia em Paris, o time descobriu, por acaso, que Bellini tinha sido barbeiro antes de se profissionalizar como jogador de futebol. Como resultado, além das brincadeiras, o capitão teve que cortar o cabelo de vários companheiros, incluindo o de Almir que, embora ainda nem desconfiasse, começaria a ficar calvo em alguns anos.

O primeiro jogo foi contra o time anfitrião, dia 12 de junho, no Parque dos Príncipes, e terminou com a vitória cruzmaltina por 3 a 1. Almir entrou em campo novamente substituindo Sabará, no segundo tempo. Como o Real Madrid tinha goleado o Rot-Weiss por 5 a 0, Vasco e Real fizeram a final do torneio dia 14.

Mais de 65 mil pessoas estavam no Parque dos Príncipes, entre elas o Xá e a Imperatriz do Irã, todos acreditando estar ali para ver mais uma vitória do Real Madrid. E os espanhóis abriram o placar logo aos quatro minutos do primeiro tempo com Di Stéfano. Mas a reação do Gigante da Colina foi arrasadora, virando e vencendo o jogo por 4 a 3, com direito até a uma confusão no segundo tempo, quando Ortunho socou um espanhol, provocando uma celeuma que durou mais de dez minutos. Com um jogador a menos durante 17 minutos, o Vasco segurou a vitória e o capitão Pinga levantou a taça do Torneio de Paris.

"Campeão o Vasco em Paris!", deu como título o jornal *O Globo*, no dia seguinte. Já o *Jornal do Brasil* escreveu: "Ontem, em Paris: Vasco, 4 x Real Madrid, 3". Mais espirituoso do que os dois grandes jornais foi o título do extinto periódico *A Noite* que estampou: "Houve 'tourada' em Paris, mas o Vasco venceu".

Porém, quem deu mais destaque à vitória da equipe de São Januário foi o *Jornal dos Sports*, com o título: "Triunfo sensacional do Vasco", com direito a foto de capa com toda a delegação cruzmaltina, de terno e gravata, ao lado do avião. Almir aparece no centro e a legenda é exultante: "Aí está a delegação do Vasco da Gama que vem elevando de maneira brilhante o nome do football brasileiro nos campos do Velho Mundo".

Dando sequência à excursão, os vascaínos partiram de Paris e foram para a cidade de La Coruña, na Espanha, dessa vez de ônibus, numa cansativa viagem de 11 horas de duração. Apesar disso, ganharam

do Athletico de Bilbao por 4 a 2, conquistando, em jogo único, o XII Trofeo Teresa Herrera, sob o aplauso de 40 mil pessoas presentes no estádio Riazor.

Em seguida, foram para a cidade de Valencia, ainda na Espanha, e venceram os donos da casa por 3 a 1. Dessa vez, 45 mil pessoas lotaram o estádio Mestalla e viram o Valencia levar um baile. Acabado o jogo, o elenco da equipe carioca pegou a estrada novamente e desembarcou em Barcelona para enfrentar o time catalão, que terminava a temporada e queria comemorar a conquista da Taça Generalíssimo. Ficaram frustrados, no entanto, pois o Vasco entrou em campo e goleou o Barcelona por 7 a 2, com uma exibição de gala naquele domingo à noite. "Como um tufão, o Vasco varre o football mundial", escreveu em sua primeira página o *Jornal dos Sports*. O Vasco seguia espantando os europeus com seu futebol. Tanto que o Barcelona ofereceu dois milhões de cruzeiros por um ano de contrato ao técnico Martim Francisco, que não aceitou.

O Vasco voltou a Valencia para uma revanche, e confirmou sua superioridade ganhando novamente da equipe da casa, dessa vez por 2 a 1. O time começava a demonstrar cansaço depois de tantas viagens e jogos fora de casa. Mas a excursão seguia. Os vascaínos cruzaram a fronteira novamente e foram para Lisboa, onde um Estádio da Luz lotado assistiu à partida entre o campeão brasileiro e o português. E deu Vasco, 5 a 2, apesar do Benfica ter dominado os primeiros quinze minutos de jogo.

Voltando à Espanha, mais exatamente a Barcelona, o time enfrentou o Espanyol, e venceu por 3 a 1, mesmo com a expulsão de Orlando no segundo tempo. No dia seguinte ao jogo, a delegação embarcou para Moscou, na então União Soviética, via Paris e Roma.

Já bastante cansados da extenuante excursão, o Vasco amargou três derrotas em solo soviético, quebrando a série de dez vitórias consecutivas. A primeira foi contra o Dínamo de Kiev, atualmente na Ucrânia, que na época era parte das repúblicas socialistas soviéticas. No dia 8, perdeu por 3 a 1, e o único gol dos cruzmaltinos foi de Almir, aos 38' do segundo tempo, seu primeiro gol em uma partida internacional. Na sequência, o Vasco perdeu para o Dínamo de Moscou pelo mesmo

placar, num jogo muito disputado, segundo os cronistas da época. Por fim, a equipe também perdeu o último prélio da excursão, dia 14 de julho, desta vez para o Spartak de Moscou, por 1 a 0, no estádio Lenine, abarrotado com 100 mil pessoas. Aí, sim, finalmente, fizeram as malas para voltar ao Rio de Janeiro.

Alegria!

Na volta para casa, os jogadores foram recebidos com muita festa pelos dirigentes e pela torcida do Vasco. Em 13 jogos disputados durante a excursão, o Vasco venceu dez e perdeu três. Quando a aeronave DC-6 da *Scandinavian Airlines* (que deu um grande susto em todos durante a viagem, pois, num determinado momento, sofreu um "vácuo" e perdeu, repentinamente, atitude) aterrissou no Galeão, onde milhares de cruz-maltinos ocupavam o aeroporto, junto com toda a diretoria do Vasco, além de jornalistas, fotógrafos e radialistas. O time desfilou em um carro alegórico do clube com as duas taças conquistadas na Europa: a do Torneio de Paris e a Teresa Herrera. Muita serpentina, fogos e animação saudaram os craques do Gigante da Colina. E em meio aos jogadores festejando, Almir observava atentamente todo aquela movimentação e começava a sentir o que significava fazer parte de um time do tamanho do Club de Regatas Vasco da Gama.

Três dias depois da volta da excursão, onde o jogador havia feito até um gol, entrou em vigor o primeiro contrato de Almir como jogador profissional de futebol do Vasco, assinado no dia 20 de julho de 1957, e que estipulava que o jogador passava a ganhar Cr$ 8.000,00 por mês, ou oito contos, como se dizia na época. Almir, então, prontamente começou a enviar dinheiro para sua família em Recife, mais exatamente para a mãe, dona Dedé.

No dia seguinte, o clássico Fluminense e Vasco, no Maracanã, deu início ao Campeonato Carioca daquele ano. Os torcedores imaginavam um Vasco imbatível, lembrando as recentes vitórias contra Real Madrid e Barcelona; porém, o time não jogou bem e foi derrotado por 5 a 2. O técnico Martim Francisco não concordou com as críticas de que o

time estivesse cansado ainda em razão da excursão, mas o Vasco levou o primeiro gol com um minuto e meio de bola rolando. O melhor jogador em campo foi Telê Santana (futuro treinador da Seleção Brasileira), do Fluminense, o primeiro escolhido a concorrer ao Certame da Técnica e Disciplina, promovido pelo *Jornal dos Sports*, que ao fim do campeonato entregaria um troféu com plaqueta de prata ao vencedor.

Como na época os times não deixavam de fazer amistosos para faturar, o Vasco foi até Colatina, no Espírito Santo, para as comemorações do aniversário da cidade, onde jogou contra a Seleção Colatinense em um estádio municipal superlotado, e goleou por 5 a 0, sendo de Almir o primeiro gol do jogo, logo aos 16 minutos — nesse jogo ele começou como titular.

Já no Rio, Almir só foi entrar em campo na quinta partida do Campeonato Carioca, em São Januário, quando o Vasco enfrentou o Madureira, vencendo por 3 a 1. Almir entrou no lugar de Livinho e, aos 29 minutos invadiu perigosamente a área do Tricolor Suburbano, como também era chamada a equipe do Madureira, e foi derrubado pelo meio-campista Apel. O pênalti foi convertido em gol por Vavá. Enquanto isso, o *Jornal dos Sports* estampava na primeira página o interesse do Vasco em comprar Pelé e Del Vecchio, ambos do Santos, assunto que dominou o vestiário cruzmaltino naquele dia. Pretensão rechaçada pelo presidente do Peixe.

Na sexta partida, debaixo de chuva, Almir entrou como titular e inaugurou o marcador com um chute no cantinho, fora do alcance do goleiro, festejando bastante em seguida. O Vasco fez o segundo gol, mas Carlos Alberto, goleiro cruzmaltino, cometeu duas falhas e deixou o Bangu igualar. O que parecia ser um empate, resultado ruim para o Vasco, mudou aos 44 minutos do segundo tempo, quando Almir dominou a bola — para muitos, com o braço — e da entrada da grande área acertou um chute no ângulo esquerdo do goleiro do Bangu. Vitória do Vasco por 3 a 2 com dois gols de Almir.

Segundo o jornal *O Globo*, em sua edição do dia 2 de setembro (aos domingos não havia edição do jornal naquela época): "O Vasco da Gama

atuou bem quase todos os 90 minutos. Orlando e Vavá destacaram-se. Laerte, Bellini, Vavá e Almir também com firmeza, mormente o meia Almir, emérito goleador e elemento que dificilmente cederá o seu posto ao mineiro Livinho". O *Jornal dos Sports*, por sua vez, comentou: "Almir fez dois gols magníficos e mostrou que será, dentro de pouco tempo, um grande goleador. Basta que se aplique e não pretenda fazer tudo sozinho", afirmou o jornal de Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, acerca do rapaz de 19 anos que começava a brilhar no Vasco da Gama.

Contra o América, no feriado de 7 de setembro, sétimo jogo, Almir entrou novamente como titular . O jogo foi difícil para o Vasco e Almir levou um pontapé violento que o deixou caído em campo, obrigando o juiz a paralisar a peleja. Socorrido pelo médico, o jogador, aos 19 minutos do segundo tempo, fez o único gol da partida. *O Globo*, uma vez mais, não poupou elogios ao jogador: "Almir, além de herói que decidiu o destino do 'match', cumpriu muitíssimo bem as suas funções. É na realidade um craque em formação e vai ser difícil conseguir tirá-lo daquele posto, para devolver a posição ao titular que nem se aproxima, sequer, da sombra do jovem e futuroso pernambucano".

No jogo seguinte, contra o São Cristóvão, a imprensa dizia que Almir já estava sendo tratado no Vasco como um "home*m-goal*". Porém, o time jogou mal e não saiu de um empate, 1 a 1, sob muita chuva e muita disposição do adversário. Dia 22 foi dia de clássico contra o Botafogo, no Maracanã, que abriu 2 a 0 para cima dos cruzmaltinos. O Vasco reagiu e, segundo a imprensa, Almir disputou um segundo tempo primoroso, levando perigo à meta alvinegra muitas vezes, apesar de não ter sido o autor de nenhum dos dois gols do empate. O destaque foi para o erro do juiz Wilson Lopes de Souza, que, no último minuto de jogo, deixou de apitar um pênalti em cima de Almir. Com o resultado, o Botafogo assumiu a liderança do Campeonato Carioca.

Almir terminou o jogo reclamando de uma pancada na perna, além de uma dor de garganta para o médico do clube, dr. Valdir Luz. Após ser examinado, foi constatado que ele havia contraído a febre asiática (vírus da gripe A), muito comum naquele ano, que viu uma epidemia

da doença. Almir recebeu todo o tratamento necessário no Vasco e ficou fora do time em cinco jogos.

Dois no clássico

Totalmente recuperado, voltou a jogar no dia 3 de novembro, contra o Bonsucesso, em São Januário, quando o Vasco goleou o adversário por 5 a 0. Almir fez o quarto gol, no fim do primeiro tempo; no segundo tempo, deu um passe — que chamamos hoje de assistência — para o gol de Wilson Moreira. "Entre os vencedores, Almir foi a grande figura. O jovem meia pernambucano teve uma exibição de grande vulto na primeira etapa, mostrando claramente que é o dono absoluto da posição. Muito vivo, driblando com facilidade e com excelente visão da meta, Almir foi o dono do espetáculo", escreveu *O Globo*.

No domingo seguinte, a equipe enfrentou um clássico que foi bastante aguardado durante aquela semana toda. Vasco e Botafogo lotaram o Maracanã e Almir fez dois dos três gols da equipe de São Januário na vitória por 3 a 0. Os dois tentos foram na etapa final; porém, no primeiro tempo, Almir, uma vez mais, deu uma assistência para o gol de Wilson Moreira. Pela primeira vez, Almir fazia dois gols num mesmo jogo pelo Vasco, e estava exultante no vestiário. Sua animação não era à toa. Havia sido escolhido pelo *Jornal dos Sports* como "Craque da rodada", recebendo as seguintes notas para o Certame da Técnica e Disciplina — Desportividade, 9; Fibra, 9; Dedicação, 9 e Técnica, 10. Foi citado até na coluna que Mário Filho tinha em seu próprio jornal: "Olhe o garoto. O garoto era Almir, feito um Dida. O Vasco estava como que liberto. O garoto corria feito um demônio, jogava na base heroica, de morrer em campo". O jeito de Almir jogar futebol começava a se consolidar.

E na quarta-feira à noite, o pernambucano não desapontou mais uma vez a torcida na vitória por 3 a 0 sobre o Olaria, fazendo o terceiro gol, no qual driblou até o goleiro Valter antes de colocar a bola nas redes. Além disso, sofreu um pênalti não marcado pelo juiz José Monteiro, autor de uma arbitragem considerada falha.

Novo jogo exibição para o Vasco da Gama faturar e Almir foi titular na vitória por 5 a 1 contra o Brasil Bandeirantes, da cidade de Marília, interior de São Paulo, no feriado de 15 de novembro. Ele fez dois gols, aos 25 e aos 44 minutos do primeiro tempo. E no dia 24 o Vasco venceu por 3 a 0 de novo, desta vez o adversário foi o Canto do Rio (também conhecido como Cantusca, clube de Niterói), que demonstrou muita determinação em campo, apesar do resultado negativo. E, uma vez mais, Almir fez o terceiro gol da partida, disputada em São Januário.

Dia 1º de dezembro foi dia de clássico no Maracanã e Almir não marcou na vitória do Vasco sobre o Fluminense por 2 a 1. Saiu cansado do jogo porque estava muito quente no Rio de Janeiro e os próprios companheiros começavam a aconselhá-lo a jogar com menos ímpeto para poupar energia. Ele sempre saía de campo esgotado, apesar dos seus documentos apontarem dezenove anos incompletos. Na verdade, tinha vinte.

Em relação à idade, cabe aqui uma observação. Como dito anteriormente, para trazer Almir para o Vasco, o olheiro Cier Barbosa diminuiu a idade dele para colocá-lo nos Aspirantes, tornando-se assim um ano e dois meses mais novo, e Almir, nas entrevistas que concedeu, nunca deu um fora em relação a isso, sempre lembrando que gozava de uma data de nascimento nova e tinha que falar sua idade de acordo com o novo registro de nascimento.

Uma curiosidade sobre aquele clássico é que os jogadores do Dínamo de Moscou entraram em campo, após o jogo, para conhecer o Maracanã, onde jogariam três dias depois contra o próprio Vasco, numa revanche daquela derrota cruzmaltina para o time soviético durante a excursão pela capital da então URSS. Os jogadores do Dínamo saíram impressionados com o estádio inaugurado apenas sete anos antes.

O amistoso foi disputado no dia 4 de dezembro e representou uma nova pausa na sua participação do Vasco no Campeonato Carioca. Quem deu o pontapé inicial foi a cantora Ângela Maria, muito popular na época, num Maracanã lotado e com transmissão direta para a URSS pela Rádio Moscou. O jogo foi bastante disputado, mas o Vasco não

conseguiu devolver a derrota por 3 a 1 sofrida no amistoso de julho. O resultado foi um empate em 1 a 1, com Almir marcando aos 3 minutos do segundo tempo, depois de receber a bola, cortar três zagueiros e chutar forte para o gol defendido pelo Aranha Negra, como era conhecido um dos melhores goleiros da história do futebol mundial, Lev Yashin, igualando o placar.

Em menos de cinco meses, transcorridos entre os dois amistosos contra o Dínamo de Moscou, Almir havia saído da condição de jogador reserva para jogador titular do Vasco da Gama, com atuações e gols espetaculares que chamavam a atenção não só dos torcedores, como também da imprensa esportiva. Coincidência ou não, começou a deixar seu topete crescer, um penteado masculino muito popular na década de 1950. O topetudo Elvis Presley fazia sucesso com as moças.

Voltando ao campeonato local, o adversário seguinte ficava bem mais perto, no bairro de São Cristóvão. Vasco 2 x 0 São Cristóvão foi um jogo em que o oponente lutou com muita garra, surpreendendo o Vasco, mas não conseguiu impedir que levasse um gol em cada etapa. No segundo tempo, aos 30 minutos, Almir deu uma assistência para o gol de Rubens.

No entanto, o que todos aguardavam era o jogo do final de semana seguinte, o reencontro entre Vasco e Flamengo, depois dos cruzmaltinos terem perdido por 4 a 1 no primeiro turno. E faltando apenas dois jogos para acabar o campeonato, os quatro grandes clubes do Rio, Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo, estavam embolados com pontuações muito próximas.

Domingo, dia 15 de dezembro, dez dias antes do Natal, uma Mamãe Noel foi ao Maracanã vestida com a camisa do Vasco, e entregou lembranças aos jogadores cruzmaltinos. Porém, os presentes vascaínos pararam por aí. Por incrível que pareça, o Vasco perdeu aquela tarde para o Flamengo pelo mesmo placar do primeiro turno, 4 a 1. Segundo o jornal *O Globo*, todo o time do Vasco jogou mal, inclusive sua jovem estrela — "Almir movimentou-se muito, mas também não esteve em dia inspirado".

Mais inspirado ele se mostrou na última participação do Vasco da Gama no Campeonato Carioca de 1957 ao fazer um gol oportunista que garantiu a vitória da equipe no segundo tempo. O Vasco venceu o América por 4 a 3 e terminou o torneio em 4º lugar com 33 pontos. O Flamengo ficou em 3º com 34; Fluminense 35 pontos, em 2º, e o Botafogo, o grande campeão, em 1º com 36 pontos.

A revista *Manchete Esportiva* fez uma matéria de três páginas sobre Almir em sua edição de 21 de dezembro. Com o título "Das 'peladas' de Recife aos campos de Moscou", mostrava Almir como o sucessor de Ademir de Menezes (craque vascaíno dos anos 1940 e 50) e grande revelação do futebol. Na entrevista, com muitas fotos, perguntaram se ele tinha gênio ruim. "É possível. Entretanto, dentro do campo tomo cuidado, inclusive não dando importância ao que me dizem, ao que me fazem. Se a gente não se controla em campo, pior para a gente, pior para nossa equipe", respondeu.

Revelação do Ano

Escolhido como o *crack* revelação de 1957 pelo *Jornal dos Sports*, com direito à chamada de capa, Almir ganhou, nessa indicação, o Certame da Técnica e Disciplina do Ano, recebendo o troféu, com plaqueta de prata, pelas maiores notas nos quesitos desportividade, fibra, dedicação e técnica ao longo de todo o campeonato. Em um ano de Rio de Janeiro, seu caminho como jogador de futebol já parecia traçado. E muito bem traçado.

Terminado o primeiro contrato do Vasco com Almir em 31 de dezembro, o clube fez uma proposta de renovação passando o salário do jogador de Cr$ 8.000,00 para Cr$ 15.000,00. Chamado de "Pernambuquinho" pelo *Jornal dos Sports* em sua edição de 27 de dezembro, o periódico informava que Almir não havia aceitado a proposta e tinha viajado a Recife para passar as festas de fim de ano com sua família. Dona Dedé ficou feliz da vida com a presença do filho para o Natal, mas o pai, seu Arlindo, acostumado a barganhar em seu armazém, estava preocupado com as negociações do contrato do primogênito, agora jogador famoso no Rio de Janeiro.

O pai do *crack* revelação de 1957 queria Cr$ 25.000,00 de salário mensal para Almir. O Vasco não queria perder seu atacante e enviou para Recife o negociador do clube, José Rodrigues, que havia conseguido negociar com as exigências de Vavá, seis meses antes. As tratativas alongaram-se e no final ficou acertado que o salário de Almir passaria a ser os mesmos Cr$ 15.000,00, mas com luvas no valor de Cr$ 200.000,00. A vigência do contrato era de 10 de janeiro de 1958 até 9 de janeiro de 1960.

A essa altura, Almir morava no apartamento de Bellini, localizado na rua Leopoldo Miguez, em Copacabana, onde também moravam o volante Écio Capovilla, natural de Valinhos, interior de São Paulo, e o atacante Delém, nascido na cidade de São Paulo. Perto do Posto 6, a rua ficava numa área de "inferninhos" (boates baratas), como se dizia na época, e Almir, mulherengo, gostava de sair à noite. Bellini impunha algumas regras que todos tinham que seguir, como horários fixos e sempre arrumar e limpar o apartamento. Com o topete, e seu nome nos jornais, Almir conquistava muitos "brotos" e só podia levar as meninas ao apartamento na parte da tarde, e em horários determinados.

Tinham também o hábito de tomar café da manhã juntos num bar da rua Constante Ramos; depois, iam para o Vasco de ônibus, quando não conseguiam alguma carona. Segundo Bellini, o garoto de Recife demonstrava ter um gênio forte, mas ao mesmo tempo era uma pessoa afetuosa e amável. Muito fiel aos amigos, não gostava de ver qualquer tipo de injustiça, chegando a arrumar algumas confusões que, muitas vezes, tinham que ser resolvidas por ele. Lá do Recife, dona Dedé tinha aprendido a gostar do capitão Bellini.

1958

O Vasco da Gama começou o ano de 1958 fazendo uma excursão de seis amistosos pela América do Sul. A viagem foi no exato dia do início da vigência do novo contrato de Almir, tanto que quem estava relacionado para a excursão era o jogador Lierte, que foi substituído por Almir pouco antes do embarque. As negociações com seu Arlindo e Almir tinham ido até o limite.

O Vasco enfrentou o Nacional, do Uruguai, dia 11 de janeiro, no estádio Centenário, em Montevideo, vencendo o tricampeão uruguaio por 2 a 1. Almir marcou dois gols, mas um deles foi anulado pelo juiz Pablo Victor, que marcou impedimento de maneira incorreta, segundo os cruzmaltinos. Perto do fim da partida, insatisfeitos com o resultado, os uruguaios começaram a reagir de maneira violenta, inclusive com invasão de campo por parte de torcedores e da polícia. Almir teve de ser contido por causa de uma violenta briga com o goleiro uruguaio Taibo.

O segundo jogo da excursão foi contra o Peñarol, também do Uruguai, e o Almirante venceu por 3 a 1. O terceiro gol foi de Almir, aos 12 minutos do segundo tempo, que logo depois foi substituído, dando lugar a Livinho. O vestiário do Vasco foi apedrejado por torcedores uruguaios e os jogadores tiveram de correr para se proteger.

Atravessaram o Rio da Prata e foram jogar contra o Boca Juniors, em Buenos Aires, empatando em 2 a 2 com mais um gol de Almir. Em seguida, foram para Quilmes (da famosa cerveja), cidade próxima a Buenos Aires, e ganharam do time homônimo da cidade por 4 a 2. Voltaram à capital argentina para jogar novamente com o Boca e, de novo, empataram, dessa vez em 1 a 1. Em 25 de janeiro, Almir, usando a camisa do Vasco, foi a contracapa da revista *Manchete Esportiva* que estampou o título: "Almir fez furor no Uruguai".

Aproveitando ainda mais a viagem, fizeram dois amistosos com times do Rio Grande do Sul. Um contra o Grêmio, então bicampeão gaúcho, vitória por 4 a 1, com gol de Almir fechando a goleada, e outro contra o São Paulo do Rio Grande, uma super goleada de 8 a 1. Daí, pularam para o interior de São Paulo, onde empataram em 3 a 3 com o Esportiva Guaratinguetá. Na sequência, desceram até Santa Catarina e ganharam da Seleção de Florianópolis por 3 a 1 e, posteriormente, da Seleção de Joinville, 1 a 0. Subiram novamente e jogaram contra o Corinthians, de Presidente Prudente, cidade do interior de São Paulo, vitória por 2 a 1.

Essa maratona de amistosos com deslocamentos contínuos em pouco tempo, prática comum entre os clubes naquela época, começava a cobrar seu preço. É só lembrarmos da excursão de 40 dias por Estados

Unidos e Europa, no ano anterior, quando o Vasco começou jogando muito bem e, no final, perdeu as três partidas disputadas na URSS. Havia uma inevitável queda de rendimento.

E foi o que aconteceu no primeiro jogo dos cruzmaltinos pela 10ª edição do Torneio Rio-São Paulo, também chamado de Torneio Roberto Gomes Pedrosa, realizado entre os dias 26 de fevereiro e 6 de abril de 1958. Dez equipes estavam no páreo: Vasco da Gama, Flamengo, Fluminense, Botafogo e América, pelo Rio; e Palmeiras, São Paulo, Corinthians, Santos e Portuguesa, por São Paulo.

Quase que o jogo de estreia da equipe cruzmaltina foi adiado por causa das fortes chuvas que caíam no Pacaembu naquela tarde de sábado, 1º de março. Mas o temporal diminuiu e o juiz Eunápio de Queirós entendeu ser possível prosseguir com o clássico interestadual Palmeiras x Vasco. Aos 14 minutos de jogo, Roberto deu um passe preciso para Almir, que disparou uma "bomba" indefensável para o gol. O primeiro tempo terminou com a vitória parcial do Vasco por 1 a 0; na segunda etapa, aos 9 minutos, Vavá fez o segundo, recebendo passe de Almir. Palmeiras 0 x 2 Vasco. O resultado parecia estar definido para os cariocas, mas com uma virada espetacular, o alviverde levou a melhor. Primeiro, empatou a partida e, na sequência, virou o jogo fazendo o terceiro e ainda um quarto gol, que consolidou a vitória dos paulistas . Almir ainda teve sua camisa puxada dentro da área, mas o juiz não viu. Resultado final: Palmeiras 4 x 2 Vasco.

Os cruzmaltinos ficaram decepcionados naquela tarde não só por perderem, mas pela maneira como foram derrotados. O que parecia uma vitória certa, acabou em insucesso. No entanto, na verdade, esse revés de primeira partida não antecipava nem um pouco o que estava por vir. Pelo contrário.

No mesmo Pacaembu, sem chuva desta vez, o Vasco enfrentou e dominou o Corinthians, fazendo 3 a 1. Um dos gols foi um pênalti sofrido por Almir e cobrado por Rubens. A renda foi de Cr$ 995.885,00, quase um milhão de cruzeiros. Depois, foi a vez de enfrentar o São Paulo, campeão paulista, em São Januário, numa vitória dramática por 3 a 2,

com um gol de Almir — fora o pênalti em cima dele não marcado pela péssima atuação do juiz paulista Stefan Válter Gianns, que recebeu uma pedrada na cabeça ao final da partida.

O jogo seguinte foi a maior goleada do torneio. O clássico carioca Vasco e Fluminense, no Maracanã. "Esmagador o Vasco: 6 x 1!", foi o título do jornal *O Globo* no dia seguinte ao confronto. Almir foi quem fechou a goleada, aos 44 minutos da etapa final, que teve Vavá Peito de Aço em um dia inspirado: marcou quatro dos seis gols cruzmaltinos. Um novo aguaceiro, dessa vez no Maracanã, tornou o jogo seguinte, entre Vasco e um combativo América, uma partida difícil. Mas o Gigante da Colina conseguiu vencer por 1 a 0, apesar de Rubens ter perdido um pênalti .

Placar que se repetiu no jogo contra o Santos, numa tarde quente de sábado, no Maracanã. Almir foi o autor do único gol da partida, aos 22 minutos do segundo tempo. O jogo foi disputadíssimo e o Santos meteu quatro chutes nas traves do adversário. Almir foi muito elogiado e um torcedor chegou a chamá-lo de "nova edição de Ademir" (de Menezes, grande ídolo do Vasco das décadas de 1940 e 50). Em resposta ao torcedor, Almir limitou-se a sorrir, afirmou *O Globo*. Com a vitória, o Almirante assumiu a liderança do torneio. Algo que os vascaínos não conseguiriam imaginar após aquele primeiro jogo contra o Palmeiras, quando levaram uma virada constrangedora.

Na sequência, entraram em campo para enfrentar um Botafogo que não tinha mais chances de ganhar o torneio e que só jogou bola nos primeiros dez minutos de jogo. Depois, os alvinegros foram perdendo força e Almir, aos 24 minutos da etapa inicial, abriu o placar. Em seguida, vieram mais três e o resultado do primeiro tempo terminou em 4 a 2 para o Vasco. Na segunda etapa o tempo fechou e os jogadores começaram a trocar empurrões e caneladas. Aos 25, Almir e o meia Paulinho, do Botafogo, brigaram e foram expulsos pelo juiz Amílcar Ferreira. Como consequência, um torcedor botafoguense entrou em campo para bater em Almir, que revidou na hora. Ao final da partida, vários jogadores, de ambos os lados, saíram machucados, em especial Orlando e Coronel, do Vasco.

O jogo seguinte foi uma das maiores arrecadações da história do Maracanã, e ficou conhecido como "Clássico dos Milhões". Vasco e Flamengo levaram 129.625 torcedores ao estádio, algo impossível nos dias de hoje devido às regras de segurança vigentes. E muita gente ainda ficou de fora, causando um princípio de invasão. A arrecadação foi de espetaculares Cr$ 4.140.111,00. A bilheteria daquela noite foi vistosa, mas o futebol não. O jogo foi amarrado e terminou num empate de 1 a 1, sem grandes atuações dos dois lados. O jornal *O Globo* fez uma avaliação de cada um dos 22 jogadores em campo e escreveu o seguinte sobre Almir: "Mais calmo, sendo um dos dois atacantes efetivos do Vasco na noite de sábado, procurou descobrir a brecha para o arco, mas o policiamento da área rubro-negra era perfeito e a oportunidade não surgiu".

Se a oportunidade não surgiu contra o Flamengo, sobrou contra a Portuguesa de Desportos, de São Paulo, no último jogo cruzmaltino do torneio, no Pacaembu. E o Vasco precisava apenas de um empate para sagrar-se campeão. Almir fez três dos cinco gols da goleada de 5 a 1 da equipe sobre a Portuguesa, além de ter dado uma assistência para o gol de Vavá. Os jornais destacaram seu segundo gol, o terceiro do Vasco, aos 26 minutos do primeiro tempo, quando ele driblou Djalma Santos e o goleiro Carlos Alberto, tocando em seguida para o gol aberto. No segundo tempo, Almir levou uma pancada no tornozelo direito e ficou de fora durante alguns minutos, deixando a equipe preocupada; porém, acabou por retornar ao campo pouco depois.

Show de bola

Vasco da Gama campeão do Torneio Rio-São Paulo de 1958. Apesar do jogo ser na capital paulista, muitos torcedores vascaínos compareceram ao estádio e foram para os vestiários carregar os heróis da conquista. A alegria tomou conta de todos, que gritavam: "Casaca, zaca, zaca". Em nove jogos, o Vasco venceu sete, empatou uma e perdeu apenas uma vez, totalizando 15 pontos (naquele tempo a vitória valia 2 pontos). O Vasco era considerado uma máquina de jogar futebol.

"Coroou-se o Vasco oferecendo um show!" foi o título do *Jornal dos Sports* no dia seguinte. "Almir com o diabo no corpo", escreveu o jornal, ressaltando que ele havia feito três gols e dera passe para outro, assombrando os paulistas. E, uma vez mais, foi chamado de "Pernambuquinho" pelo jornal de Mário Filho, terminando o torneio com oito gols marcados, igual a Pelé. Mais discreto, o *Jornal do Brasil* deu como título "Vasco foi campeão pela primeira vez", ressaltando que era a primeira vez que o Gigante da Colina vencia o Torneio Rio-São Paulo — a segunda conquista de um time carioca. Antes, apenas o Fluminense tinha sido vencedor do Roberto Gomes Pedrosa.

Já tinha gente falando até em Seleção Brasileira para Almir, o Pernambuquinho, pelas suas atuações no Vasco da Gama. Tanto que o título de uma das matérias na página de esportes do *Diário Carioca* (extinto), do dia 7 de abril, foi: "Almir terá chance". O texto explicava que os responsáveis pela CBD haviam visto Almir jogar contra a Portuguesa e tinham ficado impressionados, afirmando que era preciso ter categoria para não tremer num jogo tão decisivo sendo tão novo (Almir era o jogador mais jovem entre as dez equipes). Acrescentaram ainda que, corrigindo pequenos defeitos, "o jovem meia vascaíno poderá, perfeitamente, ser útil ao escrete brasileiro. É rápido, corajoso — e o que é mais — tem a visão de gol dos grandes artilheiros". José de Almeida, observador técnico, e Carlos Nascimento, supervisor técnico, da Seleção Brasileira de Futebol já vinham manifestando interesse em indicar Almir para a lista que completaria o plantel final para a Copa da Suécia, que começaria em apenas dois meses, no dia 8 de junho de 1958.

Euforia e cerveja

E, de fato, a convocação veio. Almir e Roberto, meia do Corinthians, foram convocados por Vicente Feola, treinador da Seleção Brasileira. "Mais dois convocados: Almir e Roberto" foi o título do *Jornal dos Sports*, dia 8 de abril, uma semana depois da primeira convocação dos jogadores que iriam para a Suécia. Dia 9, o *Diário de Pernambuco* escreveu a seguinte nota na coluna *Síntese Nacional*: "Rio de Janeiro – Almir será convocado. O técnico Vicente Feola ficou entusiasmado com o desem-

penho de meia vascaíno Almir no jogo com a Portuguesa de Desportos, devendo convocá-lo para a seleção". Em Recife, quando seu Arlindo ficou sabendo da ida do filho para o "scratch", ficou tão eufórico que bebeu e pagou cerveja para todos os amigos e clientes do dia em seu armazém na Estrada dos Remédios.

Dali, aliás, saiu também uma indicação de Almir para o futebol carioca naqueles dias. Seu amigo Paulo Gustavo, dos tempos de Recife, foi indicado por ele para jogar no Bonsucesso, mas o prestígio de Almir estava tão grande que o Botafogo se adiantou com uma proposta e ficou com o jogador pernambucano.

Nelson Rodrigues escolhia Almir como seu personagem da semana, na edição de 12 de abril da revista *Manchete Esportiva*. O autor de *Bonitinha, mas ordinária* (uma de suas peças mais famosas) era admirador do futebol de Almir e sempre o defendia das acusações que a imprensa fazia sobre o avante ser violento. "Amigos, dia virá que faremos justiça a Almir. Direi mais: apesar dos seus defeitos, ou por isso mesmo, eu o vejo como um exato símbolo pessoal e humano do futebol brasileiro. Qualquer jogador nosso tem um pouco de Almir. E será um erro nefando querer que ele jogue como um inglês. Primeiro, porque ele soçobraria miseravelmente. Segundo, porque nem o inglês joga como um inglês. Ou por outra: também o inglês sabe dar sua botinada, soltar o seu nome feio, bramir seu xingamento quando as coisas andam mal. Quando a Inglaterra se encontra com a Escócia, há até tiro e ninguém liga para as convenções disciplinares. Nós é que temos vergonha de nossa condição humana e, mais do que isso, de nossa condição de brasileiros".

Com a rapidez dos acontecimentos, Almir não pôde passar pelos exames médicos, odontológicos e psicológicos (executados em conjunto pela primeira vez na seleção) que todos os atletas tinham que fazer. Os exames seriam realizados em Poços de Caldas mesmo, onde a delegação brasileira faria sua preparação, fugindo do eixo Rio-São Paulo pela primeira vez.

E a convocação faria com que Almir perdesse a grande festa que o Vasco estava organizando para o feriado de 21 de abril, em São Januário,

para homenagear os jogadores campeões do Torneio Rio-São Paulo. Muitos fogos, confetes e serpentinas estavam sendo preparados para o carnaval em homenagem aos heróis cruzmaltinos, além da entrega das faixas de campeão.

Almir chegou, de paletó e gravata, a Poços de Caldas, uma estância hidromineral com águas sulfurosas no interior de Minas Gerais, e foi fazer os exames pelos quais todos já tinham passado. Viajou, como toda a delegação, pela Real Aerovias e desceu no aeroporto regional do município. A delegação estava hospedada no Palace Hotel e tinha a sua disposição o estádio municipal, as dependências esportivas do colégio Marista e o campo do clube A.A. Caldense.

A CBD estava incorporando cuidados adicionais naquele ano como, além dos citados exames: a compra de chuteiras alemãs com sola de nylon, uma novidade para a época; a mostra de filmes com jogos de times estrangeiros para os jogadores com observações do técnico Feola; e um Regimento Interno da Concentração que obrigava todos os atletas a se pesarem antes e após as atividades, a ausentarem-se da concentração somente com a autorização expressa do técnico, e cada um tinha direito a apenas três minutos por dia de uso do telefone; além disso, foi criado um distintivo que deveria ser usado só pelos jogadores.

Almir ocupou o apartamento 160 do hotel, dividindo-o com Roberto, e foi incluído no campeonato de vôlei que já havia sido iniciado, ao lado de Bellini. Três dias depois, no torneio de bola ao cesto (basquete), ficou com Mauro, Djalma Santos, Formiga, Oreco e Joel. Passou também a fazer caminhadas de três quilômetros até o Country Club e a passar por sessões de massagem e ducha nas termas.

Em entrevista ao *Jornal dos Sports* do dia 13 de abril, Feola falou sobre o jovem craque. "Almir vinha sendo observado há muito tempo. Foi julgado incialmente muito 'verde' tecnicamente e por isso não inspirava confiança. Sua atuação no prélio Flamengo x Vasco foi decisiva e dirimiu todas as dúvidas existentes", explicou.

O primeiro contato dos jogadores com bola no campo da A.A. Caldense ocorreu no dia 16, num exercício de dois toques. Separados em

dois times, amarelo e vermelho, Almir, atuando pelo time vermelho, viu seu time perder por 2 a 1. Os jogadores foram pesados antes e depois da peleja e Almir, que estava com 64 quilos, viu seu peso cair para 62,5kg. Ou seja, numa única tarde perdeu um quilo e meio.

Nesse mesmo dia, o *Jornal dos Sports*, que tinha um enviado especial no hotel, e acompanhava todas as atividades da seleção, publicou em sua primeira página uma foto em que Almir e Pelé ouvem atentamente Nilton Santos. Na legenda registraram: "Pelé e Almir são dois valores novos da seleção nacional que poderão brilhar intensamente em gramados suecos. Entretanto, nem só a força de vontade e as qualidades pessoais são suficientes nestas ocasiões. É preciso adquirir alguma experiência e uma palestra com Nilton Santos só trará benefícios, pois o zagueiro botafoguense é veterano em matches internacionais e conhece bem a malícia dos adversários".

Dois dias depois, sexta-feira, foi realizado o primeiro, e aguardado, coletivo entre os times azuis (teoricamente os titulares) e os amarelos no estádio da A.A. Caldense, com ingressos à venda por 30 cruzeiros para a geral, 50 para a arquibancada e 100 para as cadeiras. O estádio, com capacidade para 5 mil pessoas, estava totalmente lotado e Almir jogou entre os amarelos. Apesar de fazer uma boa dupla com Vavá, os amarelos perderam para os azuis por 3 a 0, gols de Mazzola, Joel e Pelé. Almir saiu de campo contundido, reclamando de dores, mas sem gravidade. Seu peso dessa vez passou de 64,5 quilos para 64kg, uma perda de 500 gramas. O jogador ganhava e perdia peso com facilidade.

Os jornais indicavam que a base do selecionado nacional estava praticamente pronta para a Copa da Suécia. Feola não confirmava nem desmentia.

No domingo, aconteceu o segundo, e último, coletivo da seleção, no mesmo estádio, que aumentou os preços dos ingressos: 50 cruzeiros a geral, 100 a arquibancada e 200 as cadeiras. Com um juiz de verdade, Catão Montez Júnior, dois tempos oficiais de 45 minutos e uma bola dinamarquesa, a oficial da Copa do Mundo, os times foram novamente divididos entre azuis e amarelos. Almir entrou no segundo tempo, no

lugar de Dida. Sofreu um pênalti, convertido por Dino, que assegurou a vitória dos amarelos por 5 a 4 — chegaram a fazer 4 a 0 no primeiro tempo.

Vicente Feola passou a falar menos ainda sobre titularidade. E se desentendeu com o zagueiro Cacá, do Botafogo, que chegou a pedir dispensa da seleção.

Já o *Jornal dos Sports* analisou cada um dos jogadores que participaram do coletivo. Sobre Almir, escreveu: "É um dos bons valores da nova geração e isto provou mais uma vez, com seus rushs impetuosos. Não teve a ajuda necessária dos companheiros com quem atuou na etapa final". *Não teve a ajuda necessária dos companheiros*, pontuou o analista.

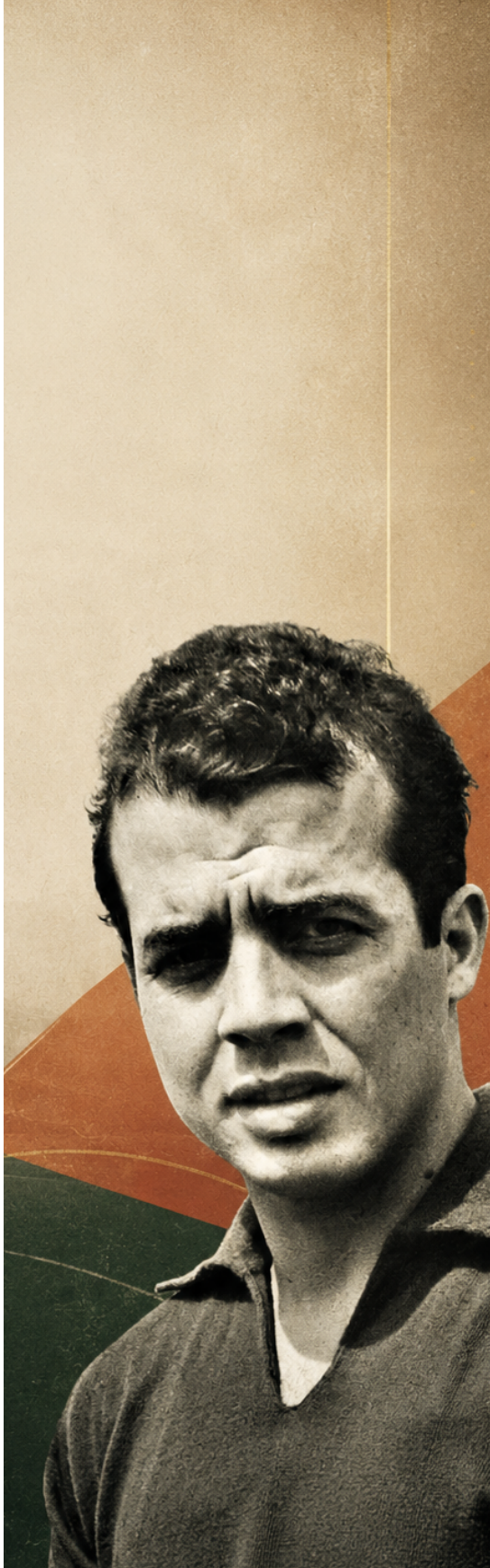
No dia seguinte, feriado de 21 de abril, toda a delegação embarcou em dois aviões, seguindo para a segunda fase de preparação para a Copa do Mundo.

Capítulo Três

A decisão errada

Araxá é outra estância hidromineral, também no interior de Minas Gerais, distando 450 quilômetros de Poços de Caldas, dona das famosas Termas de Araxá, além de ter sido a terra de Dona Beja, famosa cortesã do século 19. A delegação brasileira ficou hospedada no Grande Hotel do Barreiro, e Almir e Roberto dividiram o apartamento 2366. Os treinamentos seriam realizados no estádio municipal, e a imprensa revelava o custo da Seleção Brasileira aos cofres públicos via CBD: Cr$ 1.300.000,00 ao mês.

Como a FIFA exigia de cada país uma lista provisória de 40 jogadores para participar da Copa, a CBD enviou a sua e Almir constava como o 32º atleta do elenco. Garrincha e Orlando, finalmente, chegaram para fazer parte da delegação, pois tiveram de ser operados das amígdalas no Rio de Janeiro. O desentendimento entre Cacá e Feola foi resolvido e o jogador desistiu de abandonar a seleção. Em Araxá, vários jogadores usavam a pesca como passatempo e os jornais faziam ironia com o fato.



No primeiro coletivo de dois toques, Almir jogou no time dos vermelhos e perdeu por 4 a 2 dos amarelos. Nos jornais começaram a surgir algumas notas, um tanto vagas, que diziam que o clima não era dos melhores na delegação brasileira. O dia seguinte foi reservado para exercícios físicos, mas Almir não compareceu porque foi fazer tratamento dentário, algo muito comum entre os jogadores, visto que todos, sem exceção, tinham problemas em seus dentes — foram feitas dezenas de extrações durante a temporada de preparação, tanto que o dentista do selecionado, dr. Mário Trigo de Loureiro, fez um apelo para que os clubes brasileiros trabalhassem essa questão com seus jogadores, incluindo também os juvenis.

No dia 25 de abril, a prefeitura de Araxá decretou feriado municipal para garantir que o estádio Fausto Alvim estivesse lotado para o coletivo da seleção na cidade. Desta vez, os titulares vestiram amarelo e derrotaram os azuis, reservas, por 3 a 1. O jogo foi considerado razoável e Almir não participou, tendo apenas assistido a peleja.

No último coletivo, domingo, os jogadores usaram as camisas dos dois times locais, Ipiranga e Najá, em homenagem à cidade, além da preliminar ter sido disputada entre as seleções de Araxá e Araguari. Almir, novamente, não participou e os titulares venceram os reservas por 3 a 2. Em matéria do *Jornal dos Sports* foram feitas especulações sobre quais seriam os 22 jogadores convocados para a Suécia, e Almir constava na lista dos que seriam dispensados. O curioso é que Zagalo também estava nessa mesma lista. Na segunda-feira, 28, a delegação se despediu de Araxá em dois aviões: um para São Paulo e outro para o Rio de Janeiro.

Aproveitaram um dia de folga, mas no feriado de 1º de maio os jogadores tinham nova disputa, agora no Pacaembu, em São Paulo. Jogaram azuis contra amarelos e a partida terminou empatada em 3 a 3. Almir jogou pelos azuis, substituindo Dida. As especulações nos jornais já davam como certa sua dispensa. Ao final do treino, algumas pessoas esperavam pelos jogadores antes que entrassem no ônibus, e entre os torcedores estava o futuro cantor, compositor e escritor Chico Buarque, então com 14 anos de idade. Numa entrevista ao jornal *O Estado de São*

Paulo, em maio de 1998, ele disse que na época era doido por futebol e foi ao Pacaembu naquele dia. Contou que ficava como bobo, deslumbrado, olhando para os jogadores e que Almir, ao subir no ônibus, olhou para ele, apontou e fez uma careta. "Ele riu da minha cara porque deveria ser uma cara de idiota completo, vendo aquelas figurinhas (de álbum) se mexendo", explicou, achando graça de si mesmo.

A revista *Manchete Esportiva* foi para as bancas, no dia 3 de maio, com um apelo de Almir: "Não façam mau juízo de mim", declarou o craque, em matéria de três páginas contendo fotos de Almir dando autógrafos para suas fãs, correndo com Nilton Santos e Pelé, andando de charrete e escolhendo postais depois de uma caminhada solitária em Poços de Caldas. Ele afirmava que não provocava ninguém e nem dizia nome feio a esmo. Que a seleção tinha grandes jogadores, mas achava que podia brigar por um lugar. O tom da revista era de estímulo, impulso à carreira de um jovem e promissor craque entusiasmado com a chance de jogar pelo *scratch* brasileiro.

Ledo engano da publicação.

Em seguida, a delegação pegou um trem e foi ao Rio de Janeiro para o primeiro grande teste do escrete nacional. A equipe enfrentou o Paraguai, num domingo de Maracanã lotado, e goleou o adversário por 5 a 1. Almir não esteve nem no banco e no dia seguinte a imprensa noticiava sua dispensa. "Carlos Alberto, Cacá, Pampolini, Formiga e Almir, fora do scratch", deu em primeira página o *Jornal dos Sports*.

Na matéria, o diário esportivo explicava que "falando à reportagem, os jogadores dispensados mostravam-se tranquilos e entendiam que haviam cumprido honradamente o seu dever. Nenhum deixou perceber ressentimentos. Sem amargor, os cinco ouviram os agradecimentos de estilo. A entidade agradecia a colaboração e o empenho e reconhecia que poderia contar com eles a qualquer momento", relatava a reportagem.

Como a Seleção Brasileira estava no Rio mesmo, Almir só se despediu dos companheiros e foi para casa. Sem Bellini, naturalmente.

No dia 7, a coluna *Uma Pedrinha na Shooteira*, não assinada, do *Jornal dos Sports*, afirmou o seguinte acerca das dispensas feitas no escrete nacional: "Nada temos a opôr quanto ao afastamento de Carlos Alberto, Cacá, Formiga e Almir. Este último, embora seja um dos maiores atacantes do momento, não queria nada com a seleção. O seu maior desejo era correr o mundo com o Vasco". E na página seguinte daquela mesma edição o jornal informava que Almir já estava se preparando para embarcar, no sábado seguinte, para o México a fim de se juntar à delegação vascaína. Notícia veiculada por toda a imprensa, principalmente a carioca.

Em relação a todo esse processo de escalação, treinamento e dispensa do *scratch* nacional, Almir foi bem claro em seu livro de memórias, *Eu e o futebol*, atestando a cronologia dos fatos pela imprensa. Segundo ele, devido a sua inexperiência, não entendia como todos os jogadores, que se conheciam tão bem, pois tinham se enfrentado de maneira dura em campo, estavam agindo como se nada tivesse ocorrido. Brigas feias, pancadas, cuspidas na cara e birras sempre existiram entre eles e todos agiam como amigos na concentração. Almir não entendia aquilo. Além disso, achava o clima do escrete muito negativo, pessimista em relação ao próprio desempenho, uma falta de confiança nas possibilidades da seleção.

"Aquele clima havia me impressionado: eu tinha medo de entrar numa gelada, a seleção fazer outro papelão lá na Suécia, depois das derrotas de 1950, aqui no Brasil, e de 1954 na Suíça. Além disso, a turma do Vasco vivia me pressionando para ir ao México, com a delegação do clube", explicou. Em decorrência disso, começou a fazer corpo mole, inventar problemas. Feola percebeu a maneira como Almir estava se comportando e tentou convencê-lo a lutar por um lugar no time. Não adiantou.

"Hoje eu me arrependo de não ter lutado por um lugar naquela seleção, que há de ser lembrada sempre como responsável pela virada que o futebol brasileiro deu a partir de então. Aquele clima de pessimismo, que me assustou tanto, não tinha razão de ser", confessou no livro lançado em 1973.

Belíssimo tento

Contudo, o arrependimento só veio com a maturidade. Naquele maio de 1958, Almir embarcava com satisfação para a Cidade do México, a fim de reencontrar seus "camaradinhas", como costumava dizer.

Voou para o México, mas não assumiu sua vaga de imediato, em virtude do cansaço da viagem. O Vasco já havia disputado jogos contra a Seleção Mexicana, empate em 1 a 1, Toluca, vitória por 4 a 3, e América, quando perdeu sua invencibilidade para os mexicanos com uma derrota por 4 a 3. Depois, o time voltou a vencer fazendo 4 a 2 no Atlanta; então, no dia 25 de maio, Almir entrou em campo no jogo que seria uma revanche para o Toluca. Na verdade, uma desforra bem-sucedida, pois o time mexicano ganhou por 5 a 3 — Almir marcou um gol, o terceiro do Vasco, aos 14 minutos do segundo tempo, encerrando a temporada na Cidade do México.

Posteriormente, os vascaínos cruzaram o Atlântico para jogar contra o campeão português, Sporting, no estádio José Alvalade, em Lisboa, e perderam por 1 a 0. No Brasil, um time misto do Vasco jogava o Torneio João Teixeira de Carvalho, uma competição criada no Rio para os clubes se manterem em atividade durante a Copa da Suécia (diferente da atualidade). O Vasco titular jogou contra o Porto, ainda em terras lusas, e perdeu por 4 a 2. No jogo seguinte, empate em 0 a 0 contra Racing, de Paris, Almir sofreu uma torsão no pé esquerdo e teve de ser engessado, sendo substituído por Livinho.

Não jogou contra o Valencia, novo empate em 1 a 1, um dia depois, por causa da lesão (criticamos a tabela de jogos atual, mas antigamente era ainda pior); além dele, outros seis jogadores cruzmaltinos estavam machucados. Devido às condições do time, o presidente do Vasco, Eurico Lisboa, concordou que a equipe retornasse ao Rio de Janeiro, deixando de jogar as partidas restantes da excursão.

Almir voltou a jogar apenas em 20 de julho, na primeira partida do Vasco no Campeonato Carioca de 1958 (considerado por muitos o mais emocionante campeonato da história do Maracanã) quando a

equipe venceu o Bangu por 3 a 1. Os campeões do mundo pela Seleção Brasileira na Copa da Suécia que atuavam no Gigante da Colina, Vavá, Orlando e Bellini, tinham voltado a treinar com o time.

Ficou de fora da segunda partida do torneio porque seu pé começou a incomodar novamente, em virtude da lesão sofrida na Europa; o mesmo ocorreu nos três jogos seguintes, retornando aos gramados apenas para o clássico contra o Fluminense, no Maracanã. Durante a peleja, Almir tentou cavar um pênalti e caiu de mau jeito, batendo a cabeça e ficando tonto. Saiu de campo durante alguns minutos para ser atendido pelo médico, dr. Valdir Luz, e voltou abatido e lento, pouco fazendo até o final. O jogo acabou com a vitória do Vasco por 1 a 0, gol de Pinga.

Refeito da pancada, Almir fez o segundo gol da vitória por 2 a 1 contra o América, no Maracanã, encerrando um jejum de três meses sem marcar um único gol. Contudo, entrou em seguida em outro jejum e somente depois de quase três meses voltou a colocar a pelota para dentro. O novo período de abstinência se deveu a contusões e uma expulsão em São Januário, no dia 9 de novembro, um domingo à tarde, na vitória do Vasco por 1 a 0 contra o Madureira. Almir foi para o chuveiro mais cedo por jogo violento contra o zagueiro Salvador.

Foi novamente contra o América, no segundo turno, que ele voltou a marcar, arrancando palavras elogiosas do técnico Gradim. "Valente, impetuoso e veloz foi uma peça de ouro. A recuperação do meia veio mesmo a calhar nesta altura", afirmou ele ao jornal *O Globo*. A vitória por 2 a 0, o outro gol foi de Pinga, conservava o Vasco na liderança, deixando time e torcedores entusiasmados. "Este campeonato será nosso", disse um empolgado Almir ao *O Globo* ao término da partida. O *Jornal dos Sports* avaliou cada um dos jogadores em campo e escreveu: "O 'pernambuquinho' retornou com apetite. Fez um belíssimo tento e colaborou eficazmente no segundo. Se controlar os nervos será um dos maiores atacantes da cidade". O analista do jornal sabia muito mais sobre o futuro de Almir do que o mesmo podia imaginar.

Parecendo querer corroborar as palavras do jornalista, Almir fez dois belos tentos na goleada do Vasco por 4 a 0 sobre o Olaria, no estádio da

rua Bariri. O primeiro e o quarto, quando ele driblou três adversários e colocou a bola no ângulo do goleiro Valter, escolhido, ao final da peleja, o melhor em campo do Olaria, apesar dos quatro gols sofridos, em virtude das defesas milagrosas que havia feito no primeiro tempo do jogo.

"O líder goleou o Olaria" foi o título de *O Globo*, publicando a foto do ataque cruzmaltino: Roberto, Pinga e Almir, descrito como "o melhor homem da sua vanguarda". Faltavam apenas mais dois jogos para acabar a competição e o treinador Gradim já estava evitando receber os parabéns pela conquista do Campeonato Carioca de 1958. "Estou avisando e continuarei a avisar aos meus jogadores que o título é ganho jogando futebol e não em comemorações", afirmou ao *Jornal do Brasil* no dia 2 de dezembro.

Artigo 3º

E estava coberto de razão. O Vasco perdeu os dois jogos seguintes. O primeiro para o Botafogo, por 2 a 0, e o segundo para o Flamengo, 3 a 1, ambos disputados no Maracanã. Com os resultados, três clubes terminaram empatados em primeiro lugar: Vasco da Gama, Flamengo e Botafogo, todos com exatamente 34 pontos, 14 vitórias, 4 empates e 4 derrotas. Segundo o regulamento da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), quando acontecesse isso (algo que já havia ocorrido em 1946), o artigo 3º previa a realização de um supercampeonato. No dia 16, então, foi divulgada a nova tabela organizada pela Federação.

Na véspera, Almir, cedendo aos apelos de seu amigo Bellini, foi batizado na igreja católica. Como sua mãe era batista e seu pai católico, eles haviam decidido que os filhos, quando ficassem mais velhos, decidiriam qual religião adotariam. Ao ficar sabendo disso, Bellini, católico praticante, começou a insistir para que seu amigo fosse batizado. Almir, no começo, achava que Bellini estava só brincando, mas com a insistência de seu capitão, acabou concordando e no dia 15 de dezembro, na Paróquia São Paulo Apóstolo, em Copacabana, foi batizado pelo frei Jaime Fagarolo, tendo como padrinho, claro, Hilderaldo Bellini. Alguns

anos mais tarde, o capitão do Vasco voltaria a ser padrinho dele, mas numa situação completamente diferente.

E o primeiro jogo dessa nova disputa foi um confronto entre Vasco e Flamengo, no Maracanã, com vitória vascaína por 2 a 0. Almir foi o autor de um dos tentos, descrito assim pela revista *Manchete Esportiva*, em sua edição de 27 de dezembro (quando foi a capa ao lado de Pinga): "Finalmente, aos 26 minutos Almir marcou o gol mais bonito da partida. Recebeu de Roberto em profundidade, passou por Joubert, enganou Pavão na corrida e meteu no canto de Fernando. Um autêntico gol de antologia". Fez também um segundo gol, anulado pelo árbitro, e participou de um embate em particular com o zagueiro rubro-negro Pavão (Marcos Cortez).

Os dois eram uma espécie de "melhores adversários" (ou piores, dependendo do ponto de vista), pois eram sempre muito duros nas disputas de bola. A torcida aguardava o que poderia acontecer quando os dois se enfrentavam. Tanto que no jogo anterior o atacante chegou a afirmar que poderia ter ficado inutilizado pela quantidade de pancadas sofridas de Pavão. Porém, nesse segundo clássico seguido, Almir tinha levado a melhor.

Por causa do imprevisto Supercampeonato, a competição teve que se estender até o ano seguinte e Almir, dessa vez, não foi passar o Natal em Recife. No dia 3 de janeiro de 1959, o Vasco enfrentou o Botafogo e perdeu por 1 a 0. Curiosamente, tanto Flamengo como Botafogo também tinham ganhado e perdido um jogo, tornando tudo igual novamente, o que forçou a FMF a realizar um novo triangular para definir o campeão, o chamado Supersupercampeonato.

E como tinha ocorrido antes com o Flamengo, a primeira partida do Vasco no Supersupercampeonato foi contra o adversário de sua última partida, isto é, o Botafogo. E, de novo, o Gigante da Colina voltou a ganhar, dessa vez por 2 a 1, num Maracanã cheio que promoveu uma renda de mais de três milhões de cruzeiros.

Como Flamengo e Botafogo haviam empatado em 2 a 2, a decisão ficou mesmo para a partida entre Vasco e os rubro-negros, no dia 17 de

janeiro, sempre no Maraca, claro, e com a vantagem do empate para o Almirante. Nesse dia, mais de 130 mil pessoas, com a impressionante renda de Cr$ 5.621.768,00, assistiram a um jogo disputadíssimo em que a missão de Almir, segundo determinações do técnico Gradim, era preocupar os zagueiros Jordan e Pavão.

O jogo terminou 1 a 1 e o Vasco tornou-se o Supersupercampeão de 1958. Os jogadores deram a volta olímpica, as faixas de campeão foram entregues pelo prefeito do Rio de Janeiro, Sá Freire Alvim, e a festa da torcida foi enorme no trajeto do Maracanã até São Januário. Os Cr$ 30.000,00 que Almir recebeu de bicho foram inteiramente para dona Dedé, que costumava comprar terrenos e casas em Recife como investimento para o filho.

No dia seguinte, *O Globo* deu em seu título: "Ao Vasco o que era do Vasco", demonstrando a superioridade do time ao longo de todo campeonato. E em sua análise no desempenho de cada jogador campeão, o diário escreveu o seguinte sobre Almir: "*Travestido na missão de homem-mau, cumpriu sua missão com grande êxito*, haja visto (*sic*) a irritação dos defensores (leia-se Pavão) do Flamengo quando investia". O *Jornal dos Sports* revelou que Almir terminou o jogo todo machucado por causa do seu empenho na partida (foi chamado de "um bravo" pelo presidente do Vasco), mesmo assim estava eufórico nos vestiários, abraçando todos seus companheiros e dizendo "Sou campeão pelo Vasco. É o meu primeiro título de envergadura e sei que não será o último".

Ao final da campanha, o Almirante tinha jogado 26 vezes, com Almir em campo em 13 partidas (com 5 gols feitos), devido a contusões e a uma expulsão, o que demonstra que, em 1958, o "bravo" atacante já começava a esboçar seu futuro caminho pelo futebol brasileiro.

Chamaram de timinho

Almir não pôde ir a Recife no final do ano de 1958, mas o Vasco foi para lá no começo de 1959. Em fevereiro, o time voou para o Nordeste e, primeiramente, fez dois amistosos em Recife. No dia 15 perdeu por 2 a 0 do Santa Cruz, antigo adversário de Almir, que foi substituído no

segundo tempo por Pacoti. A edição doo *Diário de Pernambuco* do dia 17 não deixou de ironizar a derrota do Supersupercampeão carioca. "Pois bem, na tarde de anteontem, quem saiu de sua casa para ver os 'bigs' do Vasco da Gama jogar, viu o 'timinho' do Santa Cruz não temer fama. Fazendo dois tentos na primeira fase, souberam os rapazes sustentar o rojão e saíram do gramado com a vitória". Como consolo, Almir foi visitar sua família na Estrada dos Remédios.

Naquele mesmo dia, o segundo jogo do Vasco foi contra o antigo time de Almir, o Sport, na Ilha do Retiro, empate em 3 a 3, sendo que no primeiro tempo o time de Recife ganhava por 3 a 0. Almir foi substituído por Pacoti novamente e o curioso é que o diário pernambucano não fez nenhuma menção especial sobre Almir nas reportagens sobre os jogos, apenas o citou, sem qualquer comentário adicional. A saída de Almir de Recife, aparentemente, ainda não tinha sido bem digerida. Seu Arlindo e os filhos aproveitaram e foram assistir aos dois jogos do primogênito.

Na segunda fase da passagem do Vasco pelo nordeste, a equipe enfrentou o Ypiranga, da Bahia, time do escritor Jorge Amado, e goleou por 6 a 1, com dois gols de Almir. O *Jornal dos Sports* afirmou: "Almir, esta noite parecendo com o demônio no corpo", pois ele havia dado um verdadeiro show.

Jogador que dá show acaba sendo escalado para a seleção. E foi o que aconteceu com o Pernambuquinho. Seis jogadores do Vasco da Gama foram convocados para a Seleção do Rio de Janeiro que jogaria contra a Seleção de São Paulo: Paulinho, Bellini, Sabará, Écio, Pinga e Almir. Essas disputas atualmente não são mais organizadas, mas eram comuns na época e Almir foi para o Paysandú Hotel (que não existe mais), onde a seleção carioca estava concentrada.

Ao mesmo tempo, chegava ao Rio de Janeiro um dos irmãos de Almir, Ayres Moraes Albuquerque, 17 anos, apelidado de Chumbinho, que jogava no Sport Clube Recife e passaria um período treinando no Gigante da Colina. Segundo havia sido prometido a Almir, se seu irmão mostrasse ter condições ele seria contratado pelo clube, algo que, realmente, acabou acontecendo.

Já a Seleção Paulista ficou hospedada no Hotel Novo Mundo (que também não existe mais) para se preparar para o jogo, que seria disputado às 17 horas do dia 22 de fevereiro, no Maracanã. Gilmar, Djalma Santos e Mauro; Urubatão, Formiga e Oreco; Dorval, Álvaro e Pagão; Pelé e Pepe. Essa era escalação dos Bandeirantes, como eram chamados pela imprensa carioca. Um timaço comandado pelo técnico campeão do mundo, Vicente Feola. No entanto, a seleção de São Paulo foi atropelada.

"5x1: goleada sem piedade dos cariocas", deu em letras garrafais, e na primeira página, o *Jornal dos Sports* do dia seguinte. "Almir, Henrique e Pelé foram os mais destacados", escreveu logo abaixo. Almir fez o gol mais bonito da partida, segundo os cronistas, driblando Mauro e o goleiro Gilmar para depois tocar calmamente para o fundo das redes. Em seguida, sofreu uma falta violenta que atingiu seu joelho esquerdo e foi substituído por Valdo. Pelé foi o autor do único gol dos paulistas.

Mais contido, o jornal *O Globo* escreveu em seu caderno de esportes: "Goleada surpreendente dos cariocas: 5x1". Só não foi contido ao elogiar o pernambucano. "Almir foi figura de destaque, havendo até quem dissesse que quem foi ao Maracanã para ver Pelé, viu Almir. A única restrição que lhe fazemos diz respeito ao excesso de individualismo", cravou o diário.

Três dias depois, as duas seleções se encontraram de novo para a revanche no Pacaembu, em São Paulo, e os cariocas ganharam de novo dos paulistas, mas por um placar mais modesto: 1 a 0. A partida foi violenta, com muitas faltas, Almir e o zagueiro Mauro bateram violentamente cabeça com cabeça, e Almir foi substituído por Valdo. Antes, havia tentado cavar um pênalti, mas o juiz não foi na conversa dele.

No dia seguinte, em sua primeira página, *O Globo* publicou uma foto de Almir sendo carregado para fora de campo com o título: "Os 'sobreviventes' vão a Buenos Aires", devido à intensidade e ao número de faltas da partida.

A referência a Buenos Aires era por causa da participação de muitos jogadores das duas seleções estaduais no Campeonato Sul-Americano de Futebol (chamado assim até 1975, quando virou Copa América),

na Argentina. E Almir estava entre os "sobreviventes". Ele voltava a ser convocado para jogar pela Seleção Brasileira.

Seu Arlindo, de novo, pagou cerveja para os amigos e clientes de seu armazém em Recife.

No final da tarde do dia 27, Almir se apresentou no Hotel das Paineiras, no Cosme Velho, junto com Garrincha, Didi e Djalma Santos. Pelé não se apresentou porque estava servindo ao exército e aguardava a dispensa do Ministério da Guerra. Pernambuquinho soube que dividiria o quarto 28 com Henrique, jogador do Flamengo, mas ambos foram dispensados em seguida para participarem do jogo entre Flamengo e Vasco, pela Taça Cidade do Rio de Janeiro, a ser disputado dia 1º de março, aniversário da Cidade Maravilhosa. A partida terminou empatada em 2 a 2 e foi assistida por todo o escrete nacional, que compareceu ao Maracanã. Almir foi elogiado pelos cronistas por sua forma física e, terminada a peleja, voltou com Henrique para o Paineiras.

No primeiro coletivo da seleção, os jogadores foram divididos em amarelos (titulares) e brancos (reservas). Almir jogou entre os amarelos e fez um dos dois gols da vitória por 2 a 0. Entre os presentes estava Sepp Herberger, técnico alemão campeão do Mundial em 1954, que elogiou Almir. "Todo o quadro amarelo atuou bem. Entretanto, o número 9 (Almir) foi o que mais me chamou a atenção. Trata-se, sem dúvida alguma, de um grande craque", afirmou o alemão para toda imprensa presente no Maracanã.

Parecendo fazer coro com o técnico europeu, Nelson Rodrigues em sua crônica, já citada, de 7 de março de 1959 na revista *Manchete Esportiva*, escreveu: "No Sul-Americano, ele constitui uma preciosidade para o Brasil. Admitamos a hipótese sinistra de que Pelé não possa, eventualmente, entrar num jogo qualquer. Que melhor substituto que Almir? Tanto mais que são ambos agarotados. Embora mais velho, o craque cruzmaltino parece tão menino quanto o paulista. E vamos e venhamos: Almir não deixa de ser um pouco o Pelé branco".

Em outro trecho da mesma crônica, Nelson chegou a ser profético em relação ao campeonato que estava para iniciar. "E Almir apresenta

outras qualidades que convêm não desprezar. Uma delas é a coragem. Todos nós o conhecemos e uma coisa é certa: para usar uma expressão textual da torcida, ele não foge do pau. A verdade é que, apesar de todas as convenções disciplinares do profissionalismo, futebol vive muito da bravura pessoal dos craques. O sujeito pusilânime, o sujeito covarde, dá menos no couro. Há momento, num jogo, em que o camarada precisa enfiar a cara no pé do inimigo".

No segundo e último coletivo os jogadores foram divididos entre amarelos (titulares) e azuis (reservas). Almir foi escalado como azul, mas Pelé estava demorando para chegar, por causa de exames que realizava, e Feola mandou Almir jogar com os amarelos. No segundo tempo do treino, Pelé chegou e Almir voltou para o time azul. Acabou fazendo o único gol do coletivo, levando os azuis à vitória. No dia seguinte, toda a delegação embarcou num avião Constellation, da Panair do Brasil, rumo a Buenos Aires.

Briga feia

O XX Campeonato Sul-Americano de Futebol teve desfile das delegações em sua abertura, em 7 de março de 1959, no Estádio Monumental de Nuñez, palco de todos os jogos da competição. Os argentinos começaram goleando o Chile por 6 a 1, e o Uruguai arrasou a Bolívia, 7 a 0.

O Brasil estreou contra o Peru, empatando em 2 a 2, deixando a vitória escapar após ter feito 2 a 0. Almir, aos 28 minutos do segundo tempo, substituiu Pelé, que estava apanhando muito dos beques peruanos, e, por isso, Feola resolveu poupá-lo. Já na segunda partida, o Brasil saiu-se melhor: vitória sobre o Chile por 3 a 0. Em seguida, foi a vez da Bolívia, que foi derrotada por 4 a 2. Mesmo assim a Seleção recebeu muitas críticas da imprensa esportiva brasileira. O que não é, convenhamos, nenhuma novidade.

O próximo jogo seria no dia 25, mas com chuvas intensas em Buenos Aires, foi transferido para o dia seguinte. Pelé estava machucado e o adiamento foi considerado bom, apesar do médico ter dito que não poderia garantir sua presença na partida. O *Jornal dos Sports* deu em

sua primeira página no dia do jogo: "Almir na expectativa: Estamos na encruzilhada e não vamos perder mais. Desejo sinceramente que Pelé se recupere porque precisamos dele lá na frente. Farei tudo para honrar o titular se for escalado".

E Almir foi, de fato, escalado para Brasil e Uruguai. Mas com Pelé em campo, pois Feola substituiu Paulinho e Zagalo por Chinezinho e Almir. O primeiro tempo da partida terminou com a vitória parcial dos uruguaios por 1 a 0. No intervalo, o técnico tirou Coronel e pôs o jogador que faria os três gols brasileiros da partida, Paulinho. E a cada gol que ele fazia os uruguaios ficavam mais nervosos.

"Os uruguaios estavam com medo de tomar uma goleada porque nosso time estava demais mesmo. Começaram a se irritar, principalmente com Pelé, que escondia a bola deles e os deixava tontos. Eles tentaram apelar. Investiam sobre o Negão, com bola ou sem bola, e faziam tudo quanto é provocação. 'Hijo de una perra! Negro!', diziam, trincando os dentes, cuspindo em Pelé, querendo irritá-lo. Pelé, garoto, começou a se encher com aquilo. Eu fui lá e dei força a ele: 'Não te invoca, não, que eles querem ganhar no grito. Vamos encher esses caras'. Aí o Negão começou a inventar coisas, era a desmoralização total deles. Garrincha também continuava impossível", registrou Almir sobre a partida, em seu livro de memórias.

Até que aos 31 minutos do segundo tempo a violência explodiu totalmente, primeiro com um chute que Almir levou do zagueiro Silveira e, depois, de Davoine. Almir revidou e, então, estourou uma verdadeira guerra campal, com os outros jogadores brasileiros indo socorrer o companheiro. Foram 14 minutos de paralização com uma briga geral em que praticamente todos, tanto brasileiros como uruguaios, saíram machucados, além de quatro expulsos — pelo Brasil, Orlando e Almir. No final, 3 a 1 para os canarinhos e a torcida argentina gritando "Brasil, Brasil".

"Agredidos, *despertaram* os campeões do mundo" (grifo do autor) foi o título da capa de *O Globo* de 28 de março, destacando que "o estopim foi a agressão dos defensores da AUF (Asociación Uruguaya

de Fútbol) ao jogador Almir, depois que o 'mignon' atacante acossara licitamente o arqueiro Leiva. Aí correram os brasileiros em socorro do companheiro atingido, estabelecendo-se a confusão que só cessaria 14 minutos depois", escreveu o diário brasileiro.

"Brasil ganhou no futebol e no bofetão", escreveu o *Jornal do Brasil*, em sua página de esportes, salientando que "todo mundo brigou e teve rapa, soco, tapa e bofetão: pontapé em Almir começou". O chefe da delegação brasileira, Antônio do Passo, confessou, após o término da partida, que pensou, durante o conflito, em tirar o time de campo, mas acabou desistindo da ideia.

Até mesmo Didi, que apareceu em uma foto dando uma voadora em um uruguaio, fez questão de salientar sua participação na pancadaria: "Peguei um ou dois deles. Eles queriam levar a coisa para a briga e tiveram briga de sobra. Só que batemos muito também. No futebol que é bom, para variar, o Brasil ganhou. Na pancada, empatamos", afirmou ao *JB*.

A revista argentina *El Gráfico*, dedicada ao futebol, chegou a classificar de infame o procedimento dos craques uruguaios no jogo contra o Brasil, afirmando que eles mereciam ser presos pela atitude que tiveram. Asseguraram que, apesar de tudo, a melhor equipe, do ponto de vista técnico, era a brasileira.

E o *scratch* nacional confirmou isso ganhando do Paraguai por 4 a 1, e jogando bem. Com o resultado, o Brasil foi para o último jogo, contra a Argentina, precisando vencer, pois o empate era favorável à equipe da casa. A partida terminou em 1 a 1 e a Argentina foi a campeã, tendo o Brasil como vice. Almir entrou no fim do segundo tempo, substituindo Paulinho, que não jogava bem, mas nada pôde fazer. Ao final, os argentinos destacaram a "fidalguia" dos brasileiros durante e depois de um empate dramático, em virtude das confusões contra o Uruguai.

"Na época, o conflito foi aplaudido pela imprensa, que o considerava um acerto de contas entre a Seleção Brasileira e a Seleção Uruguaia (por causa do Maracanazo de 1950). Na verdade, o clima de ódio entre as duas seleções foi alimentado pela própria imprensa, anos a fio", explicou Almir em suas memórias. O que ele não poderia imaginar, à época, é

que os argentinos começariam a ficar de olho nele depois da "Batalha de Nuñez", como ficou conhecido o embate.

Já o jornalista e ex-técnico da Seleção Brasileira, João Saldanha, autor do prefácio de *Eu e o futebol*, foi contundente em sua análise do ocorrido naquele dia, dando, inclusive, uma explicação transcendental acerca da importância daquele jogo.

"No futebol, o espírito irreverente, sei lá, até revoltado, do Almir marcou uma época. Eu estava em Buenos Aires, naquele Brasil x Uruguai, em 1959. O Almir marcou ali uma época importante para o futebol brasileiro. Era comum dizerem, lá pela Argentina e pelo Uruguai, que com qualquer três gritos eles ganhavam da gente [...] E a verdade é que o William Martínez (zagueiro uruguaio) — que é um cara maior do que o Paulo Amaral — estava dando à pamparra naquele jogo. Tinha posto todo o ataque brasileiro lá para fora da área. Menos o Almir, que ia lá e dividia, levava e dava. E nesse leva e dá, dá e leva, saíram na mão. E nós ganhamos o jogo na briga e depois no placar. Os uruguaios nunca mais falaram em machismo, covardia, valentia, essas coisas para cima da gente. E foi o Pernambuquinho valente quem marcou esse troço para o futebol brasileiro".

Capa de revista

A *Revista do Esporte*, lançada um mês depois, em sua edição de 11 de abril de 1959, estampou em sua capa Almir vestindo o uniforme do Vasco. E escreveu: "Almir é a menina dos olhos da torcida vascaína. O 'pernambuquinho', conforme é carinhosamente chamado, aparece como grande revelação, sendo apontado mesmo como uma nova edição de Ademir (de Menezes, craque do Vasco das décadas de 1940 e 50). Muito jovem ainda, 18 anos (sic), Almir, atacante destemido, é uma das maiores esperanças do futebol do Brasil".

Além disso, nessa mesma edição, numa página de notas chamada *Fofocas por Esporte*, o colunista (não identificado) escreveu: "Almir me contou por que briga sempre com os zagueiros adversários: 'Eu sou pequenino. Se bancar o bom moço, eles me comem vivo", justificou,

explicando sua fama, já consolidada àquela altura, de jogador corajoso, duro. Para alguns, duro até demais.

Voltando ao batente no Vasco da Gama, entrou em campo no dia 9 de abril, em partida contra o Corinthians, pelo Torneio Rio-São Paulo, no Pacaembu, que terminou empatada em 1 a 1. Em seguida, novo empate, desta vez sem gols, diante do São Paulo. Foram então ao interior de São Paulo, à cidade de Araraquara, inaugurar os refletores do estádio da Fonte Luminosa, em amistoso contra a Ferroviária, e empataram em 3 a 3, com um gol de Almir.

Novamente pelo Rio-São Paulo, o Vasco venceu o Palmeiras, de quem não ganhava desde 1950, por 3 a 0, com dois gols de Almir, que foi substituído aos 16 minutos do segundo tempo por Pacoti, após levar uma pancada na coxa esquerda.

E por causa dessa lesão, Almir não jogou contra o América, do Rio, num novo empate sem gols. Curioso ver como o futebol é dinâmico: o jornal *O Globo* colocou como título "Placar em branco no clássico de ontem" — naquele tempo, Vasco e América era considerado um grande clássico do futebol carioca.

No dia 25 saiu nova convocação para a Seleção Brasileira e Almir estava na lista. A equipe jogaria um amistoso contra a Inglaterra. Almir era dúvida para o clássico contra o Flamengo, por causa da lesão. O jogo terminou empatado em 0 a 0 e a estrela foi o veterano goleiro Barbosa, que fez defesas incríveis. Almir não jogou porque ainda sentia dores na coxa esquerda.

Liberado para voltar ao Hotel Paineiras, onde estava o elenco da Seleção, apresentou-se junto com os outros jogadores do *scratch*. Bellini foi o último a chegar e não escapou das piadinhas sobre o atraso. Convocado, mas não escalado, Almir assistiu à vitória brasileira por 2 a 0 contra a Inglaterra, num jogo que ficou famoso em razão da forte vaia que Julinho Botelho ouviu de todo Maracanã por ter entrado no lugar de Garrincha. No entanto, ele jogou tão bem, fazendo um dos gols, que saiu de campo aplaudido pelos mesmos torcedores que o haviam vaiado.

"Almir diz: gosto do jogo brusco", foi a chamada de capa da *Revista dos Esportes*, em sua edição de 9 de maio de 1959. Por coincidência, a foto da capa era o padrinho Bellini. "Jogo duro, mas sou leal. Não sou indisciplinado, nem mascarado. Se, às vezes, me excedo no jogo brusco, é porque a ocasião me obriga. Mas, nem por isso, jamais atingi por gosto ou por despeito um adversário — declarou Almir, o mais jovem atacante (titular) do Vasco da Gama a propósito das acusações que lhe fazem alguns torcedores (de outros clubes). Futebol é pra homem. É por isso que sou 'caçado' e não fujo à luta. Pisam-me, mas não corro. Empurram-me, mas não me amedrontam. Gosto de uma partida dura porque gosto de revidar. E o faço sem intenção. Apenas para mostrar que não sou medroso", explicou à revista, que fez um resumo de sua vida como jogador.

Em outro trecho, mais adiante, acrescenta: "Por este motivo, jamais me veio à mente o desejo de prejudicar um colega, inutilizando-o temporariamente ou definitivamente. Isso é o que eu desejo que todos compreendam. É bom repetir: jogo duro, mas sou leal", argumentou, exatamente três meses antes da ocorrência que o marcaria como jogador de futebol pelo resto de sua vida. O caso Hélio, jogador do América-RJ.

Pelé e eu

Deixando a concentração do Paineiras, Almir refez as malas e foi com o Vasco para mais uma excursão na Europa. Foram cinco amistosos contra times da Suécia, Dinamarca e Finlândia, e a única partida que merece algum destaque foi entre Vasco e o time de Östersund, da Suécia, em virtude do placar dilatado, 11 a 0 para o time do Rio de Janeiro. Voaram, então, até a capital francesa para participar do Torneio de Paris, e perderam para o Fortuna Düsseldorf por 2 a 1. Na sequência, com um gol de Almir, o Vasco se recuperou e ganhou do Milan, da Itália, também por 2 a 1, no Parque dos Príncipes, ficando em terceiro lugar na competição. Ainda foram à Espanha jogar dois amistosos: vitória sobre o Atlético de Madri por 5 a 4, com gol do pernambucano, e derrota para o Bétis, 2 a 1.

Em sua edição de 20 de junho de 1959, a *Revista do Esporte* colocou na capa Pelé e Almir com o uniforme da seleção brasileira e escreveu: "Feliz do futebol brasileiro que tem craques da estirpe de Pelé e Almir, duas das maiores revelações do nosso futebol nos últimos tempos. Atuando na mesma posição, Almir (Vasco) e Pelé (Santos) são para nós a garantia de aborrecimentos para as defesas adversárias. Craques de estilos semelhantes, artilheiros temíveis, Pelé e Almir tornaram-se imprescindíveis às nossas seleções".

Porém, nessa mesma edição saiu uma matéria intitulada "Não quer ficar no Vasco", com uma foto de Almir, que se mostrava magoado com a direção do clube que, internamente, o acusava de estar fazendo corpo-mole, além de criar um clima de desconfiança contra ele acusando-o de ser visto como um "não-me-toques". "Considera-se ferido e um jogador marcado dentro do clube, garantindo que se o Vasco não o soltar agora só ficará no clube até o término do atual contrato", encerrava a reportagem, que demonstrava um clima ruim, então desconhecido para o grande público, entre ele e o Vasco da Gama.

Curiosamente, duas semanas depois (duas edições), a mesma *Revista do Esporte* publicou uma matéria de quatro páginas sobre as preferências de Almir a respeito das mulheres. Com o título "Almir aponta a mulher ideal", e fotos de atrizes famosas como Brigitte Bardot, Sophia Loren, Marilyn Monroe, Almir é descrito como um dos jogadores mais assediados pelas "muchachas" no último Sul-Americano, afirmando que onde ele aparecia, lá estavam também as garotas "embevecidas" (encantadas).

"Minha mulher ideal deve ter o rosto de Sarita Montiel; os olhos de Maysa; lábios de Sophia Loren; cabelos de Brigitte Bardot; busto de Jane Russel; cintura de Lana Turner; quadris de Kim Novak; coxas de Marilyn Monroe; o charme de Gina Lolobrigida; o sex-appeal de Silvana Mangano; a elegância de Maria Félix; a altura de Elizabeth Taylor; a inteligência de Linda Christian; a cultura de Rachel de Queiroz e o talento culinário de D. Adelaide Moraes (minha mãe)", descreveu Almir. No mínimo, o craque demonstrava que conhecia muito bem as beldades do cinema da época.

Mas a realidade da vida era mais dura. Em vez de encontrar com as divas de Hollywood, teve que enfrentar os zagueiros do Coritiba e do Rio Branco, de Paranaguá, nos dois amistosos que o Vasco fez no Paraná. Venceu o primeiro por 4 a 1 e o segundo por 2 a 0. Almir fez dois gols, um em cada partida.

No dia 25 de julho, fez contra o São Cristóvão o que chamamos hoje de *hat-trick*, pelo Campeonato Carioca, na goleada do Vasco por 6 a 0. Almir fez os três gols no segundo tempo. Também fez gols contra o Olaria, quando o Almirante venceu por 2 a 0.

Para sempre

A partida do dia 09, pelo Campeonato Carioca, deveria ser apenas mais um jogo como outros tantos organizados pela Federação Metropolitana de Futebol, mas aquela partida significou muito mais para Almir Pernambuquinho. E para sempre.

"Eu não entrei em Hélio do América para quebrar, tanto assim que nem sequer fui expulso pelo juiz. Sempre agi como um profissional: briguei muito, pratiquei jogadas desleais, mas dentro daquele limite normal no mundo do futebol, que não tem a pureza que se pensa", declarou ele em seu livro de memórias *Eu e o futebol*, que possui um capítulo dedicado somente a essa passagem de sua vida, o seis, intitulado "A verdade sobre o caso Hélio".

Maracanã, 9 de agosto de 1959. Mais um domingo de futebol num estádio que não estava lotado. Vasco e América disputavam o "Clássico da Paz", chamado assim porque foi o primeiro clássico disputado após a pacificação das duas ligas de futebol que existiam no Rio. E logo aos 7 minutos Almir fez o gol do Vasco. Contudo, em dois minutos o América virou o jogo, com gols aos 16 e aos 18 minutos.

Aos 37 minutos do primeiro tempo é que aconteceu o choque que marcaria toda a carreira de Almir, narrado assim por *O Globo*, no dia seguinte. "Aos 37 minutos de jogo, procurando desarmar Almir que investia para a área, Hélio atirou-se aos pés do meia vascaíno, que se defendeu pisando o médio rubro. Hélio não se ergueu mais e foi retirado

de campo em maca, sob suspeita de fratura. Conduzido logo a seguir ao Hospital Souza Aguiar, Hélio foi examinado pelo ortopedista Pio Porto, que declarou ter o médio rubro sofrido 'ruptura total do ligamento lateral exterior do joelho esquerdo'. Segundo a opinião do Dr. Pio Porto essa ruptura pode ser considerada coisa mais grave que a fratura simples. Do HSA, Hélio foi removido para a concentração do América, na rua Gonçalves Crespo, onde teve a perna engessada".

Aos 42 minutos do segundo tempo, o América fez mais um e a partida terminou em 3 a 1 para o Diabo, como também era conhecida a equipe, e o Vasco, com a derrota, caiu para a quarta colocação no campeonato. Durante o resto da partida, jogadores americanos passaram a perseguir e caçar Almir que, sentindo a gravidade do que havia acontecido, jogou sem brilho, quase se escondendo em campo, com a torcida gritando "é esse" cada vez que ele tocava na bola.

"Almir derrotou o Vasco", escreveu o *Diário Carioca*, em sua página de esportes, sendo contundente na avaliação sobre o fato e o jogador. "O Vasco perdeu por vários motivos, todos resumíveis num só: Almir. Foi Almir que fez o primeiro gol, dando ao Vasco a impressão de que ia ser sopa, foi Almir que tirou Hélio de campo possivelmente para sempre, foi Almir que provocou o brio e a violência do América. Almir não chutou Hélio pensando em encerrar a carreira do jogador do América. Não acreditamos que ninguém o faça, tão cruel seria. Mas Almir chutou Hélio conscientemente, isso ninguém nos tira da cabeça. Ele não visou a bola, visou a perna. Almir é um jogador tão bom que dá pena vê-lo tornar-se um marcado, predispondo contra si os adversários e concentrando a antipatia do público não-vascaíno. Não se corrigindo, ele não só estará antecipando o fim de uma carreira que poderia e deveria ser longa e bela, como estará causando ao seu clube prejuízos graves como o de domingo".

Nessa mesma página, o jornalista Armando Nogueira, em sua coluna *Bola pra frente*, escreveu: "Almir deu e levou pontapés fartamente, impunemente. Hélio, que não dera em ninguém — é um jogador vigoroso e leal — deixou o campo de maca chorando. O acidente que sofreu, resultado de uma entrada senão dolosa pelo menos culposa — e

portanto, condenável — de Almir, afasta-o da ação por seis meses ou mais. Na terra do futebol-arte, um profissional é quase inutilizado em consequência de uma jogada brutal: ruptura dos ligamentos do joelho".

A partir daí o jornalista passou a ser um dos maiores críticos que Almir teve na imprensa carioca.

Opinião diferente teve Mário Filho, proprietário e colunista do *Jornal dos Sports*, que escreveu: "O América assumiu o papel de vítima, perdeu um jogador, Hélio, numa pisada de Almir, não para quebrar perna, para pisar apenas, ou para machucar tão somente. Se Almir tivesse sido expulso, o jogo se normalizaria logo. O juiz, porém, se chamava Cláudio Magalhães e não teve coragem para expulsar Almir. Hélio foi retirado de campo numa maca com todo o aparato e a torcida passou a gritar 'é esse' para Almir. Almir ainda tentou jogar, mas desistiu logo. Era caçado em campo".

O *Jornal dos Sports* deu ampla cobertura ao fato e até colocou as fotos das radiografias do joelho de Hélio antes e depois do acidente, mostrando uma fragrante diferença entre as duas. E, sobre Hélio, escreveu: "Jogador de passado limpo, sem falta de qualquer natureza em sua longa carreira de profissional, Hélio não chegou a acusar, frontalmente, Almir, mas foi de opinião que o atacante vascaíno poderia ter passado, perfeitamente, pelo lance sem tocá-lo. — Compreendo que no calor da luta tudo é possível...".

Diferentemente, o *Jornal do Brasil* estampou no título: "Hélio muito calmo: Almir fez por querer", completando, "foi de propósito que Almir me atingiu no jogo de domingo, tenho plena certeza, porque no momento do lance ainda ouvi um grunhido raivoso que ele soltou com a expressão totalmente transtornada — disse o jogador Hélio, do América, ao *Jornal do Brasil* ontem, em sua casa. — Mas minha impressão é que sua intenção era atingir Leônidas, que tinha feito uma falta sobre ele pouco antes. Como eu estava exatamente na posição em que Leônidas joga, naquele momento, acho que Almir me confundiu com ele". Uma versão diferente, mas também procurando encontrar razões para as atitudes do adversário.

"Porque o Vasco era um timaço, o caso Hélio teve tanta repercussão. Se eu jogasse no Olaria, ou no Madureira, a coisa tinha passado em branco, hoje ninguém associaria o nome de Almir a Hélio. Eu não era só Almir, e sim Almir do Vasco, o campeão da cidade na época", declarou ele em suas memórias, justificando a repercussão em toda imprensa escrita, no rádio e na televisão, que começava a se popularizar no país. A diretoria do Vasco recomendou a Almir que não desse mais entrevistas aos jornais.

Dada a repercussão do acontecimento, Bellini, padrinho e conselheiro de Almir, convenceu-o de que deveria fazer uma visita a Hélio. Foram os dois, de terno e gravata, acompanhados pela reportagem do jornal *O Globo*, visitar o jogador do América na terça-feira à noite, dia 11, no bairro de Encantado, na zona norte da cidade. "Almir e Hélio apertam-se as mãos!", deu em primeira página o diário dos Marinho, com foto de Almir ao lado da cama de Hélio conversando com ele. Foram recebidos, além de Hélio, por sua esposa Helena, seus filhos pequenos e três irmãos do jogador, dois deles também jogadores de futebol.

A reportagem narra a visita de uma maneira bastante afável, destacando a compreensão e o entendimento, descrevendo até que um dos filhos de Hélio fazia "diabruras" no colo de Almir. Sorrisos e declarações cheias de cortesia e boa vontade foram feitas por todos; contudo, em suas memórias, Almir viu o fato de maneira bastante diferente. "Tinha muitos irmãos que se deixaram impressionar pelo clima criado pela imprensa. Eu fui de boa fé, realmente preocupado com a boa sorte de Hélio; me arrependi ao ver o jeito como os irmãos dele me olhavam. Tive receio de entrar na casa, não sabia o que me esperava lá dentro".

Três dias depois, o Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) julgou o caso Almir Pernambuquinho e o suspendeu por quatro jogos, por 4 votos contra 3. Havia uma corrente que desejava a suspensão por oito jogos e outra por seis, mas a decisão decretou que a suspensão deveria ser de quatro partidas. Posteriormente, o auditor do TJD,

Evaristo de Morais Filho, recorreu e o jogador foi punido com mais dois jogos de suspensão.

Quando do acidente com Hélio, estava nas bancas de jornais a edição da primeira quinzena de agosto da revista *Manchete Esportiva* com uma fotonovela, gênero muito popular na época, relatando a vida de jogador de Pernambuquinho. Almir, Bellini, Gradim e funcionários do Vasco, todos posaram para as câmeras e saíram numa fotonovela que tomou 15 páginas da revista.

Na edição seguinte, da segunda quinzena, a mesma *Manchete Esportiva* publicou na página de humor, *Pelada*, de Otero, uma charge de Almir com a seguinte legenda: "Talvez interpretando mal as ordens de Gradim, que mandou chutar de qualquer posição ou distância, Almir tacou a botina no Hélio..."

Ainda nessa edição, a revista mostrou uma sequência de 16 fotos (duas páginas), com imagens cedidas pela TV Tupi, mostrando a jogada do princípio ao fim para os torcedores analisarem se Almir teve, ou não, culpa no choque. Já na página "Conversa com o Torcedor", assinada pelo diretor da revista, Ney Bianchi, ele escreveu: "Por fim, falemos do caso Almir x Hélio. Todos nós, os imperfeitos, que como produtos de uma era viciosa, estamos retratados sem exceções nas páginas da 'Psicologia Experimental', do mestre Henry Piéron (um dos pioneiros da psicologia científica), não podemos caluniar Almir, chamando-o de louco. Ninguém é louco com hora marcada. Ou Almir só é louco aos domingos, das 3 às 5?".

Raio X

Junto com *Manchete Esportiva*, saiu a *Revista do Esporte*, edição de 29 de agosto, que retratou, em sua coluna fixa "Raio X de Corpo Inteiro", Almir, revelando algumas informações sobre o jogador — como o fato ele ser fã de Cantinflas (humorista mexicano muito popular na época); usar o perfume Ma Griffe; ter como prato favorito feijoada; gostar de poesias, principalmente se forem de Castro Alves; esperar ser comerciante depois de deixar o futebol; conhecer quase toda a Europa, guardando

especial recordação da Espanha; além de dizer que era solteiro e não pensava em se casar tão cedo.

Isso é o que ele achava, prezado leitor, porque a realidade seria outra.

Almir voltaria aos campos somente no dia 18 de outubro, em São Januário, coincidindo com a estreia do novo técnico do Vasco, Yustrich (conhecido pelo seu temperamento explosivo e suas manias), que entrou no lugar de Gradim. O Vasco ganhou do Bonsucesso por 3 a 2, com dois gols de Almir, embora aparentasse estar meio fora de forma.

E ele não saía da imprensa. Na edição de 7 de novembro da *Revista do Esporte*, em chamada de capa, estampava: "Almir no banco dos réus", com o subtítulo na matéria: "Jogador de futebol ou monstrinho?". A revista chamou 20 profissionais ligados ao futebol para opinar sobre o acidente e fez duas perguntas: Almir é desleal? Sua punição foi justa?

Em sua grande maioria, os consultados não achavam que Almir tinha sido desleal, apesar de todos terem sublinhado que ele era um jogador "viril", como o locutor Raul Longras, que declarou: "Ele não é desleal, apenas joga de maneira viril. Achei a punição justíssima e, até certo ponto, benéfica para ele próprio". O jornalista Luís Bayer concordou: "Considero Almir um jogador temperamental, não desleal. A sanção foi justa"; seu colega Nilton Ribeiro tinha outra opinião: "No lance com Hélio, Almir foi desleal, agora dar-lhe a pecha de totalmente desleal, não posso". "Não acredito em sua deslealdade de maneira nenhuma. Que ele seja viril demais, não discuto", declarou o técnico Zezé Moreira. O jogador Joubert (do Flamengo) definiu: "Não é desleal. Joguei contra ele várias vezes e não houve nada demais. Talvez seja um pouco nervoso quando em defesa do seu clube".

Depois, Bellini, Quarentinha e Nilton Santos organizaram uma partida beneficente, no estádio do Botafogo que arrecadou Cr$ 824.250,00 que foram integralmente para Hélio, com o objetivo de ajudar o jogador a reconstruir sua vida. Almir comprou alguns ingressos.

Apesar de sempre ser escalado por Yustrich e de jogar bem, Almir só foi fazer gol novamente em 21 de novembro, quando o Vasco goleou o

São Cristóvão por 5 a 2, Almir fez o terceiro do Gigante da Colina. Com o resultado, o time continuava na vice-liderança do Campeonato Carioca.

Porém, sofreu um revés inesperado ao perder para o Canto do Rio, por 3 a 1, com Almir fazendo o único gol cruzmaltino. Em seguida, a equipe disputou o último clássico do ano. Vasco e Flamengo empataram em 1 a 1 no Maracanã, com gol de Almir, mas já não adiantava mais nada. Com a vitória daquele mesmo dia, o Fluminense sagrava-se o campeão de 1959.

Convocado para a Seleção do Rio de Janeiro, Almir se apresentou nas Laranjeiras para jogar um amistoso contra o time do River Plate, da Argentina. E os argentinos não se deram nada bem. Além de terem sido furtados no hotel em que estavam, foram goleados, 6 a 1, com dois gols de Almir. A imprensa tachou como "de gala" a atuação da seleção carioca.

No apagar das luzes do Campeonato Carioca, General Severiano ficou, literalmente, sem luz durante o primeiro tempo entre Vasco e Portuguesa, sexta-feira à noite, atrasando a última participação do Almirante no certame; a equipe venceu o lanterna do campeonato por 4 a 1 , com dois "belos" gols de Almir, segundo a crônica.

Fim de ano e Almir foi para Recife passar as festas junto com dona Dedé, seu Arlindo e os irmãos.

Vaqueiro pernambucano

O ano de 1960 começou com o Vasco da Gama enfrentando a Seleção do Rio, dia 13 de janeiro, em São Januário. Dessa vez, Almir jogou pelo seu time e o resultado foi um empate em 2 a 2, com público abaixo do esperado porque chovia muito naqueles dias na capital federal.

Terminada a partida, o Vasco voou até Belo Horizonte para fazer um amistoso com o Atlético, vencendo bem os mineiros, 6 a 3, com dois gols de Almir — o primeiro deles foi classificado de "espetacular" pelo jornal *O Globo*, com o jogador driblando seu marcador aos 9 minutos do primeiro tempo. Ao final dessa mesma reportagem, o jornal escreveu: "O trio-central do Vasco da Gama, constituído por Almir, Delém e Roberto

Pinto, teve magnífica atuação, principalmente 'pernambuquinho' que demonstrou ser um dos melhores atacantes de área do futebol brasileiro".

Os melhores atacantes sempre acabam na seleção e foi isso o que aconteceu, de novo; Almir foi convocado para a Seleção do Rio de Janeiro para disputar o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais (competição realizada entre 1922 e 1962, com uma edição isolada em 1987). Ele estava satisfeito com o novo chamado e no dia em que se apresentou no Grande Hotel foi vestido como um vaqueiro pernambucano. E o motivo era simples: a seleção carioca enfrentaria a seleção da sua terra, Pernambuco, na Ilha do Retiro. Porém, o resultado foi negativo para os cariocas. Derrota por 3 a 2, sendo que até os 35 minutos do segundo tempo estava 2 a 1 para eles. Almir fez um dos dois gols e chegou a sofrer um pênalti, desperdiçado por Pinga.

Voltaram ao Rio após a derrota e logo tiveram que ir para a Vila Hípica, nova concentração da Seleção Carioca. Tinha jogo contra a Seleção Mineira, domingo, no Maracanã. E dessa vez os cariocas lavaram a alma: 6 a 0 sobre os mineiros, com dois gols de Almir, que ainda foi acusado de ter sido displicente na sua maneira de atuar naquele dia.

Na primeira página de *O Globo*, no dia seguinte, aparece uma foto de Almir acompanhado pelo técnico Tim, da Seleção Carioca, e a legenda: "Após o triunfo sobre os mineiros, o técnico Tim abraça o jovem meia direita Almir, autor de dois dos seus tentos da goleada do selecionado metropolitano. Não chegando a um acordo quanto às bases para revalidação de seu contrato com o Vasco, o 'Pernambuquinho' deixou de seguir com a delegação cruzmaltina para o Peru, a FMF segurou-o contra acidentes e ele foi incorporar-se ao 'scratch' carioca no jogo com os pernambucanos, lá no Recife. Almir foi, sem dúvida, um bom reforço para o quadro guanabarino".

Tirando mais um jogo da Seleção Carioca contra os paulistas, dia 3 de fevereiro, quando a Seleção de São Paulo ganhou por 4 a 1, Almir não faria mais parte da Seleção do Rio — nesse jogo, aliás, ele sofreu uma lesão que preocupou na hora, embora tenha se mostrado depois sem gravidade. Também não foi com a delegação do Vasco para uma

excursão pela América do Sul e foi preciso fazer um seguro para que ele pudesse jogar pela Seleção do Rio de Janeiro.

Como a edição de junho da *Revista do Esporte* havia mostrado, Almir não estava nada satisfeito com o Club de Regatas Vasco da Gama. Ao final do seu contrato, em janeiro de 1960, foi exigente com o clube. Demasiadamente exigente, porque sabia que um novo time o aguardava.

Só não sabia ainda qual.

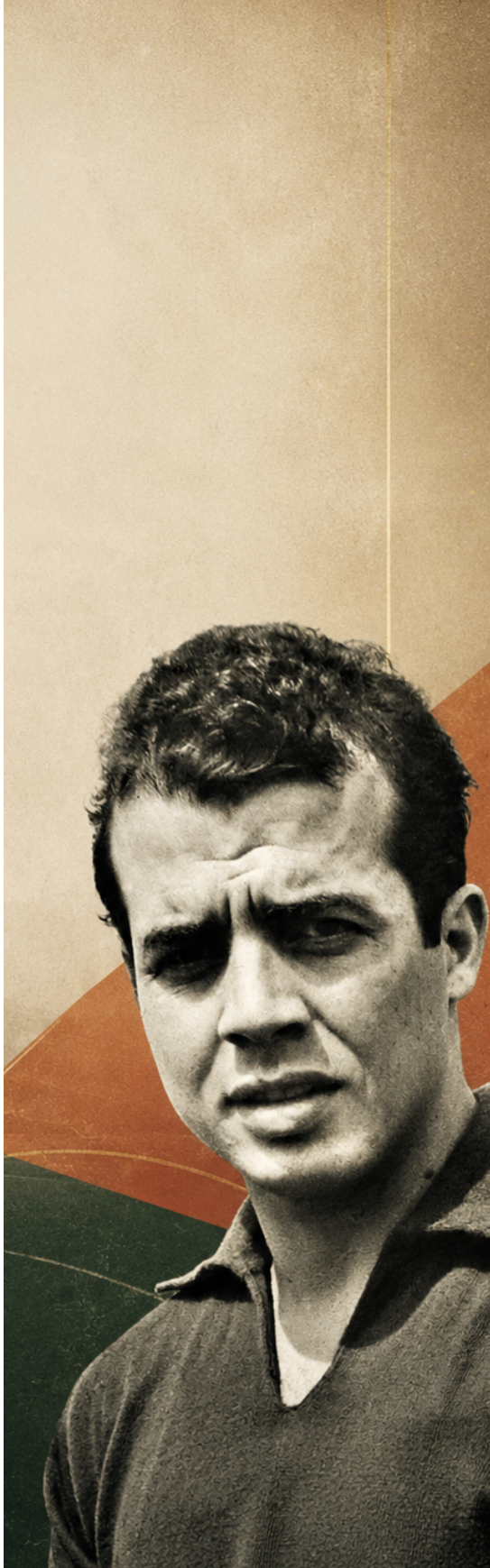
Capítulo Quatro

Impasse e casamento

Com propostas do Real Madrid, da Espanha, e de vários clubes do eixo Rio-São Paulo, além de seu desejo de mudar de ares por causa de toda a conjuntura dos fatos envolvendo o episódio Hélio, Almir confessou o seguinte em seu livro de memórias: "a minha esperança de passar uma borracha no caso Hélio surgiu no começo de 1960". Assim, ele endureceu nas negociações com o Vasco da Gama, que também precisava ser duro, em virtude da saúde financeira do clube. Como consequência, criou-se um impasse.

No dia 19 de janeiro daquele ano, o *Jornal dos Sports* colocou como título de sua primeira página: "Almir: nada resolvido", explicando que o presidente convocaria o Conselho de Beneméritos do Vasco para reexaminar a questão dos novos contratos, uma vez que nas condições em que estavam negociando jamais se chegaria a um acordo.

"O craque uma vez mais não aceitou a proposta vascaína, segundo a qual passaria a receber 55 mil cruzeiros mensais, incluindo luvas e ordenados. Almir chegou a modificar a sua primeira proposta,



pedindo desta feita, 1 milhão e 200 mil cruzeiros de luvas — aceitando pagamento trimestral — e 30 mil cruzeiros mensais. Allah Batista (novo presidente eleito do Vasco) chegou à casa dos 60 mil cruzeiros por mês, dizendo ser o máximo que podia oferecer. Porém, ainda aí não foi encontrada uma solução porque o 'pernambuquinho' recusou", informou *O Globo*, dias depois.

Ao mesmo tempo, a *Revista do Esporte* publicava o resultado de seu concurso "Maior Craque do Momento", em sua edição de 13 de fevereiro. Durante quase um ano, os leitores de todo o Brasil votaram em quem achavam ser o grande craque do país. E Almir ficou em terceiro lugar, com 18.310 votos. Bellini tirou o primeiro lugar, com 42.430, e Babá, do Flamengo, o segundo, com 37.030 votos. A curiosidade é que Pelé ficou em sétimo, com 9.910 votos. Todos receberam medalhas da revista.

Já no dia 17 saía na imprensa o interesse da Internazionale, de Milão, por Almir. O emissário do clube, o italiano Mario Pasqualini, tinha permissão para gastar até 10 milhões de cruzeiros com a compra do craque vascaíno. No entanto, Almir declarou que não abriria mão do direito de receber 50% do valor da sua transferência, o que inviabilizava o negócio entre Vasco e o clube italiano.

No dia 21 de março o Flamengo mostrou-se interessado em Almir, pois segundo a direção do clube Pernambuquinho jogaria muito bem ao lado de Henrique e Moacir. Queriam trocá-lo por Dida, mas as negociações não avançaram. Almir não queria ficar no Rio de Janeiro e, muito menos, jogar contra o Vasco e seus companheiros. A ideia inicial dos dirigentes era que a troca resolveria dois problemas: o do Flamengo e do Vasco.

O impasse se arrastou durante os meses de janeiro, fevereiro e março (sempre com a orientação de seu Arlindo e dona Dedé), como demonstra a reportagem do jornal *Luta Democrática*, de 25 de março, do folclórico político fluminense Tenório Cavalcanti. Com o sugestivo título "Vasco prossegue a 'novela': Iustrique com o pé na rua", o diário escreveu resumindo a situação: "Voltaram ontem aos entendimentos em São Januário, os jogadores Almir, Bellini e Delém com a direção

cruzmaltina na pessoa do vice Antenor Martins. Caso por caso foi estudado e, tempo perdido, pois não houve conclusão. O 'Pernambuquinho' conversou fixo em 80 mil, o Vasco não arredou pé dos 55. Resultado: o clube deu 10 dias para o jogador pensar e ver como é que fica".

Contudo, a "novela", como definiu o jornal, terminou exatamente na noite em que saiu a matéria em *Luta Democrática*. Em uma "reunião secreta", como definiu o *Jornal dos Sports*, no Hotel Novo Mundo, o presidente do Corinthians, Vicente Matheus (que se tornaria célebre por suas gafes), e o presidente do Vasco, Allah Batista, se reuniram para negociar e, depois de muitas barganhas entre os dois clubes, conseguiram chegar a um acordo e anunciaram, na sede do Vasco, no edifício Cineac, a maior transação financeira até então realizada no Brasil por um jogador de futebol: oito milhões de cruzeiros por Almir, o Pernambuquinho.

Pelo acordo, 6,5 milhões seriam pagos à vista para o Vasco e 1,5 milhão graças a arrecadação de dois jogos que seriam realizados entre as equipes. O primeiro, dia 5 de abril, seria um amistoso no Pacaembu para a apresentação do craque à torcida corinthiana; o segundo, no dia 16 do mesmo mês, também no Pacaembu, pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, e Almir receberia 3,5 milhões de cruzeiros de luvas e um salário de 80 mil mensais.

Para que o acordo pudesse se concretizar, dessa vez, ele abriu mão de receber 50% do preço da transferência, o que demonstrava sua vontade dever o negócio realmente efetivado. Em seguida, jornais, revistas e rádios de todo o Brasil passaram a noticiar a venda de Almir, como o *Diário de Pernambuco*, que destacou a "importância record" da transação, e que Almir receberia do Corinthians, além do dinheiro, um automóvel Volkswagen no valor de 600 mil cruzeiros.

Junto aos presidentes dos clubes e seus assessores, estava presente nas conversas o radialista Tom Barbosa, da *Rádio Pan-Americana* (depois *Jovem Pan*), de São Paulo, que foi quem avisou Almir do interesse do Corinthians em seu passe. Dia 27 de março, um domingo, mereceu foto na primeira página do *Jornal dos Sports* a assinatura de Almir no novo contrato, sentado e ladeado pelos presidentes do Corinthians, Vicente

Matheus, e do Vasco, Allah Batista. O jornal fez questão de notar, em sua legenda, que o presidente do Vasco sorria na hora da assinatura; Vicente Matheus, não.

Finalmente, o jogador sairia do Rio de Janeiro e do peso do caso Hélio. Pelo menos, é o que ele achava. No entanto, Almir logo aprenderia que, muitas vezes, as borrachas não conseguem apagar o que foi escrito na cabeça de torcedores de futebol, jornalistas esportivos, cronistas, radialistas.

Recepção calorosa

O Sport Club Corinthians Paulista não andava nada bem no Torneio Rio-São Paulo. Havia perdido para o Fluminense e o Flamengo, empatado com o Botafogo e sido derrotado, em amistosos anteriores, por times como Jaboticabal e Noroeste, ambos do interior paulista. Além disso, estavam entrando no sexto ano sem ganhar um título. O clube precisava mudar isso e viu em Almir o craque que poderia começar a dar essa volta por cima. Os dirigentes queriam transformar o Corinthians em um novo Santos, a grande potência do futebol na época. E, para isso, precisavam ter seu próprio Pelé.

Almir foi recebido como o salvador da pátria em São Paulo. O aeroporto de Congonhas estava lotado de torcedores corinthianos aguardando o jogador, que chegou com o presidente Vicente Matheus, agora sorrindo muito. "Prometi que conquistaria um grande *crack* para o Corinthians e ele aí está. Acredito que Almir solucionará um grande problema no ataque da nossa equipe, porque na realidade, ele possui qualidades para isso. E todos que já o viram jogar, podem confirmar minhas palavras", declarou o presidente do Corinthians, na chegada. Os torcedores da Fiel começaram a se referir a Almir como o Pelé Branco, e agitavam bandeiras, cantando em coro: "Almir, Almir". A torcedora símbolo do Corinthians, Elisa, também estava no aeroporto e deixou Almir emocionado. "Eu me senti como um rei: a Fiel estava em massa lá para me receber", confessou em seu livro de memórias.

Para o *Correio Paulistano*, no dia 27 de março, Vicente Matheus declarou: "Almir foi a última 'bomba' do Corinthians para a temporada deste ano. Não precisamos mesmo de outros jogadores. Na defesa contamos com ótimos craques. Faltava apenas mais um no ataque e Almir aí está para resolver o problema", aumentando ainda mais a responsabilidade de Almir como o verdadeiro salvador da pátria corinthiana.

O jornal *O Estado de São Paulo* (*Estadão*) fez uma análise sobre a chegada de Almir: "Contrataram Almir, reputado por alguns como o melhor jogador do Brasil, depois de Pelé, o que, pelo menos, não é muito exagero. Com o que vão pagar, demonstraram interesse pela situação do quadro de futebol. Verdade que há algumas desvantagens, aliás de somenos. Menos exagerado que considerar esse jogador um 'vice-Pelé' é dizê-lo o mais turbulento de todos. Dizem que no Rio deixou muitas saudades, principalmente nos jogadores de outros clubes: uma em cada cicatriz".

Já a *Folha de São Paulo* informou que Almir quase "deu bolo" nos torcedores que foram até o Parque São Jorge para vê-lo treinar pela primeira vez. Participou de apenas dez minutos do coletivo e, apesar do pouco tempo, o diário paulistano escreveu: "De qualquer maneira, nesse curto espaço de tempo, o impetuoso 'ponta-de-lança' realizou algumas jogadas de boa feitura técnica, embora evidenciasse uma natural falta de entrosagem com seus novos companheiros. Outro aspecto positivo desse seu 'batismo' entre os corintianos foi a forma física razoável que demonstrou. Enfim, para um elemento que não tem tido uma atividade regular há mais de um mês, Almir deixou impressão satisfatória nesse primeiro ensaio no seu novo clube".

E uma impressão mais do que satisfatória a torcida corinthiana teve no primeiro jogo de Almir pelo novo time. No amistoso contra o Vasco, no Pacaembu, realizado exatamente para pagar parte do valor do seu passe, ele fez seu primeiro gol logo aos 6 minutos de jogo. E um golaço, recebendo em profundidade, dominando a bola e fuzilando. Os corinthianos ficaram tão encantados com Almir que ele monopolizou todas as atenções na partida. Chamaríamos hoje de "lei do ex", o fato de o jogador ter balançado as redes contra seu antigo clube. Muito

aplaudido, ele saiu de campo visivelmente cansado, ao final do primeiro tempo, sendo substituído por Luizinho.

Mas a torcida estava plenamente satisfeita com seu novo jogador e o resultado foi 3 a 0, com mais dois gols no segundo tempo. "Almir abriu caminho para a vitória do Corintians", foi o título estampado por de *O Estadão* no dia seguinte. "Almir estreou, marcou e o Corintians venceu", escreveu a *Folha*. "Surge Almir como atração de Corintians x Vasco" do jornal *O Esporte* (extinto). Vale ressaltar que os jornais grafavam, à época, o nome do time sem a letra H.

Almir, sem dúvida, estreava muito bem em São Paulo e estava na boca (bastante sorridente) do torcedor corinthiano. Ninguém conseguiria imaginar, àquela altura, o que estava por vir.

O primeiro jogo oficial pelo Corinthians aconteceu no dia 10 de abril, quando o time enfrentou o São Paulo pelo Torneio Rio-São Paulo. A partida, considerada fraca do ponto de vista técnico, terminou num empate sem gols, e Almir foi substituído no segundo tempo por Zague, após ter sofrido uma distensão muscular e não estar em plenas condições físicas. Contudo, antes de sair, quase fez um gol — a bola foi desviada em cima da linha pelo zagueiro são-paulino.

Contra o Palmeiras, Almir não entrou em campo porque estava sem condições físicas (o Corinthians ganhou por 1 a 0); contra o Vasco, também não jogou, apesar das expectativas — era o segundo jogo cuja renda fazia parte do pagamento de seu passe. Essa partida, válida pelo Torneio Rio-São Paulo, disputada no Pacaembu, foi muito equilibrada e terminou empatada em 1 a 1 — o mais criticado em campo acabou sendo o juiz Alberto Malcher, que fez uma péssima arbitragem.

Em sua edição de 30 de abril, a *Revista do Esporte* escreveu o seguinte sobre a estreia de Almir no Corinthians. "Mudou a camisa, mas não mudou o craque", foi o título da matéria com fotos de Almir conversando com ex-colegas como Bellini, Pinga e Orlando. "Prova da grande simpatia que desfruta em São Paulo é que o ex-craque vascaíno já ganhou da torcida 'mosqueteira' o apelido de 'Pelé Branco'. Almir mudou de camisa, mas não mudou de jogo. Mostrou que o seu bom

futebol continua o mesmo. Antes pediu a benção a Bellini, mas durante a disputa não respeitou nem o cartaz do padrinho...".

Pernambucano que vivia na calorenta cidade do Rio de Janeiro, Almir mudou-se para São Paulo e estranhou o clima mais frio e a famosa garoa da cidade. O jogador estava começando a achar difícil se adaptar, pois além da temperatura mais baixa, morava em um hotel, e estava se sentindo sozinho na capital paulista. Ele tinha aprendido a beber em suas noitadas no Rio, mas ainda o fazia de maneira moderada. Morando em São Paulo, começou a beber mais por causa da solidão que sentia, distante de seus amigos, e do frio. "A solução então era ir para a rua, tomar um aperitivo, do aperitivo se passa para o uísque, do uísque para o 'fogo paulista' (um licor de ervas e mel), uma bebida que eles têm lá", explicou em suas memórias.

Anos após a morte de Almir, Vicente Matheus, em uma entrevista para a revista *Placar*, edição de maio de 1996, quando perguntado se já havia punido algum jogador indisciplinado, ele respondeu: "Teve o caso do Almir Pernambuquinho. No começo, ele jogou mais ou menos bem. Depois, o pessoal da oposição levou ele para as boates. Ele se sentia cansado e se escondia em campo. Ia para a ponta esquerda, como se dizia na época. Foi uma decisão difícil. O Almir era o Pelé Branco", declarou, dando a entender que seus opositores no Corinthians (leia-se Wadih Helú), sabendo que Almir gostava da noite, procurou incentivá-lo cada vez mais a uma vida boêmia para prejudicar seu futebol. Nessa mesma entrevista, ele afirmou que pagou do próprio bolso a contratação do jogador.

Essa solidão só foi amenizada quando sua mãe, dona Dedé, foi a São Paulo para ajudá-lo na compra de dois apartamentos que adquiriu com os 3,5 milhões de cruzeiros que recebeu como luvas na transferência para o Corinthians. Um dos apartamentos, o maior, era decorado e foi onde ele passou a morar; ficava localizado na rua Martins Fontes, na Consolação, uma extensão da badalada rua Augusta , algo que depois viraria notinha de fofoca na coluna "Candinha no Esporte", da *Revista do Esporte*: "Vocês precisavam conhecer o apartamento do Almir, em São Paulo. Fica na rua Martins Fontes e é um amor de luxo e conforto!

(Eu estive lá...)". Mas dona Dedé não ficou muito mais tempo; após conhecer os imóveis e cuidar da papelada para o filho, que tinha apenas 22 anos na época, ela voltou para Recife.

Novamente esteve na capa da *Revista do Esporte*, edição de 9 de abril, mas dessa vez acompanhado por Garrincha, com as chamadas: "Almir analisa Garrincha" e "Garrincha opina sobre Almir". Na matéria, o craque de pernas tortas dizia que admirava a coragem de Almir ao lutar pela bola e que não o achava desleal. Afirmou que gostaria que o Botafogo comprasse seu passe, e contou que o tinha convidado para comer uma feijoada na sua casa, em Pau Grande (sua cidade natal).

Almir, por sua vez, dizia ser um dos maiores admiradores de Garrincha, explicando que o que mais apreciava eram seus dribles desconcertantes. Também se disse impressionado com a calma do craque em campo — "leva tanto pontapé e aceita tudo com desportividade"; afirmou ainda que jogadores como ele não deveriam acabar nunca porque "Garrincha é arte, é espetáculo, é futebol".

Novas convocações

Ao mesmo tempo, a Seleção Brasileira estava para ser convocada novamente para fazer uma série de amistosos internacionais com o objetivo de se preparar para a Copa Roca (competição criada pela Argentina tendo apenas dois jogos entre Brasil e a anfitriã) e a imprensa especulava se Almir seria convocado, uma vez que suas condições físicas eram ruins. Examinado pelo médico da seleção, dr. Hilton Gosling, ele embarcou com a delegação para uma longa e cansativa viagem ao Egito, a primeira parada. Os jogadores aproveitaram para conhecer as pirâmides, a esfinge e para vencer a seleção egípcia três vezes seguidas, duas vezes no Cairo e uma em Alexandria. Almir entrou no terceiro jogo, substituindo Pelé, e a partida terminou em 3 a 0 para o Brasil, debaixo de um calor de 45 graus.

Depois, voaram para a fria Suécia e golearam o time de Malmö por 7 a 1. No dia seguinte, embarcaram para Copenhagen e ganharam da Dinamarca por 4 a 3. Almir só foi escalado novamente para jogar em

Milão, Itália, no lugar de Pepe, contra a Internazionale, no estádio de San Siro, onde o Brasil empatou em 2 a 2. Tendo jogado mal no Egito, Almir foi considerado um jogador bem mais participativo na Itália.

No último amistoso da excursão, em Portugal, o Brasil jogou contra o Sporting, em Lisboa, e Almir entrou no lugar de Quarentinha. Fez um dos quatro gols da seleção que goleou o time português por 4 a 0. "Marcou um belo *goal* e concorreu de maneira decisiva para ajudar os companheiros a envolver a retaguarda adversária. Mesmo quando Lúcio (zagueiro do Sporting) estava em campo, jogando virilmente, Almir não fugiu da área e isso deixou Pelé às voltas com homens mais leves, com visível proveito para a equipe inteira", resumiu o *Jornal dos Sports*.

Encerrada a excursão, embarcaram para casa. Dessa vez, o destino final de Almir era a terra da garoa.

Mas logo teve que se reapresentar, dessa vez em São Paulo, por causa da convocação para a Copa Roca. Dia 21 de maio se apresentou na Federação Paulista de Futebol junto com seus companheiros; os treinos estavam marcados para os dias 22 e 23, com o embarque para Buenos Aires previsto para o dia 24, pela Panair. O técnico ainda era Vicente Feola.

Naquele mesmo dia 21 de maio, foi para as ruas a nova edição da *Revista do Esporte*, que, trazendo Almir na capa, afirmava: "Agora posso dizer por que saí do Vasco". Em três páginas, com muitas fotos do jogador em poses diversas, incluindo uma ao lado do goleiro Gilmar, onde se lia a seguinte legenda: "Companheiros de seleção, Almir e Gilmar são bons amigos no clube do Parque São Jorge". Doce ilusão para os leitores, como veremos mais à frente.

Na entrevista, Almir explicava que saiu do Vasco por desejar uma melhora financeira, que lhe garantiria um futuro mais tranquilo, uma vez que a vida de um jogador de futebol era sujeita aos "caprichos de uma carreira de espinhos". Pedia que ninguém duvidasse de sua honestidade e disse não ter ressentimentos de ninguém. "O que me interessa agora é corresponder a confiança que os corintianos depositam em mim", declarava, encerrando a matéria.

A Copa Roca era realizada com apenas dois jogos e quem ganhasse na soma geral de gols era declarado campeão. No primeiro jogo, Almir foi titular e a "seleção de ouro", como era chamada, perdeu dos argentinos por 4 a 2, com Pernambuquinho desperdiçando boas chances de gol. Foram muito criticados pela imprensa em geral e Nelson Rodrigues, em sua coluna no *JS*, chegou a colocar como título "Apoteose da Burrice".

A segunda partida, sempre no Monumental de Nuñez, arrecadou o dobro de bilheteria em relação à primeira porque os argentinos queriam ver sua seleção massacrar os brasileiros. Porém, o que aconteceu foi uma reação do nosso *scratch*, vencendo por 4 a 1 e, portanto, ganhando a Copa, pois no agregado o placar era 6 a 5 para a equipe brasileira. Almir não entrou em campo e os argentinos foram elogiados por terem perdido e se comportado sem violência, sem apelação. No dia seguinte, pouco depois do almoço, o time desembarcava no aeroporto de Congonhas, de novo na terra da garoa.

E terra do Corinthians e de seus jogadores que, Almir começava a perceber, estavam enciumados com o salário e o tratamento que era dispensado a ele no clube. Pernambuquinho tinha o ordenado mais alto do Corinthians. Sentia um certo isolamento por causa disso, assim como notava a circulação de fofocas e constrangimentos. Em suas memórias, chegou a citar o goleiro Gilmar como o mais "despeitado" entre os jogadores do plantel. Dentro de campo, as coisas igualmente não fluíam bem com seus companheiros — somados os períodos em que serviu a Seleção Brasileira e os jogos dos quais não participou, Almir passou 16 partidas sem marcar um único gol pelo Corinthians. A insatisfação com a performance de Almir começava a se manifestar de maneira velada no clube.

Ele só foi fazer gol novamente no dia 19 de junho, quando o Corinthians venceu o time do Noroeste, por 2 a 1, no Parque São Jorge, pelo Campeonato Paulista. O curioso é que passados dois meses e meio do primeiro gol feito pelo Corinthians, esse segundo tento, tal qual o primeiro, também se deu aos 6 minutos de jogo. Depois, passou em branco na derrota do Corinthians para o Taubaté por 2 a 1, mas fez um

gol logo em seguida, num amistoso contra o Lucélia, na vitória por 2 a 0, bem como mais um contra o Tupã, na vitória por 4 a 1.

E uma nova convocação para seleção para a disputa da Taça do Atlântico (competição organizada por Argentina, Brasil e Uruguai que teve apenas três edições: 1956, 1960 e 1976) tirou mais uma vez Almir do Corinthians. No dia 1º de julho, a delegação voou até Assunção, no Paraguai, para fazer seu primeiro jogo.

"Almir deu ritmo ao ataque e abriu caminho da vitória", foi o título do *Jornal dos Sports*, na vitória do Brasil sobre o Paraguai por 2 a 1, de virada, pois no final do primeiro tempo o placar marcava 1 a 0 para os "guaranis". Almir entrou no segundo tempo, no lugar de Valdo, e fez o gol de empate. E mais: "era impossível deixar de registrar a vitalidade que Almir dera à equipe, fazendo aquele seu jogo rápido, desconcertante e corajoso que o põe sempre em evidência, nos lances cruciais da área, naqueles que, sendo disputados a ferro e fogo, têm pressupostos de êxito a coragem e a decisão. Almir é realmente um jogador corajoso e tem qualidades e velocidade que podem pesar no destino de uma partida", escreveu o diário esportivo.

Adversário pede para Almir ficar de fora

Apesar do bom desempenho de Almir no primeiro jogo, Feola não o escalou para o segundo confronto, contra o Uruguai, em Montevideo. E o motivo foi simples e inusitado. Os uruguaios pediram que o Brasil não escalasse Almir e, em troca, não escalariam o zagueiro William Martinez — porque achavam que isso evitaria as cenas de pancadaria que ocorreram no Campeonato Sul-Americano. Trato feito e mantido, os dois não participaram do confronto e o Brasil perdeu por 1 a 0, mesmo jogando bem, o goleiro Maldana fez defesas excepcionais; o gol dos uruguaios foi resultado de uma falha de Gilmar.

De lá, embarcaram para o Rio. Mais exatamente para o Maracanã, quando a seleção de ouro enfrentou os argentinos e goleou por 5 a 1. Almir não foi escalado novamente e houve uma rápida confusão no fim da partida. Dessa vez os argentinos não foram tão "fidalgos" ao

perder dos brasileiros por quatro gols de diferença. Ao final da competição, com o resultado dos outros jogos, o Brasil conquistou a Taça do Atlântico de 1960.

Almir voltou para seu apartamento decorado na rua Martins Fontes e o frio estava ainda pior na Paulicéia porque era o mês de julho, no meio do inverno. Retornou ao Corinthians numa derrota por 3 a 0 para a Portuguesa de Desportos, pelo Campeonato Paulista, em pleno Parque São Jorge. Três dias depois, o Corinthians ganhou da Ferroviária por 1 a 0, mas não convenceu seus torcedores, que reclamavam do time.

Em sua página de esportes, o jornal *Folha de São Paulo* fez um significativo registro sobre o jogo: "Uma vez mais os corintianos mostraram que não encontraram ainda um padrão de jogo definido, mormente em sua ofensiva, na qual apenas um jogador — a rigor — atuou com sentido de equipe: Almir. O famoso avante, porém, não encontrou companheiros que o apoiassem ou que finalizassem nos esplêndidos lançamentos que efetuou. E acabou perdendo-se em jogadas individuais", escreveu o diário, validando as impressões de Almir sobre seus companheiros no Corinthians.

E ele se machucou no jogo seguinte, na vitória por 3 a 2 sobre o Juventus. Sentiu uma distensão muscular e foi substituído aos 30 minutos do segundo tempo. Porém, voltou na partida posterior para jogar contra seu amigo Pelé, num empate em 1 a 1 contra o Santos. No dia 3 de agosto, Almir foi agredido pelas costas na vitória do Jabaquara, 3 a 2, sobre o Corinthians, numa partida nervosa. Encerrado o jogo, Almir estava indo para os vestiários e o atacante Célio, do Jabaquara, desferiu um chute em suas costas, que, de imediato, reagiu com um soco. O gramado foi então invadido por torcedores corintianos que começaram a caçar Célio, que havia fugido pelo campo e depois buscado proteção da polícia. Alguns torcedores das arquibancadas também tentaram invadir, mas foram contidos pela polícia militar.

Perderam mais dois jogos, para Guarani e Portuguesa Santista. Nessa segunda partida, Almir teve de sair aos 2 minutos de jogo por causa de

uma distensão muscular, que o impediu de participar das vitórias contra Palmeiras, América, da cidade de São José do Rio Preto, e Ponte Preta.

Ao mesmo tempo, o Corinthians passava por turbulências políticas e administrativas, como escreveu a *Folha de São Paulo* na edição do dia 18 de agosto. Com o título "Novamente em ebulição o 'caldeirão' corintiano", o jornal descrevia como confusa a situação nas "altas esferas" corintianas. Brigas políticas entre Vicente Matheus e seus diretores, demissões e convocação de assembleia geral extraordinária demonstravam que o clube passava por problemas, mas que isso não se refletia em campo, pois o Corinthians seguia bem no Campeonato Paulista, apesar de uma derrota ou outra.

Quem não estava bem era Almir, que não jogava em virtude de sua distensão muscular. Ficou fora dos jogos entre os dias 14 de agosto, contra a Portuguesa, e 1º de outubro, quando voltou para enfrentar o Jabaquara. O Corinthians goleou o adversário por 5 a 1 e Almir entrou aos 40 minutos do primeiro tempo no lugar de Guimarães para ganhar ritmo de jogo. O mesmo aconteceu no jogo posterior, quando o Corinthians empatou em 1 a 1 com o XV de Piracicaba.

No dia 9 de outubro, o São Paulo disputou um segundo jogo para celebrar a inauguração de seu novo estádio, o Morumbi. No domingo anterior a equipe havia vencido o Sporting, de Portugal, 1 a 0, com muita festa. Nesse segundo jogo comemorativo, contra o Nacional, do Uruguai, a direção do tricolor paulista convidou alguns jogadores de destaque de outros times paulistas — Almir foi o convidado do Corinthians; Djalma Santos e Julinho Botelho, os do Palmeiras; do Santos, o convidado era Pelé que, lesionado, não pôde comparecer. Os donos da (nova) casa, lotada, venceram os uruguaios por 3 a 0.

Almir só voltou a entrar como titular no Corinthians contra o América, de São José do Rio Preto, vitória por 2 a 1, e, depois, contra a Portuguesa de Desportos, quando foi substituído porque estava prendendo demais a bola, segundo o treinador argentino Jim Lopes; o Corinthians venceu por 3 a 1. O time passava a ser o líder do Paulistão e Vicente Matheus prometia um bicho de 5 mil cruzeiros por partida para cada

jogador se o Corinthians fosse campeão aquele ano. No jogo seguinte, contra o Taubaté, vitória por 1 a 0, Almir foi substituído novamente.

Vinte jogos depois de ter feito seu último gol pelo Corinthians, ocorrido no dia 29 de junho, Almir voltou a marcar. Vitória por 3 a 0 sobre o Botafogo, de Ribeirão Preto, no dia 22 de outubro, com Almir atuando o jogo todo entre os titulares.

"Almir desencantou: vitória do Corintians por 3 a 0", escreveu a *Folha de São Paulo*, no dia seguinte. "Pode-se dizer que o triunfo corintiano pertenceu quase todo ao avante Almir, muito embora tal afirmação não implique no desconhecimento da atuação valorosa de alguns outros jogadores alvinegros. Aconteceu, simplesmente, uma atuação à altura das reais possibilidades daquele discutido avante. E Almir jogando o que realmente sabe e pode, identificou-se finalmente com os anseios da torcida corintiana, ganhando os aplausos que lhe vinham sendo sonegados desde a estreia e que ele, verdadeiramente, até ontem não fizera por merecer", julgou o diário.

Já o *Correio Paulistano* escreveu: "um excepcional desempenho individual de Almir que esteve ontem em magnífica jornada. Foi inclusive autor de espetacular tento, numa jogada totalmente individual, tendo carregado a bola pela direita desde seu próprio campo, levando vários defensores na sua arrancada e finalizando quase sem ângulo para mandar o balão às redes".

O que ninguém sabia é que aquele seria seu quinto e último gol pelo Corinthians.

Cara metade

Quem tem sorte no jogo é infeliz no amor, diz o ditado. E vice-versa.

Nessa época, Almir não andava em uma boa fase no Corinthians, com suas lesões e falta de gols. Sua passagem pelo Timão (apelido do time apenas a partir de 1966 por causa de um trecho do samba *Frevo do bi*, de Jackson do Pandeiro, empregado pelo jornal *Gazeta Esportiva* sobre o timaço corintiano na época) não estava sendo das melhores. Sem sorte no jogo, Almir estava sendo feliz no amor, como veremos.

Uma das pessoas com quem Almir tinha amizade no clube era o representante do Corinthians no Rio de Janeiro, Jamil Helú, irmão de Wadih Helú, dirigente do time paulista e futuro sucessor de Vicente Matheus. Um dia, eles combinaram de sair juntos com a namorada de Jamil, que convidou uma grande amiga para lhes fazer companhia. Foram a um dos restaurantes mais sofisticados da época, Cleópatra, na avenida Paulista, onde hoje é o edifício Scarpa. Um restaurante caro que tinha como lema ser um lugar para a "elite paulistana".

Além de degustarem os pratos servidos, conversaram muito. Principalmente, Almir e a estudante Maria de Lourdes, de 22 anos, que encantou o jogador desde o momento em que se conheceram. Papearam tanto que até descobriram que Bellini tinha sido barbeiro do pai de Maria de Lourdes, Huascar Nabuco de Abreu, quando este foi promotor de justiça em Itapira, interior de São Paulo, cidade do padrinho de Almir. Começaram a se encontrar regularmente e a namorar, apesar de haver, ainda na época, um certo preconceito das famílias em relação aos jogadores de futebol.

Apaixonado por Maria de Lourdes, mas não pelo Sport Club Corinthians Paulista, Almir, depois de marcar contra o Botafogo, passou outros 12 jogos sem anotar nenhum gol. "Almir poderá deixar o Corintians", foi o título da matéria publicada no dia 13 de dezembro de 1960 pela *Folha de São Paulo*. O jornal afirmava que a direção do time estava descontente com o jogador por achar que ele não estava dando importância a seus deveres profissionais, motivo pelo qual a própria direção do clube tinha vetado sua participação no jogo realizado dois dias antes contra a Ponte Preta, o último jogo pelo Campeonato Paulista. O Santos foi o campeão paulista daquele ano. Além disso, multou o jogador em 60% dos seus vencimentos por ter se apresentado em condições físicas não satisfatórias. Seu passe seria, provavelmente, colocado à venda, informava o jornal.

Almir não aceitou a punição e, no dia seguinte, foi falar diretamente com Vicente Matheus em seu escritório. Não o encontrou, mas conversou com o *Jornal dos Sports*, que o acompanhava. "Se o Corintians está insatisfeito com a minha produção, pode mandar-me embora. Abro mão de tudo que ainda tiver para receber e vou tratar da minha vida.

Não aceito, porém, a multa por deficiência técnica. Nem de 60% nem de um cruzeiro apenas. Acho a multa injusta e não concordo com ela de forma alguma", declarou, aborrecido, ao jornal.

O presidente do Corinthians não estava em seu escritório e falou posteriormente com o *Jornal dos Sports*, desmentindo, em parte, as afirmações da *Folha*. "Não pretendemos vender o passe de Almir. De acordo com a proposta do Departamento de *Football*, o jogador foi multado em 60% dos seus vencimentos, tendo em vista a sua má atuação em diversas oportunidades, mas na realidade trata-se de um grande jogador e o Corintians precisa de grandes jogadores, logo não pensamos em dispensar o seu concurso", afirmou.

No entanto, quem queria ser dispensado era Almir.

Diante desse quadro, ele tentou voltar ao Vasco da Gama por empréstimo, já que o clube não teria condições financeiras para comprá-lo de volta, mas as negociações não foram adiante. Uma nova novela sobre a transferência de Almir Pernambuquinho parecia começar outra vez, tanto que Santos e Palmeiras desmentiram ter interesse por ele. Almir, então, resolveu rescindir seu contrato com o Corinthians.

"Não podia carregar todo o Corintians nas costas", foi título de primeira página do *Jornal dos Sports* no dia 12 de janeiro de 1961, com direito a uma caricatura de Almir com o semblante raivoso e a legenda: "Almir disse ontem ao *Jornal dos Sports* que estava cansado de carregar o *team* do Corinthians nas costas. Almir é visto aí num feliz traço de Fritz Granado".

"Não podia mais permanecer naquele ambiente, nunca mais assinarei contrato com um clube para ser o salvador da pátria", declarou. "Era muito galho por cima de mim. Ninguém ia com a minha cara e ninguém compreendia o meu jogo. Sou um *crack*, mas não uma máquina", completou ao jornal. Com o contrato rescindido, Almir foi, de terno e gravata, se despedir de seus companheiros de Corinthians. Vicente Matheus afirmou à imprensa que ainda não sabia o valor de venda de seu passe. Poderia ser 12 milhões de cruzeiros para um time brasileiro ou 25 para um estrangeiro.

O Santos desmentiu de novo que estava interessado em Almir, mas agora por causa do preço pedido. O Corinthians fixou mesmo em 12 milhões de cruzeiros o passe do jogador, e o presidente do Peixe, Athiê Jorge Cury, achou caro demais, chegando a declarar: "Tenham paciência, Vila Belmiro não é o Banco do Brasil".

São Paulo e Palmeiras mostraram-se interessados, porém com ofertas menores para a compra de Almir, que escreveu uma carta ao presidente Vicente Matheus. Nessa carta, formal e educada, ele manifestava não desejar, "em hipótese alguma", ser transferido para o exterior, e pedia empenho para que facilitassem sua ida ao São Paulo, ou ao Palmeiras. Vicente Matheus, dizendo-se cansado da situação, respondeu à imprensa que aguardaria os acontecimentos. Oswaldo Brandão, técnico do Palmeiras, manifestou sua opinião sobre Pernambuquinho. "Almir é um jogador excepcional e na seleção brasileira ele deverá estar para se revezar com Coutinho, pois somente Pelé o supera", afirmando que gostaria de tê-lo sob seu comando.

O Palmeiras igualou a oferta do São Paulo, que era um pouco mais alta, mas Almir queria o Vasco, ainda que em condições financeiras menos favoráveis para ele. No entanto, o Gigante da Colina não se manifestava. E na contramão de tudo isso, Vicente Matheus, aborrecido com o caso, resolveu aumentar o preço do passe de Almir para 20 milhões de cruzeiros; porém, em seguida, baixou-o para 15, e o Flamengo também se mostrou interessado.

O Santos não tinha os valores necessários e o presidente resolveu pedir a colaboração de seus torcedores. Abriu uma lista para quem quisesse doar dinheiro especificamente para a compra de Almir, como atesta a matéria do *Jornal do Commercio*, do Rio, de 28 de janeiro de 1961: "O Santos com Almir ficará com a maior ofensiva do mundo, motivo porque julgo imprescindível sua contratação. No entanto, o preço pretendido pelo Corinthians é proibitivo, pois não temos 15 milhões de cruzeiros para dispor assim na compra do passe de um jogador, embora não negue que ele valha", declarou Athiê Cury.

Cansado de esperar por uma solução, Almir foi para o Rio de Janeiro ajudar seu irmão Chumbinho, que estava sendo pretendido por dois times cariocas: Flamengo e Botafogo. Ficou no apartamento de Bellini, que viajava, e foi à praia durante alguns dias para descansar. Depois, foi a Recife para ver a família e passar os festejos de carnaval. Perguntado, na capital pernambucana, sobre sua transferência, respondeu que nenhum time carioca tinha condições de contratá-lo, que não gostaria de sair do país porque achava que poderia servir à seleção e, diplomaticamente, elogiou muito o Corinthians e sua torcida.

Porém, de repente, vieram da Argentina sinais de que os portenhos estavam interessados em Almir. O River Plate ofereceu 18 milhões por seu passe e, segundo Vicente Matheus, o Milan, da Itália, também o havia procurado com interesse pelo craque. Nesse mesmo dia, Almir reafirmou à imprensa que gostaria de permanecer no Brasil.

Palmeiras, Santos, São Paulo, Flamengo, Fiorentina, River Plate

As semanas de beco sem saída iam passando e em março, Almir, dizendo que estava cansado de ser notícia de jornal sem estar jogando, anunciou que o impasse tinha de ser resolvido senão ele abandonaria o futebol. O Palmeiras fez nova tentativa junto a Vicente Matheus e chegou-se até a noticiar a contratação, mas o presidente do Corinthians mostrou-se irredutível dizendo que só liberaria Almir por 12 milhões (um valor menor do que os 15 anteriormente anunciados). O Palmeiras assegurou, então, que desistia de comprar o passe de Pernambuquinho.

Finalmente, no dia 16 de março, todos os jornais anunciaram que Almir havia sido vendido à Fiorentina, da Itália, por 12 milhões de cruzeiros. Sua data de embarque para a Bota já estava até marcada, 21 de abril, e ele levaria seu irmão Chumbinho para lhe fazer companhia na Europa. Seis dias depois, o dinheiro que deveria ter chegado da Fiorentina para a compra do passe, ainda não chegara. Vicente Matheus se dizia tranquilo porque a transação havia sido feita por escrito; porém, nada, de fato, aconteceu. Nova decepção para Pernambuquinho.

Como se não bastasse essas idas e vindas frustrantes em relação ao seu futuro no futebol, fofocas eram publicadas pela imprensa, como a da página "Candinha no Esporte", da *Revista do Esporte*, em sua edição de 25 de março: "A vedete Marly Marley (cantora da época de ouro do rádio, casada com o humorista Ary Toledo durante 40 anos) adora jogadores de futebol. Ela telefonava sempre para o Almir, mas agora que o Pernambuquinho deixou o Corintians, ela se passou para o Palmeiras. Eu a vi num dos principais restaurantes da Paulicéia com dois 'cobras' palmeirenses (um é até casado)".

Nesse meio tempo, foram realizadas eleições no Corinthians e a oposição venceu. Saiu Vicente Matheus e entrou Wadih Helú (irmão de Jamil Helú, que havia apresentado Maria de Lourdes a Almir), que anunciou a possibilidade de Almir permanecer no Corinthians, algo que não agradou ao jogador nem um pouco.

No dia 2 de abril, o bem informado colunista Luiz Bayer, do *Jornal dos Sports*, escreveu que o Boca Juniors estava interessado em Almir. "Às últimas horas de ontem fomos seguramente informados de que o treinador Vicente Feola viajou subitamente para São Paulo com poderes para tentar resolver a contratação do atacante Almir, pertencente ao Corinthians. O presidente do Boca Juniors que se encontra hospedado no Hotel Novo Mundo confirma interesse do seu clube pelo irrequieto jogador". Vicente Feola, na época, era treinador do Boca.

E, de fato, dois dias depois, todos os jornais e rádios, agora para valer, anunciavam a venda de Almir para o Boca Juniors, por 15 milhões de cruzeiros: 13 milhões à vista e dois milhões com a realização de um amistoso entre as duas equipes, em Buenos Aires. Ele seguiria já no dia seguinte para La Bombonera, acompanhado de Feola, para fazer exames médicos. Com a assinatura do contrato, Almir recebeu dez milhões na transação, além de três milhões que ganharia ao longo de dois anos. A segunda "novela" sobre transferência de Almir Pernambuquinho chegava ao fim.

Enquanto isso, na Itália, o jornal *Corriere della Sera*, em sua edição de 15 de abril, publicava, equivocadamente, em seu caderno de esportes,

uma matéria com o título: "Almir, il Pele Bianco, probabile acquisto del Milan", explicando: "ele é hoje, depois de Pelé, o jogador sul-americano que tem a maior preferência dos grandes clubes italianos em sua procura ávida por astros estrangeiros".

O *Correio Paulistano* resumiu em uma legenda de uma foto de Almir, ainda com a camisa do Corinthians, a situação do jogador nos últimos meses: "Almir resolveu com felicidade seu problema. Depois de muito 'chove-não-molha' acabou 'fazendo a mala'. Vai receber treze milhões de cruzeiros para atuar dois anos no Boca Juniors da Argentina. E servirá sob as ordens de Vicente Feola".

O *Diário de Notícias* revelou que Almir e Dino Sani (São Paulo), outro contratado pelos argentinos, já estavam inscritos pelo Boca Juniors na AFA (Asociación del Fútbol Argentino), o que atestava que as contratações eram dadas como certas. Isso levou o novo presidente da CND (Conselho Nacional de Desportos), Mendonça Falcão, que tomaria posse no dia seguinte, a declarar que criaria uma nova lei (o que efetivamente aconteceu) para evitar o êxodo dos craques brasileiros ao exterior até a Copa de 1962, no Chile, pois meio time do Boca passaria a ser composto por brasileiros, uma vez que Edson, Paulinho, Orlando e Maurinho pertenciam ao time. A nova lei foi um pedido a ele feito pelo presidente Jânio Quadros, preocupado com a fuga de talentos do futebol brasileiro. Almir havia votado em Jânio, como tinha declarado publicamente.

O namoro de seis meses com Maria de Lourdes andava bem e ele já tinha intenções de se casar, e os novos acontecimentos fizeram com que tudo se acelerasse: Almir queria chegar em Buenos Aires acompanhado por ela. Em duas semanas eles se casaram, graças a um amigo da família que trabalhava em cartório e cuidou da papelada com celeridade. Inclusive, a volta repentina dele para São Paulo foi tema de nota em jornais porque, como poucas pessoas sabiam do casamento, surgiram especulações sobre esse retorno repentino do craque. O Boca teria devolvido Almir por alguma razão que ainda não se conhecia, especulavam.

Desfeita a confusão, com todos sabendo sobre o enlace matrimonial, a cerimônia foi realizada dia 22 de abril, no Santuário Coração de Jesus, paróquia de Campos Elíseos, e foi notícia em todos os jornais, ao lado, coincidentemente, da notícia do casamento do campeão de boxe Éder Jofre, que se casou horas antes na mesma igreja.

E Bellini foi padrinho de Almir novamente. Por uma incrível coincidência, ele estava em São Paulo, pois o Vasco jogava contra o Palmeiras, pelo Torneio Rio-São Paulo, e foi chamado por Almir, de repente, no hotel em que a delegação vascaína estava, para ser seu padrinho de casamento. A razão desse pedido repentino fora o fato de o futuro sogro de Almir, Huascar de Abreu, hospitalizado havia tempos, ter falecido exatamente naquele sábado, o que fez com que o então padrinho se ausentasse para cuidar do funeral. Por isso, Almir recorrera ao amigo. Mesmo pego de surpresa, Bellini aceitou ser novamente padrinho de Almir.

Em relação a coincidências entre os dois amigos, ocorreria uma outra, décadas depois. Uma das netas de Almir, Daniela, filha do seu filho Alvaro (era criança quando o jogador faleceu), estudou no colégio Sion, em São Paulo, tendo como uma de suas professoras Giselda Bellini, esposa do zagueiro.

E bem diferente do que havia declarado à *Revista do Esporte*, em seu "Raio X", no final de agosto de 1959, quando disse que não pretendia se casar tão cedo, um ano e oito meses depois, aos 23 anos de idade (faria 24 somente em outubro), Almir tornava-se um "homem sério", como se dizia na época.

E a mesma *Revista do Esporte* publicou, em sua edição de 29 de abril, uma matéria levantando dúvidas sobre a verdadeira missão de Vicente Feola como técnico do Boca Juniors. A publicação achava estranho que ele seguisse levando craques do Brasil como se quisesse atrapalhar a seleção brasileira — além de Almir, contratou para jogar em La Bombonera craques como Dino Sani, do São Paulo, Orlando, do Vasco, Maurinho, do Fluminense, todos selecionáveis. "Mas ao que tudo indica, Vicente Feola, que já foi o 'mocinho' e que agora está se transformando no 'vilão' do futebol brasileiro, não vai parar por aí.

Enquanto os cofres do insaciável Boca Juniors não estiverem raspados (e a Argentina considerar o Brasil ainda muito forte...), ele continuará desempenhando o papel de sedutor de craques. De preferência aqueles que podem fazer falta ao escrete brasileiro".

Feola respondeu as acusações quase um mês depois através da revista *O Cruzeiro*, em sua edição de 27 de maio: "Alguns futebolistas que saíram do Brasil são de grande valor. Como saíram para a Argentina poderiam ter ido para outro país. Saíram os que eram negociáveis. Não creio que isso prejudique o futebol brasileiro, pois o Brasil possui um vasto celeiro e lá ficaram inegociáveis grandes jogadores. A torcida argentina sempre admira e aplaude as boas jogadas e há verdadeiro carinho para com os jogadores brasileiros".

Polêmicas que pouco interessavam a Almir Pernambuquinho.

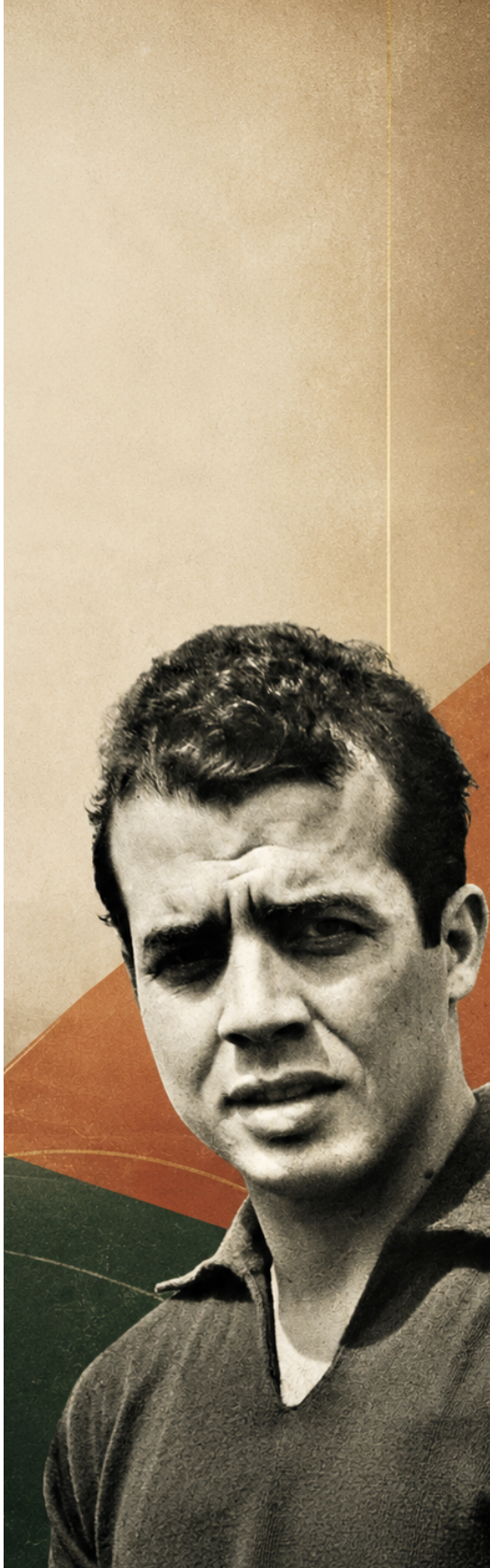
Capítulo Cinco

Não sou um temperamental

Maria de Lourdes e Almir aterrissaram em Buenos Aires em plena lua de mel. Foram para o hotel L'Escargot, onde ficaram durante três semanas; depois, mudaram-se para um prédio residencial pertencente ao presidente do Boca Juniors, Alberto Jacinto Armando, conhecido como Don Armando. O prédio ficava na Rivadávia 13, esquina da Plaza General Urquiza, perto de La Bombonera, e ali já moravam outras cinco famílias de jogadores brasileiros.

Buenos Aires era, e ainda é, conhecida como uma cidade bonita, europeizada, muito arborizada e com amplas avenidas. O futebol no país era dominado por cinco grandes times: Boca Juniors, River Plate, Racing, Independiente e San Lorenzo. Os torcedores argentinos sempre gostaram de jogadores raçudos, vigorosos, "peleadores", como costumam dizer. Almir chamara a atenção dos portenhos na grande briga contra os uruguaios, em 1959, no Campeonato Sul-Americano.

Don Armando foi o presidente mais longevo da história do Boca, ficando mais



de 20 anos no comando, além de ter sido o criador do Museu do Boca Juniors. O estádio La Bombonera, oficialmente, carrega, desde o ano 2000, seu nome. Presidente da Ford na Argentina, atuava em vários ramos de negócios. Era um homem rico e simpático. Uma semana depois da chegada de Maria de Lourdes e Almir, ele convidou todos os casais de jogadores brasileiros para uma confraternização no restaurante Coraggio, incluindo o técnico Feola. Ele tratava os jogadores brasileiros especialmente bem, pois sabia que eles atraíam a atenção para o futebol argentino, valorizando-o, além de aumentarem a renda dos jogos. Almir ficou impressionado com ele, mas essa admiração durou apenas um certo tempo.

Chamados de *los extranjeros* pela torcida argentina, logo a notoriedade dos jogadores brasileiros, com integrantes da seleção brasileira que disputou a Copa de 1958, além do técnico campeão, fez o prestígio do Boca Juniors aumentar muito na Europa, o que permitiu que o clube passasse a cobrar 20 mil dólares por partida amistosa jogada no Velho Mundo.

O fato é que em 1961, havia uma febre de contratações de estrangeiros num futebol argentino estagnado, e eles não gostavam de trocar jogadores de fora entre si — o River Plate e outros clubes também fizeram várias contratações. E não só de brasileiros (ainda que principalmente deles), mas também de uruguaios, que tinham sido em maior número no ano anterior, levando a revista *O Cruzeiro Internacional* (versão em espanhol para a América Latina) a indagar, em sua edição de 1º de setembro daquele ano: "*Hay crisis em el fútbol argentino?*"

Como na chegada em São Paulo pelo Corinthians, Almir foi recebido como ídolo no Aeroporto Internacional de Ezeiza, em Buenos Aires. O local estava lotado de torcedores do Boca que agitavam bandeiras do clube e gritavam o nome dele. Queriam ver seu novo ídolo de perto e Pernambuquinho, apelido que ali não tinha mais sentido, demorou muito tempo para conseguir sair. E ele adorava esse assédio da torcida.

Seis dias depois do casamento, no dia 28, ele já se apresentava ao novo clube para treinar. A revista esportiva *Goles*, em sua edição de 9

de maio, anunciou a novidade com o título: "Dino reaparece y debuta Almir". A revista se referia ao brasileiro Dino Sani, que havia ficado de fora durante alguns jogos, e à estreia do novo jogador. "Almir fará sua estreia e é a última aquisição do Boca, cuja apresentação se aguarda com grande expectativa". Ele era mais uma peça da *onda brasileña*, como a imprensa da argentina chamava a grande aquisição de jogadores do Brasil pelos times argentinos.

E ele não desapontou em sua estreia.

Primeiramente, a partida teve um minuto de silêncio para homenagear o sogro de Almir, Huascar de Abreu, falecido no dia do casamento do jogador, surpreendendo e fazendo Maria de Lourdes ficar muito emocionada com aquele tributo a seu pai. Era um amistoso contra o time do São Paulo, no dia 11 de maio de 1961, pela Taça da Amizade, e o Boca, com seu novo titular, foi a campo com Ayala, Rico, Heredian, Benitez, Rattin, Dino Sani, Nardiello, Almir, Paulinho, Grillo e Yudica.

Porém, os xeneizes (alusão, em genovês, à origem italiana dos moradores do bairro La Boca) não saíram do empate com o time paulista, 1 a 1, já com gol de Almir, em sua estreia, que era chamado pela imprensa de Almir Moraes, aos 42 minutos do primeiro tempo em La Bombonera. Era só um empate, mas era um resultado bem melhor do que a goleada sofrida por 5 a 1 para o mesmo São Paulo, em janeiro daquele ano.

Para valer

Na verdade, o Boca Juniors não tinha começado bem o campeonato, empatando com o Rosário Central, perdendo para o Racing e, pior ainda, sendo derrotado pelo fraquíssimo time de Los Andes (um distrito da Grande Buenos Aires), por 1 a 0, em La Bombonera. Uma verdadeira zebra portenha. Tanto que o jornal *La Union* deu como título, em letras garrafais: "*Gratísima Sorpresa. Los Andes superó a Boca por 1 gol a 0*". Porém, dessa vez, Almir chegava como ídolo e não salvador da pátria, como acontecera no Corinthians. Outros craques brasileiros, Dino Sani, Maurinho, Paulinho Valentim, Orlando Peçanha, também tinham que fazer o Boca vencer, não apenas Almir Moraes.

A primeira partida de Almir para valer foi contra o Independiente, pelo Campeonato Argentino. O Boca venceu por 2 a 0, com dois gols brasileiros: Maurinho, logo aos 10 minutos de jogo e Almir no finalzinho do primeiro tempo, nos acréscimos. *Los extranjeros* começavam a fazer diferença, principalmente Almir, que, além de fazer gol em suas duas primeiras partidas, demonstrava a garra de sempre, o que os torcedores do Boca gostavam de ver em seus jogadores. O jornal do próprio time, *Asi es Boca*, escreveu, após a vitória: "*Independiente caió sin Gloria. Maurinho y Almir: los dos bombones*".

A famosa revista esportiva *El Gráfico*, em sua edição de 17 de maio, colocou como título "*Gano bien. No jugo bien*", escrevendo sobre os dois jogos de Almir: "Este atraiu aplausos. Deu muitas demonstrações de boa posse de bola, mas é um jogador um tanto difícil de definir. Já o vimos durante 180 minutos seguidos, contra o São Paulo e o Independiente, e não poderíamos dizer ainda se é mais hábil que inteligente. Tampouco se é hábil ou se é inteligente. No momento, há quem diga o contrário". Uma avaliação um tanto difícil de se definir. Talvez para compensar, ao final da partida Almir ganhou da fabricante duas garrafas de Monte Cudine (um vermute) por ter feito o último gol do encontro.

E os brasileiros continuaram a colocar a bola para dentro no jogo seguinte, 3 a 0 sobre o Argentino Juniors, no estádio Don Leon Kolbowski, lotado com 37.329 pagantes, dois gols de Paulinho Valentim. Uma semana após as primeiras avaliações sobre Almir, a mesma revista já tinha uma visão mais aprofundada sobre o jogador, e escreveu o seguinte sobre sua performance no jogo: "É capaz de se posicionar longe de seu marcador nas laterais. Recebe, defende e sabe colocar bem o passe. É astuto na finta [drible] e aproveita seu efeito para manter a pelota. Propenso ao espetacular, mas ele gosta de esconder o que faz".

Três dias depois, o Boca fez um amistoso internacional com o time do Colo Colo, do Chile, em La Bombonera, e venceu por 1 a 0, dessa vez o gol foi marcado pelo argentino Nardiello, conhecido por Motoneta, por causa de sua velocidade. Almir foi substituído por Miguel Loayza no início do segundo tempo. "*Pudimos empatar con Boca*", foi o título da matéria publicada pelo jornal *La Nación*, do Chile, na edição de 26 de

maio. Em sua análise do jogo, os chilenos achavam que o Boca Juniors, um time cheio de estrelas internacionais, acreditava que poderia vencer facilmente o Colo Colo, mas, na realidade, não tinha sido bem assim, pois o time da casa havia jogado bem, dando trabalho aos argentinos, e, para eles, a partida poderia até ter terminado empatada.

Voltando ao campeonato argentino, o Boca enfrentou, e goleou por 4 a 0, o Ferro Carril Oeste, com três gols de Paulinho Valentim e um de Grillo. "*Boca era esperanza*; *ahora ya es realidad*", escreveu a Goles, que em uma das fotos da partida publicou a seguinte legenda: "Almir, jogando mais como meia do que ponta de lança, entrou poucas vezes na área, mas quando entrou foi com pólvora nos pés". A imprensa argentina avaliou que o Boca Juniors "tinha sobrado" em campo, dominando a partida. Porém, apesar da vitória, foram duros com Almir. "Não está no ritmo do Boca. Foge exageradamente para as áreas mais fáceis do campo. Mesmo quando jogadas são feitas pela direita, ele vai para a ponta esquerda. Não foi um jogador importante nesta partida. Pelo menos, desta vez não foi".

Goleada no antigo clube

Almir voltou a estufar as redes no maior clássico do futebol argentino, atraindo ainda mais as atenções da torcida. River Plate e Boca Juniors se enfrentaram num amistoso, no estádio Monumental de Nuñez, e empataram em 2 a 2, com gol de Almir, aos 32 minutos do primeiro tempo. Novamente, Almir foi substituído por Miguel Loayza aos 15 minutos do segundo tempo; Roberto, do River Plate, foi expulso aos 26 minutos da etapa final.

E aí o Corinthians foi a Buenos Aires fazer um amistoso contra o Boca Juniors, numa tarde fria de domingo em La Bombonera. Na última partida entre os dois, o Corinthians havia vencido o Boca por 4 a 3, em janeiro, pelo Torneio Octogonal de Verão de 1961, uma disputa realizada entre times brasileiros (Flamengo, Vasco da Gama, São Paulo e Corinthians), argentinos (Boca Juniors e River Plate) e uruguaios (Na-

cional e Cerro Portenho). Porém, Wadih Helú, presidente do alvinegro paulista, deve ter se arrependido de participar do amistoso.

O time brasileiro levou uma goleada, 5 a 0, do Boca, com dois gols de Almir, que fez o terceiro aos 33 minutos do primeiro tempo e o quinto, fechando a goleada, aos 40 minutos da etapa final. Dessa vez, Feola não o substituiu. Até hoje, livros sobre a história do Corinthians lembram que Almir, em toda sua passagem pelo clube, fez cinco gols. Só nesse jogo entre Boca e Corinthians, ele marcou dois contra o time paulista, quase a metade de tudo que havia feito no alvinegro. Novamente, acontecia aquilo que chamamos hoje de "lei do ex".

Em sua edição de 13 de junho, o *Jornal dos Sports* descreveu a goleada sobre o Corinthians, e afirmou: "Ao contrário do que sucedera no Corinthians, Almir tomou conta da meia ponta-de-lança do Boca Juniors e está agradando". Apesar do pouco tempo no clube, já surgiam rumores sobre uma transferência para a Itália. Perguntado sobre sua venda, Almir respondeu: "o presidente do Boca Juniors foi à Europa e, na volta, andou declarando que vendera meu passe por 19 milhões de pesos, acrescentando que a transferência deverá proceder-se em novembro deste ano, ou seja, após o término do campeonato argentino". E enfatizou, ao final: "A mim, ele não disse nada".

Rumores fundamentados, pois, em Buenos Aires, o treinador italiano Giuseppe Vianni estava observando jogadores — em especial Almir, que os europeus conheciam desde sua passagem pela Seleção Brasileira, segundo a revista *El Gráfico*, em sua edição de 14 de junho. Para a imprensa, o treinador, para despistar, dizia estar a passeio.

Almir caprichou ainda mais no jogo seguinte e fez três gols no amistoso contra a Liga Córdoba (uma seleção dos times da cidade), no estádio Belgrano. Fez o segundo, o sexto e o sétimo gols da vitória por 8 a 0 sobre o time de Córdoba, a segunda cidade mais populosa da Argentina. Dessa vez, Feola voltou a substituir Almir, aos 20 minutos do segundo tempo, por Loayza. Uma curiosidade é que entre o sexto e o sétimo gol dele passaram-se apenas três minutos (um aos 16 e outro aos 19 minutos).

Na partida seguinte, anotou mais dois gols. O Boca foi até a cidade de Bell Ville, na província de Córdoba, e goleou o time local por 5 a 1, com dois gols seguidos (o terceiro e o quarto) de Almir. Como tinha virado praxe, foi substituído por Loayza, aos 27 minutos do segundo tempo.

Um revés inesperado o Boca sofreu na cidade de San Juan, jogando contra o San Martín: derrota por 2 a 0 no estádio do Parque de Mayo; dessa feita, Almir não foi substituído. Contudo, o time recuperou-se parcialmente ao empatar com o São Paulo, num amistoso realizado no dia 29 de junho, no Morumbi, pelo mesmo placar da partida anterior entre os dois times, em maio, 1 a 1, com Almir jogando os 90 minutos. A crônica esportiva paulista achou o jogo ruim, mas relatou uma leve superioridade do Boca Juniors, e elogiou Almir por seu desempenho, embora ele tenha perdido um gol feito.

De São Paulo, o Boca voou ao Rio de Janeiro para disputar outro amistoso, dessa vez contra o Flamengo. Num domingo de Maracanã cheio, os dois times empataram em 2 a 2, com a crônica esportiva carioca também achando o jogo ruim. A diferença foi o emprego de muita violência na partida, que teve Orlando expulso. Por causa dessa agressividade, Almir saiu machucado de campo, no final do segundo tempo.

Nasce o primeiro filho

Em razão da lesão na partida contra o Flamengo, Almir não jogou pelo campeonato argentino, dia 8 de julho, contra o Huracán, quando o Boca foi derrotado por 2 a 0; Almir também deixou de participar, na sequência, de uma goleada. Foi num amistoso contra o time Argentino FBC, da cidade Humberto Primo, província de Santa Fé, por 7 a 2, com quatro gols de Paulinho Valentim; também não esteve em campo na vitória por 4 a 0 contra o Estudiantes de La Plata, pelo campeonato argentino.

Almir reclamava muito das infiltrações que era obrigado a fazer em seu joelho direito. O máximo de jogadores brasileiros tinham que estar em campo para agradar aos torcedores e Feola cumpria as recomendações de Don Armando. Em seu livro de memórias, Almir escreveu: "Durante quase um ano, joguei na Argentina com o joelho direito massacrado,

levando injeção em cima de injeção para poder entrar em campo, porque os médicos diziam que eu não tinha nada. Nesse ponto o futebol argentino me pareceu irmão gêmeo do futebol brasileiro. Fizeram comigo lá o que faziam aqui com o Garrincha, que ficou estuporado de tanto levar injeção para entrar em campo".

Voltaram a aparecer rumores sobre uma possível transferência de Almir para o futebol italiano e a sede do Boca Juniors recebeu mais de cinco mil cartas pedindo para que ele não fosse negociado com o Milan. Na verdade, Almir continuou fora de combate por mais quatro jogos do campeonato local, em que o Boca obteve uma vitória, arrancou dois empates e sofreu uma derrota, para o fraco time do Atlanta, outra zebra argentina, perdendo por 3 a 2 num jogo violento.

"*Boca sigue adelante. Daria a Grillo y Almir por Quarentinha*", escreveu a *Goles*, em sua edição de 15 de agosto, referindo-se à possibilidade do Boca Juniors negociar Grillo e Almir por Quarentinha, do Botafogo. A reportagem afirmava: "Já se sabe que Almir é metade do Boca e metade do Milan". Entretanto, nessa mesma edição, a revista, em resposta a uma pergunta enviada por um leitor na seção de cartas, "Correo Esportivo", afirmava, erroneamente, o estado civil de Almir, informando que ele era solteiro.

O jogador só retornou aos campos no dia 17 de agosto, num amistoso contra o Racing, que ganhou a partida por 2 a 1 —Almir foi substituído por Raúl Adolfo. Nas duas partidas seguintes ele não foi escalado, voltando contra o Gimnasia y Esgrima, de La Plata, em derrota dos xeneizes por 2 a 0 em plena La Bombonera. O jornal *La Nacion* destacou o fato em seu título: "*Boca fue aventajado em su cancha*", ou seja, "Boca foi superado em seu campo".

A crise estava instalada no Boca Juniors, tanto que na partida seguinte, nova derrota, desta vez para o Racing, 3 a 1, a revista *El Gráfico*, em sua edição de 13 de setembro, fez uma profunda análise do Boca sob o título "*Boca em la peor crisis: la moral*".

Em uma matéria de nove páginas, a revista esportiva demonstrava a performance ruim do Boca Juniors em todo o ano de 1961, apesar de

algumas boas vitórias, e fez críticas a todo o time, quase sem exceção. Em uma das legendas das fotos em que aparecia Almir, a revista escreveu: "Almir é muito hábil com a bola, mas criou tranquilidade para a defesa do Racing porque tem grande capacidade de driblar, mas a incapacidade de passar a bola é maior". Em um trecho, a revista afirmou que ele estava jogando na Argentina "apenas para ganhar dinheiro" (assim, em português mesmo, reproduzindo uma declaração dele dada ao *Jornal dos Sports*, no Brasil), chegando a alegar que embora ele tivesse muita habilidade, era inútil para o Boca coletivamente.

A essa altura, até Vicente Feola estava sendo questionado sobre sua capacidade de comandar o Boca Juniors. No começo do ano, Don Armando (presidente xeneize) havia declarado que o Boca Juniors estava fazendo um favor para a Argentina porque, além de trazer o melhor treinador do mundo (campeão do mundo em 1958) para os campos portenhos, estava tirando o treinador do Brasil, que sentiria sua falta. No entanto, passados poucos mais de seis meses, Feola não havia demonstrado capacidade para dirigir um clube como o Boca Juniors e Don Armando acreditava que o time estava inoperante tática e tecnicamente. E até o *Así es Boca*, jornal oficial da agremiação, estava começando a concordar com essa tese.

Enquanto isso, durante uma viagem à Itália, Pelé deu uma entrevista à revista *Il Calcio e Il Ciclismo Illustrato*, quando foi perguntado o que achava sobre Sivori (Omar Sivori, craque ítalo-argentino que jogou por clubes e pelas seleções dos dois países, e fazia sucesso na época). O futuro atleta do século respondeu que ele era um supercraque, porém inferior um palmo a Pelé e Almir. Curioso, o repórter italiano perguntou como Almir jogava e Pelé respondeu: "É um dos três mágicos do futebol mundial".

Apesar das palavras de Pelé, o mágico Almir não tinha se encaixado de maneira satisfatória no futebol argentino, assim como o técnico Vicente Feola, que saiu do clube no final de 1961. Almir ficou de fora nos últimos 13 jogos do campeonato argentino e o Boca acabou em quinto lugar na tabela, com 35 pontos. O campeão argentino do ano de 1961 foi o Racing.

Uma pausa importante para Almir de suas preocupações com o Boca Juniors foi o nascimento de seu primeiro filho. Alvaro Moraes Albuquerque (com a letra A, como mandava a tradição da família e sem acento) nasceu, por cesariana, dia 27 de novembro de 1961, no Hospital e Clínica Marini, um dos centros médicos de mais alto padrão de Buenos Aires na época. Maria de Lourdes queria ter o filho em São Paulo, perto de sua família, mas Almir não quis deixá-la viajar.

Contrariada, ela então resolveu procurar o que tinha de melhor na medicina da capital para o nascimento de Almirzito, como os argentinos começaram a chamar o filho de Almir Moraes, que, na verdade, queria colocar seu próprio nome em seu primeiro filho, mas as regras argentinas para a escolha de nome para os filhos são restritivas e ele não conseguiu usar o nome "Almir", uma vez que o termo pode significar "Almirante" em espanhol e as regras, até hoje, dizem que são proibidos títulos como nome de batismo. Como alternativa, o casal escolheu outro nome com a letra A.

Já era tempo de Natal, mas o futebol não parava na Argentina. O Boca Juniors fez uma partida amistosa, no dia 12 de dezembro, contra o time Ferencvárosi TC, da Hungria. Almir não jogou e o resultado foi um empate em 0 a 0. Depois, contra o Ramón Santamarina, da cidade de Tandil, o Boca goleou por 7 a 0 e Almir, recuperado, jogou os 90 minutos. Em seguida, no jogo contra o Estrela Vermelha, da cidade de Belgrado (na época capital da Iugoslávia, hoje Sérvia), Almir, aos 39 minutos do primeiro tempo, marcou um gol na vitória do Boca por 4 a 0. Ainda no final da primeira etapa, o brasileiro sofreu uma grave lesão no joelho direito e foi substituído por Osvaldo Ferreño. Novamente, Almir estava fora de combate; e, pior: dessa vez ele sentia que era bem mais sério.

1962

Tão sério que ficou com medo de não conseguir mais jogar futebol, de ter sua carreira prematuramente encerrada. Segundo o médico do Boca, dr. Cichero Ragozza, Almir estava com uma distensão no ligamento do joelho direito. Ele tinha consciência de que deveria ser operado, mas

queria que a cirurgia fosse realizada no Brasil. Entretanto, os dirigentes do Boca não permitiram que ele saísse do país e fizeram com que fosse operado em Buenos Aires mesmo, com médicos argentinos. Aparentemente bem sucedido, o procedimento fez Almir ficar durante um mês com a perna direita completamente engessada, voltando, depois, lentamente, a fazer exercícios físicos.

O Boca Juniors havia trocado de técnico no início de 1962; no lugar de Feola foi contratado o argentino José D'Amico (posteriormente também treinador da seleção argentina), e Almir não jogou os 11 amistosos que o time fez antes do início do campeonato, permanecendo ao todo três meses sem jogar.

Ele só voltou ao time no dia 25 de março de 1962, um domingo, na primeira partida do Boca pelo campeonato argentino. Foi contra o Chacarita Juniors, equipe da província de Buenos Aires, com La Bombonera lotado. E entrou como titular, sem ter sequer jogado alguns minutos, para ganhar ritmo, nos amistosos realizados pelos xeneizes.

Segundo o próprio Almir, ele voltou a sentir a lesão do joelho já aos 15 minutos de jogo e começou a "fracassar em campo". A partida foi nervosa e muito disputada, com uma leve superioridade do Boca Juniors. Curiosamente, Almir narra em seu livro de memórias o episódio desse confronto de uma maneira diferente daquela apresentada pelos registros da imprensa da época. Ele relata como se tivesse conversado com Feola, quando, na verdade, o treinador da equipe era D'Amico. Almir ainda explica que o Boca estava perdendo por 1 a 0 quando ele agrediu um jogador do Chacaritas, Mário Rodriguez; contudo, a partida estava 2 a 1 para o Boca (resultado final daquele jogo). Além disso, Almir chama para si toda a responsabilidade pelo Boca estar jogando mal, quando o time havia sido um pouco superior em campo do que o adversário. Ele acerta, porém, ao dizer que foi responsável por todo o episódio de violência, exatamente no momento em que a prestigiosa revista esportiva *El Gráfico* fazia uma campanha contra a violência nos estádios argentinos. "*Cruzada Honoraria de la Decencia*", chamava-se a campanha que começara em janeiro daquele ano.

"Voltou o não futebol" foi o título da *El Gráfico*, de 28 de março, ao contar como havia sido o jogo, culpando todos, e, especialmente, Almir. Há várias fotos mostrando as cenas de violência, e em uma delas (Almir cercado pelos zagueiros adversários) a legenda explica: "Muito habilidoso, mas muito personalista, Almir foi o protagonista central de todo o escândalo". Escândalo esse que começou aos 35 minutos do segundo tempo, quando Almir, achando que estava prejudicando o time em razão de sua lesão, resolveu tirar um jogador adversário de campo, chutando-o depois de sofrer uma falta normal.

Pelo seu raciocínio, ele seria expulso, mas como não jogava bem, o Chacaritas seria o maior prejudicado porque o jogador escolhido, Mário Rodriguez, estava bem na partida e na época ainda não existiam substituições. O juiz, Juan Brozzi, não pensou duas vezes e, de fato, expulsou Almir. Porém, em seguida, outro jogador do Chacaritas, inconformado com a violência de Almir, partiu para cima dele com insultos e o brasileiro achou que poderia levar mais um expulso. Assim, revidou as ofensas e os dois saíram no braço. Raúl Savoy também foi expulso. Todos os jogadores, então, se envolveram numa grande pancadaria e até a polícia teve que entrar em campo.

Ao todo foram seis expulsões: Almir, Nardielo e Roma (goleiro) pelo Boca, e Rodriguez, Savoy e Ferro pelo Chacaritas. A partida quase foi encerrada porque, pelas regras, os times tinham que ter, no mínimo, sete jogadores em campo cada um. Aos 41 minutos do segundo tempo, o goleiro do Chacaritas, Héctor Cordero, ainda agarrou um pênalti de Norberto Menéndez, autor dos dois gols do Boca.

Talvez de forma irônica, a revista *El Gráfico* colocou como a matéria seguinte daquela edição a derrota do pugilista argentino Ricardo Falech para o cubano Luís Rodriguez, em uma das arenas da cidade de Miami, nos EUA.

"*Un espectáculo 'digno' del fútbol argentino*" e "*Una nueva vergüenza*" foram os títulos, na mesma linha da *El Gráfico*, da revista *Goles*, de 27 de março, que retratou Almir como um "jogador perigoso". E avaliou: "Se fossem feitos cálculos sobre quanto Almir custou ao Boca,

em relação ao que ele ganhou até agora, o brasileiro certamente estaria entre os jogadores mais caros do mundo". Em outro trecho, definiu-o: "Sobre Almir há muitas referências. No Brasil ele teve problemas muito sérios, chegando a machucar gravemente quem o enfrentou. Agora ele deu outro exemplo dessa periculosidade".

A confusão também repercutiu no Brasil e a *Revista do Esporte*, em sua edição de 2 de junho, deu o seguinte título para a matéria sobre o jogo: "Atacante brasileiro [Almir] escandaliza torcida argentina". Mostrando uma sequência de cinco fotos sobre a briga, sendo que a quinta (e maior) virou referência como uma das imagens para as matérias feitas sobre Almir nos anos seguintes. Nessa foto, ele aparece sendo contido por um jogador do Chacaritas e pelo seu companheiro de time, Orlando, no meio da pancadaria. "Perdendo a cabeça num lance que muitos encararam como uma falta normal numa partida renhida, o brasileiro Almir escandalizou a torcida argentina agredindo violentamente o adversário. O fato deu origem a uma série de atos de indisciplina, manchando a rodada de abertura do campeonato portenho", escreveu.

"Sou um peso morto no campo, posso sair, desde que leve um deles comigo", relatou Almir, em suas memórias, sobre o ocorrido, dez anos depois, corroborando a análise do semanário brasileiro sobre sua reação excessiva para uma jogada normal durante um jogo muito disputado. Sua atitude foi, realmente, de caso pensado, para beneficiar sua equipe, pois ele se achava incapaz de seguir jogando.

Como resultado, Almir foi suspenso por 12 partidas pelo Tribunal de Penas (equivalente ao nosso STJD), do Consejo Federal del Fútbol. Aproveitou para continuar tratando da sua lesão no joelho direito e especulações sobre sua transferência ressurgiram. Don Armando chegou a afirmar para a imprensa que Milan e Juventus, da Itália, estavam interessados no passe de Almir, mas ambos ofereciam 225 mil dólares, mas ele poderia pensar na possibilidade da venda se chegassem a 250 mil.

Almir só voltou a jogar no dia 22 de abril, em um amistoso contra o Quilmes, de Mar Del Plata, quando o Boca venceu por 2 a 0 — Almir foi substituído por Luis Pereyra, que fez um dos dois gols da partida.

Ficou fora de mais quatro partidas e as negociações com os italianos avançaram, pois o enviado do Milan, um certo comendador Conrado Mazzi, conseguiu fechar a compra de Almir pelo time italiano por 170 mil dólares. Bem abaixo do valor que Don Armando alardeava.

Ao mesmo tempo, a revista *El Gráfico* publicou, em sua edição de 23 de maio, uma matéria destacando o favoritismo da Seleção Brasileira para a Copa de 1962, no Chile, assim como a genialidade de Pelé e o número de grandes jogadores do Brasil. Reproduziu uma página da *Revista do Esporte*, de 30 de dezembro de 1961, que tinha o título "Os bons filhos a casa tornam?", que informava a vontade de retornar ao Brasil de jogadores como Maurinho, Moacir e Almir que, segundo a revista, "no Boca Juniors ainda não mostrou tudo o que sabe jogar. Está saudoso do Brasil e quer mesmo voltar".

Jogou pela última vez pelo Boca Juniors num amistoso contra o San Lorenzo, dia 10 de junho, e não fez nenhum dos quatro gols na vitória por 4 a 1. As negociações tiveram então uma reviravolta e o Milan não quis mais comprar Almir. Segundo o jogador, a razão teria sido porque descobriram que ele tinha sido operado do joelho. A imprensa na época relatava que a legislação da Itália limitava o número de estrangeiros nos times e todos tinham apenas até o dia 1º de novembro para fazer novas aquisições. Portanto, os motivos do Milan, certamente, foram a soma desses fatores.

Como alternativa, Don Armando anunciou, em junho ainda, que Almir tinha sido emprestado para o Fiorentina (3º colocado do último campeonato), da Itália, para jogar durante dois meses; depois, a situação do jogador seria avaliada. Os italianos pagariam ao Boca 2 milhões e 500 mil pesos por esse período de empréstimo, o que dava, no câmbio da épocam 8 milhões de cruzeiros. Insatisfeito no Boca Juniors, Almir não se opôs ao acordo e pediu para Maria de Lourdes fazer as malas.

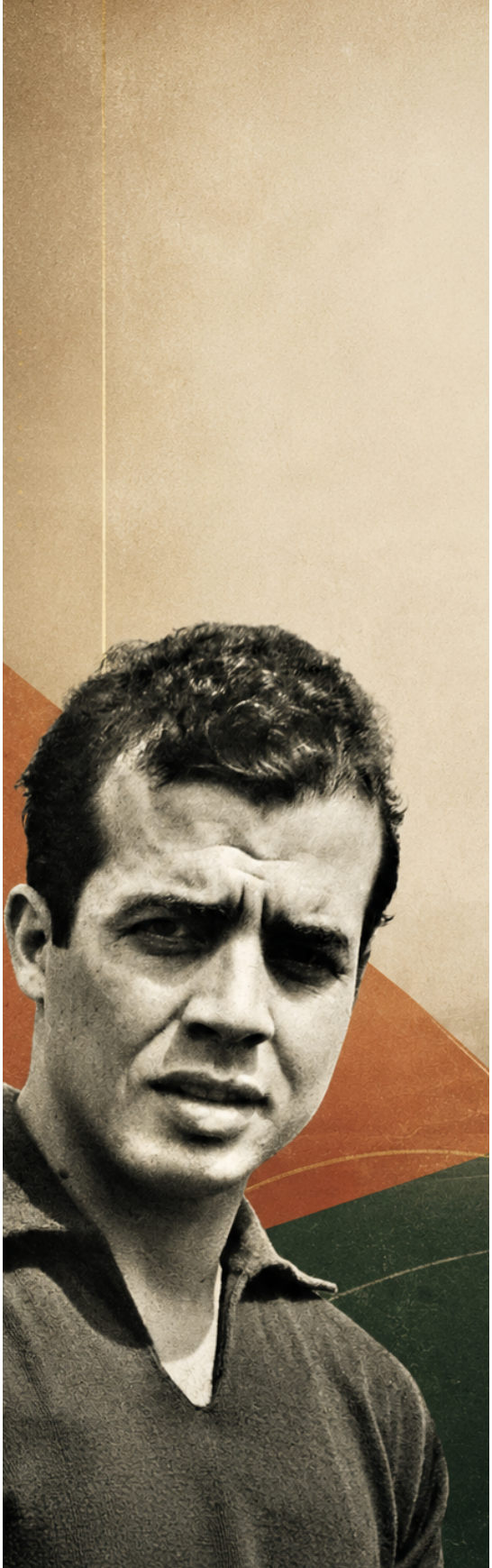
Antes de partirem para a Europa, Almirzito (com sete meses de idade), Maria de Lourdes e Almir passaram alguns dias no Rio de Janeiro, descansando. Hospedados no Hotel Excelsior, em Copacabana, ele deu

uma entrevista exclusiva para a *Revista do Esporte*, que só foi publicada posteriormente, em setembro.

Nessa entrevista, o jornalista Waldemir Paiva fez um relato sobre a carreira do jogador, mostrando que ele tinha um histórico de violência em campo, mas pessoalmente era "rapaz educado, tranquilo e simpático". Com uma foto de Almir colocando um disco na vitrola, a revista lhe perguntou se ele se julgava um temperamental, e Almir respondeu: "Em campo, luto com todas as forças. Para mim, o que interessa é a vitória. Muita gente por aí tem atos piores do que os meus. Porém, sou marcado. Cheguei a ouvir até que tenho o 'diabo no corpo'. Ora, não sou homem de levar desaforo para casa. Sou homem de reagir e não um temperamental".

Como não poderia deixar de ser, a manchete da matéria foi essa declaração de Almir: "Não serei conhecido na Itália como jogador temperamental".

Você seria capaz de apostar nisso, prezado leitor?



Capítulo Seis

Frio, lesões e treinador

A Associazione Calcio Firenze Fiorentina foi fundada em 1926, na cidade de Florença, pelo marquês Luigi Ridolfi Verrazzano, empresário e político fascista, de família nobre. O time é conhecido na Itália como *La Viola* porque a cor predominante em seu uniforme é o violeta (roxo). Atualmente, seu estádio, com capacidade para 47 mil pessoas, se chama Artemio Franchi; porém, na década de 1960, tinha o nome de Stadio Comunale. Depois de Almir, muitos jogadores brasileiros famosos jogaram no clube: Amarildo, Sócrates, Dunga, Edmundo, Felipe Melo.

A Fiorentina havia sido campeã italiana na temporada 1955-56 com uma grande atuação do ponta-direita brasileiro Julinho Botelho, que acabou tornando-se uma lenda na Itália e é reverenciado até hoje pelo clube. Sua cidade, Florença (*Firenze*, em italiano), na região da Toscana, foi o berço do renascimento italiano (período transitório entre as Idades Média e Moderna marcado por importantes mudanças políticas, eco-

nômicas, sociais, religiosas e culturais), além de ser a cidade natal de Dante Alighieri, autor de *A divina comédia*.

O primeiro a chegar foi Almir, no início de agosto; alguns dias depois, foram Maria de Lourdes e o filho Alvaro. Na verdade, a ida de Almir para a Itália se deu depois de uma tentativa frustrada da Fiorentina contratar Pelé, um ano antes, com o time italiano querendo pagar ao Santos 500 mil dólares, uma fortuna, na época. As negociações acabaram não dando certo, e o intermediário dessa investida tinha sido o ex-jogador brasileiro de *La Viola*, Julinho Botelho, que já havia regressado ao Brasil.

Tanto assim que o caderno *Corriere Sportivo*, do jornal *Corriere della Sera*, deu como título: "O Pelé branco chegou", explicando que a contratação do jovem Almir traria um pouco de serenidade ao Fiorentina após as polêmicas sobre a contratação de Amarildo, do Botafogo, que o clube também tentou, sem êxito, naquele ano, só conseguindo contratá-lo em 1967, depois de Amarildo ter jogado pelo Milan.

No entanto, a chegada de Almir à Itália não era uma unanimidade. O jornal *La Stampa* informava que a contratação do jogador era discutida nas ruas pelos torcedores fiorentinos e chegou a perguntar: "*Chi è questo Almir*?". "Quem é esse Almir?", respondendo a própria pergunta: "Jovem brasileiro, transferido da Argentina e emprestado por três meses pelo Boca Juniors à Fiorentina. Meio-campista, ele passou por uma cirurgia do menisco em março, o que é preocupante. No final de novembro será tomada a decisão sobre a contratação ou não do jogador sul-americano". Erroneamente, o jornal afirmava que a cirurgia tinha sido em março, quando fora realizada em janeiro.

O mesmo *Corriere della Sera*, que saudou a chegada do Pelé branco, apresentou a "legião estrangeira" que começava a jogar em diferentes times na Itália em 1962, e traçou um rápido perfil de oito novos jogadores: três brasileiros, três alemães, um espanhol e um sueco. Almir foi apresentado com a data de nascimento errada, em virtude da certidão falsa (25/12/1938) usada para sua ida do Sport Recife para o Vasco da Gama, além de informar que ele tinha sido suspenso por 12 jogos

na Argentina em razão de uma entrada violenta num adversário ao final de uma partida.

E o mesmo *La Stampa*, que perguntara quem é Almir, relatou, 12 dias depois, que o novo treinador do Fiorentina, Ferruccio Valcareggi (que seria o treinador da seleção italiana na Copa de 1970), estava satisfeito com os primeiros treinos de Almir. "O sul-americano demonstrou ser um jogador veloz, rápido, de chute forte, ótimo posicionamento no meio campo e de agir com inteligência no ataque, além dos chutes certeiros", afirmava o diário.

Almir entrou pela primeira vez em campo pelo time italiano no dia 16 de agosto, numa partida amistosa entre Fiorentina e Unione Sportiva Sansepolcro, time da série C, sob forte calor, no auge do verão italiano. Jogou como titular, mas foi substituído por Marchi no segundo tempo, sendo elogiado por sua atuação, embora não tenha feito nenhum dos oito gols de *La Viola* sobre o adversário. Em seguida, a Fiorentina enfrentou o Livorno, da série B, goleando por 5 a 0, no Stadio Comunale, e Almir voltou a ser elogiado. O terceiro amistoso de preparação foi contra a Reggiana 1919, da série C, no final de agosto, com seis mil espectadores, e terminou empatado em 2 a 2, com o brasileiro continuando a jogar bem.

Ele estava agradando em Florença e uma demonstração disso era o fato de começar a ser reconhecido pelas pessoas, que não o deixavam pagar a conta quando Almir ia aos restaurantes e pizzarias da cidade com Maria de Lourdes e o pequeno Alvaro. "Para os italianos, o jogador de futebol — *calcio*, como dizem lá — é tão importante como um artista de cinema: basta estar no auge da carreira para ser tratado com carinho por todo mundo — a torcida, os dirigentes, a imprensa. Nenhum brasileiro que voltou do futebol italiano veio com queixas de lá", afirmou em seu livro de memórias. Também virou uma das figurinhas do álbum "Calciatori", da conhecida editora Panini.

Com a aproximação do início dos campeonatos, a Fiorentina enfrentou um time mais forte em amistoso, o Bologna, da série A, e venceu por 2 a 1. Apesar da vitória, a crônica esportiva italiana achou que o brasileiro não tinha jogado bem. Já o *Jornal dos Sports*, em sua coluna

"A Crônica Internacional", do jornalista Albert Laurence, que tratava de futebol na Europa, foi mais contundente: "com o brasileiro Almir decepcionando".

E em razão de ser a final da Taça dos Vencedores da Taça dos Campeões Europeus de 1961-62 (*La Coppa delle Coppe*), Almir não pôde sequer ser relacionado para jogar a segunda partida dessa final, disputada no dia 5 de setembro (a primeira terminou empatada em 1 a 1, em Glasgow, na Escócia), contra o Atlético de Madri, que venceu o jogo, em Stuttgart, Alemanha, por 3 a 0, sagrando-se Campeão dos Campões Europeus daquele ano, deixando o vice para a Fiorentina, que tinha sido a grande campeã em 1960-61.

La Coppa Italia

Finalmente, no dia 9 de setembro, o brasileiro estreou em um jogo oficial, na primeira partida da Fiorentina pela Coppa Italia (competição eliminatória entre times das séries A, B, C e D), contra a Società Sportiva Lazio, de Roma, vencendo por 3 a 0, com o terceiro gol saindo de uma assistência sua para o atacante Petris, aos 21 minutos do segundo tempo. Almir entrou na etapa final, no lugar de Milani, e sentiu o calcanhar. "Como foi o brasileiro?", perguntou o *Corriere della Sera*, que respondeu pelas palavras do técnico Valcareggi: "Antes de julgá-lo, tenham em mente que ele tem uma lesão no calcanhar, tanto que quarta-feira contra a Roma, com certeza, ficará em repouso".

Diferentemente, o diário *La Stampa* já começou a fazer especulações sobre a permanência de Almir na equipe de Florença. "O andamento da partida contra a Lazio, disputada ontem em Roma, embora tenha terminado com uma vitória clara da Fiorentina, deixou os dirigentes da Viola em dúvida sobre a real capacidade da equipe e, principalmente, sobre a utilidade imediata de Almir, que se destacou como um proponente de jogo ofensivo, mas não como um atacante de ponta", escreveu, para concluir em seguida. "Vale destacar que se Almir fosse devolvido ao Boca Juniors até 30 de novembro, mesmo depois de ter disputado quatro jogos do campeonato, a Fiorentina, com base no contrato estipulado

com o clube portenho, economizaria as parcelas subsequentes, ou seja, uma cifra de cerca de cem milhões de liras" (moeda da Itália na época).

Lesão nova para Almir. Se antes sentia o joelho, agora ele estava com problemas no calcanhar e, por isso, realmente ficou fora do jogo seguinte, como tinha explicado o treinador, um amistoso contra a Roma que terminou em empate por 1 a 1 numa partida bem disputada. Curiosamente, o mesmo *La Stampa*, que já discutia uma possível dispensa de Almir, escreveu, sobre o jogo contra a Roma, que "para um julgamento completo sobre a Fiorentina é preciso ter em conta as ausências de Marchesi, Milani e, na primeira parte da disputa, de Almir".

O *giovane brasiliano*, como diziam os italianos, estava se adaptando ao estilo do novo país. Gostava do profissionalismo dos italianos e ficou surpreso ao saber que os jogadores tinham que assinar o livro de ponto todos os dias ao irem para o treinamento. A concentração era tranquila, diferente do Brasil que, segundo ele, parecia uma prisão de homens enfurnados entre quatro paredes, além do tratamento dispensado aos atletas ser muito bom. Jogadores tomavam seu vinho despreocupadamente.

No entanto, essa tranquilidade foi quebrada na manhã do dia 15 de setembro, durante um treinamento, antes da estreia da Fiorentina pelo Campeonato Italiano, contra o Modena, no dia seguinte. "*Almir: strappo muscolare*" foi o título do *La Stampa* no dia 16. "Almir: ruptura muscular. Às vésperas do primeiro jogo do campeonato, o ambiente Viola foi conturbado por um grave acidente ocorrido com Almir. O brasileiro, vítima de uma ruptura muscular, provavelmente terá que cumprir um longo período de repouso".

"Fiorentina sente muita falta de Almir", foi o título do *Corriere della Sera* de 18 de setembro, explicando que os dirigentes do clube sabiam dos riscos em trazer um jogador como ele, que havia sido operado do menisco pouco tempo atrás e era conhecido por ter um temperamento explosivo. Sabiam disso, mas resolveram apostar no jovem jogador para ajudar a tirar a Fiorentina da crise, segundo o jornal.

E o acidente criava um grande problema para a Fiorentina. Almir ocupava na equipe um dos postos reservados aos jogadores estrangei-

ros e, com a impossibilidade de utilizá-lo, não se devia descartar que a posição de Almir poderia ser revista, já que o primeiro prazo acertado entre Boca Juniors e Fiorentina para o empréstimo do jogador expiraria no mês seguinte, no final de outubro.

E para piorar a situação, o Modena venceu a partida por 2 a 1, levando a Fiorentina a uma crise que obrigou o clube, em poucos dias, a decidir quais medidas deveriam ser tomadas para se recuperar, uma vez que nas duas semanas seguintes a equipe enfrentaria, simplesmente, Sampdoria, Juventus e Milan. E foram três as principais medidas estudadas: uma era a devolução imediata de Almir ao Boca, com a aquisição de outro atleta em seu lugar; as outras duas eram a demissão do treinador Valcareggi e a dissolução do Conselho de Administração do clube, com a convocação de uma assembleia extraordinária.

A pizza parecia estar assando para o brasileiro.

Ele não participou dos três jogos: derrota para o Sampdoria por 1 a 0, vitória sobre a Juventus, também por 1 a 0, e empate com o Milan, 1 a 1. E além dessas três partidas pelo Campeonato Italiano, a Fiorentina jogou uma vez mais pela Coppa Italia, e foi desclassificada com uma derrota por 2 a 0 para o Genoa.

Almir voltou aos treinamentos e nem ele nem Valcareggi foram demitidos de *La Viola*. O treinador italiano gostava do futebol do brasileiro, desde que ouvira elogios de Feola e Aymoré Moreira, e aguardava a hora de colocá-lo em campo. Ao contrário do que parecia que iria ocorrer, o *Corriere della Sera* noticiou, no dia 23 de outubro, o seguinte: "Fiorentina contrata Almir", afastando o fantasma da devolução para o Boca Juniors. E mais, achavam que ele poderia ajudar a tirar o time de Florença da crise.

Porém, isso nunca aconteceu. Almir voltou a sentir a lesão no joelho e, pior, começou a reclamar do frio na Itália (estavam no outono), achando que a temperatura e a chuva (abundante naquele ano) estavam influenciando negativamente sua demorada recuperação. Não participou de nenhum dos seis jogos subsequentes pelo campeonato italiano: três

vitórias da Fiorentina, um empate e duas derrotas. O destaque foi a goleada por 5 a 0 que *La Viola* infligiu sobre o Genoa, no dia 4 de novembro.

Exatamente na mesma época em que começou a circular a informação de que Almir podia se transferir justamente para Gênova.

Mar da Ligúria

"*Almir al Genoa*", informaram os jornais, no final de novembro, em matérias sobre o brasileiro que passavam a ser cada vez menores, muitas vezes só notas. O acordo de empréstimo entre o Genoa Cricket and Football Club, a Fiorentina e o Boca Juniors foi realizado rápido, antes do fim do prazo, meia-noite do dia 30 de novembro, para as negociações com jogadores estrangeiros. O negócio foi realizado como um empréstimo ao Genoa pelo prazo de um ano com direito a resgate.

Fundado em 7 de setembro de 1893, o Genoa é o clube mais antigo ainda em atividade na Itália e seu grande rival é o Unione Calcio Sampdoria, também de Gênova. Cidade com 2.500 anos de história, e um dos portos mais importantes da Europa, é banhada pelo mar da Ligúria (parte do mar Mediterrâneo). Por ficar na região norte da Bota, tem um clima mais quente, o que atraiu Almir, que foi encorajado a fazer a mudança pelo próprio treinador Valcareggi, pois ele achava ser o melhor a se fazer no caso de Almir, já que ele não conseguia se adaptar ao time de Florença.

Tanto que o treinador, em entrevista ao jornal *La Stampa*, depois da transferência do jogador, lamentou a saída de Almir, dizendo não entender como um jogador como ele não tinha dado certo no time Viola. "No último treinamento conosco, fez coisas extraordinárias. Se ele fizesse em campo um terço do que vimos fazer nos treinos, o estádio desabaria", explicou ele, sentindo a partida do brasileiro.

Almir chegou ao Genoa junto com outro brasileiro, o ponta-esquerda Germano, emprestado ao time de Gênova pelo Milan. Germano tem uma história curiosa. Em 1967, casou-se com uma condessa italiana, Giovanna Augusta, de uma rica família italiana, o que chamou a atenção da imprensa internacional na época porque ele era brasileiro e negro.

Além disso, era irmão do jogador Fio Maravilha, que virou canção do compositor e cantor flamenguista Jorge Ben, mais tarde Jorge Ben Jor.

Os dois brasileiros logo estrearam no Genoa em uma partida contra a Roma, no estádio Flamínio, na capital, pela Coppa Italia, uma competição que não inspirava muito interesse do público, o que provocava baixa ocupação dos estádios, fazendo com que os grandes clubes não lhe dessem muita importância. Venceram a partida de maneira espetacular por 5 a 2, uma surpresa na competição, e os dois brasileiros foram elogiados por suas atuações — Germano inclusive marcou um dos gols, aos 28 minutos do segundo tempo.

A vitória foi tão surpreendente que o jornal esportivo *Gazzetta dello Sport* colocou na manchete da sua primeira página: "*Clamorosa sconfitta della Roma in casa*", ou seja, "A espantosa derrota do Roma em casa".

"Almir, por sua vez, realmente impressionou: é um jogador que participa e vê o jogo, tem um controle de bola perfeito, sabe se desmarcar, sabe driblar", foram os elogios rasgados por *La Stampa* no dia seguinte ao confronto. A dupla parecia que vinha com tudo para ajudar o Genoa.

Porém, não era exatamente isso o que observava o treinador do time, o italiano Renato Gei, que declarou após o jogo que ambos ainda precisavam trabalhar duro antes de poderem jogar uma partida exigente como a do campeonato italiano. Precisavam entrar em forma, segundo o técnico, um ex-atacante.

Começaram a trabalhar para a melhora da forma física e não foram escalados para a partida do dia 9 contra o Mantova, quando o Genoa perdeu por 2 a 0. Gei tinha convicção em sua avaliação, pois ao terminar a partida, comentou: "Quando Firmani (atacante) puder retornar ou eu puder ter Germano e Almir, as coisas certamente vão melhorar".

Seu diagnóstico continuou o mesmo e, no dia 16 de dezembro, quando o Genoa jogou em casa, no estádio Luigi Ferraris, novamente contra a Roma, dessa vez pelo Campeonato Italiano, por sua 13ª rodada, a dupla de brasileiros não foi escalada pelo técnico do time novamente, o que revoltou os *rossoblu* (como são chamados os torcedores do Ge-

noa) e Gei sofreu as consequências por não ter feito o que os torcedores achavam natural que fizesse: mandar para campo Almir e Germano.

O técnico foi vaiado e xingado ao final da partida, ainda mais porque terminou empatada em 2 a 2, com chances claras para o Genoa, que poderia até ter saído vitorioso. "Torcedores revoltados por Almir e Germano", escreveu o *Corriere della Sera* no dia seguinte, que não soube explicar o porquê desses dois jogadores não terem sido aproveitados; o texto terminava da seguinte maneira: "Portanto, parece provável que pelo menos um dos dois brasileiros entre em campo contra o Milan no domingo".

E, realmente, o treinador Gei cedeu um pouco, colocando um brasileiro em campo contra o Milan. Germano (emprestado pelo próprio Milan ao time de Gênova) foi considerado o melhor jogador do Genoa na partida. Segundo os cronistas, o Milan dominou totalmente o jogo, mas não conseguiu traduzir em gols esse domínio, tendo vencido por apenas 1 a 0, com gol de Dino Sani, ex-companheiro de Almir no Boca, aos 31 minutos do segundo tempo.

No confronto seguinte, no penúltimo dia do ano de 1962, nenhum dos dois foi escalado. O Lanerossi Vicenza Virtus, da cidade de Vicenza, que, vinte ano depois, teria Roberto Baggio em seu início de carreira, venceu o Genoa por 1 a 0 com um gol marcado no último minuto de jogo. A essa altura, a imprensa destacava que o Genoa, em virtude da má campanha no campeonato, estava em crise, e a torcida pressionava o treinador para escalar a dupla de brasileiros, algo que ele teimava em não fazer.

Lição tática

O jornal *La Stampa*, em sua edição de 18 de dezembro, abordou o assunto, destacando o ponto de vista do técnico do Genoa. "Em vão o treinador Gei está, há tempos, pregando que Germano e Almir só jogarão quando tiverem assimilado à perfeição a 'lição' tática do Genoa, ou se incidentes forçarem a mudança da formação do time. E o público dá sua contribuição (nesse caso negativa) aos fatos. Ontem, anunciada

a escalação, eles vaiaram protestando pela ausência de Almir. Inútil tentar explicar à massa fascinada pela fama desses atletas estrangeiros que as exigências táticas exigem o adiamento da estreia de Germano e Almir. Gei terá que se acostumar com a bronca [dos torcedores] se quiser seguir com seu plano", escreveu o jornalista Giuseppe Berletti.

Almir apresenta, em suas memórias, outra versão dos fatos. Ele não cita a demora para seu aproveitamento nos jogos, e a de Germano, mas comenta seu relacionamento com o técnico, alegando que ele era racista. "Um dia, Germano sabe disso, Gay (sic) [Almir erra a grafia do nome do treinador] começou a xingá-lo na minha frente. Eu achei aquilo o fim da picada: com o Germano ausente, Gay (sic) começou a dizer cobras e lagartos dele. Tomei a defesa de Germano. — Olha aí, ô cara, você tem de dizer isso na frente dele, não na minha. Se pensa que eu vou contar isso ao Germano, você está enganado. Se você é homem, diz isso cara-a-cara ao rapaz. Gay (sic) ficou surpreso com a minha reação, naturalmente achou que eu iria tomar o partido de um branco contra um preto. A partir daí passou a me olhar de banda, desconfiado, tentando descobrir o que se passava na minha cuca".

Finalmente, na primeira partida oficial do ano de 1963, em 6 de janeiro, a escalação do Genoa para a partida contra a Spal (acrônimo para Società Polisportiva Ars et Labor) apresentava a dupla de brasileiros: Gallesi, Fongaro, Ratti, Occhetta, Colombo, Baveni, Germano, Pantaleoni, Firmani, Almir e Bean. Era a estreia de Almir no campeonato italiano, e não foi das melhores. Um empate em 0 a 0 com críticas ao time inteiro, incluindo Almir, que saiu de campo mancando.

O mais interessante foi o relato de *La Stampa* no dia seguinte: "Algo muito importante deve ter acontecido na tarde de sábado. Gei vinha dizendo a semana toda que não pretendia mudar a escalação, mas no último momento Occhetta, Almir e Germano, que não haviam jogado juntos, entraram em campo. Surpresa, principalmente pela escolha de dois brasileiros que Gei não aprecia muito". Alguma coisa deve ter acontecido intramuros no time de Gênova, mas a imprensa na época não soube explicar.

O jogo seguinte teve que ser adiado por 24 horas por causa da quantidade de neve no Stadio Littoriale (hoje Renato Dall'Ara), campo do Bologna. Era inverno na Itália e Almir começou a reclamar do frio novamente. O resultado foi um empate em 1 a 1 sem a presença de Almir, que estava com problemas musculares mais uma vez.

Ele não esteve em campo quando o Genoa perdeu por 2 a 0 da Juventus nem nos empates diante de Modena, 1 a 1 (gol de Germano), e Venezia, 0 a 0, (em jogo adiado de novo por causa da neve); também não participou da suada vitória contra o Napoli, 3 a 2, nem das derrota para Sampdoria, 3 a 1, e Torino, 2 a 0, em Turim; e também ficou de fora da vitória por 4 a 1 sobre o Catania, em casa.

No dia 28 de fevereiro, Almir teve um incidente noticiado pela imprensa. O Genoa foi fazer um jogo-treino contra um pequeno time da localidade de Rapallo, perto de Gênova, e durante a partida o brasileiro começou a reclamar das entradas duras de um dos adversários. Protestou algumas vezes, mas em uma dessas entradas perdeu a paciência e desceu a mão em um italiano, começando uma briga generalizada entre os jogadores. Ao final, o brasileiro saiu com um corte nos lábios.

Almir não jogou outras sete partidas do campeonato e o Genoa passou a ficar em uma situação delicadíssima na tabela. Gei planejava escalar Almir na partida seguinte, contra a Internazionale, em Milão; porém, no dia anterior ao jogo, ele reclamou de uma fisgada na perna. Em suas memórias, Almir conta que o treinador não queria acreditar nele, achando que era capricho de jogador brasileiro.

"Eu não aguento mais trabalhar com jogadores brasileiros", teria dito Gei a Almir. "São uns manhosos, vivem inventando coisinhas para tirar o corpo fora. É evidente, claro, que você não tem nada. Está é com manha". Almir, então, sem perder a paciência, como frisou em seu livro, o teria desafiado a chamar um médico para examiná-lo e comprovar se ele tinha ou não uma lesão na perna. Gei não aceitou o desafio e, muito irritado, encerrou o assunto.

Volta para casa

"Depois do incidente, vi que nada mais tinha a fazer na Itália: como não podia voltar para a Fiorentina, ia acabar brigando com Gay (sic); teria que continuar suportando o frio e jogar sem condições, com o joelho ainda meio bombardeado. Resolvi pedir rescisão do contrato e retornar ao Brasil", escreveu Pernambuquinho.

No jogo contra a Internazionale, o Genoa levou uma das maiores goleadas de sua história: 6 a 0, no estádio San Siro. E o *Corriere della Sera* perguntou, na edição do dia seguinte: "Mas quando Almir jogou no Genoa? Pouquíssimas vezes".

Em meio a toda essa situação, Almir pediu para disputar a partida seguinte, contra a Fiorentina, seu antigo clube. No entanto, faltando poucos minutos para os jogadores entrarem em campo, Almir alegou que ainda estava sentindo a perna por causa de um choque ocorrido no treino do dia anterior e que não poderia jogar. Foi substituído por Firmani. Imagine o clima que estava entre jogador e treinador, prezado leitor.

A partida terminou com a vitória da Fiorentina por 2 a 1 e Gei demitido do Genoa. Em seu lugar entrou Angelo Rosso, treinador dos juvenis. Ele foi desligado não só em virtude dos maus resultados, mas de uma combinação de fatos, entre os quais estava o próprio brasileiro. E Almir não ficou impune: foi multado pela direção do clube em 500 mil liras por ter se recusado a entrar em campo pouco antes do início da partida.

O Genoa tentava se arrumar para reagir, pois poderia retornar à série B, divisão que havia disputado no ano anterior. Rosso voltou a relacionar o brasileiro para o confronto seguinte, contra o Palermo. Almir, dessa vez, jogou, assim como Germano, mas o clube de Gênova conseguiu só um empate sem gols, numa partida considerada fraca e cansativa, com Almir perdendo um gol no finalzinho do confronto.

Depois de incompreensíveis quatro meses, o Genoa disputou as quartas-de-final da Coppa Itália, após ter vencido a Roma por 5 a 2, no dia 5 de dezembro do ano anterior. Mas o time foi dominado e perdeu por 2 a 1 para o Bari, na prorrogação (apesar da superioridade, o Bari teve

dificuldades para marcar gols), sendo desclassificado. Almir fez questão de entrar em campo nesse jogo, mas não jogou bem, perdurando uma situação que era incomum em sua carreira até então: não ter feito um único gol oficial em sua temporada na Itália, e por dois times distintos.

O campeão da Coppa Italia de 1962/63 foi a Atalanta.

Na partida seguinte, pelo Campeonato Italiano, Almir não jogou porque o campo estava muito pesado em razão das chuvas intensas que caíam em Gênova naquele período, o que poderia agravar seu problema muscular. O Genoa venceu, 2 a 1, o futuro campeão Atalanta (a final da Coppa Italia contra o Torino seria apenas em 2 de junho), com um gol de Germano, graças a duas falhas do goleiro reserva, Pierluigi Pizzabala; o titular, Zaccaria Cometti havia sofrido um acidente. Uma vitória importante para o Genoa, pois a imprensa começava a especular quem cairia para a série B, faltando apenas seis rodadas para terminar o campeonato.

E o time de Gênova, novamente sem Almir, jogou contra o Mantova e empatou em 0 a 0. Contra a Roma e depois contra o Milan foram duas derrotas por 1 a 0; mas o time venceu o Lanerossi Vicenza Virtus, 2 a 0, na rodada em que foi anunciado que a Internazionale de Milão sagrava-se, matematicamente, Campeã da Itália na temporada 1962/63. E os jornais informavam que seis times estavam na zona de rebaixamento, entre eles o Genoa.

E nesse momento crítico, o time sofreu ainda, segundo classificaram os jornais italianos, uma derrota humilhante para o Spal, 4 a 0, no Stadio Comunale, na cidade de Ferrara. A situação do time de Gênova era desesperadora. Na penúltima rodada do campeonato, três times tinham chance de cair para a série B: Mantova, Napoli e Genoa.

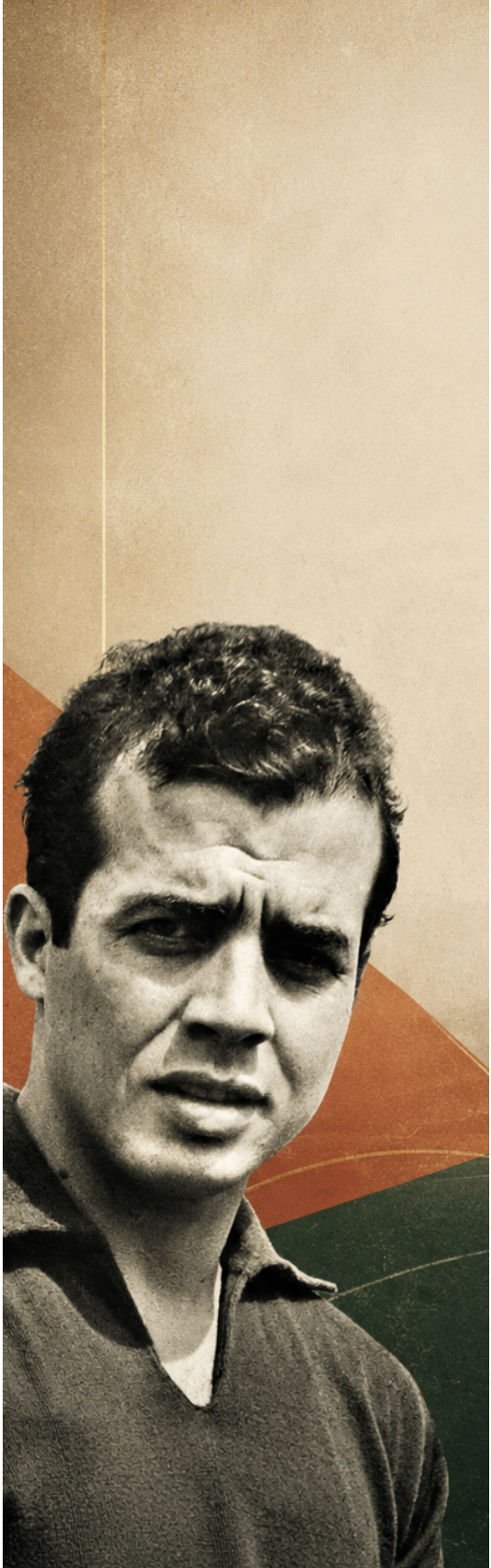
Na 34ª e última rodada do Campeonato Italiano, disputada no dia 26 de maio, o Genoa jogou em casa contra o Bologna e venceu pelo magro e angustiante placar de 1 a 0, expulsando o fantasma do retorno à série B. Almir não jogou as últimas sete partidas do campeonato, como também muitas outras. E nem jogaria mais. Queria voltar ao Brasil.

"Difícil mesmo foi romper com o Boca Juniors. Ao saber que eu tinha pedido rescisão de contrato ao Gênova (sic), J. Armando marcou um encontro comigo em Milão. Fui lá, falar com ele. Ao revê-lo, não encontrei mais o homem generoso", registrou Almir em suas memórias. O presidente do Boca Juniors não queria liberar Almir, pois as negociações com a Itália foram todas na base de empréstimos e Don Armando estava insatisfeito com o retorno que o brasileiro estava dando a seu time.

"Então, se não joga na Itália, você não vai jogar em time nenhum do mundo. Eu não deixo", teria dito ele, segundo os registros. "Eu ri diante da sensação de poder que ele exibia". Almir tirou a passagem do bolso e mostrou a ele.

"Vou embora sim, seu Armando. Só depende de mim".

Pediu novamente para Maria de Lourdes fazer as malas e retornou ao Brasil sem ter marcado um único gol na Itália.



Capítulo Sete

Campeão do Mundo

"Almir volta terça" foi o título de uma nota na coluna "Janela Aberta", assinada simplesmente por GRS, no *Jornal dos Sports* do dia 15 de maio de 1963, uma quarta-feira. E não era nada elogiosa. "Uma que não chega a ser nova, do 'pernambuquinho': o Gênova (sic) rescindiu seu contrato e devolveu-o ao Boca. Queixam-se os genoveses de que ele só foi fazer turismo na Itália. Ficou lá esse tempo inteiro e não jogou uma partida. É o mesmo de sempre. Do Vasco, do Corintians, do Boca, e agora do Gênova. Baixinho de amargar".

No mesmo dia, o jornal *O Globo* publicava em seu caderno de esportes uma matéria do jornalista Ricardo Serran, direto da Itália, sobre os jogadores brasileiros que jogavam na Bota. "Jair, uma das soluções", avaliava principalmente o jogador Jair da Costa, que brilhava na Internazionale, mas também citava, e analisava, outros jogadores como Dino Sani, Sormani, Chinesinho, Germano. Na hora de mencionar Pernambuquinho, ele escreveu: "Almir continua na sua sina de garoto que não cresceu". E mais nada.

A imprensa carioca estava mudando o tom em relação a ele, tornando-se mais crítica. Muitos jornais publicaram notas sobre o retorno de Almir ao Brasil, achando que ele estava apenas de férias e que continuava jogando na Itália. O primeiro clube que ficou sabendo de suas intenções em retornar a jogar no futebol brasileiro foi, o que não é difícil de adivinhar, o Vasco da Gama. No entanto, era complicado. O presidente do Vasco, José da Silva Rocha, vivia reclamando dos problemas financeiros do clube e, dificilmente, teria caixa para bancar os 30 milhões de cruzeiros que o Boca Juniors estava pedindo por Almir.

Tanto que, já no início de junho, se sabia que Almir tinha feito contato com Oswaldo Brandão, então treinador do São Paulo, que havia prometido conversar com a diretoria do clube sobre sua contratação. O vice-presidente do Santos, Modesto Roma também se mostrou interesse pelo passe do jogador, e revelou que a diretoria de futebol estava estudando o assunto.

No "Plantão Esportivo Calói", uma coluna do *Jornal dos Sports*, de 2 de junho, foi veiculada a seguinte notícia: "Julinho por Almir: troca". Ela se referia à dificuldade que Julinho Botelho (campeão pela Fiorentina) estava tendo em renovar seu contrato com o Palmeiras e ao interesse do Boca Juniors por ele. "O Palmeiras decidiu sugerir ao campeão argentino uma troca de seu extrema pelo meia Almir, atualmente no Rio tentando seu reingresso no Vasco". O que não foi adiante porque o Santos FC resolveu agir mais rápido.

Em uma manchete do jornal *A Tribuna*, da cidade de Santos, litoral paulista, do dia 3 de julho, essa rapidez podia ser melhor compreendida. "Santos com 14 jogadores sob cuidados médicos". Zito estava com entorse; Mengálvio precisava operar as amígdalas; Gilmar, a clavícula; Haroldo sofria com uma distensão; e Pelé tinha problemas no joelho. O departamento médico estava movimentadíssimo depois da última excursão da equipe à Europa. Os times brasileiros faziam muitas viagens internacionais naquela época, principalmente o Santos, pois todo mundo queria ver Pelé jogar.

Além dessa necessidade do time, segundo Almir, sua contratação se deveu muito ao auxílio do zagueiro Mauro Ramos de Oliveira, capitão da seleção campeã no Chile, que em uma dessas excursões à Itália havia conversado com ele e tomado conhecimento de sua insatisfação em viver na Bota, suas constantes lesões, sua inaptidão ao frio do país.

No dia 4, o representante do Santos, Ciro Costa, viajou para Buenos Aires, credenciado pelo presidente do clube, para comprar o passe de Almir. O Santos também queria comprar Germano, que estava de férias no Brasil, mas logo desistiu porque o jogador pediu 7 milhões de cruzeiros só de luvas. Conversas com Almir já tinham sido realizadas pelo vice-presidente, Modesto Roma, e faltava apenas a concordância do Boca Juniors.

A necessidade de jogadores para reposição no time do Santos era tão grande que *A Tribuna* publicou, no dia 5 de julho, uma charge em que o treinador do time, Luís Alonso Pérez, conhecido como Lula (treinador do Santos de 1954 a 1966), explicava a um repórter, enquanto dois jogadores chutavam bola: "...e como tá todo mundo no estaleiro o remédio foi pegar aqueles dois e fazer um gol a gol".

Enquanto isso, o próprio Almir dava declarações de que a sua contratação pelo time santista poderia representar um marco em sua reabilitação para o futebol paulista, de onde saíra desacreditado depois de sua passagem pelo Corinthians. Além disso, ele desejava ficar de maneira definitiva no Brasil. No Santos também reencontraria o goleiro Gilmar, com quem tinha andado às turras na época de Corinthians, algo que àquela altura não tinha mais importância.

No entanto, criou-se um impasse porque o Boca Juniors queria 35 mil dólares pela carta liberatória de Almir, além de um jogo do Santos em Buenos Aires com a renda totalmente revertida para os argentinos. Os dirigentes santistas não estavam aceitando os valores propostos pelos portenhos, e o próprio Almir não estava satisfeito com a proposta do Peixe, que deseja lhe pagar 5 milhões de cruzeiros como luvas. O jogador queria um valor maior e o impasse foi instalado nas negociações.

Mais reuniões foram realizadas e, finalmente, no dia 11, foi anunciado o fim das conversas. Almir aceitou os 5 milhões de luvas, o Boca Juniors receberia 20 mil dólares por ele (bem menos do pretendido, e dividido em quatro parcelas), além de um jogo em Buenos Aires com a renda revertida para o time argentino. O contrato era por dois anos com um salário mensal de Cr$ 120.000,00. Almir assinou o contrato e teve ainda de esperar a documentação liberatória por parte do Genoa, seu último empréstimo na Itália.

Diante das incertezas referentes a sua contratação e à liberação por parte dos times estrangeiros, Almir foi para Santos sozinho, deixando Maria de Lourdes e Alvaro em São Paulo, juntos da família. Ali, alugou um quarto numa pensão da cidade, onde jogadores do Santos costumavam morar provisoriamente quando necessário.

A Tribuna publicou em primeira página uma foto de Almir, de terno e gravata segurando uma camisa do Santos, sobre o título "O nome do dia", explicando: "Este é Almir. Seu nome tem sido o mais citado, nos últimos dias, nos meios esportivos locais. Propôs-se a contratá-lo, e ele não vem propriamente como uma esperança, nas circunstâncias em que se encontra o grêmio de Vila Belmiro. Chega — o atacante Almir — para constituir-se em reforço na árdua caminhada que terá de enfrentar o Santos no campeonato paulista deste ano. Muito poderá contribuir nesse sentido, e é exatamente isso que todos esperam dele", atestando que o Santos estava bem (tinha o melhor jogador do mundo) e que o novato vinha apenas para somar em meio a uma trajetória vencedora do time santista.

Enquanto aguardava, fez os exames médicos que constaram: aparelho respiratório, normal; aparelho circulatório, pulso 78; pressão arterial, máxima 12 e mínima 8; coração, raio X normal, eletrocardiograma normal; articulações normais; exames de laboratório normais; raio X dos joelhos: aspectos normais. Aparentemente, longe do frio Almir tinha voltado a sua velha forma física, estando apto para jogar.

Começou com disposição redobrada os treinos na Vila Belmiro antes do contato com bola. Era um programa especial de ginástica, orientado

pelo professor Alcino Pelegrini, conhecido na época por seus métodos. Já nos treinos com bola, Almir se destacou de imediato, entusiasmando o treinador Lula, que desejava escalá-lo assim que fosse possível, logo que saísse a liberação por parte da Federação Paulista de Futebol (FPF).

"Santos testa Almir hoje para lançá-lo no lugar de Pelé", foi o título do *Jornal dos Sports*, explicando que Lula queria provar o jogador nos treinos para saber se tinha condições de atuar no lugar de Pelé, sempre que necessário.

"Almir já está no Santos", informou a *Folha de São Paulo*.

Apelo à CBD

Até a Confederação Brasileira de Desportes (CBD) foi acionada pelo time santista para ajudar na tramitação dos papéis da transferência de Almir, pois, por alguma razão burocrática, o processo estava demorando mais do que o normal. A Confederação fez contato com a *Federazione Italiana Giuoco Calcio* e a *Asociación del Fútbol Argentino* para conseguir liberar os documentos de Almir para a FPF.

E somente no dia 26 de julho, uma sexta-feira, quase no final do expediente, chegaram todos os documentos à Federação, regularizando o jogador e criando o registro 713/63 de Almir. De imediato, ele foi escalado por Lula para debutar no Santos contra o Jabaquara, pelo campeonato paulista. Jogaria com Pelé e Pepe.

No domingo, 28, Almir estreava na Vila Belmiro, com vitória por 5 a 2. Não fez nenhum dos gols, mas *A Tribuna* escreveu que "uma observação de Lula aos 15 minutos da fase final, determinando que Almir passasse a armar as jogadas, tarefa executada até então por Pelé, permitiu que o ataque do Santos ganhasse maior agressividade a ponto de consignar 3 gols em 14 minutos, liquidando o prélio no seu aspecto numérico".

Apesar dos aparentes elogios do diário, Lula não ficou convencido das qualidades de Almir e já não o escalou para o jogo seguinte, quando o Santos empatou em 2 a 2 com o Guaratinguetá. No entanto, colocou Almir em campo no jogo subsequente, contra o Guarani, no Brinco de

Ouro da Princesa, vitória por 2 a 1 numa partida muito equilibrada. Almir jogou mal e ainda sofreu uma distensão muscular na coxa esquerda ao final do primeiro tempo, mas permaneceu em campo (ainda não havia a regra de substituições) sem poder fazer praticamente nada. E, claro, não jogou a partida seguinte, contra o Palmeiras, no Pacaembu, que terminou empatada em 1 a 1.

Na madrugada entre os dias 13 e 14, terça e quarta-feira, Almir se meteu em uma confusão e levou um tiro. Por sorte, apenas de raspão. No dia 15, *A Tribuna* deu a notícia dentro da matéria do jogo entre Santos e São Paulo, no Pacaembu, que seria realizado naquele dia. O diário santista escreveu: "Os futebolistas do Santos, Almir e Batista (Benedito Batista, ponta-esquerda), envolvidos na madrugada de ontem em lamentável ocorrência, foram alvejados a tiros por um grupo de desconhecidos". Tinham sido levados para a Santa Casa de Misericórdia de Santos e, passado o susto, receberam visitas de companheiros e diretores do clube. Batista tinha sido ferido de maneira mais grave, pois o projétil tinha perfurado seu braço esquerdo na altura do cotovelo e provocado sua fratura. Almir levou apenas um tiro de raspão na coxa direita. Medicado, logo foi dispensado. Batista ainda permaneceu na Santa Casa.

Em seu livro de memórias, ele conta o ocorrido desta maneira: "Como levava uma vida de rapaz solteiro, uma noite saí com outro jogador, Batista, que também era reserva do Santos, e uma moça que morava na mesma pensão. Depois de jantarmos num restaurante, fomos conversando para o carro, que estava estacionado perto. Isso foi alguns meses antes da decisão entre o Santos e o Milan pelo mundial de clubes, minha cara não era muito manjada em Santos, a de Batista muito menos. No meio do caminho, quatro rapazes mexeram com a gente, abusando mesmo. Como eles estavam em patota, tiraram onda com a moça, pensando que eu e Batista íamos botar o galho dentro. Houve aquele desentendimento, a moça chorava, pedindo pelo amor de Deus que não ligássemos para aquilo, temendo tanto a briga como o escândalo. Eu e Batista resolvemos deixá-la na pensão e voltamos ao local para aclarar a história. Os caras ou eram filhinhos de papai ou marginais mesmo: fomos recebidos a tiros". A ocorrência policial acabou dando em nada.

Ficou de fora contra o Palmeiras e mais três jogos para se recuperar. Voltando a treinar, Almir foi escalado para o segundo jogo da semifinal da Libertadores contra o Botafogo, no Maracanã (o primeiro foi um empate em 1 a 1). O Santos, por ter sido o campeão em 1962, entrou direto na semifinal na edição seguinte.

E venceu de maneira espetacular por 4 a 0, com Almir substituindo Coutinho aos 36 minutos do segundo tempo, quando já estava 3 a 0. Foi seu "esplêndido" (segundo os jornais) passe para Lima que resultou no quarto gol santista. Entretanto, Almir saiu da partida sentindo a perna e foi para o departamento médico com Pepe que, igualmente, havia sentido uma distensão muscular. Com a vitória, o alvinegro praiano carimbava sua passagem para a grande final da Libertadores, justamente contra o Boca Juniors.

Os dois logo voltaram a treinar, mas foram preservados na partida seguinte, uma também espetacular derrota do Santos por 4 a 1 para a Ferroviária, de Araraquara, (mesmo placar da derrota para o São Paulo) pelo campeonato paulista. E não se podia afirmar que o time santista estava se preservando para a final com o Boca. A escalação era, em sua grande maioria, de titulares, inclusive com Pelé, autor do único gol do Santos.

O primeiro jogo da final da Libertadores de 1963 foi no Maracanã, no dia 4 de setembro, uma quarta-feira, e teve 63.376 pagantes, com o juiz francês Marcel Bois no comando da partida. Almir não foi escalado, mas Pepe foi. Não tinha sido relacionado nem entre os jogadores que embarcariam para o Rio de Janeiro por causa de suas condições físicas. Não jogaria contra seu antigo clube. Não teria a chance de fazer um gol contra o time de Don Armando.

A partida terminou com a vitória do Santos por 3 a 2 sobre o Boca Juniors, apesar do cansaço do time paulista, principalmente no segundo tempo. O presidente xeneize, velho conhecido de Almir, declarou ao final que os torcedores boquenses lotariam La Bombonera na segunda partida e que isso faria uma grande diferença. "Serão 80 mil pessoas muito mais entusiasmadas e que, além disso, ficarão muito

mais perto do campo de jogo, podendo transmitir um incentivo que nenhuma equipe consegue no Maracanã", disse com total confiança em suas próprias palavras.

Um dia antes da final da Libertadores, o jornal *A Tribuna* publicou um "Retrato sem retoque do dianteiro Almir", fazendo um histórico da carreira dele desde sua saída de Recife, e afirmando que a imagem de Almir era de alguém com "um gênio tremendo", dando a palavra a ele, a fim de tentar mostrar que aquela era uma imagem distorcida e, no mínimo, exagerada. "O que mais prezo neste mundo é a consciência. Quando a tenho atribulada, não vivo. Vegeto. Mas quase sempre eu a tenho tranquila, porque embora eu mesmo a reconheça ser às vezes repentino em minhas atitudes, jamais deixo de agir dentro do mais amplo sentimento humano. Sou sincero comigo mesmo, para poder ser leal com os meus semelhantes", afirmou ao diário santista.

Segundo a reportagem, ele era um moço de 25 anos incompletos, bem educado, em quem se notava de pronto a espontaneidade de seus gestos e que ele não teria nada de estudado em seu comportamento. "Ele é aquilo que é, e, não, o que pensam que ele seja", afirmava o autor, não identificado no jornal. Almir exaltou o companheirismo no time do Santos dizendo que encontrou um clima dos melhores, sadio, estimulante e que cada colega era um amigo, dizendo ter certeza de que seria útil ao time. "Minha recuperação vem se processando normalmente e já está atingindo o seu término. Breve deverei voltar a vestir, já então com maiores probabilidades, a gloriosa camiseta branca e preta", finalizou a entrevista dada na Vila Belmiro, pois não foi relacionado para viajar a Buenos Aires.

Na segunda partida, com La Bombonera lotado, como previra seu presidente, as mais de 80 mil pessoas presentes (renda de 108 milhões de cruzeiros, um recorde) cantavam sem parar para incentivar o Boca Juniors numa tarde fria e chuvosa que registrava apenas 12 graus de temperatura. Mas não adiantou muito. O time portenho perdeu novamente para o Santos, dessa vez por 2 a 1, e o time santista sagrou-se bicampeão da América.

Com a vitória, o Santos estava credenciado a disputar o título mundial de clubes campeões contra o Milan, da Itália, campeão europeu.

Prudentina e Milan

Porém, antes de enfrentar o poderoso Milan, o Santos tinha a Associação Prudentina de Esportes Atléticos pela frente. Foi contra o time da cidade de Presidente Prudente que Almir voltou a ser escalado. Uma semana depois da final da Libertadores, a equipe santista estava de volta ao campeonato paulista, conseguindo apenas um empate em 2 a 2, na Vila Belmiro. Almir não jogou bem, foi criticado, e voltou a sentir a distensão.

Ao mesmo tempo, o Santos anunciou ter decidido não jogar em Buenos Aires contra o Boca para pagar a segunda parte do passe de Almir. Preferiu, como rezava o contrato, pagar os 20 mil dólares caso a partida não fosse realizada.

Almir também não entrou em campo nas três últimas partidas, três vitória, do Santos no primeiro turno do campeonato: contra Corinthians, Juventus e Botafogo, respectivamente. Pelo que tudo indicava, sua melhora ao regressar ao Brasil tinha sido apenas ilusória.

Almir voltou aos treinos sem bola e fazia exercícios para perder peso. Continuou sem jogar contra Noroeste, Prudentina e Esportiva Guaratinguetá. Faltava apenas uma semana para o primeiro jogo contra o Milan, na Itália.

Em sua edição de 11 de outubro, *A Tribuna* fez observações sobre ele. "O avante Almir também compareceu ontem à Vila Belmiro, mas não participou do ensaio de conjunto. Treinou corridas e realizou várias voltas ao gramado até revelar cansaço. Notou-se que Almir não acusa desânimo por estar, mais uma vez, à margem do quadro principal". No dia seguinte, à noite, o Santos embarcava para a Itália, e Almir não estava entre os escalados, algo que, em razão de suas condições físicas, ele já esperava que acontecesse. Seu retorno ao Brasil não estava sendo da maneira que esperava.

A primeira partida da final da Copa Intercontinental dos Campeões foi em 16 de outubro, no San Siro, em Milão, num jogo muito disputado, mas com clara superioridade dos italianos, que venceram por 4 a 2, com dois tentos do Milan marcados pelo brasileiro Amarildo, abrindo uma grande vantagem sobre os santistas. O estádio não estava lotado — dos 80 mil lugares disponíveis, 51.917 haviam sido ocupados — porque os dirigentes italianos aproveitaram o interesse pelo confronto e cobraram ingressos caros, fazendo muita gente desistir.

"*Spettacolo del Milan*", escreveu o jornal *La Stampa*, dando o tom das análises italianas sobre a primeira disputa da final. O vice-presidente do Santos, Modesto Roma, deu uma declaração dizendo que "o Milan jogou bem e mereceu ganhar. Porém, em nosso campo vingaremos esse 4 a 2", repetindo a lógica do presidente do Boca. A segunda partida estava marcada para 14 de novembro, no Rio de Janeiro, e o Milan tentou mudar para dia 15 (feriado da Proclamação da República) no estádio do Pacaembu, em São Paulo, o que não conseguiu.

Até a realização da grande final, o Santos tinha muitos prélios pelo campeonato paulista para jogar e vencer, ainda que a primeira partida após o confronto com o Milan tenha sido uma derrota — como também havia acontecido na partida subsequente à final contra o Boca — para a Portuguesa de Desportos, no Pacaembu. Almir jogou, mas não participou dessa derrota. A novidade foi seu aproveitamento no time do Santos como aspirante na preliminar de Santos e Portuguesa (prática comum na época) e o resultado foi o contrário daquele da partida principal. O Santos aspirante venceu a Portuguesa aspirante por 1 a 0, destaque para o goleiro Edevar, do Santos, que fez grandes defesas.

Almir tampouco jogou contra o Comercial, mas foi chamado para se concentrar com os outros jogadores para a próxima partida, contra o São Bento, de Sorocaba. No entanto, só ficou no banco e não participou da derrota para o time de Sorocaba por 3 a 2. Foi novamente aproveitado no time de aspirantes no jogo posterior, contra o Juventus, empate duplo — 1 a 1 na partida principal e 0 a 0 no jogo dos aspirantes. Contra o Juventus, no Pacaembu, aconteceu o mesmo e Almir foi aproveitado

novamente no time dos aspirantes; o resultado foi um empate em 1 a 1; já o time de Pelé empatou em 0 a 0.

Pernambuquinho só foi relacionado para jogar no time principal contra o XV de Piracicaba, e dessa vez entrou em campo. O resultado foi uma goleada de 5 a 0 e um ótimo desempenho de Almir, que deu assistência para um dos três gols que Toninho Guerreiro fez na partida. "Almir um dos mais destacados valores locais na peleja", resumiu *A Tribuna*. Com essa performance, ele garantiu sua escalação para ir ao Rio de Janeiro.

O jogo da vida

Ainda mais porque Pelé estava machucado, apesar de ninguém acreditar nisso. Principalmente, os italianos.

"*Amarildo: Pelé sono io*" foi a manchete em letras garrafais da edição extraordinária do semanário esportivo italiano *Supersport* do dia 17 de outubro de 1963, com foto do primeiro gol de Amarildo no 4 a 2, em San Siro. Dois dias depois, *A Tribuna*, de Santos, reproduzia essa manchete da *Supersport* com a seguinte legenda: "A vitória do Milan sobre o Santos foi encarada como fato de outro mundo e andou transtornando, inclusive, o brasileiro Amarildo, agora no clube italiano".

"Amarildo: Pelé sou eu" foi lido por Almir, que não gostou nem um pouco. Ele tinha enorme admiração por Pelé e conhecia Amarildo, apelidado por Nelson Rodrigues de "Possesso", dos tempos em que jogava no Botafogo.

"Em entrevistas à imprensa italiana, ele cansou de repetir que o Milan ia faturar o título fácil. Um jogador dizer isso é normal, faz parte da guerra de nervos. Mas ele não ficou só nisso, disse também que Pelé já era, que não era mais o rei. O jogo em Milão teria provado isso. Eu me esquentei com o negócio: um brasileiro falar mal do Pelé não estava certo", escreveu em suas memórias.

Almir se referia, quando Amarildo dizia que Pelé já era, à coluna "Um Minuto de Crônica", assinada por D.V., do mesmo *A Tribuna*, do dia 5, que registrou: "Numa dessas arengas, por sinal a mais recente,

ao *Calcio Illustrato*, Amarildo após afirmar que o Santos vai perder, e perder feio, para o Milan, num palpite que não pode ser negado a ninguém, descambou para a deselegância. — Pelé não é lá essas coisas que andam dizendo. A fama joga mais que ele. Eu já o coloquei no bolso, lá no Brasil, uma porção de vezes", teria dito na Itália.

Entretanto, o jornal *Corriere della Sera*, numa edição válida para os dias 12 e 13 de novembro, publicou uma retratação de Amarildo. "*Non sono il Re*", ou seja, "Não sou o Rei", afirmou à imprensa italiana, explicando que nunca havia dito que tinha se tornado o Rei. E que o Rei será sempre Pelé. Anos mais tarde, em entrevistas ele reafirmou que não tinha dito ser o Rei e que não sabia na época falar bem italiano, confundindo-se com as perguntas dos repórteres que acabaram saindo com essas afirmações.

O problema é que o jornal *A Tribuna* não publicou essa retratação do jogador e Almir estava, ele sim, possesso com Amarildo. "Tomei uma resolução: — Logo de cara, vou acertar o Amarildo", confessou nas suas memórias.

A delegação do Santos embarcou para o Rio de Janeiro e, no dia anterior à partida, 13, fez ainda um jogo-treino de meia hora contra o time do Olaria, ganhando por 1 a 0, gol de Batista, aquele que havia levado um tiro em Santos, junto com Almir.

E Pelé realmente não jogaria. Havia sentido uma antiga distensão no final do empate contra o Juventus e não tinha condições de jogo. Quando os alto-falantes do Maracanã anunciaram a escalação do Santos sem Pelé, e Almir em seu lugar, o estádio em peso vaiou muito em alto e bom som. Mas Almir já esperava por isso. "Pelé era muito querido e, além disso, eu tinha jogado pelo Vasco numa cidade onde a maioria da torcida é Flamengo", justificou.

O Maracanã estava lotado com 132.728 pagantes, gerando uma renda recorde de Cr$98.065.500,00, que seriam totalmente revertidos ao time santista pelo acordo com o Milan. O jogo estava sendo transmitido por 70 emissoras de rádio brasileiras, quatro italianas e várias outras de diferentes países. Até a *Hora do Brasil* antecipou o programa em uma hora para não atrapalhar a transmissão da final. O filme do jogo

seria apresentado em toda Europa pela *Eurovisão*, empresa da União Europeia de Radiodifusão.

Às 21h35 a bola começou a rolar e, logo de cara, como ele mesmo havia confessado, Almir pegou Amarildo, às 21h36. Depois da saída de bola, Amarildo cortou o passe que tinha sido feito para Dorval e avançou rápido pela direita, numa jogada que era característica sua. Almir saiu, então, em desabalada carreira, mirando e acertando Amarildo exatamente no tornozelo. E há quem diga que ainda cuspiu no jogador.

O juiz argentino Juan Brozzi (que o expulsou na Argentina) paralisou a partida, chamou a atenção de Almir, ameaçou expulsá-lo, mas não o fez. Sua não expulsão em uma jogada tão pesada corrobora suas próprias palavras: "Foi um toco só. Ele caiu se contorcendo de dor, mas acho que fez cena demais: queria ver se o argentino Juan Brozzi me expulsava, e se assim o Milan começava logo com a vantagem de onze contra dez. Eu não me perturbei, fiz tudo friamente, tratei logo de falar com o pessoal para arrumar bem a nossa defesa, comecei a preparar a barreira. Os italianos chiaram muito. O Maldini, capitão deles, falava pelos cotovelos, queria cavar minha expulsão a qualquer preço. Eu nem dei bola, porque sabia que a palavra de seu Moran era pra valer (Nicolau Moran, dirigente do Santos).

— Você é rei lá dentro, Almir. Faz o que quiser. O juiz não vai fazer nada" registrou em suas memórias.

E não fez.

O árbitro Juan Brozzi foi bastante criticado na época, e também depois, por seu desempenho nos dois jogos entre Santos e Milan, no Maracanã. Acusações várias foram feitas e, posteriormente, matérias em revistas publicaram, sem provas concretas, até mesmo supostas confissões dele para conhecidos, nunca confirmadas, bem como nomes de pessoas e veículos que não podiam ser verificados.

Quem fez mais do que devia foi Alfredinho (Alfredo Sampaio, ex-jogador), auxiliar técnico de Lula. Segundo o próprio Almir, ainda em suas memórias, foi ele quem lhe ofereceu uma "bola", como eram chamados os comprimidos estimulantes, muito comuns na época, uma

vez que ainda não eram realizados testes antidoping nos jogadores, prática que começou a ser feita apenas na Copa de 1966, na Inglaterra, sendo adotada, na sequência, em todo o mundo.

"Por que eu não ia querer? O bicho pela conquista do bicampeonato mundial de clubes (o Santos já havia sido campeão no ano anterior) era de 2.000 cruzeiros (sic): dava para comprar um Volkswagen zerinho. Nós entramos no campo vendo o automóvel ao alcance da mão. Do outro lado estavam os caras que podiam impedir isso", escreveu.

Era comum o uso de estimulantes no futebol, mas de maneira camuflada. Tanto que, naquela mesma época, havia sido instalada no Brasil a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, pelo Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP), do Ministério da Justiça. Essa comissão estava investigando o uso dessas drogas no futebol e chamando para dar depoimentos diversos jornalistas, artistas, atletas, dirigentes, empresários, profissionais de diferentes atividades. Um dos depoimentos mais polêmicos foi o do jornalista e técnico João Saldanha, que declarou, no dia 4 de outubro, ser comum no futebol o uso de estimulantes pelos jogadores, muitas vezes incentivados pelos próprios clubes.

O que gerou muitos protestos da parte dos dirigentes, ameaçando Saldanha com processos judiciais por causa de sua declaração. No dia seguinte ao depoimento, toda a imprensa repercutiu sua fala, como o *Correio da Manhã*, que destacou a coragem de suas palavras (não à toa seu apelido era João Sem Medo), segundo o próprio presidente da comissão, o delegado Carlos Alberto Garcia.

A *Folha de São Paulo* enfatizou que, segundo Saldanha, "o hábito de dopar jogadores de futebol no Rio e em São Paulo chegou a tal ponto que atletas como Nilton Santos, Cacá, Amauri, João Carlos e outros, com medo dos estimulantes, recusam-se a tomar até água nos vestiários".

"Fiquei Surpreso..." foi o título da coluna "Dia a Dia", do jornalista Vargas Netto, no *Jornal dos Sports* naquele mesmo dia. "Fiquei surpreso com o depoimento do João Saldanha no inquérito dos entorpecentes. Eu nunca soube nada das coisas que ele disse. Aliás, não é de causar, à

minha ignorância, nenhuma admiração ou mesmo incredulidade a respeito dela, pois eu não vivo na intimidade das concentrações, nem tenho convívio com os porões dessa atividade. Quando eu tive convivência com as equipes, quando eu mantinha trato direto com os atletas e os treinadores — e isso já faz tanto tempo — não existiam essas práticas, ou, se existiram, nunca foram do meu conhecimento".

Eu e o Futebol, na verdade, não contava nada de tão novo.

Mesa farta

Apesar de tudo isso, com vinte minutos de jogo estava 2 a 0 para o Milan, com gols do brasileiro Mazzola, aos 14 minutos, e de Bruno Mora, aos 19. O time italiano jogava um futebol rápido, envolvente, de grande mobilidade tática, com jogadores fazendo funções variadas durante a partida, uma inovação. O campeão europeu mostrava todo o seu futebol. Final do primeiro tempo, 2 a 0, e os milanistas já se consideravam praticamente campeões do mundo.

Falava-se no estádio que eles tinham até uma mesa pronta com bebida e comida no vestiário para a comemoração ao término da partida. Os santistas não gostaram nem um pouco de saber disso.

Os italianos demoraram para voltar a campo para o segundo tempo, que a essa altura começava a ficar encharcado, tamanha a tempestade que tinha desabado no Maracanã durante o intervalo.

O Santos saiu com a bola e Almir partiu para cima da defesa e acertou a trave. Aos 5 minutos, Pepe bateu uma falta e fez o primeiro do Santos. O segundo não demorou muito: aos 9 minutos Almir acertou o ângulo esquerdo do arqueiro adversário. "Almir transformava o Maracanã num mundo de esperanças, num palco de festa agitada, ao marcar o gol de empate, aos nove minutos. Era o reencontro que o Santos registrava com sua força técnica, era o brio ferido de uma equipe campeã mundial, era a reação ao orgulho, à falsa vaidade de quem ainda não tinha motivos para expandi-la. De pé o público, numa identidade de alegria contagiante, aplaudiu e comemorou o gol de Almir, caminho aberto à vitória, chama de esperança acesa para mais de 60 milhões de habitantes", narrou assim,

de maneira emocionada, o jornalista José Castelo, do *Jornal dos Sports*, na edição do dia seguinte.

Aos 18 minutos Lima tentou um tiro de longe e marcou o terceiro gol dos santistas. Aos 24, outro canhão de Pepe, em cobrança de falta, era o 4º gol. Almir é quem foi buscar a bola no fundo da rede. Aos 32 minutos ele recebeu uma entrada dura de um italiano, mas a falta cobrada por Pepe, dessa vez, foi para fora. Nos últimos minutos, incentivados pela torcida, os santistas colocaram os milanistas na roda e Almir sofreu mais uma falta. O Maracanã inteiro começou a balançar lenços brancos (naquela época todos usavam) para se despedirem dos italianos, cantando *Está chegando a hora*. E quando chegou, com o apito final, a terceira partida entre Santos e Milan estava automaticamente marcada para o mesmo Maracanã, dali a apenas dois dias.

"Sensacional vitória do Santos por 4 x 2", escreveu *A Tribuna*, em sua página de esportes da edição de 15 de novembro, analisando a partida e o desempenho dos jogadores. Sobre Almir, avaliou: "Pepe voltou a ser o grande chutador e figurou como um dos principais elementos santistas, mas também Almir se revelou, pelo que fez no segundo período, um avante utilíssimo". Destacou ainda que no dia seguinte haveria o jogo decisivo com perspectiva de uma renda superior a 100 milhões de cruzeiros.

"Vitória épica do Santos: 4 a 2", foi o título de primeira página do *Jornal dos Sports*, que descreveu muitas passagens da final, destacando que "ainda no primeiro tempo, Almir aproximou-se de Mazzola e disse-lhe: 'Você é um traidor!'. Mazzola não perdeu o controle e respondeu: 'Sou mais brasileiro que você!". Ou ainda que, ao final da partida, "Amarildo fez muitas acusações a Almir, com palavras ásperas, querendo dizer que o atacante do Santos usou de truques nos choques com a defensiva do Milan. No vestiário, Amarildo chorava e lamentava a pedrada que levou de torcedores".

"Santos ganhou de 4 e deu olé: 4 x 2", foi a manchete de capa do jornal *Gazeta Esportiva*, de São Paulo, no dia seguinte. "Gols de Pepe,

Lima e Almir liquidaram o Milan", com foto dos jogadores santistas carregando uma bandeira do Brasil.

O jornal *O Globo* também destacou a vitória em sua primeira página: "Em estupenda reação o Santos venceu o Milan devolvendo-lhe os 4x2". Sobre Almir, frisou: "a surpresa, pois no segundo tempo foi valente e colaborou decisivamente para o triunfo", acentuando que os campeões do Santos receberiam dois milhões de cruzeiros como premiação pela vitória, e que o italiano Bruno Mora tentou agredir o juiz ao final da partida, pois, para eles, Juan Brozzi tinha sido o melhor jogador do Santos e que outro árbitro não deixaria Almir continuar em campo após uma série de jogadas desleais.

Ainda em *O Globo*, destacou-se "À Sombra das Chuteiras Imortais", de Nelson Rodrigues, que afirmou: "A torcida que passou pela provação de 50 está apta, finalmente, a compreender Almir. Naquela ocasião, o Almir era Obdulio. E este ganhou a 'Copa' no grito e no dedo na cara. Na primeira partida, também o Milan foi todo Almir. É fácil dizer que esse incontrolável jogador brasileiro não passa de um delinquente. Todavia, a verdade me parece bem menos simples. Almir representa o contingente de molecagem sem o qual nenhum time brasileiro se mantém de pé. Não, não me venham falar em botinadas, como se o Santos, anteontem, tivesse inaugurado o 'foul' no futebol. Nem Almir é o primeiro a chutar as canelas do semelhante".

"Santos vence Milan e decide título amanhã", foi o título do *Jornal do Brasil*, informando que o Milan vetaria o nome de Juan Brozzi como árbitro do terceiro jogo. Porém, o destaque foi a coluna "Na Grande Área", de Armando Nogueira, que não perdia oportunidade de fustigar Almir com críticas veementes. "Assisti, ontem, no Maracanã, a uma partida criminosamente disputada, com alto índice de faltas desleais, em que um ato de heroísmo do Santos lhe deu a vitória no segundo tempo, uma vitória que na realidade ninguém chegou a merecer. O juiz Juan Brozzi foi co-autor de toda a deslealdade que campeou com sua pusilanimidade, e 132 mil pessoas viram dois times, liderados pelo paranoico Almir, a secundá-lo à perfeição em suas agressões, repito, criminosas".

No dia seguinte, ele voltaria ao assunto em sua coluna. "A agressão de Almir a Amarildo, com meio minuto de jogo, teve tudo de má-fé. É incrível que o público tivesse aplaudido tão calorosamente a covarde atitude de Almir. Não é esse o estímulo que devemos dar a um temperamental como Almir. Será que os que gritavam 'é esse' contra Amarildo queriam, mesmo, vê-lo inutilizado por um pontapé de Almir? Ou pensam vocês que Almir hesitaria em arrebentar o joelho de Amarildo? Vocês já ouviram falar em Hélio, zagueiro do América? Pois Hélio foi vítima de uma das mais bárbaras agressões que já vi alguém sofrer num campo de futebol. Quem o aleijou? Almir".

Enquanto a *Folha de São Paulo* deu o título "O Santos goleia o Milan" na capa, destacando que os torcedores gritaram "olé" no final da partida, chegando a irritar os milanistas, o jornal *O Estado de São Paulo* manchetou apenas em sua página de esportes: "O Santos perdia na 1ª fase, mas venceu: 4 a 2", salientando que "Brozzi teve péssima atuação, errando principalmente por não coibir a violência e aceitar, impassível, toda a sorte de reclamações, em sua maioria feitas pelos italianos".

Já a imprensa italiana concentrou suas análises na atuação do árbitro e nas condições de jogo, assim como a matéria veiculada pelo jornal *Corriere della Sera*, cuja sede fica em Milão, no dia seguinte ao confronto, que estampou como título: "Jogo intimidador dos brasileiros", revelando que "antes da partida, o Milan queria se proteger das ações do árbitro formulando uma cautela por escrito que foi entregue pelo presidente da Liga Italiana aos representantes da UEFA (União das Associações Europeias de Futebol, em português) e da Confederação Sul-Americana. Nessa cautela foi declarado que os diretores do Milan examinariam as decisões da arbitragem do argentino Brozzi no final da partida e, caso as considerassem inadequadas para proteger seus interesses esportivos, seria considerada a possibilidade de desistir da eventual terceira partida e retornar imediatamente à Itália".

"A intimidação venceu!", foi a capa da *Gazzetta dello Sport*, que depois perguntou: "O time italiano volta para casa?", repercutindo a notícia de que o Milan estava profundamente insatisfeito com a arbitragem argentina e com todo o ambiente de guerra instalado no Rio

de Janeiro. "Não faz sentido arriscar as pernas e a segurança de seus jogadores para desafiar o Santos por um título que não admite perder", escreveu o enviado especial da gazeta, Gualtiero Zanetti.

Por sua vez, o diário *La Stampa* preferiu comentar a situação geral da partida, tida como complicada. "Um ambiente difícil", foi o título, caracterizando a atmosfera do confronto: "A partida entre Santos e Milan, no Rio de Janeiro, gerou uma verdadeira tempestade de comentários e críticas, em especial acerca do ambiente que envolveu a partida: o comportamento da torcida, a arbitragem, a chuva, o calor, a violência do jogo. Mas conhecemos bem o ambiente. Já percorremos todo o estádio do Maracanã, do subsolo ao teto, e ali presenciamos, mais de uma vez, cenas semelhantes às que aconteceriam desta vez. E conhecemos a mentalidade do apaixonado público brasileiro. Portanto, não ficamos surpresos com o que aconteceu".

O jogo da vida – 2

Apesar da reclamação dos dirigentes do Milan, que chegaram a afirmar, na reunião realizada no mesmo dia do jogo, 16, no Hotel Glória, que não disputariam a terceira partida, ficou acertado entre os italianos, a Confederação Brasileira de Desportos, a Federação Paulista de Futebol, o representante da UEFA e o time do Santos que o árbitro seria o mesmo, o argentino Juan Brozzi. O Milan teria de pagar uma multa de 25 mil dólares, fora outras penalidades, se não entrasse em campo.

Curioso era o regulamento que dizia que, no caso de empate, haveria uma prorrogação de 30 minutos, divididos em dois tempos de 15, e, caso o empate persistisse, um sorteio seria realizado no meio de campo para decidir o resultado do confronto. Ainda não se pensav em uma disputa de pênaltis para uma decisão.

O jogo foi marcado um pouco mais cedo que o anterior, às 21 horas, porque o Milan embarcaria de volta à Itália assim que terminasse a partida, independentemente do resultado. Outra mudança foi em relação ao bicho oferecido aos jogadores do Santos. O dirigente Modesto Roma informou que, na realidade, o Santos ainda não havia definido

quanto daria aos jogadores se fossem bicampeões. Garantiu apenas que a soma seria alta.

Pelé ainda não tinha condições de jogo e continuou de fora. O treinador Lula escalou a mesma equipe do jogo anterior e, dessa vez, Almir não foi recebido com vaias no Maracanã. Na verdade, vinha sendo apontado como um dos "valentes" da espetacular virada e foi aplaudido como todos os outros santistas. "Almir foi o fator preponderante da vitória e faço esta declaração hoje, 24 horas depois do jogo, por questão de justiça", declarou Lula, na concentração do Santos.

Antes do início do confronto, o chefe da delegação milanesa, Piero Grassei, e o presidente do Santos, Athiê Jorge Cury, foram ao vestiário do trio de arbitragem para solicitar o máximo rigor de Brozzi para impedir condutas violentas durante a partida. Ao entrar em campo, o juiz foi vaiado por todos os torcedores no Maracanã. A renda foi um pouco inferior à anterior: Cr$ 91.546.000,00, com 120.421 pagantes. Reduzidos os impostos e taxas, Santos e Milan receberam Cr$ 28.687.600,00 cada um.

Às 21 horas, o Milan deu o pontapé inicial partindo para o ataque. Só aos 6 minutos o Santos conseguiu quebrar o adversário com um ataque de Almir, que recebeu uma violenta falta. Pepe cobrou levantando a bola na área e Almir disputou a bola com o arqueiro, acertando um chute em Balzarini, que começou a sangrar. O zagueiro Cesare Maldini aproveitou a deixa e agrediu Almir, que levantou os braços para demonstrar que não havia feito nada. Porém, a confusão estava criada e o jogo ficou paralisado durante sete minutos, com os dois capitães sendo chamados pelo juiz. O confronto prometia.

Almir e Dorval atormentavam a zaga milanista até que aos 30 minutos, Mengálvio cruzou na área e Almir, ao tentar cabecear, levou um chute no rosto de Maldini. Pênalti que o árbitro apontou de imediato. Almir rolou pelo gramado com as mãos sobre o rosto e Maldini passou a destratar o juiz. Foi expulso mas não quis aceitar a expulsão. Acabou sendo retirado de campo pela polícia. Dalmo cobrou e fez 1 a 0 para o Santos. A torcida explodiu e o jogo continuou cada vez mais nervoso, com agressões mútuas, gol anulado do Santos aos 40 minutos, expulsão

de Ismael, lateral direito santista, e onze minutos de acréscimos antes de Juan Brozzi encerrar o primeiro tempo.

Sobre aquela jogada fundamental, a agressão e o pênalti, que acabou levando o Santos à vitória, Almir descreveu assim a dinâmica dos fatos em suas memórias: "Eu estava mais ou menos ali pela marca do pênalti. Ia chegar um pouco atrasado na bola, mas tinha de tentar, tinha de acreditar em mim. Vi quando Maldini, desesperado, levantou o pé, tentando cortar o lançamento. Eu tinha de dar tudo ali naquele lance: meter a cabeça para levar um pontapé de Maldini, correr o risco de uma contusão grave, ficar cego, até mesmo morrer, porque o italiano vinha com vontade. Agora era ele ou eu. Meti a cabeça, Maldini enfiou o pé, eu rolei de dor pelo chão", confessou.

E não seria a única vez que Almir faria isso em sua carreira, como veremos em breve.

O início da segunda etapa foi como a primeira. O Milan começou a atacar de imediato e o Santos levou uns dez minutos para se arrumar e reagir. E essa reação passava por Almir, que atuava pelas pontas. Aos 13 minutos ele sofreu uma falta que Pepe bateu e obrigou o goleiro Barlucci (que entrou no lugar de Balzarini, que sangrava muito após aquela disputa de bola com Almir) a fazer uma grande defesa. A partida passou a ter uma intensa movimentação graças ao espírito de luta dos milanistas, e os goleiros das esquipes tornaram-se peças fundamentais, fazendo grandes defesas.

Almir sentiu uma das entradas duras da zaga do Milan, diminuindo sua produção, e o Santos lutava duramente para segurar o placar. Faltando poucos minutos para o fim, a torcida começou a agitar lenços brancos, despedindo-se do Milan. O time inteiro não aguentava o cansaço. Ao apito final de Brozzi, vários jogadores desabaram no gramado, cansados e aliviados. Almir foi carregado nos braços pelos companheiros, que, em seguida, foram dar a volta olímpica no Maracanã sob os aplausos dos torcedores. Almir não foi porque não tinha condições físicas para aquilo.

"Eu ouvia o público gritar meu nome num coro que tomava o Maracanã de ponta a ponta: Al-mir! Al-mir! Àquela altura eu não tinha

condições de fazer a volta olímpica com os demais jogadores. Estava no bagaço, de tão massacrado. Dei muita pancada, mas também apanhei demais. Saí do campo capengando, me arrastando, não aguentava de tanto cansaço. Fiquei um tempão na banheira térmica do vestiário". Mais adiante no texto, Almir começou a avaliar ações suas que, ele sabia, seriam criticadas. "Eu tinha me comportado como um marginal? Para o povo ali e para a imprensa, no dia seguinte, eu era um herói. Eu, Almir Moraes Albuquerque, havia apenas aplicado o que o futebol me ensinou".

E o capitão Mauro Ramos de Oliveira, que havia ajudado Almir a ser contratado pelo Santos, levantou a taça do bicampeonato mundial interclubes do Santos Futebol Clube.

Almir, você é grande

Ainda nos vestiários descansando, Almir recebeu a visita de Pelé que assistiu ao jogo nos camarotes e, logo que o viu, foi abraçá-lo. "Saí de campo como um herói: a mesma torcida que me vaiara, agora estava me aplaudindo. Nada disso me comoveu, o que me impressionou foi o abraço que Pelé me deu, ele que era, e ainda é, meu ídolo: — Almir, você é grande!", disse Pelé.

"Santos derrotou o Milan e é bi mundial", estampou a manchete de primeira página do *Jornal do Brasil*, com uma foto imensa do instante em que Almir estava sendo golpeado na cabeça por Maldini, lance que provocou o pênalti para o Santos; no caderno de esportes, havia uma foto de Almir sendo carregado nos ombros com o semblante esgotado e o título: "O homem do Bi". O jornal destacou ainda que Pelé virou o rosto na hora para não ver a cobrança de Dalmo, e que Almir jogou, no segundo tempo, com joelheiras para proteger os locais onde havia sido atingido, até cair de esgotamento nos dez minutos finais.

Em sua coluna "Na Grande Área", Armando Nogueira, voltou a falar de Almir, na edição do *JB* do dia 22 de novembro. "Meus opositores carregaram Almir em triunfos, consagraram Almir, perfilharam (legitimaram) Almir e, como sabem que o fardo pesa um tanto, querem equilibrar a balança da polêmica, maldosamente, identificando a minha

posição com a de Amarildo. Amarildo na imagem do Possesso, do tarado, do feroz — na mesma imagem que agora veio imortalizar o jogador Almir —, é obra de outras penas que não a minha: em verdade, com essa face diabólica de Possesso, Almir e Amarildo são filhos gêmeos do mesmo patriota. Por isso, não adianta, agora, querer o criador renegar a sua obra; quem concebeu os Possessos que aguente os Possessos".

Na verdade, Armando Nogueira estava respondendo a Nelson Rodrigues, que, em sua coluna no jornal *O Globo*, no dia 18, tinha tomado partido de Almir novamente. Inclusive, fora o grande teatrólogo que apelidara Amarildo de Possesso, em seus tempos de Botafogo. Nessa coluna, Nelson lembrava, em seu estilo superlativo, a vergonha da Copa de 1950, quando o Brasil perdeu a final para o Uruguai no grito, criando, assim, a imagem de que o brasileiro é bom de bola, mas é frouxo.

Até que veio o jogo Brasil x Uruguai pelo Campeonato Sul-Americano (1959) e, segundo Nelson, "brigaram até as cadeiras". O prezado leitor há de lembrar quem participou ativamente daquele evento, não? Pois, então. "Faço a meditação acima para justificar a escolha do meu personagem — é Almir. Alguém dirá que Almir é um delinquente irrecuperável. Amigos, vamos reexaminar o problema. 'Ser ou não ser delinquente', eis a questão. Mas os mesmos que exigem agora a cabeça de Almir como se ela fosse uma Maria Antonieta, gostam muito de Didi...Estava lá o Armando Nogueira. Ora, o Armando é um lúcido, um sensível e, sobretudo, um justo. O Otto Lara Rezende (escritor) vai mais longe e jura que esse nobre confrade é o único pastor protestante escocês que jamais existiu...Não é que vamos exigir, de um jogo de futebol, a cerimônia, a polidez, a correção de uma sessão da Câmara dos Comuns?

O meu amigo Armando Nogueira se horroriza com o meu personagem da semana como se este tivesse inaugurado o 'foul' do futebol. Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais — a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. É o lindo, o sublime na vitória do Santos e que, atrás dela, há o homem brasileiro, com seu peito largo. Lustroso, homérico... Por justiça, o meu amigo pessoal Armando Nogueira devia aparecer na

boca de cena para declarar: 'Meus senhores e minhas senhoras! Só vejo paranoicos na minha frente'".

Nessa briga de cachorros (jornalistas) grandes por Almir Pernambuquinho, veio auxiliar Nelson Rodrigues o cronista e escritor Luís Fernando Veríssimo, 50 anos depois, no jornal *O Estado de São Paulo*. No dia 14 de março de 2013, Veríssimo publicou em uma de suas colunas com título "Sem exagero", na qual narra que num encontro entre ele e Abel Braga, treinador do Internacional, eles descobriram uma coincidência. O primeiro jogo que Abel, ainda garoto, tinha ido assistir no estádio com o pai havia sido o mesmo que Veríssimo assistira antes de se casar: a final entre Santos e Milan, em 1963. "O Maracanã enchia para ver o Pelé. Mas no jogo que o Abel, eu e uma multidão vimos o Pelé não jogou. O herói da noite foi o Almir. O Pelé da noite foi o Almir".

Voltando para a década de 1960, a revista *Manchete*, em sua edição de 30 de novembro, fez uma matéria de seis páginas sobre a conquista do Santos com o título: "Rififi do bi" (rififi significa confusão, barulho, briga). O objetivo da reportagem era fazer uma panorâmica da noite acidentada e violenta da final do mundial. Com dez fotos, sendo três de página inteira, a revista mostrou bem a confusão em campo, a invasão de torcedores, jogadores reservas, jornalistas, fotógrafos e, ainda, policiais. Das dez fotos, Almir aparecia em duas. Em uma estava deitado após sofrer uma falta; na outra, de quatro rastejando depois de ter sofrido outra falta. Em uma das legendas, lia-se: "Primeiro, os jogadores do Milan caçaram Almir como a uma fera. Depois, voltaram-se contra Pepe, que foi diversas vezes derrubado. O Santos terminou a partida reduzido a oito homens: Ismael foi expulso, Almir sofreu distensões nas duas coxas e Pepe mal podia andar. O Milan teve dois goleiros machucados".

Sua concorrente na época, a revista *O Cruzeiro*, publicou sua reportagem sobre a final apenas na edição de 7 de dezembro, com textos de Luís Carlos Barreto (futuro diretor e produtor de cinema). "A guerra do Maracanã. Santos manda brasa" igualmente tinha seis páginas, mas nove fotos, duas delas, também, com Almir. Na primeira ele aparece ajoelhado depois de levar uma pancada; na segunda, de página inteira, se vê o abraço que Pelé deu nele nos vestiários do Maracanã. Em sua

análise sobre o time santista, Luís Carlos Barreto escreveu: "Precisa de um substituto para Dorval e um reserva para Pelé (que não pode ser Almir, jogador manhoso e com problemas físicos)".

Já a publicação *Revista do Esporte*, especializada em esportes e editada no Rio, cobriu o confronto em 14 fotos, com destaque para a festa dos jogadores e dirigentes santistas. O título, "Santos repete o Brasil: é bi sem Pelé", fazia referência à Seleção Brasileira campeã do mundo em 1962, no Chile, pela segunda vez, que, naquele torneio, também não contou com Pelé na final, que estava lesionado na época.

"*L'inferno di Maracanà*" foi a reação do *Forza Milan*, órgão oficial dos torcedores do Milan. Com a autorização da agência internacional de notícias *Associated Press*, a revista mostrou uma série de fotos que, para os italianos, mostravam e comprovavam a desordem e a escandalosa arbitragem no Maracanã. Revelaram que o juiz Juan Brozzi saiu de campo com uma escolta de policiais militares do Brasil, encerrando com a pergunta: "Medo de quê, senhor Brozzi, talvez da verdade?"

Para o *Corriere della Sera*, o jogo foi repleto de decisões escandalosas e as finais de mundiais interclubes deveriam ser em um campo neutro, o que de fato acabou ocorrendo a partir de 1980, com todas as finais em Tóquio, no Japão. "O chute de Almir na cabeça de Balzarini — um chute deliberado e violento — foi o resultado de uma situação que estava amadurecendo. Almir merecia ser expulso, mas Brozzi simplesmente marcou uma falta. Foi uma decisão escandalosa. Entendeu-se então que jogos deste tipo, sem as garantias necessárias, não podem e não devem ser realizados. E como não é possível obter essas garantias em um continente como este [sul-americano], onde as brigas sempre acompanham as competições de futebol, seria melhor encontrar outra fórmula para a final de mundiais, destinando sempre a partida a um campo neutro", ponderava o conceituado diário de Milão.

O jogo entrou para a história do futebol.

Porém, o Santos FC era bicampeão do mundo, mas ainda não era o campeão do seu estado.

No dia seguinte à conquista, o clube providenciou o retorno a Santos para retomar o campeonato paulista e buscar nova vitória a fim de tentar levantar outro troféu.

No entanto, como sempre acontecia após uma disputa importante, devido ao desgaste emocional e à ausência de jogadores indispensáveis, que não tinham condições de jogo, o Peixe perdeu a partida. Quatro dias depois da grande final internacional, em jogo contra o Palmeiras, no Pacaembu, o Santos perdeu por 1 a 0. Almir não jogou porque não tinha nenhuma condição física de entrar em campo. E ele continuou assim nas partidas contra o Botafogo de Ribeirão Preto, quando o Santos levou uma goleada, 4 a 1, São Paulo, empate em 1 a 1, e o Guarani, derrota por 2 a 1. Depois disso, mesmo voltando a fazer exercícios físicos para se recuperar, não esteve em condições de participar da partida contra a Ferroviária, quando o Santos foi novamente goleado, dessa vez por 5 a 1, em plena Vila Belmiro.

Embora Lula declarasse aos jornais que talvez conseguisse usar Almir nos próximos jogos, ele continuou sem jogar contra o Jabaquara, vitória por 5 a 3, o que causou o rebaixamento do time da capital para o ano seguinte. Naquele mesmo dia, 12 de dezembro, o Palmeiras conquistava, matematicamente, o título de Campeão Paulista de 1963, interrompendo a série de sucessos do Santos que, desde 1960, vencia o torneio todos os anos. Na última participação do time santista no Paulistão daquele ano, o empate em 2 a 2 com o Corinthians, Almir também não jogou. Ele seguia sentindo dores. O Peixe terminou o campeonato em terceiro lugar — o vice-campeão foi o São Paulo.

1963 não estava acabando bem para Almir. Além de estar machucado e não poder ser escalado para jogar, no penúltimo dia do ano ele sofreu um acidente de automóvel. Almir dava uma carona a um de seus colegas de Santos, Carlos Ribeiro, 21 anos, um aspirante do clube, quando derrapou e caiu com seu carro no Canal 1, na avenida Senador Pinheiro Machado, próximo da Ponte Vermelha. Não foi nada de grave, mas os dois foram encaminhados para o Pronto Socorro.

1964

Alvaro, Maria de Lourdes e Almir moravam confortavelmente em um amplo apartamento no edifício Flórida, na avenida Doutor Bernardino de Campos 666, apartamento 12-B, na praia do Gonzaga. Por não ser uma cidade grande e, ainda assim, ter um time vencedor como o Peixe, com o melhor jogador do mundo, o torcedor santista era muito exigente e cobrava que o clube ganhasse todos os jogos e campeonatos. Porém, isso não era possível, claro, e muitas vezes as cobranças sobre a equipe eram demasiadamente fortes, até grosseiras. E Maria de Lourdes tinha medo por Almir, conhecendo o gênio do marido.

Apesar disso, Almir se sentia satisfeito na cidade, reorganizando sua vida financeira depois do tempo que passara fora do Brasil. E, segundo ele, o "bicho" era certo no time santista, chegando a afirmar que "a minha situação no Santos era tranquila, porque eu era reserva de Pelé...não tinha preocupação: com Pelé jogando, nós faturávamos o bicho tranquilamente".

Também tinha formado uma turma boa de copo com Maneco, Coutinho, Joel Camargo e Dorval. Eles não tinham um local fixo para se reunir, pois, por serem atletas, não podiam chamar atenção, e procuravam lugares diferentes tanto em Santos como em São Vicente, Praia Grande e outros locais. "A turma gostava de uma cerveja", comenta hoje, com um sorriso tranquilo, o quarto-zagueiro Maneco.

Após as férias de fim de ano, os jogadores se reapresentaram ao clube no dia 3 de janeiro, começando apenas com um trabalho de recuperação física. No dia 8, todos foram de terno e gravata à Vila Belmiro receber uma medalha pela conquista do bicampeonato mundial de interclubes. Três dias depois, fizeram o primeiro coletivo e as equipes foram separadas em Branca (titulares) e Azul (reservas). Almir jogou pelas duas. Na Branca, como substituto de Coutinho; na Azul, tinha como substituto Passarinho. Os titulares perderam por 3 a 1 dos reservas. Fazia parte dos treinos disputados jogos de basquete e já no dia 15 embarcaram para Porto Alegre, onde fariam o primeiro jogo do ano.

No sul, disputariam a partida de ida das semifinais da V Taça Brasil (nome do Campeonato Brasileiro na época), contra o Grêmio, no Estádio Olímpico. Almir estava relacionado, mas não atuou na vitória por 3 a 1. Também não esteve no jogo da volta, no Pacaembu, quando o Santos venceu por 4 a 3, com três de Pelé que, ao final do jogo, ainda atuou como goleiro do Santos em razão da expulsão de Gilmar, por reclamação. O Santos estava classificado para a final da Taça Brasil e seu adversário seria o Bahia.

Almir não estava entrando em campo, mas entraria na avenida. Coutinho, Lima e ele foram convidados para desfilar pelo Bloco da Bola Alvinegra, no carnaval de Santos. O Bola Alvinegra (que não existe mais) não participava de disputas carnavalescas e abria os desfiles durante o Reinado de Momo da cidade. Era composto por membros da elite santista e os três tiveram suas medidas tomadas para a confecção das fantasias.

Na primeira partida contra o Bahia pela final da Taça Brasil, Almir quase entrou em campo. Pelé era dúvida por causa de algumas dores, mas acabou jogando, o que deixou Almir de fora. O Santos goleou o Bahia por 6 a 0, no Pacaembu, colocando uma das mãos na taça. E a consagração aconteceu no segundo jogo, na Fonte Nova, quando o Santos venceu por 2 a 0, sagrando-se tricampeão da Taça Brasil. Ainda no primeiro mês do ano, o time santista já ganhava seu primeiro título. Contudo, mal pôde comemorar.

Pois a delegação do Santos seguiu para Buenos Aires para disputar um amistoso contra o campeão argentino, o Independiente, que goleou a equipe alvinegra por 5 a 1, Almir marcou o único gol santista no estádio Avellaneda. Ainda tonto pela goleada, o Peixe voou para Montevidéu, onde enfrentou o Peñarol, vice-campeão do Uruguai, e sofreu nova goleada, dessa vez por 5 a 0. Almir não jogou.

Um Santos cansado e abatido retornou ao Brasil, diretamente para Santa Catarina. Pelé voltou para Santos por causa de uma entorse no joelho e não jogaria o amistoso contra o tricampeão catarinense, o Metropol, em Criciúma. Almir entrou no lugar dele e fez o terceiro gol da vitória por 3 a 1, sendo considerado o melhor atacante da partida.

Regressaram para Santos, onde ficaram durante menos de duas semanas, descansando e treinando, antes de partir para outra excursão pela América do Sul. Descansando em termos, pois foram nesses dias o carnaval de 1964 e Coutinho, Lima e Almir desfilaram pelo Bloco da Bola Alvinegra.

Embarcaram, então, no dia 20 de fevereiro para Lima, capital peruana, pela Varig, e dois dias depois jogaram contra o Sport Boys. Almir, que começou jogando ao lado de Pelé, foi substituído aos 15 minutos do segundo tempo por Toninho. O resultado foi 3 a 2 para o Santos que, três dias depois, venceu o Alianza Lima pelo mesmo placar, mas sem Almir.

Na sequência, voaram para Santiago, no Chile, e perderam por 3 a 2 do Colo-Colo; depois, foram para a Argentina, onde ganharam do Godoy Cruz, 3 a 2, na cidade de Mendoza, sempre sem Almir, que só entrou em campo quando os santistas retornaram ao Chile para a revanche contra o Colo-Colo — vitória por 4 a 2 com entrada de Almir aos 38 minutos do segundo tempo no lugar de Rossi. Retornaram novamente para a Argentina, onde jogaram contra o Talleres, em Córdoba, ganhando por 2 a 1, com Almir entrando em campo no segundo tempo. Ufa, estava encerrada a excursão. Parecia até que os dirigentes do Santos não sabiam que o Torneio Rio-São Paulo se iniciaria em menos de dez dias.

E começou, de fato, para o Santos no dia 18 de março, quanto o time enfrentou o Corinthians, no Pacaembu vitória por 3 a 0. Almir entrou somente aos 32 minutos do segundo tempo substituindo Toninho. E assim seria durante todo o torneio. Participações esparsas, substituindo Pelé ou outro companheiro, quando necessário. A princípio, ele não reclamava, não se importava com o fato de ser aproveitado eventualmente, como registrou em suas memórias: "Embora reserva, minha permanência no Santos tinha sido boa. Depois daquele ano de frustrações na Itália, eu voltara a conquistar títulos e faturar bichos aos montes. Tinha me tornado campeão mundial de clubes em 1963".

Foi durante aquela competição que o Brasil sofreu o golpe militar, na madrugada entre os dias 31 de março e 1º de abril de 1964. Almir estava escalado para jogar contra o Bangu, do Rio. Apesar de tudo, a

vida transcorria e o Santos seguia adiante fazendo uma campanha arrasadora. Dos nove jogos disputados no enfrentamento entre os times dos dois mais importantes estados do país, o time santista venceu sete, sagrando-se bicampeão do Torneio Rio-São Paulo.

Em uma entrevista exclusiva dada à *Revista do Esporte*, em sua edição de 18 de julho, o título resumia o pensamento de Almir: "Jogar no Santos foi a minha salvação". O jogador explicava que parecia ter acordado de um pesadelo e havia encontrado a tranquilidade que buscava desde que tinha saído do Vasco, em 1959. O Santos tinha se tornado para ele um verdadeiro lar, e Lula, o técnico, um autêntico pai, um conselheiro, um amigo. "A verdade é que em poucos anos comi o pão que o diabo amassou", explicou, contando que havia sido vendido pelo Vasco sem querer sair do clube, pois achavam que ele não servia mais, e ressaltou ainda que no Corinthians as coisas não tinham corrido bem para ele; além disso, mencionou também suas passagens negativas por Boca Juniors, na Argentina, e Fiorentina e Genoa, na Itália.

"Quando eu menos esperava, surgiu o Santos na minha vida. Posso dizer que o Santos me salvou para o futebol", declarou, de maneira dramática, dando detalhes da negociação. Considerava-se um jogador perseguido pela imprensa, achando que só se coisas negativas a seu respeito eram publicadas; ele sabia que não era nenhum anjo, mas se considerava um jogador muito visado dentro e fora de campo. Encerrando as duas páginas de entrevista, Almir afirmou: "No fundo, acreditem ou não, sou um sentimental. Felizmente, agora, parece que já me vêm olhando com mais simpatia. Vocês não sabem como fico satisfeito com isso".

Para pagar o passe

Terminado o Torneio Rio-São Paulo, o time santista logo embarcou de novo para a Argentina, onde faria uma série de três amistosos com times *hermanos*. O primeiro, contra o Boca Juniors, serviu para pagar a segunda parte do passe de Almir. O Santos havia anunciado que pagaria os 20 mil dólares, no lugar do jogo, porém reconsiderou sua decisão e preferiu jogar em Buenos Aires com toda a renda líquida revertida para

o time xeneize. A equipe brasileira bateu o Boca por 4 a 3, em plena La Bombonera, e Almir jogou, tendo feito o lançamento que levou Peixinho (o ponta-direita Arnaldo Garcia) a fazer o primeiro gol, aos 13 minutos do primeiro tempo.

Lula declarou aos jornais que Almir estava na melhor fase de sua carreira e o colocou de novo em campo contra o Racing Club. O time santista ganhou mais uma vez dos argentinos, 2 a 1, mas Almir foi expulso aos 16 minutos do segundo tempo por causa de uma troca de pontapés com o argentino Martin, que também foi para o chuveiro mais cedo. No terceiro jogo da série, com Almir em campo, o alvinegro praiano perdeu por 2 a 1 do Colón, da segunda divisão argentina, num domingo à tarde, na cidade de Santa Fé. "O grêmio de Vila Belmiro apresentou-se abaixo da crítica, muito longe de suas reais possibilidades técnicas", resumiu o jornalista Clóvis Salgado, enviado especial da *Tribuna de Santos*.

Se Almir estava na melhor fase de sua carreira no futebol, segundo Lula, o mesmo não podia ser dito em relação à sua cabeleira. Quando chegou ao Vasco, em 1957, começou a usar um belo topete, igual ao de Elvis Presley. No Corinthians, dispensou o topete; na Argentina, começou a se preocupar com a quantidade de cabelo; na Itália, procurou ajuda para evitar a queda dos fios; já no Santos, as entradas não podiam mais ser disfarçadas. Tanto que a página "Candinha no Esporte", da *Revista do Esporte*, comentou, de maneira maledicente e com direito a foto mostrando as grandes entradas na cabeça do atacante do Santos: "Quem está ficando careca com uma rapidez impressionante é o Almir. É de se ver com que carinho o Almir arruma os fios de cabelo para que a calva não fique à mostra...Leva vários minutos à frente do espelho". No Santos, era chamado de Careca até por Pelé.

Enquanto Almir lutava contra a calvície, Nelson Rodrigues não deixava de atormentar Armando Nogueira, usando Pernambuquinho como pretexto. Em sua coluna no *Jornal dos Sports*, de 5 de maio, afirmou ter sabido que Armando havia ido jogar, certo dia, uma pelada com amigos e teria sido violento durante a partida. Aproveitou, então, a oportunidade e escreveu: "Sim, a pelada desencadeia, no Armando Nogueira, potencialidades turvas e insuspeitadas. Ele abandona a sua

utopia do futebol-arte, isto é, do futebol jogado com sapatos de fivelas e calções de veludo. A fera que dormita no fundo pré-histórico da vida, sobe-lhe à consciência. E o mesmo Armando que condena as botinadas do Almir, só falta descascar a carótida do adversário para chupá-la como tangerina. Como eu ia dizendo — numa das últimas e sanguinárias peladas, ele enfia o pé na cara do adversário".

Nos dias seguintes, Armando Nogueira não respondeu as provocações de Nelson em sua coluna no *Jornal do Brasil*.

Às vésperas do embarque do time santista para a Europa no mês de junho, em mais uma excursão, exames detectaram uma contusão em Pelé, que o tiraria dos campos de 30 a 40 dias. Ele optou em não ficar em Santos para poder se recuperar na casa dos pais, em Bauru, interior de São Paulo. Almir foi relacionado na comitiva e embarcou, pela Panair do Brasil, para Madri.

"Santos lança de novo Almir no posto de Pelé", foi o título de *A Tribuna* do dia 12, enfatizando que ele já havia assumido o lugar de Pelé nas finais do mundial interclubes e "desincumbiu-se satisfatoriamente". Antes, havia sido programado um jogo contra o Atlético de Madrid, a ser disputado no dia 13, que acabou não ocorrendo.

O Santos foi para sua estreia no VIII Torneio de Paris e perdeu por 3 a 1, no Parque dos Príncipes, para o Borussia Dortmund, da Alemanha. Almir jogou, mas não conseguiu se destacar. Com a derrota, o time santista disputou o terceiro lugar (o torneio tinha apenas dois jogos) com o Stade de Reims, da França, e empatou em 1 a 1. Almir não jogou bem novamente e, em razão do empate, os dois times dividiram o terceiro lugar. No dia seguinte, o Santos partiu, de trem, para a cidade de Saint-Étienne.

O Peixe, finalmente jogando bem, bateu o AS Saint-Étienne, campeão francês, por 4 a 3, e o quarto tento foi de Almir, num chute indefensável. Com esse gol, ele voltava a marcar, algo que não acontecia desde 9 de fevereiro. Pegaram o avião e foram para Düsseldorf, na então Alemanha Ocidental, para mais um amistoso, desta vez contra o Borussia Mönchengladbach que, embora tenha jogado num ritmo veloz, não conse-

guiu superar o time santista, que venceu por 2 a 1. Durante a partida, em uma disputa de bola, Almir se chocou de cabeça com um alemão e ficou visivelmente tonto, mas não abandonou o jogo. Encerrada a rápida excursão, retornaram ao Brasil.

Voltaram para o Campeonato Paulista e a Libertadores. Almir participava dos jogos normalmente até o começo de agosto, quando dois fatos se entrelaçaram. Além do retorno iminente de Pelé ao time, após sua recuperação, Almir trocou socos com o zagueiro Frazão, depois de uma entrada dura do jogador do Guaratinguetá. Os dois foram apenas advertidos pelo juiz e continuaram na partida, que terminou com a vitória santista por 3 a 1. A partir dessa data, Almir não só não entrou mais em campo, como também mudou sua expectativa em relação ao alvinegro praiano.

"Almir pode voltar ao Vasco por empréstimo", foi o título do *Jornal dos Sports*, em sua edição de 30 de agosto, demonstrando que Almir não tinha mais muito interesse em permanecer no Peixe. Ele mesmo, de novo, teve a iniciativa de procurar o time carioca e viajou ao Rio para tentar ajudar nas tratativas. O treinador Lula concordou com sua saída e o Vasco propunha ficar com Almir por empréstimo até dezembro. Porém, os dirigentes do Santos queriam o levar Brito (futuro zagueiro da Seleção de 70), também por empréstimo, para compensar. Mas o Vasco não estava nem um pouco disposto a fazer essa troca.

Novela mexicana

A novela em relação à transferência de Almir tinha início novamente. Um empresário mexicano, Cacildo Oses, procurou o Santos e disse estar interessado em levar Pernambuquinho para o América, do México. Oferecia 30 milhões de cruzeiros pelo jogador, e Almir concordou. Diante disso, o Vasco acabou aceitando a troca de Almir por Brito, já que o zagueiro começou a apresentar muitas exigências para renovar seu contrato com o clube. O Vasco aproveitou para resolver dois problemas de uma só vez.

O Santos também recebeu a visita de um dirigente da Portuguesa Carioca querendo o empréstimo do jogador. Porém, diante das exigências

de Almir, recuou. Ele queria um salário de 30 mil cruzeiros, mais 150 mil por jogo e um apartamento na Ilha do Governador, onde ficava a sede do clube. Outro interessado foi o América, do Rio, mas o Santos resolveu mudar de estratégia. Só liberava Almir mediante a compra de sua carta liberatória por 30 milhões de cruzeiros. Apesar disso, o Comercial, de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, mostrou interesse.

No dia 23 de setembro, em sua coluna intitulada "Câmera", no *Jornal dos Sports*, o jornalista Luiz Bayer falou sobre essa questão das transações de jogadores entre clubes. "Mas o representante do Santos que é, por sinal, um homem extremamente hábil e inteligente, deixou claro que o Santos dispõe de Almir e de Gonçalo (Gonçalo Gonçalves, meio-campista), que no seu entender, estão jogando assombrosamente, e que podem ser perfeitamente negociados para qualquer clube carioca. Não estamos duvidando do pronunciamento do sr. Airton Bonfim. Mas a nossa impressão é que tanto Gonçalo como Almir, estão definitivamente condenados para o futebol carioca".

Luiz Bayer, em seguida, chegou ao ponto que queria chegar. "Quanto a Almir, há uma lembrança bem sinistra. É preciso nunca esquecer do que fez com Hélio do América, num match em que preferiu inutilizar o seu colega de profissão, à pretexto de uma vitória que não veio e que também não se justificava com tal sacrifício". Pelo que tudo indicava, aquela história sempre voltaria à tona.

E o tempo passava. Com o Natal chegando e nada de concreto em relação a sua transferência, o ano de 1964, da mesma forma que o anterior, não estava acabando bem para Almir. O ano virou e tudo continuava do mesmo jeito: estagnado.

Enquanto isso, o clube promoveu, no dia 8 de janeiro de 1965, uma homenagem, seguida de banquete, a todos os seus atletas e colaboradores. Realizada no ginásio do Santos, Maria de Lourdes e Almir compareceram, elegantes, à cerimônia, na qual ele recebeu um troféu e assistiram ao show do imitador e humorista Raul Gil (futuro apresentador de tevê) e do conjunto musical J. Pinto.

Até que o jornal *Folha de São Paulo* publicou, no dia 15 de janeiro, uma nota misteriosa informando que Almir seria vendido a um clube

do Rio de Janeiro por 40 milhões de cruzeiros. E só. Um valor ainda maior do que pedido inicialmente pelo Santos. Porém, passaram-se os dias e nada aconteceu. A *Folha* havia cometido uma "barrigada", termo jornalístico para a divulgação de uma notícia equivocada.

Almir continuou treinando no Santos, mas sem jogar. Não embarcou para o Chile, onde o Santos foi o campeão do Torneio Hexagonal do Chile (venceu quatro das cinco partidas) e depois também não foi à Argentina para disputar dois amistosos. O mesmo aconteceu nos jogos pela Libertadores e no Torneio Caracas (a cidade comemorava 400 anos), na Venezuela, onde igualmente foi campeão. No começo de março, foi levantada a possibilidade de Almir ser emprestado ao Universidad de Chile, mas as negociações não avançaram.

Com o interesse do time chileno, Lula mudou sua postura e passou a escalar Almir. Teve início o Torneio Rio-São Paulo e o Santos estreou ganhando da Portuguesa de Desportos, que também tinha um atacante chamado Almir, por 4 a 1. Almir Pernambuquinho chegou a jogar, substituindo Coutinho. Em seguida, jogou contra o Flamengo, mas não entrou em campo contra o Peñarol, pela Libertadores.

Outra equipe chilena mostrou interesse por Almir, dessa vez o Colo-Colo, que o desejava por empréstimo ou e, definitivo, comprando seu passe. Mais uma vez, as negociações não avançaram. Com dois jogos em competições diferentes e em dias seguidos, 27 e 28 de março, o Santos preparou duas equipes. A segunda equipe, onde estava Almir, jogou contra o São Paulo, pelo Torneio Rio-São Paulo, e perdeu por 3 a 1; já a equipe principal, no dia seguinte, foi a Montevidéu, e perdeu do Peñarol, no estádio Centenário, por 3 a 2.

Antigas conversas foram retomadas, pois o empresário mexicano Cacildo Oses, novamente, mostrou interesse por Almir, mas a intenção agora era levá-lo para o Club Deportivo Oro, de Jalisco, e, de novo, as conversas não vingaram. Saiu também a notícia de que o Santos teria procurado o Vasco e demonstrado interesse no zagueiro Brito, querendo negociar a cessão de dois jogadores santistas: Almir e Noriva. Porém, o Santos desmentiu essa informação e, então, rescindiu o contrato de Almir

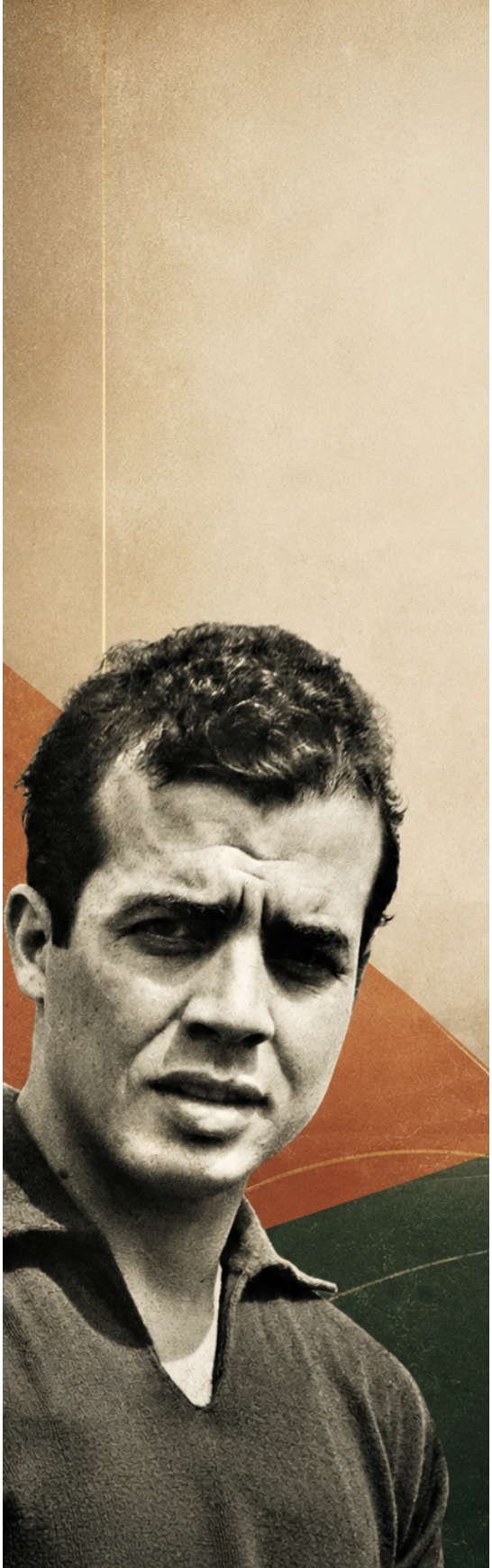
Pernambuquinho, pagando todos os seus salários até o final do contrato, mas mantendo seu atestado liberatório para uma futura negociação.

O que não demorou muito a acontecer.

No final de junho, o Flamengo procurou o time santista com interesse em Almir, por recomendação de seu técnico, Flávio Costa. O problema era que o clube do Rio oferecia apenas 10 milhões de cruzeiros pelo seu passe e o Santos não queria aceitar. Depois de marchas e contramarchas financeiras entre os clubes, o Santos aceitou os dez milhões e no dia 6 de julho a contratação foi anunciada, faltando para sua validação apenas a assinatura do contrato. Almir, então, foi ao Rio de Janeiro fazer os exames médicos de praxe e começou a treinar na Gávea, mesmo sem a oficialização.

Durante uma semana inteira a imprensa carioca anunciava, todo santo dia, que o contrato seria assinado no dia seguinte. E nada acontecia, passando para o próximo dia. Ninguém entendia aquela demora, até que no dia 13, com a presença de toda a diretoria do Flamengo, Almir e o clube da Gávea oficializaram a contratação do avante.

Na verdade, havia resistência ao nome de Almir Pernambuquinho no clube.



Capítulo Oito

Gol épico e bicho-monstro

"Compramos o seu passe e o seu barulho, Almir", disse Flávio Soares de Moura, diretor de futebol do Flamengo depois que tudo ficou acertado, segundo o próprio Almir.

Muita gente dentro do clube estava em desacordo com a contratação de Pernambuquinho por causa de seu histórico como jogador violento e polêmico. Otto Ola Gunnar Göransson, um dos vice-presidentes do time rubro-negro, era um deles. Sueco e presidente da Facit no Brasil (fábrica de calculadoras, máquinas de escrever e móveis de escritório, patrocinadora da Grande Resenha Facit, na TV Globo), ele não via com bons olhos a admissão de um atleta complicado como Almir. Outro dirigente que se opôs à contratação foi o argentino Augustin Valido, ex-jogador e ídolo do clube.

A insatisfação também havia chegado aos torcedores e à imprensa, como demonstra a coluna "Vermelho e Preto", sobre o Flamengo, do jornalista rubro-negro José Maria Scassa, do *Jornal dos Sports* de 10 de julho de 1965. "Quanto

a Almir, pergunta-me Marino Torres Sampaio, da rua Maia Lacerda, no Estácio, se o Flamengo esqueceu o seu passado, protestando, por conseguinte, contra a sua contratação. Em primeiro lugar, ignoro se as negociações entre o Flamengo e o Santos tenham chegado a um bom termo. Caso tenham, não vejo motivo para protestos. Almir quer uma oportunidade para reabilitar-se perante o público carioca. Negar a ele esse direito seria um ato de desumanidade [...] Almir, se ingressar no Flamengo, haverá de encontrar a acolhida que só o coração rubro-negro sabe dar àqueles que precisam de um dia de sol".

Apesar de tudo, a vontade do presidente do Flamengo, o brasileiro filho de libaneses, Fadel Fadel prevaleceu e Almir assinou contrato no dia 13 de julho. "Vou me dedicar de corpo e alma em defesa do Flamengo", afirmou o jogador para a imprensa na cerimônia de assinatura que, para demonstrar união, contou com todos os diretores, apesar das divergências existentes.

"Almir flamenguista", estampou em primeira página o jornal *A Tribuna*, de Santos no dia seguinte. "Flamengo traz Almir de volta ao futebol carioca", escreveu a *Revista do Esporte*, em sua edição de 31 de julho, ressaltando que ele já fora chamado de andarilho do futebol por não se demorar muito nos clubes pelos quais passou. A revista também fez um histórico do jogador, desde suas origens em Recife (ainda com a data falsa de nascimento) até a chegada na Gávea, revelando que seu salário seria de 438 mil cruzeiros mensais, o teto salarial estipulado pelo Flamengo na época. Almir disse que esperava ser a primeira de muitas contratações no futebol carioca, o que não viria a acontecer.

A primeira providência foi organizar a mudança da família para o Rio, onde passou a morar na rua Dias da Rocha, em Copacabana (tinha que ser); todos os móveis da família foram dados pelo diretor de futebol do Flamengo, Flávio Soares de Moura.

Se ele já estava treinando forte para poder jogar, com o contrato assinado aumentou ainda mais sua carga de trabalho, pois queria estrear logo e, por isso, chegou a treinar debaixo de chuva para perder peso. Já o treinador Flávio Costa, por sua vez, não queria demorar para colocar

em campo sua nova aposta e promoveu sua estreia contra o Botafogo, no primeiro jogo da Taça Guanabara.

Uma Taça Guanabara diferente do que é hoje. Criada em 1965 (sua primeira edição), era independente do Campeonato Carioca, sendo o torneio que qualificava os times para a Taça Brasil. Com a inauguração de Brasília, foi criado o estado da Guanabara e, posteriormente, em 1972, passou a ser adotada como o primeiro turno do Campeonato Carioca.

"Almir desmente fúria e vai mostrar quem é", foi o título que o *Jornal dos Sports* deu a uma matéria de meia página sobre o jogador na véspera de sua estreia. Nela, o jogador desmentia mais uma vez que fosse um jogador violento e indisciplinado, reconhecendo apenas ter sido autor de algumas "leviandades" que mancharam sua vida profissional. Disse se sentir bem no Rio, apesar de saber que muitas pessoas se lembravam dele como o jogador que quebrou a perna do Hélio, do América. Não escondia sua satisfação por ter sido contratado pelo Flamengo, a quem chamava de um clube na verdadeira acepção da palavra. Encerrou a entrevista dizendo: "de minha parte, a torcida rubro-negra pode esperar momentos de alegria, que não a decepcionarei". Ao lado, uma foto dele treinando no Flamengo com a legenda: "Almir — o homem mau que quer ser bom".

O fato é que Almir já foi escalado por Flávio Costa para jogar contra o Fogão, no dia 18 de julho, no Maracanã. E estreou bem, fazendo gol. O Flamengo perdeu por 2 a 1, mas o gol que apareceu na primeira página do caderno de esportes do jornal *O Globo* foi o de Almir, por causa da maneira "espetacular" como havia sido marcado. Em uma sequência de quatro fotos era possível ver o "voo" de Almir para vencer o goleiro Manga. "Perdia o Flamengo por 1 x 0 e estava o Botafogo reduzido a dez homens, quando Almir marcou o tento mais sensacional da partida, estabelecendo o empate em 1 x 1, aos 31 minutos do segundo tempo", descreveu a legenda das fotos. Um gol feito na "raça" característica de Almir.

Para o jornal, ele havia recebido muito mais pontapés do que dado (o que não era comum), tanto que saiu com uma lesão no tornozelo direito, pois era bastante visado por ser um jogador controverso devido a seus antecedentes. Porém, nessa mesma edição, na página "Penalty", lado

humorístico do caderno de esportes, várias notas foram publicadas sobre a atuação de Pernambuquinho: "Todo mundo queria ver que confusão o Almir iria fazer na partida. E o velho Pernambucão (ex-Pernambuquinho) não decepcionou ninguém. Criou grandes casos". "A opinião da torcida rubro-negra está dividida. Uns acham que ele é um Berico [jogador considerado na época o novo Pelé] branco e careca. Outros já o consideram um herói nacional depois do 'goal' raçudo que marcou". E ainda: "Torcedores já estão apostando quanto tempo Almir ficará no Flamengo...".

Satisfeito com o desempenho de Almir, o treinador Flávio Costa o escalou para o jogo seguinte, contra o Vasco, ainda pela Taça Guanabara. O resultado foi um empate em 1 a 1, com Almir sofrendo uma distensão aos 13 minutos do segundo tempo e, depois disso, ficando em campo apenas para fazer número. Ainda não existiam as substituições.

Bacalhau & Fados

Ele não fez seu terceiro jogo seguido pelo Flamengo, amistoso contra o Sport Club Juiz de Fora, na cidade de mesmo nome, em Minas Gerais. Não participou da vitória por 2 a 1 em virtude da distensão sofrida contra o Vasco, mas esse não era o maior dos seus problemas. A questão era o fato de o treinador Flávio Costa, que havia recomendado sua contratação pelo Flamengo, ter deixado o clube após um convite do exterior para treinar o Futebol Clube do Porto, em Portugal. Ficou em seu lugar, de maneira interina, o treinador de juvenis Newton Canegal (ex-zagueiro do time rubro-negro). Ele dirigiu o time contra o Juiz de Fora e Almir, como todo mundo, não sabia o que esperar do novo comandante. Tanto que também não jogou nos quatro jogos seguintes em que Canegal dirigiu a equipe rubro-negra.

O novo treinador do Flamengo foi apresentado aos jogadores no dia 20 de agosto. Era o argentino Armando Renganeschi, ex-zagueiro que começou a jogar no Brasil ainda na década de 1940, e tinha fama de disciplinador. Convidado por Gunnar Göransson, em sua apresentação explicou que gostava do jogo agressivo, de um futebol para frente.

No entanto, não utilizou Almir durante toda a Taça Guanabara, que teve o Vasco como campeão daquele ano, além de não ter viajado com a delegação para disputar o Torneio Ramon de Carranza, na Espanha, que acabou com o Flamengo na terceiro colocação do quadrangular.

Apesar disso, a contracapa da *Revista do Esporte*, em sua edição de 28 de agosto, trazia uma foto de Almir treinando no Flamengo com a legenda: "Contratando Almir [em primeiro plano, treinando, aparecem também Marcial, Paulo Alves e Marcinho], Silva, Neves e outros craques o Flamengo preparou-se ativamente para os compromissos deste ano, especialmente a Taça Guanabara e o Campeonato Carioca. Tem um bom elenco e uma torcida numerosa para incentivá-lo". A revista, inclusive, informou que ele já tinha um lugar favorito no Rio: o restaurante-bar da moda *Castelinho*, na avenida Vieira Souto, em Ipanema, onde ia com colegas e amigos para tomar chope e conversar.

Na edição seguinte, de 4 de setembro, a mesma revista publicou uma entrevista exclusiva com Almir, como havia feito antes de sua partida para a Itália, com o seguinte título: "O desabafo é de Almir: Sou um incompreendido". Na entrevista, ele falou de sua contratação pelo Flamengo e, pela milésima vez, foi questionado sobre ser considerado um jogador violento. "A valer o que dizem de mim, eu sou o próprio 'Cão'. Se num choque eu levo a pior, é apenas um lance normal. Se é meu adversário quem fica machucado, dizem logo 'Estão vendo? É mesmo um marginal'. Não sei o que fazer para modificar essa opinião. Todos se preocupam com o meu passado, lembrando do tempo em que eu, por inexperiência, costumava revidar as botinadas maldosas que recebia. Já estou muito calejado para aceitar provocações, quer com palavras, quer com pontapés".

Com Renganeschi, Almir só entrou em campo no dia 11 de setembro, na primeira partida do Flamengo pelo Campeonato Carioca. Foi contra o América e os rubro-negros ganharam por 2 a 1, no Maracanã. Os dois gols do Flamengo tiveram participação direta de Almir, que sofreu um pênalti no início do jogo, que Fefeu converteu aos 6 minutos, e que fez o cruzamento na medida para o cabeceio de Silva aos 29 minutos.

Ele jogou tão bem que foi mencionado de novo na página de humor "Penalty", de *O Globo*. Com uma charge de Almir, quase totalmente careca, a legenda dizia: "Almir: Surpreendente!". E como na época era difícil o Flamengo vencer o América no Campeonato Carioca, diziam que uma escrita havia sido quebrada. Aliás, duas: "Uma das grandes surpresas da partida foi o excelente comportamento do atacante rubro-negro Almir. Estava irreconhecível. Ainda por cima, comeu a bola, sendo o maior jogador do campo. Foi outra 'escrita' que se quebrou na tarde de sábado: a indisciplina do Almir". Aparentemente, ele queria reforçar o que havia dito poucos dias antes para a *Revista do Esporte*, quando se disse um incompreendido.

Apesar da boa atuação, Almir não jogou pelas próximas três partidas e só voltou a campo contra o Bonsucesso. O Flamengo foi superior, vitória por 3 a 0, mas só conseguiu marcar os gols graças a dois pênaltis e uma falta, todos cobrados por Fefeu. Almir jogou bem, mas perdeu várias chances de gol e, ao final do encontro, se disse "sem sorte".

Em compensação, foi escalado em uma sequência de cinco jogos, todos pelo Campeonato Carioca, fazendo gols em dois deles. Entrou no clássico Fla-Flu, disputado no dia 24 de outubro, uma tarde especialmente quente no Maracanã que, mesmo assim, teve 89.012 pagantes para assistir ao empate sem gols. Almir perdeu a melhor oportunidade da peleja após ter vencido o goleiro tricolor no salto (ainda que tivesse apenas 1,67m de altura), mas cabeceando a bola para fora, perdendo, assim, a chance de abrir o placar.

Depois, a equipe venceu o Botafogo por 2 a 0, encerrando o primeiro turno do campeonato, que a partir de então tinha o Flamengo como líder invicto do Carioca. Quem se destacou na peleja foi o goleiro Manga, que fez defesas extraordinárias. Na vitória seguinte, os rubro-negros bateram o América por 2 a 1 com um gol de Almir aos 33 minutos do primeiro tempo. A curiosidade sobre o jogo foi a revolta de Ditão, do Flamengo, que se sentiu injustiçado ao ser expulso após uma falta considerada normal e armou a maior confusão no gramado. Foi necessária a intervenção de companheiros (inclusive de Almir, quem diria) para acalmá-lo — ele saiu de campo escoltado pela polícia.

Marcou também na vitória por 1 a 0 sobre a Portuguesa, com um gol de cabeça aos 2 minutos do segundo tempo. Em sete dias, o Flamengo havia vencido três vezes, mas não completaria o quarto triunfo seguido. Com a presença do rei Baudouin e da rainha Fabíola, da Bélgica, no Maracanã, o Flamengo perdeu espetacularmente por 3 a 0 do Bangu. "Ficou provado que o Bangu não treme e que tem camisa para ser campeão", afirmou, entusiasmado, o então vice-presidente do clube, o bicheiro Castor de Andrade. Ao final da partida, Almir saiu sentindo dor nas costas.

Dores que o tiraram dos jogos seguintes: amistosos em Mato Grosso e três partidas válidas pelo Campeonato Carioca, quando o Flamengo ganhou de Vasco, Bonsucesso e Fluminense, tornando-se matematicamente campeão. Almir voltou a campo no último jogo, contra o Botafogo, e se apresentou mal como todo o time rubro-negro, que perdeu por 1 a 0. Mas a torcida, mesmo assim, foi ao delírio.

O Flamengo era campeão carioca de 1965, após oito anos sem o título, tendo o Bangu, de Castor de Andrade, como vice. Como naquele ano a cidade do Rio de Janeiro completava 400 anos de sua fundação, os rubro-negros receberam o troféu "Campeão do IV Centenário da Capital Carioca".

"Redenção de Almir. Foi aos pés de Manga", foi o título do *Jornal dos Sports*, em sua edição de 30 de dezembro, com uma foto grande de Pernambuquinho caindo depois de ter passado pelo goleiro Manga (do Botafogo) estendido no chão, a bola à frente dos dois. O diário esportivo de Mário Filho parecia notar, e também torcer, pela mudança de comportamento de Almir. O atleta sinalizava, desde que voltara ao Rio de Janeiro pelas mãos do Flamengo, uma mudança em sua conduta dentro de campo.

Tanto que descreveu da seguinte maneira a cena da foto, uma jogada polêmica na qual muitos viram pênalti de Manga sobre Almir, embora o árbitro Armando Marques não tenha marcado. "O pernambucano Almir, que em outras campanhas, em outros times havia marcado a sua presença com o estigma da violência, realizou no Flamengo o milagre

da sua redenção, a ponto de Manga poder derrubá-lo, na hora decisiva de um avanço sobre o gol, sem que isso não lhe custasse ao menos uma fratura".

Entretanto, o jornalista Armando Nogueira não compartilhava dessa opinião, como deixou claro em sua coluna "Na Grande Área", do *Jornal do Brasil*. "À distância, tenho a impressão de que o treinador Renganeschi não tinha outro caminho: escolhera Nelsinho para dar mais solidez ao setor defensivo — perfeito; escolhera Almir para tirar partido do alto poder de catimba que parece ser, a essa altura da vida, a única arma de Almir dentro de um campo — perfeito, também".

Só o tempo poderia dizer quem estava certo.

Aguaceiro e faroeste

O ano de 1966 não começou bem para a cidade do Rio de Janeiro. A partir de 10 de janeiro, e praticamente durante uma semana, caiu uma chuva intensa e de grandes proporções, causando inundações em quase todo o município. O sistema de transporte entrou em colapso e, por causa da queda de barreiras, todas as rodovias ficaram interditadas, isolando o Rio. O governo municipal decretou estado de calamidade pública e vários prédios do governo foram utilizados para abrigar a população, incluindo o estádio do Maracanã, que se transformou em central de donativos; por isso tudo, foi preciso cancelar todos os torneios esportivos que seriam realizados ali.

E foi exatamente no primeiro dia do temporal, uma segunda-feira, que Almir, e todos os atletas, se reapresentaram na Gávea, depois das férias de final de ano. As chuvas atrapalhavam os treinos e foi realizado apenas trabalho físico interno. O primeiro jogo do ano, um amistoso contra o Atlético Mineiro, foi transferido para o Mineirão com a renda revertida para as vítimas das chuvas, tanto do Rio como de Belo Horizonte, onde tinha chovido bastante também. Em BH, os jogadores tiveram uma tarde de folga e a maioria (incluindo Almir, que sempre gostou de cinema) foi assistir ao faroeste americano *Gatilhos em duelo*.

Em seu primeiro confronto do ano, o Flamengo venceu bem o Atlético-MG, 3 a 1. Almir jogou o primeiro tempo, mas foi substituído no intervalo por se sentir muito cansado. Quem entrou em seu lugar foi César Maluco, que fez dois gols no segundo tempo. César era oito anos mais novo que Almir e o considerava um exemplo como jogador e atacante. Tornaram-se amigos e o apelido "Maluco", na verdade, surgiu apenas depois que César foi emprestado ao Palmeiras. De Belo Horizonte, seguiram direto para São Paulo, pela Vasp.

César fez dois gols, mas quem tinha a fama de fazedor de gols mesmo era Almir. Tanto que a *Revista do Esporte*, em sua edição de 22 de janeiro, publicou uma matéria com o título "Almir e Célio ensinam como fazer gols", com os atacantes de Flamengo e Vasco da Gama estampados na capa. Para o flamenguista, fazer gols era uma tarefa árdua que muitas vezes exigia mais sangue-frio do que inteligência. A explicação era porque ele tinha fama de jogador mau e, portanto, perseguido.

"Almir é muito visado pelas defesas. Por isso, ele resume a sua receita para marcar gols nos seguintes itens: 1 – Não ter medo de cara feia; 2 – Chutar em gol logo assim que aparecer uma brecha; 3 – Não driblar na chamada zona de gol; 4 – Conferir todas as jogadas, não acreditando nunca que uma bola esteja perdida; 5 – Dar a maior potência que puder ao chute, pois as chamadas bolas colocadas costumam enganar e dar oportunidade ao goleiro de fazer a defesa com facilidade", ensinava ele.

O Flamengo foi para São Paulo estrear no Torneio Quadrangular João Havelange (em homenagem ao presidente da CBD) onde jogavam além dos rubro-negros, curiosamente, a seleção da União Soviética (URSS), Palmeiras e Corinthians. A primeira partida foi contra o Palmeiras e o time da Gávea perdeu por 3 a 2, no Parque Antarctica. Almir jogou os 90 minutos, mas não se destacou.

O segundo jogo do Quadrangular foi contra o Corinthians, no Pacaembu, e terminou em empate sem gols num jogo ruim em razão das fortes chuvas que caíam na capital paulista — a partida quase foi suspensa. Almir só entrou aos 36 minutos do segundo tempo, no lugar

de Airton, e nada pôde fazer, além de ficar encharcado. O Palmeiras foi o campeão do torneio, vencendo a seleção da União Soviética por 3 a 1.

Voltaram ao Rio, mas no dia seguinte já embarcaram de novo para a Minas Gerais para participar de outro Torneio Quadrangular, o Magalhães Pinto (ex-governador mineiro). Almir não jogou nenhuma das duas partidas disputadas pelo time; o título do torneio ficou com a seleção da União Soviética, que estava excursionando pela América do Sul na época. Almir tampouco participou dos sete jogos seguintes, entre amistosos e partidas válidas pelo Torneio-Rio São Paulo, que havia começado.

Nesse meio-tempo, o treinador Francisco Villegas, do Deportivo de Cali, da Colômbia, estava no Brasil em busca de reforços e se interessou por Almir. As negociações não progrediram porque durante os dois dias de conversas com dirigentes rubro-negros, Villegas recebeu um telegrama informando-o de que dois atacantes tinham acabado de ser comprados na Colômbia e que o clube precisava apenas de jogadores de meio-campo. Duas semanas depois, foi a vez do Internacional, de Porto Alegre, mostrar interesse por Pernambuquinho, mas as negociações não avançaram.

Então o *Jornal dos Sports*, em sua primeira página da edição de 16 de março, deu como título: "Almir é bom, mas não joga", relatando que ele havia sido o melhor jogador no treino realizado na véspera, quando os reservas golearam os titulares por 6 a 2 com três gols de Almir, que deu um verdadeiro show. "Mas Renganeschi decidiu não lançá-lo contra o Vasco amanhã porque disse estar muito satisfeito com o desempenho de César [Maluco] ao lado de Silva".

E realmente ele não jogou no empate em 1 a 1 contra o Gigante da Colina, no Maracanã, pelo Torneio Rio-São Paulo. Entretanto, participou da partida seguinte, contra o Fluminense — vitória por 4 a 1 com três gols de Silva — entrando aos 14 minutos do segundo tempo, no lugar de César Maluco, e marcando um gol aos 43 minutos. Porém, saiu de campo mancando por causa de uma pancada que levou um pouco

abaixo do joelho esquerdo. Mais uma vez, não acusou ninguém como responsável pela lesão, o que tinha virado rotina.

Silva, também chamado de Batuta, o autor dos três gols, quatro anos mais tarde deu uma entrevista à revista *Placar*, então recém-criada, de 17 de março de 1970, quando afirmou, ao falar sobre sua carreira: "No Flamengo tive uma das mais agradáveis surpresas da minha vida: jogar com Almir. Grande companheiro, superinteligente, tão bom e talentoso quanto Pelé. Almir só teve um azar na vida: jogar na mesma época do Crioulo. Nenhum país suporta dois ídolos definitivos ao mesmo tempo".

Na partida seguinte, Renganeschi usou a mesma estratégia: escalou César Maluco e depois o substituiu por Almir, no segundo tempo. Não deu certo. O Corinthians venceu o Flamengo por 3 a 1, no Pacaembu.

Almir, para seu azar, voltou como titular na partida contra o Bangu, quando os rubro-negros perderam por 2 a 1, encerrando o torneio, que teve um fim inusitado. Realizado por pontos corridos, quatro equipes chegara ao fim com exatamente a mesma pontuação, o que fez com que tivéssemos quatro campeões do Torneio Rio-São Paulo de 1966: Botafogo, Corinthians, Santos e Vasco da Gama; o São Paulo ficou com o vice. No ano seguinte, o torneio foi ampliado com times do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraná, passando a ser chamado Torneio Roberto Gomes Pedrosa.

E foi pelo mesmo placar, 2 a 1, que o Flamengo foi derrotado pelo Vasco da Gama, em um amistoso realizado na capital federal, no dia 31 de março, para a inauguração dos refletores do Estádio Nacional de Brasília (o "Pelezão", demolido em 2009). Almir marcou o gol do Flamengo, mas foi substituído aos 32 minutos do segundo tempo por Fio Maravilha.

O Flamengo embarcou, então, para o Equador, no começo de abril, para disputar amistosos e um torneio internacional. Perdeu para o Barcelona, do Equador, por 2 a 1, com Almir em campo sofrendo uma lesão no músculo posterior da coxa esquerda, o que o tirou do segundo compromisso, com o Emelec, quando os rubro-negros venceram por 2 a 1. Ficou de fora também do primeiro jogo do Torneio Internacional

de Guaiaquil, quando o Flamengo ganhou do mesmo Barcelona nos pênaltis; porém, esteve em campo no segundo confronto, fazendo um gol contra o Corinthians, na vitória por 2 a 0. No terceiro, empate em 2 a 2 com o Emelec, foi expulso depois dar um soco no rosto do goleiro Ordeñana, que havia lhe dado um chute após um encontrão entre os dois.

Apesar disso, ele continuava se esforçando para desfazer a imagem de jogador violento, sem freios, e a *Revista do Esporte* do dia 16 de abril publicou uma matéria sobre o estilo de vida do jogador. Com o título "Como vive Almir", a reportagem saiu com quatro fotos dele com o filho Almirzito (sempre chamado assim) com quatro anos de idade e a esposa Maria de Lourdes. A publicação ressaltava que Almir levava uma vida regrada, descrevendo suas horas de sono, sua alimentação equilibrada, seu convívio social e gosto por cinema. Suas refeições, geralmente, tinham arroz e feijão (dos quais ele não abria mão), bife e salada — Almir ainda confessou que gostava muito de goiabada, como sobremesa. Ia para a cama por volta das 22 horas e só se deitava mais tarde se tivesse visita. "Mas isso não acontece sempre, porque, como dissemos lá em cima, Almir não é nenhum atleta desregrado", escreveu a revista.

Aproveitando a ida para o Equador, o Flamengo fez três amistosos na América Central, e Pernambuquinho participou de todos. Na Nicarágua, foi expulso de novo, na derrota para o Corinthians por 3 a 2, por reclamação contra o juiz. Em El Salvador, os rubro-negros perderam por 3 a 2 do Alianza; mesmo placar da derrota para o Corinthians, desta vez na Guatemala. Vários jogadores voltaram lesionados e a imprensa esportiva começou a questionar se valia a pena os clubes organizarem tantas excursões com viagens nacionais e internacionais, ainda que fossem financeiramente rentáveis.

Em maio, o Flamengo anunciou que Flávio Costa estava voltando ao clube como Superintendente do Departamento de Futebol Profissional para trabalhar junto com o treinador Renganeschi, que disse na ocasião que Flávio era "o homem talhado para a função, pois além de conhecer profundamente o futebol, trabalhou muitos anos no Flamengo e melhor do que ninguém conhece suas qualidades e seus problemas". Ele voltava

à Gávea um mês após ter deixado Portugal. Essa (re)contratação teria consequências para Almir num futuro não muito distante.

O Flamengo continuou com seus amistosos, mas dessa vez no Maracanã. Contra o Belenenses, de Portugal, vitória por 4 a 1; contra o West Bromwich Albion, da Inglaterra, derrota por 2 a 1. Nesse jogo, Almir substituiu, aos 22 minutos do segundo tempo, Osvaldo Ponte Aérea, que tinha esse apelido porque viajava constantemente a São Paulo para encontrar sua namorada.

A filha nasce

Depois, o Flamengo embarcou para o centro-oeste, onde fez três jogos: um em Brasília e dois em Goiânia. Almir pouco jogou. De lá, os rubro-negros partiram para o norte do país, onde embolsaram dez amistosos, entre os meses de junho e julho, em diferentes estados, Amazonas, Pará, Acre, Rondônia e Maranhão. Almir participou de todos os jogos, ou como titular ou entrando no segundo tempo, e marcou um total de sete gols nesses jogos. O destaque foram os dois que fez na goleada por 8 a 0 que o Flamengo infligiu sobre o Rio Negro, no estádio Parque Amazonense, em Manaus.

Agora, finalmente, chegava a hora de o time jogar para valer e Bonsucesso e Flamengo abriram a II Taça Guanabara. Com apenas 6.873 pagantes no Maracanã, o jogo foi lento e o Bonsucesso abriu 2 a 0 sobre os rubro-negros. Almir, que se mostrava lento e fora de forma, sofreu, e perdeu, um pênalti aos 3 minutos do segundo tempo, escorregando na hora de bater. O time da Gávea conseguiu empatar o jogo, sendo que em um dos gols, aos 10 minutos do segundo tempo, Almir deu uma assistência para Osvaldo Ponte Aérea marcar. Durante o resto da peleja, porém, o camisa 9 do Flamengo já parecia um jogador sem fôlego.

Nem bem tinha começado a competição e o Flamengo foi disputar um amistoso com o Americano, de Campos dos Goytacazes, em 6 de agosto, dia de São Salvador do Mundo, padroeiro da cidade. A partida foi ruim e com baixo número de espectadores, não saindo de um empate sem gols. Como todo o time, Almir jogou e mal, mas é possível,

contudo, que ele estivesse com a cabeça em outro lugar, mais exatamente no Hospital 9 de Julho, em São Paulo, onde sua filha Adriana (sempre seguindo a tradição da letra A) estava para nascer — ela nasceria no dia 9 de agosto. Ao final do jogo, Almir tomou um avião e foi para a capital paulista, onde sua esposa, Maria de Lourdes, estava há algum tempo, pois queria ter o bebê junto de sua família. Agora, eles tinham um casal de filhos: Alvaro e Adriana.

O primeiro clássico do torneio foi entre Flamengo e Vasco, no Maracanã, e o jogo foi muito conturbado, com três expulsões. A partida transcorria bem até os 33 minutos do primeiro tempo, quando Silva marcou o gol do Flamengo; porém, na sequência, ambos os times descambaram para a violência, o que fez com que o jogo fosse interrompido e fosse preciso até a entrada da polícia militar, antes de ser reiniciado. Em uma das brigas, Silva se desentendeu com Ananias, do Vasco, e, imaginem, foi Almir quem o conteve. Aliás, nessa partida não houve qualquer registro de violência por parte do jogador. O resultado final ficou em 1 a 0 para os rubro-negros. "Espetáculo lamentável no Maracanã", foi o título no caderno de esportes de *O Globo*, no dia seguinte.

Enquanto isso, surgiam boatos de que o técnico Renganeschi poderia deixar o Flamengo, pois seu contrato estava perto de expirar e falava-se numa possível contratação por parte do Corinthians. Mas isso não aconteceu e ele continuou comandando os rubro-negros.

Depois, O Flamengo enfrentou mais um clássico, agora contra o Botafogo, mas o jogo foi apenas "sofrível", segundo os cronistas da época, terminando em 0 a 0; o destaque ficou para a expulsão do massagista Luiz Luz, do Flamengo, que entrou em campo sem a permissão do árbitro Airton Vieira de Morais.

O terceiro clássico seguido colocou frente a frente Flamengo e Fluminense, um clássico que Nelson Rodrigues descrevia da seguinte maneira: "Até hoje em todo o mundo não há um jogo que chegue aos pés do Fla-Flu. E cada jogo entre o Flu e o Fla parece ser o maior do século". Porém, não foi bem o caso da disputa realizada no dia 28 de agosto de 1966, que acabou em um empate por 2 a 2. Segundo Ricardo

Serran, de *O Globo*, a partida havia sido "boa", mas não o que se esperaria de duas equipes da primeira divisão carioca. Para ele, isso ainda era reflexo da desilusão da disputa pela taça Jules Rimet, quando a Seleção Brasileira havia sido desclassificada na primeira fase da Copa do Mundo da Inglaterra, cerca de um mês antes. Um de seus piores resultados na história das Copas.

Já o *Jornal do Brasil* descreveu o jogo como "uma das melhores partidas da Taça Guanabara não só pela técnica como pelo entusiasmo dos 22 jogadores", segundo Sérgio Noronha. Para ele, "o empate, ao fim de tudo, foi um resultado justo para os dois times que saíram aplaudidos pelo bom espetáculo que proporcionaram".

Visões distintas de um mesmo jogo, *O Globo* publicou em sua página de humor, "Penalty", uma nota sobre Almir nessa partida: "Impressionante a conduta do Almir, ex-garoto terrível do futebol brasileiro. Almir além de jogar muito bem anda comportadíssimo. Já andam até falando em lavagem cerebral", ironizou.

Almir estava seguindo a cartilha que havia proposto para si próprio.

Tanto que recebeu, uma semana depois, um elogio (sem exageros) de Armando Nogueira, no *Jornal do Brasil*. "No momento, imaginando que Osvaldo tenha encontrado o futebol perdido na rota Rio-São Paulo, o ataque do Flamengo pode ser considerado o mais capaz da cidade, tendo como se sabe, lado a lado, a *experiência* de Almir e a capacidade realizadora de Silva".

Experiência e veterano eram as duas palavras mais empregadas para definir Almir Pernambuquinho àquela altura. Isso para um jogador de futebol que ainda tinha 28 anos de idade. Como na coluna de Armando Nogueira citada e na avaliação de *O Globo* acerca daquele Fla-Flu: "Almir — o *veterano* atacante ontem foi o melhor da ofensiva, trabalhando todos os minutos". Em seu livro de memórias, ele chegou a se referir a si mesmo, entrando no Flamengo, da seguinte maneira: "Eu, Almir Moraes Albuquerque, era uma...velha do futebol", depois de fazer um resumo de sua vida no esporte, o entra-e-sai dos times, as brigas, as polêmicas com dirigentes e sua capacidade de fazer bons contratos.

Recorde no feriado

Num domingo à tarde, dia 4 de setembro, os torcedores foram ao Maracanã achando que veriam o último jogo do Flamengo pela Taça Guanabara. E com a expectativa de levantarem a taça. Levantariam se o Fluminense, no dia anterior, não tivesse goleado o Vasco por 3 a 0, forçando, feitas as contas, um jogo extra com o vencedor daquela tarde. Aí então a partida realmente seria a final. O Flamengo venceu o Bangu por 2 a 1 e se credenciou para defender o título contra o tricolor das Laranjeiras.

E aquele Fla-Flu, dessa vez decidindo o campeonato, caiu num feriado de 7 de setembro. A renda recorde foi de Cr$ 101.154.810,00 com um total de 69.730 pagantes presentes no Maracanã. Os rubro-negros estavam otimistas, confiando na vitória. Mas ela não deu. O Flu fez 3 a 1 sobre o Flamengo e faturou a Taça Guanabara. Almir não jogou bem, apesar de ter perdido dois gols quase feitos e ter marcado um, anulado por impedimento. Ao final da partida, cumprindo ainda mais a cartilha que traçara para si, foi ao vestiário tricolor cumprimentar os jogadores campeões.

Ainda em setembro, começou um dos mais conturbados campeonatos estaduais que o Rio de Janeiro já presenciou. Disputado por doze clubes no turno e por oito no returno, com todos jogavam contra todos, Portuguesa, São Cristóvão, Madureira e Campo Grande foram desclassificados antes do início do returno. E um time sobressaiu-se de maneira espetacular, ganhando 15 de 18 jogos, e sagrou-se campeão.

O Flamengo estreou no dia 11, no estádio Ítalo Del Cima, contra o Campo Grande, para apenas 4.472 pagantes. O placar também foi magro: 1 a 0 para os rubro-negros, num gol que saiu somente aos 37 minutos do segundo tempo pelos pés de Osvaldo Ponte Aérea. A segunda rodada teve um clássico (na época): Flamengo e América, que embora tenha apresentado um volume de jogo maior, não saiu com a vitória, pois os rubro-negros conseguiram um empate, 2 a 2, com um gol de Almir aos 27 minutos do primeiro tempo, numa bela cabeçada.

Contra a Portuguesa, Almir não fez gol, mas deu uma assistência para Silva, debaixo de chuva, marcar o único tento do jogo, aos 40 minutos do segundo tempo, livrando o time rubro-negro de um constrangedor empate. Àquela altura, dirigentes do Club de Fútbol de Monterrey, do México, interessados em Almir, foram à Gávea. A negociação não avançou porque o Flamengo concluiu que não queria abrir mão de seu atacante.

No jogo seguinte, o Flamengo goleou o Olaria, 5 a 1, num jogo cujo primeiro tempo terminou empatado em 1 a 1. Na segunda etapa, os rubro-negros deslancharam e fizeram mais quatro. Almir deu as duas assistências para os dois gols de Silva, jogando com desembaraço, e sendo capaz de não revidar após sofrer uma falta dura do zagueiro Zé Maria, do Olaria, que lhe deu um violento chute, sendo advertido pelo juiz Cláudio Magalhães, que, na verdade, deveria ter expulsado o jogador.

Se Silva fez dois contra o Olaria, chegou a vez de Almir fazer dois gols também, na vitória contra o Madureira por 3 a 2, em General Severiano. O que inicialmente parecia uma vitória fácil dos rubro-negros, transformou-se num jogo bem disputado, mas que, ao fim, terminou com o triunfo da equipe do Flamengo.

A partida seguinte foi outra goleada. No estádio da Gávea, dentro da sede social do clube, o time venceu o São Cristóvão por 4 a 0, para apenas 3.295 pagantes. Almir não fez nenhum dos gols e ainda sofreu uma distensão muscular na coxa esquerda que o obrigou a sair de campo. Por causa dessa lesão, não participou dos três jogos seguintes: dois empates sem gols contra Vasco e Botafogo e uma vitória sobre o Bonsucesso, que tinha como treinador o ex-jogador Alfinete, precursor, segundo ele mesmo, do esquema de jogo 4-2-4 no futebol carioca, em 1951.

Usando a cabeça

Voltou a jogar no Fla-Flu de 23 de outubro, depois de ser examinado; porém, para não rasurar a cartilha que, até então, vinha seguindo, ele não deveria ter entrado em campo.

"Almir perturba Flu num jogo que Sansão liquida", apresentou o *Jornal do Brasil*. "Vitória do Flamengo em jogo tumultuado", deu em

O Globo. "Almir vence usando a cabeça", afirmou o *Jornal dos Sports*. "Denilson e Almir citados por agressão", foi o que mostrou o *Diário de Notícias*. Por essas manchetes já é possível imaginar o que aconteceu durante a partida.

"Uma cabeçada de Almir em Oliveira e a infelicidade de Airton Vieira de Morais (o Sansão) como juiz de futebol — isso quando se esperava uma tarde de gala no Maracanã — acabaram por transformar um grande espetáculo num jogo sem atrativos técnicos, levando o Fluminense a perder a cabeça e a liderança, e o Flamengo a vencer por 2 a 0 a partida mais discutida [o jornalista ainda não tinha visto nada] do atual Campeonato Carioca", resumiu o *Jornal do Brasil*.

Segundo o diário, o ato tinha sido mais uma façanha do jogador pernambucano, lembrando sobre o caso Hélio e dizendo que Almir tinha sido perdoado naquela ocasião. E que agora cabia ao juiz e aos tribunais de justiça desportiva cuidar do assunto. Do ponto de vista da partida, ele tinha sido considerado um herói, pois havia feito o que fez e ainda agitara uma camisa do Flamengo para a torcida do Fluminense, em polvorosa.

A partida chamou tanta atenção que até, excepcionalmente, a redatora do Caderno Feminino do *JB*, Bernardete Prestes, opinou no Caderno Esportivo. "No fim de tudo o Fla-Flu não existiu como espetáculo. Foi pena, porque o Fluminense não se conformou com a derrota, nem tão pouco a vitória deu para alegrar muito o Flamengo".

E no mesmo *JB*, claro, Armando Nogueira, como não poderia deixar de ser, analisou o jogo em sua coluna. "Os lances explosivos do Fla-Flu: não vi — e admito que o árbitro não tivesse visto — a cabeçada de Almir que feriu o rosto de Oliveira. Não vi, repito, mas não me surpreende que atribuam a Almir gesto tão condenável. O passado de Almir está marcado de incidentes deploráveis em que ele aparece, sempre, mal situado", escreveu.

Ainda nessa mesma edição, o jornal informava que o Flamengo processaria o técnico do Fluminense, Elba de Pádua Lima, o Tim, por declarações dizendo que Almir havia confessado que costumava jogar

dopado. Segundo Tim, o próprio jogador fizera tal revelação, no dia 11 de junho, no hotel em que estavam hospedados em Goiânia para um amistoso em que os rubro-negros haviam vencido por 3 a 2. O treinador afirmava que, em Goiânia, Pernambuquinho disse que se o time não lhe dava, ele mesmo tomava por conta própria. "O que me irritou ainda mais foi ouvir um cavalheiro dizer na televisão que o Almir é bem comportado", declarou Tim ao *Jornal do Brasil*, que ainda publicou várias fotos de diferentes jogadas de Almir na partida.

Para *O Globo* o confronto estava muito bom, bem disputado até aos 23 minutos do primeiro tempo. "Exatamente até a deslealdade de Almir", explicou o jornal. Depois disso, a torcida se pôs a gritar em coro "é esse, é esse" toda vez que Almir estava com a bola. Segundo o diário carioca, terminado o jogo ele foi para o vestiário e ficou durante 15 minutos na banheira térmica, onde recebia cumprimentos dos colegas rubro-negros. Para ele, o incidente tinha a seguinte explicação: "Fui de encontro a Oliveira e como nenhum dos dois parou, demos cabeça contra cabeça. O resto todo mundo sabe, porque viu". O repórter redarguiu que Oliveira já havia soltado a bola. "Pois é, e como chocamos cabeça com cabeça, aconteceu tudo aquilo". O repórter mais uma vez retrucou perguntando se não tinha sido a cabeça de Almir contra o queixo do zagueiro. "Absolutamente, foi cabeça com cabeça", respondeu Almir dando atenção a um novo colega que o felicitava pela partida.

"Almir é um desleal e o que fez comigo prova que se trata de um covarde", declarava, também nos vestiários, o zagueiro Oliveira, mostrando a todos seu rosto machucado. Disse que ainda quis voltar a campo, mas não conseguiu porque sentiu uma forte tontura.

Na mesma edição, Nelson Rodrigues escreveu em sua coluna: "Amigos, no jogo Santos x Milan, Almir fez o diabo. Mas há um abismo entre as duas situações: Numa partida internacional, a serviço do time brasileiro, é uma válida e exemplar manifestação cívica. Ontem, porém, éramos todos brasileiros. E a molecagem não passava de uma contravenção nítida, taxativa, cristalina. Portanto, Almir só pôde ser o dono da partida porque teve a conivência do árbitro. Resta saber quem é o meu personagem da semana. Seria injusto escolher Almir e apenas

Almir. Afinal de contas, ele não existiria se não tivesse a larga e deslavada cobertura do juiz. Existisse em campo um árbitro e Almir teria sido expulso ao agredir Oliveira. Portanto, o meu personagem da semana será um centauro de Sansão e Almir".

Em relação às acusações do treinador Tim sobre uso de estimulantes por parte de Almir, e a ameaça do Flamengo de processar o técnico, *O Globo* nada publicou.

O *Jornal dos Sports* era dúbio ao falar de Almir. Sob uma foto dele, lia-se a legenda: "Almir usando todos os seus recursos — os bons e maus — definiu a partida". E o retratou da seguinte maneira naquele confronto: "Apesar do proveito que procurava tirar de toda sua malandragem, e até da deslealdade com que atingiu Oliveira com uma cabeçada feia, sem bola, foi a estrela do jogo. Quanto mais a torcida do Fluminense o marcava, gritando 'é esse! é esse!', mais ele procurava tirar proveito de seus recursos, temperados na experiência que adquiriu do jogo, nos momentos mais difíceis. Talentoso e manhoso como poucos, deu feição própria ao espetáculo. É um catimbeiro terrível que ninguém consegue parar com o bico da chuteira e só pode ser marcado por antecipação. Se o deixarem dominar a bola, antes, aí não o apanham mais. A não ser no pau. Mas é disso que ele gosta. E com isso, ele levou todo o Fluminense à loucura".

Destacou que, insuflados pela torcida, Denílson (Flu) quis vingar Oliveira, atingindo Almir em jogada violenta que, embora em disputa da bola, rendeu-lhe um cartão vermelho; Bauer (Flu), não conformado com a expulsão de Denílson, reagiu à decisão do árbitro Sansão (largamente criticado por aquela partida) e foi igualmente expulso.

Na mesma edição, o *Jornal dos Sports* fez um resumo do programa *Grande Resenha Facit*, que fora ao ar pela TV Globo na mesma noite do jogo. Nele, João Saldanha, José Maria Scassa, Flávio Costa, Nelson Rodrigues, Doalcey Camargo, Vitorino Vieira, Luiz Alberto e Armando Nogueira discutiram o Fla-Flu daquele dia e, principalmente, Pernambuquinho. O título estampava: "Almir foi o réu na opinião da crítica", resumindo as posições sobre as atitudes do jogador. O jornal também

publicou uma charge em que um homem segurando luvas de boxe numa mão, e chuteiras na outra, chamava o jogador: "Almir! Olha o treino!". Não publicou nada sobre as acusações de Tim nessa edição.

Já o *Diário de Notícias* narrou os fatos do jogo e escreveu sobre as acusações de Tim a respeito de Almir, que se dizia surpreso com as palavras do técnico, afirmando nunca ter conversado com ele sobre aquele tipo de assunto, chegando até a dizer, de maneira provocativa: "É possível que Tim estivesse no seu costumeiro estado alcoólico ou ainda com a cabeça quente por ter perdido uma partida que não estava nos seus cálculos. É lamentável que isso parta de um técnico que tem a responsabilidade de dirigir um plantel excelente como o do Fluminense, cujas tradições também ficam feridas com suas declarações". Na edição seguinte, ainda sobre aquele assunto, o jornal publicou: "Almir desafia Tim ao debate público". Naturalmente, nunca houve esse debate.

O *Jornal dos Sports*, demonstrando sua admiração por Almir, voltou a falar dele já na terça-feira, dia 25, relatando o banho de mar que o jogador costumava tomar às segundas-feiras, dia de folga. "Almir mata as emoções na praia", foi o título de primeira página, com foto dele sem camisa, e o texto explicando que o jogador costumava ir à praia perto da rua Barata Ribeiro, próximo ao cine Rian. Mais calmo depois de toda confusão, ele havia negado vários convites para participar de programas de televisão no domingo à noite, e seguia afirmando que o choque havia sido casual. "Não quis agredi-lo, e se meu braço bateu nele, foi sem querer", afirmou, sem perceber que estava mudando a primeira versão, quando dissera que o choque havia sido um encontro acidental cabeça com cabeça — o *Jornal dos Sports* também não notou isso. No dia 26, o título de primeira página mostrava: "Renga livra Almir acusando Tim".

Os leitores do diário esportivo não deixavam de participar, opinando sobre os acontecimentos. Interessante foi a carta publicada no dia 27, escrita por A. Werneck, da Guanabara, para a seção "Bate-bola". "Realmente estarrecido, li uma entrevista de Almir num matutino carioca na qual o jogador rubro-negro, sem rir, declarou: 'Palavra, não sabia que tinha machucado o Oliveira. Foi na corrida que nos machucamos, involuntariamente, já se vê'. Falou Almir, agora falo eu: jogador

mais estranho está para nascer. Ele vinha jogando bem, diria de forma magnífica, mas para ele isso era pouco. Almir adora acintar (sic) céus e terras. Daí a cabeçada brutal que aplicou no Oliveira. Pergunto agora: será que Almir se cura dessa recaída? Por que ele teve uma recaída como o mais temperamental dos nossos jogadores? Almir sabe o que faz. E ele não vai reincidir já para não dar na vista".

No dia seguinte, o jornal publicou uma carta de outro leitor, Cláudio Menezes, da Guanabara, e claramente flamenguista. "Seria hipócrita se dissesse que não gostei da vitória do Flamengo no Fla-Flu. Entretanto, não achei graça da cabeçada do Almir (e eu vi) no Oliveira. Daí por diante tudo ficou mais fácil para o Flamengo. Não importa. Gosto de vitória limpa. E podíamos ter chegado lá sem recursos extra esportivos. Inclusive, por intermédio de Almir, na minha opinião, o maior atacante do futebol carioca no momento. E vou torcer para que Almir passe a jogar só na bola".

A resposta do *Jornal dos Sports* ao seu leitor foi irônica, sem dar importância à gravidade da atitude do jogador. "Seu desejo é, sem sombra de dúvida, o mesmo desejo de todos os próximos marcadores de Almir. Afinal, uma cabeçada daquelas é uma verdadeira pedrada". E mais nada.

Pernambuquinho foi indiciado duas vezes por agressão pelo Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) que, em menos de uma semana, realizou o julgamento e o inocentou de ambas as acusações. No dia 30 de outubro, Almir afirmou que tudo o que estava acontecendo não passava de "onda" e que tinham inveja do Flamengo, pois só o peso da camisa rubro-negra era capaz de ganhar um jogo. A colunista social do jornal *Tribuna da Imprensa*, Gilka Serzedello Machado, em sua edição de 26 de outubro, escreveu: "Podem os cronistas esportivos não saber, ou não querer publicar, mas eu sei que o Almir foi secretamente e duramente advertido pela diretoria do Flamengo. Ainda bem".

Sobre o episódio, em suas memórias, Almir demonstrou claramente como tudo foi pensado por ele. "Na temporada seguinte, eu tive que fazer alguma catimba para ganhar algumas partidas difíceis. Uma delas foi num Fla-Flu, em outubro de 1966. O Fluminense estava sob o comando

de Tim e tinha armado uma tática que vinha dando certo em todas as partidas: o lateral-direito Oliveira avançava e fazia lançamentos sobre a área, onde Amoroso completava de cabeça ou de bate-pronto, com uma sorte terrível. Àquela altura, ele era o artilheiro do Fluminense e do campeonato. Naquele jogo eu pressentia que a tática de Tim mais uma vez ia dar certo: nosso ponta-esquerda, Osvaldo Ponte Aérea, descia com muita lentidão para ajudar a defesa, Oliveira tinha campo livre para fazer os cruzamentos sobre a nossa área. Era preciso agir".

E ele agiu.

Spectaculaire

Silva, o Batuta, e Almir foram capa da *Revista do Esporte* em sua edição de 30 de outubro. Agachados e abraçados com o uniforme rubro-negro, o título estampava: "Flamengo espera mais de Almir e Silva". Na matéria, eles explicavam que dirigentes, técnico e torcida não escondiam que esperavam muito mais do que os atacantes estavam entregando nos jogos, apesar de saberem que davam o máximo em campo, tanto que, costumeiramente, saíam machucados. Mas eles esperavam ver o Almir do Vasco e o Silva do Corinthians, antigos clubes de ambos.

Talvez estimulados pela cobrança na imprensa, os dois fizeram os gols da vitória do Flamengo sobre o Bangu, 2 a 1, naquele mesmo dia, na última partida do primeiro turno. Silva marcou aos 28 minutos e Almir aos 40 minutos do segundo tempo. Vitória de virada, pois o primeiro tempo terminou 1 a 0 para o time de Moça Bonita. Aquela foi a única derrota do Bangu em todo o campeonato, e fez do Flamengo, debaixo de chuva, o líder da competição.

Pela primeira vez em toda a história do futebol carioca realizou-se, naquele jogo, o exame antidoping. Os escolhidos do Flamengo foram os jogadores Jaime, Nelsinho e Almir (na verdade, o principal motivo para a adoção do exame por parte da Federação Carioca de Futebol, ainda que já fosse uma tendência do futebol no mundo); pelo Bangu, os atletas Jaime, Luís Alberto e Ocimar. As colheitas foram feitas no

intervalo e no fim do jogo e contaram com a presença dos médicos dos dois clubes e do vice-presidente da FCF.

E aquele embate ainda teve o gol mais espetacular da carreira de Almir Pernambuquinho.

"Fecha Almir, cabeceou, largou o arqueiro, é gol. Goool. Almir, Almir o Pernambuquinho desempata. Cabeceou Almir. Entrou como um furacão pelo comando do ataque. Cabeceou, largou o arqueiro Ubirajara. Almir foi de testa sobre a bola, quase no chão, numa coragem extraordinária. Almir, esse jogador tinhoso, manhoso, grande jogador", narrou Waldir Amaral, diretamente do Maracanã, cheio de emoção, para a rádio *Globo* naquela noite.

Tão espetacular que foi capa e contracapa, formando uma foto só, da publicação esportiva mais prestigiada do mundo na época, a revista *France Football*.

"Nelsinho cobrou a falta, da direita para a esquerda, centrando pelo alto. Tive a intuição da cabeçada e dei o mergulho. Acertei em cheio, mas Ubirajara praticou difícil defesa, embora apenas parcial. Mesmo estirado no chão, quando via que a bola sobrara perto de mim e que não haveria uma fração de segundo a perder, o rosto raspando a grama e a cabeça chegando na bola antes da nova intervenção do goleiro. Eu não poderia ter sido mais feliz, já que só deu para a bola transpor a linha fatal", narrou o próprio Almir, de maneira quase literária, para toda a imprensa, no vestiário após a partida.

Sete anos depois, no final de 1972, ele "temperou" ainda mais as memórias do gol pelo qual seria lembrado pela torcida rubro-negra. "Com os olhos empapados de lama, a pele toda cortada pelo atrito com a terra, nem pude ver a bola ir para as redes, mas senti que havia alcançado o meu objetivo: a torcida do Flamengo rugiu no estádio com grito de gol, meus companheiros de time caíram sobre mim a me abraçar, a me beijar. Eu fiquei tonto com tudo aquilo porque tinha empregado naquele lance toda a energia e toda a força de vontade de que é capaz um ser humano".

Nelson Rodrigues chamou o gol de "épico", em sua coluna no jornal *O Globo*. "Vi um rubro-negro, altíssimo, tropeçar nas próprias pernas, desabar, rente ao meio-fio, com a cara enfiada no ralo. Mas caiu agarrado ao nome obsessivo, obrigatório: 'Flamengo'. Amigos, o 'goal' de Almir foi um momento do puro, do autêntico, do eterno Flamengo".

"Épico" também foi o adjetivo para o gol de Pernambuquinho usado pelo jornalista Armando Nogueira, em sua coluna no *Jornal do Brasil*, concordando, dessa vez, com Nelson. "Tomado em síntese o jogo foi meio a meio: primeiro tempo, vitória do Bangu, que jogara com todas as suas virtudes técnicas e espirituais; segundo tempo, vitória da dedicação rubro-negra culminada no gesto de Almir voando para uma cabeçada fulminante que se repetia, dois segundos depois, por outra cabeçada raspando a cabeça na grama. Um lance épico, numa partida de extraordinária carga emocional".

O *Jornal dos Sports*, então, ficou encantado pelo feito. "Gol de Almir vale liderança", "Gol consagra Almir como herói", "Almir foi o dono da vitória", "Renga chorou no gol", foram os títulos publicados na edição de 31 de outubro. E ainda havia espaço para os elogios dentro dessas matérias: "O talento de Almir...", "O heroísmo de Almir...", "Almir, uma vez mais o artífice da vitória", "Almir saiu de campo mais aplaudido que o time do Flamengo". E, na primeira página, a foto de Almir caído com a legenda: "Almir arroja-se ao gramado para a sensacional cabeçada que deu ao Flamengo uma vitória de bravura". Na página de humor do *JS*, "Folha Seca", o título foi: "Almir provou mesmo que é 'cobra': fez gol rastejando...", além de, novamente, fazer ironia com as denúncias dentro do futebol: "O Flamengo sem bolinha, jogou um 'bolão'...".

A revista *O Cruzeiro* descreveu Almir como a própria encarnação da garra flamenguista, e a vitória, também, como "épica" e espetacular. Ao final, descreveu a jogada como "aquele que, num arrojo supremo, mergulhou com o rosto na lama da meta, dopado de sangue e raça com a marca do Flamengo".

Já a revista *Manchete* fez uma matéria mais completa sobre Pernambuquinho. Com duas páginas, uma foto grande de Almir sendo

carregado pelos companheiros, a legenda dizia: "Com 26 anos de idade (sic), o craque vive os dias mais importantes de sua carreira. É ídolo da torcida do Flamengo e também de seus companheiros. Do ponto de vista médico, nada existe de neurótico ou agressivo em sua controvertida personalidade". Na matéria, o jornalista Carlos Marques, num estilo altamente enaltecedor, fez um apanhado da carreira de Almir, sem se esquecer do episódio sobre Hélio, do América, que mereceu até uma foto pequena para demonstrar que ele estava bem e isentava Almir de qualquer responsabilidade.

Revelou também que Almir havia recebido um convite da *TV Rio* para fazer comentários sobre futebol aos domingos, ganhando 100 mil cruzeiros por semana, mas não aceitara. Disse que um time da França (não esclareceu qual) quis comprar o passe de Almir por 150 milhões de cruzeiros, e o Flamengo teria recusado. Além disso, afirmou que um cronista esportivo (não citou o nome) dissera que Almir era complexado porque tinha a perna esquerda mais curta, e que o jogador havia respondido da seguinte maneira: "A perna mais curta existe mesmo, mas isto não me dá qualquer complexo, pois as minhas pernas são a razão do meu sucesso. Entretanto, muita gente da imprensa insiste em me apresentar como neurótico".

Na revista, o conceituado cronista esportivo Oldemário Touguinhó acusava-o de ser desumano e desleal, porém, mesmo assim, achava que ele era um autêntico craque de futebol. E, como não poderia deixar de ser, ouviu Nelson Rodrigues, que declarou: "Para mim é meio difícil falar mal de Almir. Quando ele quase assassinou Oliveira com uma cabeçada (e sem bola), eu e toda torcida tricolor ventamos fogo por todas as narinas. Mas qualquer um sente, por trás da agressão, uma velha conhecida nossa: a molecagem brasileira. Eis a verdade: só o brasileiro mal acabado não tem a dimensão da molecagem", filosofou o famoso cronista.

Ele, novamente, foi a pauta principal do programa *Grande Revista Esportiva Facit*, da *TV Globo*, no qual seu gol também foi chamado de "épico". Como se vê, toda imprensa deu destaque ao gol, que é lembrado até hoje.

Com aquela vitória, o Flamengo pagou a maior gratificação já registrada em um campeonato carioca: Cr$ 300.000,00 para cada jogador, o que foi chamado de "bicho-monstro". A diretoria do clube, incluindo a presidência, passou a dar total apoio a Almir, fosse no campo judicial ou na imprensa. Ele se sentia sustentado de maneira incondicional pelo Flamengo.

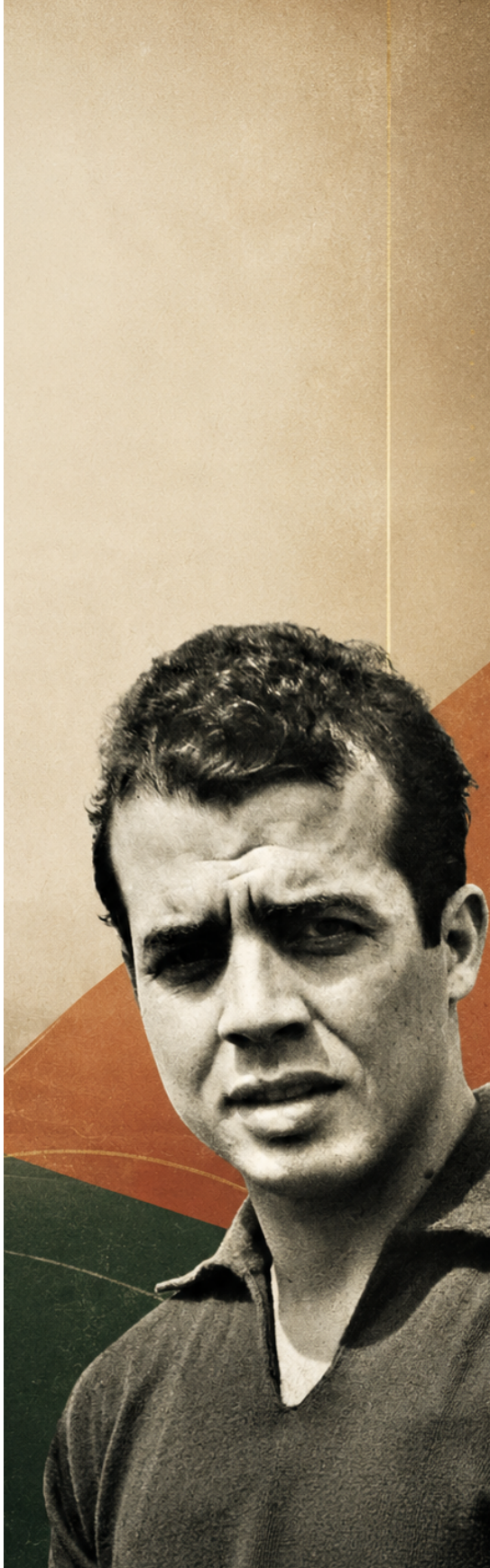
Almir chegou a afirmar, dias depois, que a partida contra o Bangu, e seu gol, só não eram mais importantes em sua carreira que a final do Santos contra o Milan, em 1963.

Capítulo Nove

Altos e baixos no Flamengo

No dia 1º de novembro de 1966, Nelson Rodrigues voltou a falar de Pernambuquinho em sua crônica na coluna "À sombra das Chuteiras Imortais", de *O Globo*. Muito sugestiva foi a charge publicada dentro da coluna. Dois jogadores, iguais, mas um com grandes asas de anjo e outro com asas pequenas de demônio, estão ao lado de um homem que pergunta: *Afinal qual de vocês é o Almir?*

No texto, Nelson contou que vários leitores estavam indignados porque ele havia comentado sobre Almir duas vezes em sequência: no dia anterior chamara sua atitude de "cabeçada homicida"; depois, elogiara-o, apesar do que havia feito contra o jogador do Fluminense, seu time do coração. "Amigos, é preciso considerar que não existe a maldade permanente. O próprio vampiro de Düsseldorf, ou o Conde Drácula, há de experimentar, por vezes, uma funda nostalgia da inocência perdida. Vamos reconstituir o 'goal' de Almir. Com uma vidência de anjo, ele adivinhou a jogada e correu com a bola. No momento certo estava no lugar exato.



Pôde cabecear contra Ubirajara. Este segura e larga. Então, Almir se estira no chão, enfia a cara na lama. Esse lance pessoal, solitário, deu uma nova dimensão ao campeonato. Ora, minha coluna seria de um lívido cinismo se negasse o mérito a Almir. Seu 'goal' foi perfeito, irretocável ato de amor", escreveu o igualmente pernambucano, admirador contínuo de seu conterrâneo.

O time da Gávea gastava, mas também arrecadava. Os jogadores ainda nem tinham se recuperado direito das exigências de uma partida como a do Bangu e já rumavam para o Galeão, onde embarcaram para Buenos Aires. Muitos atletas diziam que compreendiam a necessidade do clube, uma vez que as bilheterias do Campeonato Carioca estavam aquém do esperado; porém, a demanda física em relação aos desportistas era grande, pois o campeonato era duro.

O fato é que o Flamengo jogou contra a seleção da Argentina no mesmo dia da coluna de Nelson, no estádio do Independiente, em comemoração ao cinquentenário de criação da AFA. O resultado foi um empate em 1 a 1 e, apesar de o gol rubro-negro ter sido feito por Silva, o grande destaque do time foi o goleiro Valdomiro, que fez defesas excepcionais. Almir, como todos os jogadores, recebeu 140 dólares de bicho e voltou para o Rio, embarcando, na sequência, junto com a representação do Vasco da Gama, para o estado da Bahia.

As duas delegações seguiram juntas para disputar, em Vitória da Conquista, importante cidade do interior baiano, um amistoso para celebrar a inauguração do estádio municipal Lomanto Júnior, que estava presente, uma vez que a lei que proibia o uso de nomes de pessoas vivas em bens públicos ainda não havia sido outorgada, o que viria a ocorrer apenas em 1977. A partida terminou com a vitória do Flamengo por 2 a 1 sobre o Vasco, e Almir, por incrível que possa parecer, bateu cabeça com cabeça com o zagueiro Oldair, do Vasco, dessa vez sem querer, e teve de ser substituído por César Maluco.

Não era à toa a insatisfação dos jogadores pelo excesso de amistosos. Três dias depois, retornavam ao Campeonato Carioca na vitória sobre o Olaria por 3 a 0. Almir deu a assistência para o gol de Silva.

Mais 72 horas e estavam jogando contra o Bonsucesso para apenas 2.789 pagantes, em São Januário. Vitória por 1 a 0.

Como havia uma semana para o jogo seguinte, o clube da Gávea encaixou um amistoso nesse período e viajou para jogar no Mineirão, contra o Atlético Mineiro. Perdeu por 2 a 1, mas Almir foi o autor do gol, aos 37 minutos do primeiro tempo; no segundo tempo, aos 23, deu lugar a Fio Maravilha. Enquanto isso, o Flamengo fechava um acordo com o jornal *O Globo* para a realização, em conjunto, do I Congresso Brasileiro de Clubes, um simpósio sobre futebol que aconteceria em janeiro do ano seguinte.

Pela 3ª rodada do segundo turno do campeonato, em São Januário, foi disputado o clássico Vasco e Flamengo, e os rubro-negros, após a vitória por 2 a 0, já falavam na conquista do bicampeonato. A partida seguinte foi outro clássico, o Fla-Flu, que dessa vez terminou empatado em 1 a 1, com gol de Almir logo aos 2 minutos de jogo; Almir ainda acertaria a trave do goleiro Jorge Vitório. Com o resultado, Flamengo e Bangu estavam igualados na liderança do Campeonato Carioca.

Poucas horas antes do jogo seguinte, Flamengo x Botafogo, Almir, Osvaldo e Jaime tomaram um café em um dos bares do Maracanã e, por causa disso, quase não entraram em campo, uma vez que os jogadores começaram a passar mal. Ninguém entendeu nada, e depois de vomitarem bastante, entraram em campo para mais esse clássico, que, debaixo de muito calor, terminou em empate. O Flamengo perdia a liderança, que agora ficava com o Bangu, um ponto à frente. Para chegar à final, o time da Gávea tinha que vencer o América de qualquer maneira, algo que quase não aconteceu. Vitória suada por 1 a 0, com gol de Silva aos 38 minutos do segundo tempo. Com o resultado, Bangu e Flamengo fariam a grande final do Campeonato Carioca de 1966, e Pernambuquinho queria ser bicampeão.

"Almir não pensa em perder a última batalha do campeonato", foi o título do caderno de esportes de *O Globo* do dia 17, véspera da decisão. Perguntado se usaria de catimba na decisão, já que era conhecido como o rei da catimba no Rio de Janeiro, ele apenas sorriu e sacudiu a cabeça: "A frase não é minha, mas é uma guerra. E se ninguém quer ser

derrotado no fim da guerra, muito menos eu. Portanto, vou colocar em jogo toda a experiência que acumulei durante muitos e muitos anos", respondeu ele, que não quis ficar na concentração à tarde jogando buraco e foi, junto com alguns companheiros, ao Cine Miramar assistir ao filme *Pânico em Bangkok*.

Naquele mesmo dia, na primeira página do *Correio da Manhã*, foi publicada uma foto de Almir treinando sobre a seguinte legenda: "Almir está se sentindo um garoto e avisa ao Bangu que serão necessários cinco homens para marcá-lo". "Amanhã será no peito e na raça", foi o título do *Diário de Notícias*, com uma foto de Almir correndo no treinamento. "Almir afirma que fará seu gol em Ubirajara", escreveu o *Jornal dos Sports* e "Almir, como todo o time, empenhou-se muito no treino final do Flamengo", lia-se no *Jornal do Brasil*. Lenha, por parte da imprensa, não faltava para a fogueira do dia seguinte.

Alguns dias antes da partida, Almir confidenciou ao amigo de futevôlei e de cerveja, Cachorrão (Sérgio Brito), depois de muitas "loiras geladas", que comeria grama para fazer do Flamengo campeão, mas se não conseguisse meteria a porrada no Ubirajara, segundo o próprio Sérgio. Ele não gostava do goleiro do Bangu.

Como havia ido tarde para a cama, Almir, no domingo da decisão, acordou às 11 horas. Ele gostava de passar a ideia aos companheiros de que, por ser experiente, já ter participado de várias finais, não ficava nervoso; porém, não era bem assim — as cobranças sobre ele eram muito grandes.

O Maracanã, com 148.978 pagantes, estava completamente lotado, gerando a renda recorde do campeonato: Cr$ 222.153.510,00. O empate daria o título ao Bangu, que tinha um ponto a mais na tabela, e o árbitro da partida era o juiz Airton Vieira de Morais, o Sansão, o que deixava o Flamengo preocupado por haver sido ele o árbitro do jogo em que Almir dera uma cabeçada em Oliveira.

Tensão e nervosismo

Debaixo do barulho ensurdecedor das torcidas, as duas equipes começaram a partida bastante nervosas. Logo nos primeiros minutos

Carlos Alberto, ponta do Flamengo, foi atingido no joelho e dali em diante pouco fez no jogo. Mesmo assim, o Bangu decidiu recuar o avante Ladeira, mesmo já tendo Aladim como terceiro homem de meio de campo. O Flamengo, por sua vez, adiantou o lateral direito Murilo, o que foi um erro, pois, em seguida, a equipe levou dois gols exatamente por seu setor. O primeiro foi de Ocimar, aos 24 minutos de jogo, num frango do goleiro Valdomiro (que depois foi acusado de ter sido subornado); o segundo, De Aladim, saiu três minutos depois. E o primeiro tempo acabou assim: Bangu 2 x 0 Flamengo. Todos saíram para o intervalo e o nervosismo dos rubro-negros era nítido.

"No vestiário, no intervalo, o clima era tenso, pesado. Nós tínhamos consciência de que não dava mesmo para vencer o Bangu, para conquistar o bicampeonato", Almir escreveu em suas memórias. "Pelo rumo que as coisas tomaram no primeiro tempo, a goleada seria inevitável. Havia um ambiente de revolta no vestiário. O diretor de futebol do Flamengo, Flávio Soares de Moura, estava indignado, percebera que o Bangu armara um esquema para ganhar o título de qualquer maneira.

O fato é que seu Flávio Soares de Moura estava transtornado. Até hoje me dou bem com ele [1972], que não é desses de dar as costas aos jogadores quando estes deixam a carreira, como fazem quase todos os cartolas. Seu Flávio andava de um lado para o outro do vestiário. Estava alucinado de raiva. Ele usava um bigodão, que chegava a tremer. Ele me fez uma pergunta não como dirigente, mas como torcedor: 'Almir, eles vão dar a volta olímpica?'. 'Não vai ter volta olímpica, não, seu Flávio. Só se for do Flamengo'. Foi com essa disposição que nós voltamos para o segundo tempo".

Os times retornaram a campo, o juiz apitou o reinício da partida e três minutos depois Paulo Borges fez o terceiro gol do Bangu.

"Era preciso fazer alguma coisa para impedir aquele vexame. Além de nos golear, o Bangu queria ensaiar um baile", escreveu Almir nas memórias.

A última vez que o Alvirrubro tinha sido campeão carioca fora em 1933, isto é, 33 anos antes daquele jogo.

"Eu já estava com raiva, e o sangue subiu à cabeça por volta dos 25 minutos", continuou Almir.

E daí por diante, tudo mudou. A partida acabou.

"O Sr. Antônio do Passo, presidente da Federação Carioca de Futebol, esteve no vestiário do juiz Airton Vieira de Morais, de quem ouviu o relatório verbal dos motivos que o levaram a encerrar a partida, e que foram as expulsões de 9 jogadores — 5 do Flamengo e 4 do Bangu — razão por que não poderia continuá-la, pois a regra impede que um jogo prossiga se uma das equipes ficar com menos de 7 jogadores", informou o *Jornal dos Sports*, no dia seguinte.

Almir havia começado a maior briga que o estádio do Maracanã já havia presenciado em sua história.

Aos 25 minutos do segundo tempo, o atacante do Bangu, Ladeira, discutiu com Paulo Henrique e lhe deu um soco. Quem reagiu foi Almir, que partiu para cima de Ladeira, que fugiu justamente para o lado dos jogadores flamenguistas. Itamar chutou Ladeira no peito, que caiu no chão, de onde viu Almir se aproximar e pisar no jogador do Bangu. A essa altura a confusão era geral com todos os jogadores trocando socos e pontapés, além de fotógrafos, jornalistas, dirigentes — até o técnico Renganeschi discutiu com o árbitro.

Ladeira foi retirado de maca.

O policiamento entrou em campo, os ânimos se acalmaram, e as pessoas começaram a ser colocadas para fora, com o intuito do jogo recomeçar, depois que o juiz Sansão determinasse quem seriam os expulsos. Almir deixou o campo em direção ao vestiário do Flamengo, sabendo que seria um deles. Porém, instantes depois, voltou para o campo e para uma nova confusão, desferindo um soco no goleiro Ubirajara, o que fez com que a pancadaria recomeçasse. O arqueiro reagiu e outro jogador do Bangu, Ari Clemente, deu um soco em Almir, provocando nova confusão, que agora contou com a invasão de campo por parte da torcida. O árbitro, então, correu para seu vestiário e enviou um comunicado oficial informando que a partida estava encerrada.

A torcida não saiu do estádio e gritava o nome de Almir, enquanto ele exibia freneticamente sua camisa do Flamengo para a torcida do Bangu, que comemorava o título. Os jogadores campeões demoraram, mas, enfim, conseguiram dar a volta olímpica no Maracanã, deixando, certamente, Flávio Soares de Moura mais aborrecido ainda com o resultado. O Bangu era Campeão Carioca de 1966.

Pouco depois saiu a lista dos jogadores expulsos: Almir, Silva, Itamar, Valdomiro e Paulo Henrique pelo Flamengo. Ari Clemente, Ubirajara, Ladeira e Luís Alberto pelo Bangu. Almir saiu de campo escoltado por dez policiais, que o acompanharam até em casa, pois foi cercado pelos torcedores do Bangu.

Durante as comemorações pela conquista do campeonato, o vice-presidente do Bangu, Castor de Andrade, cantava: "um, dois, três, se não corro é de seis...", enquanto milhares de litros de chope eram servidos aos torcedores.

"Almir poderá ser eliminado do futebol", foi o título da *Folha de São Paulo*, na segunda-feira. "Almir terá pena máxima", estampava o *Diário de Notícias*. *O Correio da Manhã* mostrava: "Passado ruim pesa contra Almir no TJD". Já no *Jornal do Brasil*, lia-se: "Almir pode ser suspenso 200 dias ou 20 partidas". "Almir dá e apanha na briga", estampava a primeira página do *Jornal dos Sports*.

Além das manchetes, páginas e mais páginas foram escritas nos cadernos de esportes, e de outras editorias, sobre o jogo e a guerra instalada no Maracanã, tendo Almir como personagem principal. Sequências de fotos com toda a briga foram publicadas, mostrando as expressões de fúria de Almir durante a batalha campal no estádio. Ninguém conseguira conter Pernambuquinho.

No dia seguinte, uma mulher, torcedora do Bangu, foi à Gávea para bater em Almir. Como o jogador ainda não havia chegado, ela ofendeu Valdomiro (suspeito de suborno), e o arqueiro, nervoso, mando-a embora antes que Almir chegasse. Até a recém-eleita Vice Rainha da IV Semana de Aeronáutica Internacional, a aeromoça da Varig Helena Bernardes,

de 21 anos, flamenguista, deu uma entrevista afirmando que se pudesse jogaria laranjas em Almir, caso estivesse no Maracanã.

"Mas, superado o primeiro sururu, o jogo poderia ter continuado. Do que vi, porém, concluo que a Almir não interessava mais o resto da partida. Nem a Almir, nem aos que o fizeram voltar ao campo quando ele se encaminhava para o túnel. Esse lance eu vi claramente: acabada a briga, Almir expulso, ia saindo do campo quando um cidadão que, a distância não pude identificar, fê-lo voltar. E ele voltou para transformar em novo sururu uma possível gozação de Ubirajara", escreveu Armando Nogueira em sua coluna. Já Nelson Rodrigues mal citou Almir, mostrando-se cansado e aborrecido por eventos daquela natureza.

Boneco enforcado

O jornal *O Globo* revelou que na saleta dos médicos, no vestiário do Bangu no Maracanã, havia três bolos nas mesas, indicando que o clube tinha certeza de sua vitória. E em um deles havia um boneco meio calvo e com a camisa do Flamengo sendo enforcado por outro boneco que trajava a camisa do Bangu. Exibindo a foto do bolo, o jornal concluía que o enforcado só podia ser Almir.

Por causa da gravidade dos acontecimentos na final do campeonato, o TJD resolveu adiantar em alguns dias o julgamento dos envolvidos na partida. A súmula do jogo de domingo enquadrava Almir como infrator reincidente do artigo 114 do Código Brasileiro de Futebol e previa a suspensão do réu de 2 a 10 jogos, ou de 20 a 120 dias. A simples reincidência não assegurava a pena máxima. O código permitia que, caso os jogadores fossem suspensos, a defesa solicitasse a conversão de sua pena em multa, já que, com o término do campeonato, a sanção pecuniária era melhor do que a suspensão. Porém, devido a magnitude do ocorrido, o Tribunal poderia suspender os jogadores em partidas oficiais, fazendo-os cumprir as penas durante o Torneio Rio-São Paulo.

A direção do Flamengo continuou dando total apoio a Almir, tanto judicialmente quanto na imprensa, e a coluna "Informe JB", sobre política e assuntos gerais, do *Jornal do Brasil*, do dia 20, tocou no assunto.

"É preciso dizer que os dirigentes rubro-negros cometem um grande equívoco ao se solidarizarem com o jogador Almir. O que esteve em campo domingo não foi um desportista, mas um celerado. E um dirigente de clube não pode — ou pelo menos não deve —, ainda mesmo num instante de natural exaltação, confundir-se com um torcedor das gerais. Pode-se até compreender que o tenham feito, mas a verdade é que o aplauso a atitudes como a de Almir poderá acabar transformando o futebol numa luta campal que será sempre vencida não pelo melhor, mas pelo mais forte". A nota tinha como título "Agente provocador".

Um dia depois, a mesma coluna sugeria que Almir deveria sair da cidade porque não havia mais clima para ele seguir morando no Rio. O texto recomendava que o *catimbeiro* pensasse sobre o assunto e ainda o aconselhava a ir para Belo Horizonte, onde o Atlético Mineiro (sem explicações sobre o porquê da escolha do time) faria, com certeza, uma oferta depois que ele optasse por uma retirada estratégica.

No dia seguinte à confusão, Almir compareceu ao programa de televisão "Dercy de Verdade", da *TV Globo*, comandado pela atriz e humorista Dercy Gonçalves, famosa por ser desbocada. O show ia ao ar às segundas-feiras e pegou Almir no calor dos acontecimentos. Logo na primeira pergunta, ele ficou sem jeito: "Almir, por que você bateu no Ladeira?". Ele sorriu amarelo e respondeu que não tinha batido em ninguém, apenas se defendera e que as coisas tinham acontecido sem ele saber direito como. Dercy não se convenceu e replicou: "Tu és um cara de pau. Deixa de ser mentiroso, rapaz". Almir continuou no programa, respondendo como podia. Apesar disso, confidenciou, posteriormente, que achou Dercy Gonçalves "uma vovozinha boa às pampas".

Naquele período, surgiu uma oferta pelo passe de Almir para que ele fosse para a França, jogar no Stade Reims. Quem fez a oferta pelo clube francês foi o empresário José da Gama, e a direção do Flamengo respondeu apenas não acreditar naquela intenção de compra, afirmando que o empresário queria apenas publicidade. A Federação Carioca de Futebol se manifestou dizendo que, caso o jogador fosse punido no julgamento, não poderia ser transferido para qualquer clube no exterior.

O Flamengo contratou mais três advogados, além de seu departamento jurídico, para defender seus atletas, principalmente Almir. Os comentários sobre o julgamento e o futuro de Almir Pernambuquinho passaram a ser tema e curiosidade geral da cidade, com opiniões a favor e contra, e os jornais recebiam cartas de leitores protestando contra Almir ou elogiando-o. Até a famosa tenista brasileira Maria Esther Bueno perguntou sobre Almir quando voltou ao Brasil para passar alguns dias do período de Natal. A Ala da Bateria da Mangueira anunciou para o dia 1º de janeiro, duas semanas depois da final, uma noitada de samba em homenagem à diretoria do Flamengo e a Almir, em sua quadra da Estação Primeira.

Como era comum nos finais de ano na época, foi marcado um jogo amistoso entre a Seleção de Minas Gerais e a Seleção do Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, a ser disputado no dia 23, e que contou com a participação de Almir, apesar dos problemas todos envolvendo seu nome. E ele foi convocado, veja só, prezado leitor, por Tim, treinador dos cariocas. Na verdade, o jogador havia virado a maior atração do evento e todos queriam ver Almir Pernambuquinho jogar.

O resultado foi uma vitória dos mineiros por 2 a 1, mas Almir marcou o gol da Seleção do Rio de Janeiro aos 20 minutos do segundo tempo, numa cobrança de falta perfeita, calando os torcedores mineiros que gritavam "é esse! é esse!" sempre que ele pegava na bola. Acabou sendo aplaudido naquela que seria sua última participação em uma seleção de futebol. Um segundo amistoso, contra o selecionado paulista, foi cancelado por falta de data para o confronto.

O empresário José da Gama procurou o Flamengo novamente com uma proposta ainda maior que a anterior, Cr$ 50 milhões, sem dizer qual time europeu representava. Almir aceitou conversar, mas a diretoria rubro-negra vetou sua venda.

Na data do julgamento de Almir, 27, seus amigos temiam que ele não fosse julgado apenas pela briga de dez dias antes, mas, sim, também por causa do caso Hélio, do América, da briga na Sul-Americana de 1959, e da falta sobre Amarildo, no jogo do Santos contra o Milan.

Tanto que o *Jornal dos Sports* publicou nesse dia, na sua primeira página, uma charge em que oito jogadores estavam sentados em frente a um juiz. Apenas um estava de pé com as pernas e os braços amarrados, além da boca amordaçada. Era um careca, o camisa número 9 do Flamengo.

"Almir suspenso por 160 dias", foi a manchete de todos os jornais do Rio de Janeiro no dia 28, bem como a de alguns veículos de outros estados. Numa sessão que durou mais de seis horas, e que sofreu com a falta de luz no início da leitura do relatório em virtude de uma sobrecarga elétrica causada pelo excesso de consumo provocado pelas câmeras de tevê e cinema presentes na sala, Almir foi apresentado como o "pivô" dos fatos ocorridos durante a final do Campeonato Carioca. Todos os acusados foram punidos com alguns dias de suspensão, ou multa, exceção feita a Ubirajara, que foi absolvido. Almir recebeu a maior suspensão: 160 dias, 80 pela primeira agressão e mais 80 pela segunda. Os advogados do Flamengo decidiram recorrer de imediato da pena e ameaçaram não participar do Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1967.

Depois da divulgação do resultado, vários colegas rubro-negros de Almir foram visitá-lo em seu apartamento em Copacabana. O jogador revelou a eles que clubes da França, dos Estados Unidos, da Colômbia e da Escócia já o haviam procurado e que o maior prejudicado naquilo tudo era o Flamengo. Ele gostaria de continuar treinando, enquanto pagava a pena, para depois entrar no campeonato, mas isso quem decidiria seria o clube. Seu plano mais imediato, trocar seu apartamento por um maior, agora que tinha dois filhos, teria que esperar.

No dia seguinte, o *Jornal dos Sports* publicava uma foto grande de Almir na primeira página, beijando sua filha, Adriana, de quatro meses de idade, com a legenda: "Almir em férias forçadas, tem mais tempo para ver sua filhinha". Além disso, o jornal noticiava que o Flamengo estava reunindo sua diretoria para estudar represálias à condenação de seus jogadores, principalmente Almir, que afirmava que não esperava uma suspensão tão grande. Para ele, a punição havia sido um castigo vultoso para um crime cometido também por outros jogadores.

"Estou muito sentido, pois agora sou um jogador marcado. Me acusam de homem mau, de monstro, de tudo, quando sei que não sou nada disso. Sabia que ia ser punido, mas nunca com tão gravidade", afirmou, repetindo, como em entrevistas anteriores, que estava regenerado, que tinha sangue quente quando estava no Vasco por ser jovem, mas que havia mudado.

Em sua coluna, Nelson Rodrigues perguntou se não tinha havido exagero na pena e até usou argumentos inusitados, como dizer que Almir perdeu por 160 dias o seu ganha-pão, seu direito de trabalhar, e pelo trabalho, sobreviver. "Pode ser justo, mas é ao mesmo tempo, desumano", opinava o grande cronista.

Opinião diversa tinha o jornalista e comentarista Achilles Chirol, do *Correio da Manhã*, a quem Nelson apelidara de "Achilles, o Justo". "E não se diga, por outro lado, que Almir pagou pelo clamor que o seu comportamento ergueu nas mais variadas camadas da opinião pública. Neste caso, teria sido suspenso pela pena máxima prevista nos artigos em que foi indiciado: um ano, e não 160 dias, menos da metade".

O *Jornal dos Sports* também levantou a história de que o jogador italiano Milani, ex-Internazionale, e que havia feito amizade com Almir em seu país, estava no Brasil de férias e assistiu à final do Campeonato Carioca. "Não é possível, este não é o Almir. Trocaram o Almir, parece com ele, mas não é ele", teria reagido. Segundo o italiano, o Almir que jogara na Bota era seu amigo dentro e fora de campo, e era "um verdadeiro cavalheiro". Quando lhe disseram que Almir era considerado um jogador indisciplinado no Brasil, ele não queria acreditar. E seguia querendo rever seu amigo.

Os leitores não deixavam de opinar, como Ivair Gomes de Sousa, da Guanabara, que afirmou, em sua carta ao jornal: "Palavra, saí do Estádio Mário Filho contente. Perdemos o bicampeonato, mas ganhamos um herói: Almir". Outro leitor, Jorge Barreto, da Guanabara, foi além. "Fiquei muito tempo na dúvida — escrevo ou não escrevo ao *JS* — E eis-me aqui pronto para protestar contra a campanha que fizeram contra o Almir. Quem foi ao Estádio Mário Filho e viu o jogo Flamengo e Bangu terá

sentido, como senti, a coação do juiz Airton Vieira de Morais contra Almir". Ou, ainda, Péricles Rodrigues, de Belém (PA), que escreveu: "Quero felicitar o Bangu, grande campeão carioca de 1966. E quero perguntar: será que o Scassa [colunista do JS] ainda tem coragem de defender o Almir? Então, ele é igual ao Almir".

Nelson Rodrigues, no penúltimo dia do ano, voltou à carga no caso Almir em sua coluna no *Jornal dos Sports*. Com seu estilo hiperbólico, mostrou bem como estava sendo a repercussão do julgamento do jogador. "Amigos, a suspensão de Almir faz da violência o grande assunto do momento. Nos botecos, esquinas e velórios há sempre dois ou três cochichando sobre o julgamento de terça-feira. Muitos não se conformam com a extensão do castigo. E tão dramático como os 100 dias de Napoleão, são os 160 de Almir".

Outra coluna que demonstrava a repercussão era a coluna de humor "Penalty", de Otelo, de *O Globo* que registrou com ironia: "Nunca um julgamento abalou tanto uma cidade como o de Almir. Nem o de Nuremberg foi tão comentado. Para os rubro-negros a suspensão de Almir é um novo caso Dreyfus. Para os 'outros' a sentença do agitado jogador é a salvação do futebol brasileiro: com ele suspenso, tudo vai melhorar: voltaremos a ser campeões do mundo, os clubes estarão salvos da falência, as rendas vão subir, enfim, tudo será um mar de rosas...".

O ano estava acabando, os jogadores do Flamengo entraram em férias, bem longas, no caso de Almir, e ele não saía dos jornais, como na foto do *Diário de Notícias*, em que aparecia se servindo em uma churrascaria, onde se lia a seguinte legenda: "Almir come tranquilo, apesar de ser a sua punição um recorde em agressão ao adversário".

A despeito de tudo, Almir foi votado para fazer parte da Seleção Carioca do Ano.

Ano Novo

1967 começava com o presidente-general Humberto Castelo Branco anunciando que aquele seria o ano da prosperidade para o Brasil. Como sempre, não se sabia ao certo quem prosperaria. Não seria o caso de

Almir Pernambuquinho, segundo ele mesmo, pois o jogador estava suspenso do futebol por mais de cinco meses, apesar de o Flamengo ter entrado com todos os recursos possíveis e ter afirmado que não só não venderia seu passe, como faria novas contratações.

Contudo, ele seguia próspero em relação à imprensa. No novo ano que se iniciava, Almir seguia sendo comentado nas páginas de jornais, revistas, bem como em rádios e canais de televisão. Como na primeira página da edição esportiva de *O Globo*, em 2 de janeiro, quando o jornal publicou fotos dos jogadores que fizeram história no futebol no ano de 1966. Lá estavam Pelé, Tostão, Beckenbauer, Eusébio, Flórián Albert, Bobby Charlton e Almir Pernambuquinho, numa foto da briga na final contra o Bangu —"Almir, ao seu modo, foi um dos mais falados jogadores do ano e mereceu dois tipos de destaque: o primeiro por ter tido brilhantes atuações e ter feito um tento de mergulho que está na história do futebol; segundo, por ter realizado façanhas ao melhor estilo do far-west", se via na legenda.

No dia 7, a revista *O Cruzeiro* publicava uma matéria intitulada: "Almir, Anjo ou Demônio?", com a foto do jogador em casa beijando novamente Adriana, agora com cinco meses de idade, e a legenda: "No lar, Almir é um homem calmo, pai carinhoso e um bom pai de família". A imprensa, na época, também agia e reagia, em relação a Almir, de maneiras opostas, muitas vezes, radicalmente opostas. Nessa matéria, do jornalista Moacyr de Lacerda, foi contada a história do jogador desde sua chegada ao Rio de Janeiro e tudo o que aconteceu depois. Os leitores ficaram sabendo que ele gostava de jogar biriba e de comer a feijoada feita por sua esposa, Maria de Lourdes. Era leitor de Castro Alves, Humberto de Campos, Jorge Amado, e pretendia se aposentar dali a três ou quatro anos, ainda no Flamengo.

A diferença da reportagem foi o fato de terem dado um bom espaço para a opinião de quatro pessoas ligadas ao jogador: Tim, técnico do Fluminense; Veiga Brito, presidente do Flamengo; Ubirajara, goleiro do Bangu; e Castor de Andrade, vice-presidente do Bangu. Tim reconheceu que Almir era um craque de bola, mas muito suscetível às vontades da torcida rubro-negra, que cria um clima de muita animosidade, sendo

a responsável por toda aquela situação. Para Veiga Brito, Almir era um modelo de homem; ele confessa que não gostava de Almir quando este jogava no Vasco, mas que agora o tinha como um bom rapaz que, apenas, não admitia qualquer violência contra um companheiro de clube.

Para o goleiro Ubirajara, Almir era um jogador manhoso, mas nada tinha contra ele pessoalmente, achando que seu temperamento era prejudicial a si mesmo e ao time pelo qual jogava. Já Castor de Andrade definiu Almir como um caso clínico. Para o bicheiro (todos sabiam de sua atividade), era um caso comparável a Heleno de Freitas (jogador famoso e temperamental, estrela do Botafogo nos anos 1940-50, que faleceu num sanatório). Era um chefe de família exemplar, mas jogando futebol chegava muitas vezes ao excesso, algo que poderia ser explicado, segundo diziam, pelos estimulantes que ele supostamente tomava. Achava-o um craque em final de carreira.

Nessa mesma edição da revista havia uma entrevista com Omar Cardoso, famoso astrólogo da época, que previa os dias futuros de personalidades como o presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, da estrela de cinema Elisabeth Taylor, do Papa Paulo VI, de Pelé, e de Almir. "Ele nasceu para líder e gosta de impor sua vontade. Isso acontece com quase todos os nativos de Leão (sic). Almir é do mesmo signo de Amarildo. Como o ano de 66 era de Leão, ele livrou-se da derrocada do campeonato mundial". Almir não era do signo de Leão nem em sua data verdadeira de nascimento (28/10/37 Escorpião) e nem na falsa certidão de nascimento (25/12/38 Capricórnio). Em relação à "derrocada do campeonato mundial", ele se referia ao péssimo desempenho da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Inglaterra, em 1966.

Acabadas as férias dos jogadores do Flamengo, eles voltaram a treinar. Almir igualmente retornou e treinou como sempre. Foram divididas duas equipes, verde e vermelha, para um jogo de dois-toques. Almir ficou com a vermelha e fez um dos gols no primeiro treinamento.

Além disso, foi convidado pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira para desfilar na Ala da Bateria, no carnaval, tocando tarol (instrumento de percussão); depois de ter sido homenageado por essa

Ala junto com o Flamengo. O tema da Escola seria "O mundo encantado de Monteiro Lobato". O idealizador do convite para a bateria, o cantor e compositor José Cruz, justificou sua ideia explicando que "ele sabe bater mesmo". Oportunidade que a página de humor de *O Globo* não deixou passar, comentando: "os componentes das outras Escolas de Samba já estão com as barbas de molho. Se Mangueira não for a campeã, Almir é capaz de querer 'virar a mesa'...".

Os dois primeiros jogos do Flamengo foram contra o Vasco, pela Taça Rivadávia Corrêa Meyer (dirigente esportivo responsável por levar a Copa do Mundo de 1950 para o Brasil) e ambos terminaram com o mesmo placar: 2 a 0 — uma vitória para cada equipe. Com o empate entre os dois, o Vasco foi considerado campeão por ser o time visitante. Aqueles foram os primeiros jogos em que Almir ficou de fora, o que também ocorreu na primeira partida do Flamengo contra o Bangu depois daquela tumultuada final, em um jogo em que os rubro-negros perderam novamente, dessa vez por 4 a 3.

Os recursos impetrados pelos advogados do Flamengo e do Bangu foram analisados pelo Supremo Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), da CBD, no dia 19 de janeiro, e o resultado foi a diminuição das penas da maioria dos jogadores envolvidos no conflito. Incluindo Almir, que teve sua cortada pela metade. Os 160 dias de suspensão viraram 80, o que significava que seu último dia de suspensão seria o dia 28 de março. O jogador se disse "aliviado".

A foto de Almir perseguindo Ladeira, na final do campeonato, deu a seu fotógrafo, Sérgio Gomes, do *Jornal dos Sports*, o prêmio de melhor fotografia esportiva de 1966 do II Concurso de Reportagens promovido pelo Fluminense. Segundo Sérgio, ele sabia que a foto tinha saído muito boa, pois havia conseguido pegar bem a expressão de raiva de Almir e a de angústia de Ladeira, no único momento em que este olhou para trás. O fotógrafo recebeu quatro passagens para o Panamá, 300 dólares para gastar na viagem e um carnê no valor de NCr$ 100,00, da Mesbla (loja de departamentos). Implantada há 15 dias, a nova moeda brasileira passara a ser chamada de Novos Cruzeiros, perdendo três zeros no valor de face.

Presença exigida

Na sequência, surgiu uma novidade. Um advogado, Rômulo Avelar, havia feito uma representação contra Almir no foro criminal tentando condená-lo por agressão e tentativa de agressão contra o atacante do Bangu, Adailton Ladeira. O inquérito foi instaurado e o advogado se propunha a provar que Almir agredira Ladeira e incorrera em tentativas de homicídio contra jogadores não individualizados perante 100 mil pessoas. O departamento jurídico do Flamengo foi novamente acionado e os dirigentes rubro-negros acreditavam ser apenas um advogado querendo se promover às custas de Almir.

Com a diminuição da pena e, portanto, com uma data mais próxima para sua volta aos campos, Almir intensificou seus treinos, uma vez que achava estar com um quilo e meio a mais do que seu peso ideal. Também tinha mais tempo para cuidar da carreira de seu irmão mais novo, Adilson, de quem era procurador. Bom de bola, Adilson era dos juvenis do Vasco da Gama e passaria a ser profissional com quase 21 anos de idade. Foi Pernambuquinho quem negociou seu contrato, ameaçando que o irmão poderia se ir para a Itália, o que acabou por render a Adilson um contrato com NCr$ 35 mil de luvas e um salário de NCr$ 800,00 por mês.

Almir não se apresentou para desfilar pela Mangueira. Disse não saber tocar qualquer instrumento e não ter desenvoltura nenhuma para sambar, mas agradeceu o convite. Naquele ano, a Mangueira foi campeã do carnaval carioca, conquistando seu décimo título.

Pernambuquinho, com toda a movimentação em torno de si, ia ficando cada vez mais famoso e conhecido. A ponto de o Flamengo ter que levá-lo em suas viagens para jogos amistosos porque os dirigentes dos times adversários exigiam sua presença, ainda que ele, suspenso, não pudesse jogar. Além disso, foi procurado por um empresário português, mas respondeu afirmando que só poderia conversar se o Flamengo fosse ouvido primeiro.

Treinamentos intensos e gols bonitos nos aprontos faziam os torcedores rubro-negros ficarem ansiosos pela volta de Almir. A página

de humor "Folha Seca", de Albertus, Francilio & Marcelo, do *Jornal dos Sports*, aproveitou e fez um quadro grande no final da página indicando: "Faltam 8 dias para a volta de Almir".

O presidente do Flamengo, Veiga Brito, ficou ainda mais ansioso perto do jogo contra o Bangu, pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa . A partida estava marcada para o dia 25 de março, apenas 72 horas antes do último dia de suspensão do craque. Ele imaginava que a renda seria o dobro se Almir participasse e resolveu agir.

Pediu ao Conselho Nacional de Desportes (CND) o perdão ao jogador e cogitou até mesmo apelar ao novo ministro da Justiça, Gama e Silva, que tomara posse uma semana antes, a fim de tentar obter um indulto junto ao governo federal. Porém, nada deu certo. O pedido não foi feito ao ministro, porque não seria aceito, e o Conselho negou o perdão, argumentando que o atacante tinha que cumprir sua pena integralmente. Almir Pernambuquinho só poderia voltar aos gramados no dia 29.

E foi o que aconteceu. O técnico Renganeschi escalou Almir para jogar contra o Grêmio, de Porto Alegre, no Maracanã. Aclamado pela torcida antes do jogo, declarou que retornava com alegria, voltando como se estivesse saindo de uma longa contusão e afirmando que manteria seu estilo de jogo — "bom com os bons e mau com os desleais". Disse que naquele tempo todo fora dos jogos tinha sentido um carinho enorme da torcida rubro-negra e que sempre recebeu muito incentivo dos dirigentes do Flamengo. Daria tudo de si para o time da Gávea.

O resultado não foi bom, vitória do time gaúcho, campeão do Rio Grande do Sul, mas a ótima performance de Almir, com jogadas de grande categoria e muita disposição, animou os flamenguistas. Ao final da partida, aos 42' do segundo tempo, o atacante, sentindo muitas câimbras, foi substituído por Jair Pereira.

O segundo jogo do ano para Almir foi contra o Atlético Mineiro, no Mineirão, e, do mesmo modo, não foi bom para os rubro-negros, que perderam por 3 a 1. Era a quarta derrota consecutiva no torneio. Os mineiros se mostraram sempre mais ofensivos e Almir ainda ensaiou alguma catimba durante o jogo, mas não foi adiante. O juiz Arnaldo César Coelho foi elogiado por sua atuação.

O Flamengo correu à Bahia com o objetivo de fazer um amistoso, com Almir jogando, dessa vez. O adversário era o Fluminense, de Feira de Santana, e o rubro-negro venceu de virada, com um gol de Almir aos 41 minutos do segundo tempo. O curioso é que naquele mesmo dia o Flamengo estava jogando no México. O clube organizou amistosos internacionais e um time misto seguiu em excursão por México, Panamá e Peru, tendo como treinador o superintendente de futebol, Flávio Costa.

Era dada como certa a vinda de Otto Glória para ser o treinador do Flamengo. Otto estava em fim de contrato com o Atlético de Madrid, era considerado um dos melhores técnicos do mundo, e queria voltar ao Brasil. Já o contrato do argentino Renganeschi com os rubro-negros ia até junho e ele demonstrava interesse em voltar para Campinas, onde morava sua família.

Em sua edição de abril, a revista *Realidade* (uma publicação inovadora na época) fez uma matéria em que pessoas famosas davam sua opinião sobre outras pessoas famosas. Almir foi escolhido para falar sobre Dercy Gonçalves, e coube ao coronel Fontenelle (militar conhecido por ser especialista em trânsito) discorrer sobre o jogador. "Apesar de nunca ter visto Almir pessoalmente, conheço-o muito bem: eu era exatamente igual a ele quando jogava futebol. Dentro de campo uma fera — chato, irritante, xingador, violento. Fora, uma moça de delicadeza. Tenho certeza que Almir é bom pai, bom marido. No campo as coisas mudam e tem de ser assim. Eu gosto do Almir por causa disso", afirmou o coronel.

Sobre Dercy Gonçalves, o jogador contou que a havia conhecido pessoalmente no programa dela na *TV Globo*, em dezembro do ano anterior. "A primeira vez que vi Dercy Gonçalves fiquei assustado. Pensava que era onda quando diziam que ela é desbocada. O ruim é que a gente não sabe se ela é velha ou moça por causa da maquiagem e essa história de operação plástica. Uma velhinha engraçada, simpática, um pouco desconfiada e gozadora", descreveu o atacante flamenguista.

E Dercy Gonçalves não quis falar de nenhum famoso, alegando que não falava de ninguém, apenas de si mesma. "Dizem que os homens têm medo de mim. A culpa é deles mesmo. Não sou eu que me julgo

superior; eles é que são inferiores. E não é meu dinheiro, minha família. Sei que é a minha personalidade. Mas eu sou assim mesmo e por isso cafajeste não chega perto de mim".

Durante o treinamento para o jogo seguinte, contra o São Paulo, Almir trocou socos com seu companheiro Itamar. Ambos estavam de cabeça quente e foram separados pelos colegas e por Renganeschi, que ficou irritado com o comportamento dos jogadores, alertando que notificaria o departamento de futebol sobre o ocorrido. O treino continuou e depois de beberem água, os dois voltaram a conversar (pressionados pela direção). Toda a imprensa carioca relatou e comentou o incidente; a página de humor "Folha Seca" publicou o "anúncio" do "Revigorante Almir": "com duas gotas e dois minutos você sai batendo em qualquer um". Recomendava que não deveria ser usado com as "Pílulas Itamar". Apesar da gravidade, os dirigentes resolveram dar uma punição mínima e multaram os dois em 20% de seus salários de abril.

Coincidência ou não, o Flamengo, que não jogou tão bem, empatou contra o São Paulo, num jogo em que Almir perdeu dois gols considerados feitos no final do confronto. Renganeschi culpou o azar pelo empate — ao menos o time tinha interrompido a série de derrotas. E partiu para uma vitória contra o Botafogo, numa noite inspirada dos rubro-negros, que venceram por 4 a 2. Embora combativo durante a partida, Almir perdeu novamente alguns gols considerados feitos.

As negociações com Otto Glória não deram certo e Renganeschi resolveu permanecer na Gávea. O que também não estava dando certo era aquela representação criminal contra Almir, cujos autos foram considerados incompletos — o promotor do Tribunal do Júri sequer chegou a analisar a situação de Pernambuquinho, estando certo de que não haveria possibilidade de ser decretada a prisão preventiva do jogador.

Susto em campo

A partida seguinte foi considerada uma das melhores do campeonato até então, com nada menos que seis bolas na rede. Debaixo de frio e garoa, Palmeiras e Flamengo, no Pacaembu, empataram em 3 a 3. A torcida palmeirense gritava "cangaceiro" ou "é esse, é esse" quando Almir

pegava na bola, mas ele parecia não se importar. Sofreu um pênalti e deu assistência para o terceiro gol, feito por Ademar, que também marcara os outros dois do Flamengo, o que fez dele artilheiro do campeonato.

Ainda pelo Roberto Gomes Pedrosa, o clássico carioca entre Flamengo e Vasco terminou num empate sem gols, no Maracanã. Almir jogou pela primeira vez contra seu irmão, Adilson, o caçula dos quatro futebolistas, chamado muitas vezes de "o Almir melhorado", pois era um jogador mais técnico que o irmão. Durante a partida, houve até um susto: aos 35 minutos de jogo Adilson levou um pontapé do zagueiro rubro-negro Itamar e caiu no chão perto do círculo central. O pessoal da maca entrou e todos olharam para ver a reação de Almir. Ele ficou afastado e só chegou perto depois que Adilson estava fora de campo, trocando algumas palavras com ele, e, então, se retirando, sem causar problemas.

A edição seguinte da *Revista do Esporte* não deixou de registrar o encontro dos irmãos. O cumprimento entre os dois na hora do jogo foi a capa da semana com a chamada: "Conselhos de Almir para o mano Adilson". Na matéria, a revista dizia que Almir atuava em suas conversas com o irmão na base do "faz o que eu digo e não o que eu faço". Dava também recomendações sobre treinamento, alimentação e comportamento.

Já o amistoso contra o Avaí, em Santa Catarina, no dia 26, terminou em uma vitória por 4 a 2 dos rubro-negros, que chegaram a fazer 4 a 0. Almir foi substituído por Jair Pereira no segundo tempo em razão de uma distensão muscular, pois a regra começara a aceitar duas substituições de jogadores nas partidas, desde que fossem por razão de contusão. Em virtude dessa lesão, Almir não participou das quatro partidas seguintes.

Ele chegou a preocupar o Flamengo por causa de suas condições físicas antes da equipe dar início a uma longa excursão pela Europa, mas recuperou-se a tempo. Na verdade, o clube estava mais preocupado com o imposto de renda atrasado de Murilo, Paulo Henrique, Carlinhos, Ditão e Almir do que com as condições físicas do atacante. O Flamengo

tomou todas as providências e a dívida foi parcelada, cada um pagando a primeira cota para que pudessem sair do país.

A primeira etapa da viagem foi na Alemanha Oriental, onde o time enfrentou Seleção Olímpica de Futebol local. Os rubro-negros perderam por 1 a 0; depois, nova derrota, 4 a 2, para a seleção alemã, numa partida em que os alemães fizeram o primeiro gol com apenas um minuto de jogo. Foram, então, para Moscou, na União Soviética, e perderam por 3 a 1 do Dínamo; a primeira vitória veio apenas no quarto jogo da excursão, contra o Neftyanik, da cidade de Baku, no Azerbaijão, e o único tento da partida foi de Almir, aos 15 minutos do segundo tempo. Ele ainda não podia imaginar, mas esse seria seu último gol pelo Clube de Regatas Flamengo.

Em seguida, os rubro-negros tomaram uma goleada de 4 a 0 do Dínamo de Tbilisi, da capital da Geórgia, uma das repúblicas da URSS, com 70 mil espectadores como testemunha. A excursão não estava nada boa para os rubro-negros. Na partida subsequente, nova derrota, 4 a 1, para um combinado da Hungria; o único gol do Flamengo saiu de uma assistência de Almir para Ademar.

O clube da Gávea mudou de país, foi para a Espanha, e continuou perdendo. Dessa vez para o Bétis, 1 a 0. E a partida seguinte foi ainda pior, derrota por 4 a 1 para o Atlético de Madrid, uma semana depois. Aquela fora a oitava partida do time na excursão internacional e Flamengo havia perdido sete, tendo vencido apenas uma, a do Azerbaijão. Uma das piadas que corriam pelo Rio de Janeiro naqueles dias era: "os rubro-negros já andam perguntando: quando é que o Flamengo vai perder pela oitava vez?".

Mas isso tudo tinha uma explicação.

"Almir diz que Fla passa fome", foi a manchete de primeira página do *Jornal dos Sports*, em sua edição de 21 de junho. Logo abaixo se via uma foto do jogador com a seguinte legenda: "Almir voltou contando coisas incríveis sobre a excursão do Flamengo". Pernambuquinho tinha sido desligado antecipadamente da delegação flamenguista e retornara mais cedo ao Brasil. Quando desceu no aeroporto do Galeão, estava

com o cabelo comprido, ou o que ainda restava dele, e óculos escuros, por causa de uma irritação nos olhos. Toda a imprensa carioca esperava pelo homem-notícia.

Do aeroporto internacional, foi direto para a Gávea a fim de se apresentar ao presidente em exercício do Flamengo, Marcus Vinicius de Carvalho (o presidente Veiga Brito havia pedido licença de um mês), para fazer um relato do que havia acontecido na viagem. Não permaneceu durante muito tempo com o dirigente, mas, depois, falou com os repórteres que o aguardavam.

Começou dizendo que julgava ser um prêmio retornar antes porque não via a hora de voltar. Segundo ele, durante quase toda a excursão, vários hotéis em que os jogadores ficaram eram ruins (alguns de terceira categoria), as viagens de ônibus eram intermináveis (com deslocamentos de até 20 horas seguidas) e a alimentação insuficiente.

Na União Soviética eram poucas as opções de pratos e a única carne servida era a de cavalo, rejeitada por todos os jogadores. Para Almir, a culpa de tudo aquilo era dos empresários, que organizavam as coisas daquela maneira para obter o máximo de lucro possível, com a conivência de pessoas de dentro do clube. Isso sem falar nos atritos, por causa dessa situação, com Flávio Costa, chefe da delegação e muito autoritário, o funcionário Aristóbulo Mesquita (um dedo-duro, segundo Almir) e o próprio técnico Renganeschi, com quem sempre teve boa relação.

"Depois do incidente, em que pus todos os podres dos caras para fora, Flávio Costa resolveu me desligar da delegação. Ao mesmo tempo que adotavam essa decisão, eles mandavam um relatório à diretoria do clube, no Rio, dizendo que eu era um maluco, não obedecia a nada e nem ninguém. Mas eu não estava errado e sim aquela quadrilha. No dia em que fui desligado, seu Renganeschi chorou, os outros jogadores vieram se despedir de mim na porta do hotel. Alguns deles temiam que os caras até me negassem a passagem para eu poder voltar ao Brasil", registrou Almir em suas memórias.

"Almir regressa e confirma brigas", escreveu o *Correio da Manhã*. "Almir confirma briga e diz que Fla passou fome", deu o *Jornal do Brasil*.

Já *O Globo*, registrou: "O melhor que a delegação do Flamengo faria era voltar já". "Almir: Fla passa fome", lia-se no *Diário de Notícias*.

A repercussão foi enorme, como não poderia deixar de ser, com o estranhamento por parte dos críticos da posição passiva da direção do Flamengo em relação às contínuas derrotas do clube na Europa, além de acusações de que o ambiente da Gávea andava tumultuado havia alguns meses. A temporada parecia ter sido mal projetada e as datas muito comprimidas com viagens sucessivas e cansativas passavam a ser comuns, prejudicando o time. Como resposta, Flávio Costa disse somente que Almir tratava apenas de se defender do seu mal comportamento durante a excursão.

"Não sou hipócrita, não vou disfarçar meu sentimento: até hoje (1972) não perdoo o mal que Flávio Costa me fez, porque eu ia fazer outro contrato com o Flamengo, onde pretendia encerrar minha carreira", explicou Almir em suas memórias.

O contrato dele foi suspenso, assim como o recebimento de salários, e o técnico Renganeschi pediu para sair do clube. Depois da chegada da delegação ao Rio de Janeiro, o Flamengo colocou o passe de alguns jogadores à venda, e Almir Pernambuquinho encabeçava a lista.

De imediato, um empresário se manifestou querendo levar Almir para o futebol francês; outro queria levá-lo para a Colômbia; e mesmo o Sport Recife demonstrou interesse no retorno de Almir ao seu primeiro clube. Os dirigentes rubro-negros revelaram que o preço estipulado por seu passe seria acessível, a fim de não prejudicar o jogador.

Com esse anúncio, o Vasco da Gama também se mostrou interessado em ter Almir de volta para fazer dupla de ataque com seu irmão, Adilson, mas parte da torcida não gostou da ideia. Ele confidenciou a amigos que jogaria até de graça se pudesse continuar no Flamengo e torcedores rubro-negros manifestaram contrariedade com a saída do craque por meio de de faixas, manifestações e mensagens à imprensa. O Esporte Clube Bahia foi outro clube que também se interessou pelo passe de Almir, chegando a enviar um representante ao Rio, mas Flávio Costa proibiu a entrada do atacante nas dependências do clube.

Na seção de cartas do *Jornal dos Sports*, Marcelo Barrandon, da Guanabara, escreveu: "Se aos dirigentes do clube ainda sobra alguma coragem, façam uma consulta aos rubro-negros em termos de — nós ou Almir? — e verão os resultados. Queremos o Almir agora e sempre. Preferimos Almir a Flávio Costa, ou Aristóbulo".

São Paulo e XV de Piracicaba (SP) manifestaram interesse em Almir, assim como o América, do Rio, que propôs o empréstimo do jogador. Almir pediu ao Flamengo a liberação do seu passe, mas a direção rubro-negra se recusou, alegando que isso seria um prêmio a jogador indisciplinado.

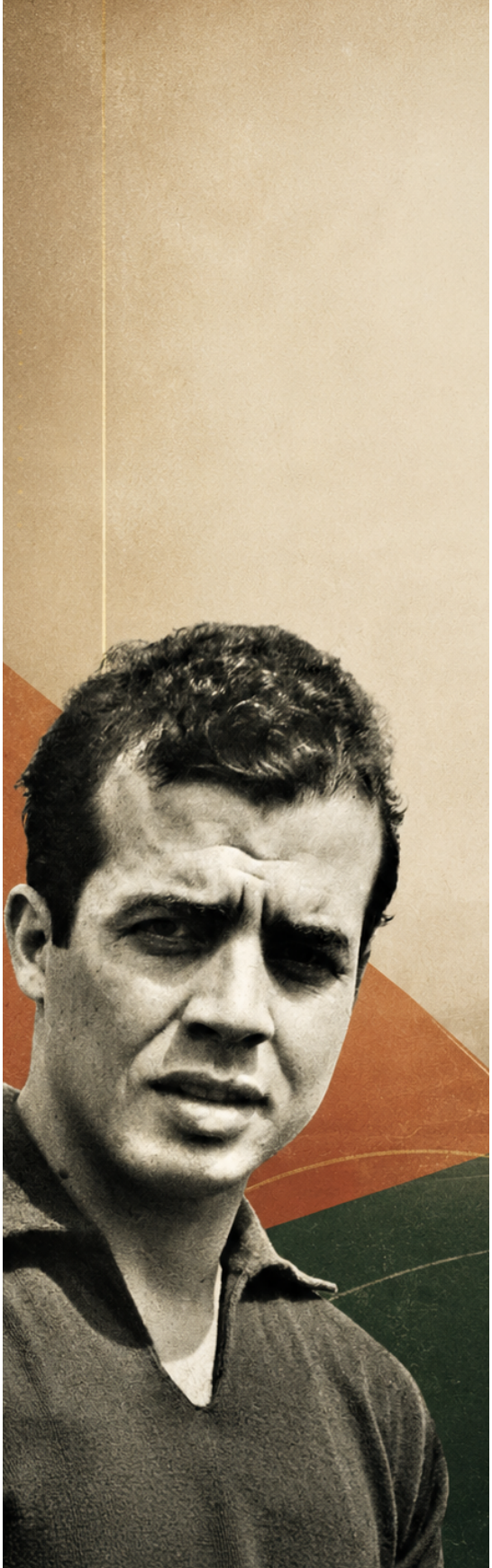
Na mesma seção de cartas do *Jornal dos Sports*, Selma de Souza, de Niterói, escreveu: "Sendo esse jornal o único que nos dá a oportunidade de desabafarmos, venho mais uma vez fazer um apelo à Diretoria do Flamengo, no sentido de não voltar atrás da decisão tomada, de rescindir o contrato do jogador Almir. Essa conversa dele dizer que joga até de graça é pura demagogia. Porque o amor à camisa ele tem sim, mas a que veste por baixo — a dele".

Mudando de estratégia, o América deixou a proposta de empréstimo de lado e aceitou pagar os NCr$ 25 mil fixados pelo Flamengo. O técnico do clube, Evaristo de Macedo, fazia questão da contratação do atacante. O São Paulo fez o mesmo e a decisão ficou para ser tomada pelo próprio Almir, após uma viagem para a capital paulista para conversar com os dirigentes do time, o que foi noticiado por todos os jornais.

Então, no dia 14 de julho, a escolha foi anunciada. Almir Pernambuquinho jogaria pelo America Football Club (o nome oficial do clube não tem acento). Ele não queria sair do Rio de Janeiro, mais especificamente de Copacabana.

Entretanto, a decisão não agradou a todos.

Por serem radicalmente contrários à contratação de Almir, o vice-presidente de futebol do América, Gérson Coutinho, e o veterano conselheiro do clube, Homero Fogaça, deixaram seus cargos como gesto de desaprovação e desagravo.



Capítulo Dez

O começo do fim

"A crise que vem se desenrolando no América desde o momento que foi anunciada a contratação de Almir, teve seu ponto culminante na tarde de ontem quando o treinador Evaristo ameaçou renunciar, inconformado que ficou com a decisão do presidente Braune de manter na vice-presidência de futebol o Sr. Gérson Coutinho, motivando antes do coletivo de ontem, no Andaraí, uma confusão e uma agitação fora do comum", relatou o *Jornal dos Sports*, em sua edição de 15 de julho de 1967, um sábado.

Com toda a turbulência daquela tarde, que teve muita correria e discussões, além de saber ser voto vencido, Gérson Coutinho encaminhou sua renúncia, sendo acompanhado por Homero Fogaça. Foi então substituído por Tadeu Júnior, o novo vice-presidente de futebol, que cuidou da contratação de Almir nas seguintes bases: NCr$ 15 mil de luvas, salário de NCr$ 500,00 (o teto do clube) e mais NCr$ 25 mil ao Flamengo pelo seu passe, além de ceder o jogador Amorim por empréstimo até o fim do ano. Na

transação, o América devolveu três promissórias de NCr$ 5 mil para o Flamengo e deu NCr$ 10 mil em dinheiro.

Pelo mesmo diário esportivo, o jornalista Lúcio Lacombe analisou: "O América conseguiu o milagre de em menos de uma semana, deixar de ser o clube mais tranquilo da Guanabara para ser o mais agitado[...] A rigor não se pode explicar como e porque tudo aconteceu, mas ficou patente que Almir carrega com ele não só o bom futebol que inegavelmente joga, como também a agitação e a discórdia[...] Enfim, que Deus salve o América".

Ainda pelo *JS*, alguns leitores protestaram com cartas indignadas, como a de Álvaro de Matos Siqueira, da Guanabara, que escreveu: "Meu Deus do Céu! Será que o América vai querer mesmo contratar o Almir? Isso não está certo. Almir não se corrigiu até hoje e pau que nasce torto, torto há de morrer. Que espera o sr. Vôlnei Braune com essa contratação? Se estiver ainda em tempo, caro presidente, volte atrás". E a página de humor "Folha Seca" aproveitou para cutucar o jogador: "Almir em novas diabruras" — o símbolo do América é um diabo vermelho.

Nesse mesmo dia, o jornalista Armando Nogueira escreveu no *JB* que havia encontrado Almir em um restaurante almoçando com um amigo em comum. Depois que Pernambuquinho saiu, esse amigo lhe disse que o jogador não entendia por que o colunista não gostava dele, uma vez que sempre o havia tratado bem. "Eu não tenho nada contra Almir; tenho, sim, contra algumas atitudes que não o recomendam como profissional. Aliás, o próprio Flamengo, que não pensava assim, passou a pensar, tanto que o está despedindo do time e do clube[...] E Almir é um astro, demoníaco, mas um astro, da constelação do Maracanã", respondeu.

Por coincidência, o América enfrentou o Flamengo, pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, e, jogando muito bem, venceu por 3 a 0. Isso foi o suficiente para os torcedores americanos ficarem em pânico com medo que os rubro-negros, por causa do fracasso na partida, desistissem do negócio e resolvessem continuar com o atacante. Mas não havia a menor chance daquilo acontecer. Durante a cerimônia de assinatura do

contrato, o presidente do Flamengo, Veiga Brito, em nenhum momento fez questão de dirigir a palavra a seu antigo jogador.

Já na tarde desse mesmo dia, Almir foi a campo fazer ginástica com os outros jogadores. A torcida, como os próprios dirigentes rubros, estava ansiosa em ver Almir jogando pelo seu novo time, mas era preciso aguardar. O jogador estava três quilos acima do peso ideal e fora de forma. Evaristo de Macedo sabia que tinha de esperar a hora certa. No dia seguinte, Almir foi treinar no campo do Andaraí sob a supervisão do preparador físico Antônio Clemente e perdeu um quilo de seu peso, pois foi bastante exigido. Além disso, levou de casa uma blusa de lã que o fazia suar muito. Foi recebido por vários torcedores e admiradores, principalmente crianças, que pediram autógrafos e falaram muitas palavras de estímulo ao jogador. Edu, craque do time e irmão do futuro craque Zico, acompanhou Almir na recepção.

E não só na recepção como no "batismo" ao qual os novatos eram submetidos na concentração do clube. Chamada de a "Mansão do Diabo", a concentração do América ficava em um casarão no Km 18 da Rio-Petrópolis e era um local muito escuro e cheio de morcegos, o que deixava o lugar meio assustador. No quarto em que ficaria Almir, em sua primeira noite, Edu e outros jogadores fizeram um boneco com cobertores e travesseiros na cama em que ele dormiria, além de colocar duas velas acesas como se fosse um velório. Quando Almir subiu para o quarto e se deparou com a cena, levou um susto tão grande que não só não quis dormir no quarto, como nunca mais entrou nele.

Passado o susto e a gozação, ele fez no dia seguinte seu primeiro treinamento com os titulares, demonstrando que não estava em boas condições físicas. A avaliação era que demoraria, pelo menos, mais dez dias para que pudesse entrar em campo.

Enquanto suava para perder peso e entrar em forma, foi homenageado pelo Clube Monte Sinai, cujos dirigentes eram torcedores do América. Evaristo admitiu a possibilidade de usar Almir no meio de campo e ele continuava se esforçando para perder peso, chegando até

a machucar o tornozelo direito, mas sem gravidade. Ele queria estrear contra o Bangu no próximo fim de semana.

No entanto, suas condições não permitiam e a estreia foi protelada para a semana seguinte — ele estava enfrentando dificuldades para perder peso. Enquanto isso, o clube oficializou a contratação junto à Federação Carioca de Futebol pelo prazo de um ano, e Almir aumentou ainda mais sua carga de trabalho, demonstrando empenho. Isso mereceu uma nota no *Jornal dos Sports* do dia 29 de julho, na coluna Jogo Perigoso. "Pode ser fogo de palha. Na verdade, é ainda muito cedo para fazer um juízo perfeito de sua correção profissional, mas até hoje o comportamento de Almir, no América, é digno dos maiores elogios. Não faltou, não chegou atrasado um só dia e, nos treinos individuais, que são castigo para a maioria dos jogadores, tem sido de uma aplicação digna dos maiores elogios".

Nessa época, o Conselho Executivo do Esporte Brasileiro, do Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, fez uma eleição interna para escolher as personalidades do esporte que teriam seus depoimentos gravados para a posteridade. No futebol, Pelé, Garrincha, Nilton Santos e Domingos da Guia foram os escolhidos por terem sidos os campeões de votos, com 17 cada um. Outros jogadores, com menos votos, também foram escolhidos e o nome de Almir foi lembrado com dois votos, o que não foi suficiente para ser classificado. Junto com ele estavam Oberdan, Perácio, Bauer e Hércules, também com dois votos cada.

Almir continuava a treinar e especulou-se que ele poderia entrar na partida contra o Bangu, no dia 5 de agosto; porém, como sentia dores no pé direito, por causa de um encontrão durante os treinos, a possibilidade foi descartada. Em entrevistas, Evaristo de Macedo admitia que recebeu Almir em condições físicas piores do que imaginava. Não bastasse isso, Almir começou a sentir dores de garganta e febre.

Até que, recuperado da forte gripe, mas ainda um pouco acima do peso ideal, que era 71 quilos, Evaristo o escalou para estrear num amistoso contra o time Tupinambás, de Juiz de Fora (MG), pelo qual o

América receberia a quantia de NCr$ 5 mil, fora as despesas. A partida comemoraria o aniversário de 56 anos do time anfitrião.

Gol na estreia

E ele estreou bem na vitória por 3 a 0 sobre o time mineiro, em jogo disputado no dia 15. Além de fazer o terceiro gol, aos 28 minutos do segundo tempo, Almir deu uma assistência para o segundo de Eduardo (o time tinha Edu e Eduardo em seu plantel) e fez passes precisos para os companheiros. Apesar da performance, foi considerado lento e ainda fora de forma.

Por isso, não entrou na lista do técnico Evaristo de Macedo para disputar a final da III Taça Guanabara, contra o Botafogo. O América vinha bem na competição e ambas as equipes terminaram a disputa empatadas em número de pontos (8), provocando uma partida extra, que seria uma final. O jogo foi realizado no dia 20 de agosto num Maracanã cheio, com 82.421 pessoas, e teve como maior estrela Paulo César (ainda sem o Caju), que fez os três gols na vitória do Botafogo por 3 a 2, num jogo dramático que foi decidido apenas na prorrogação. O América era vice-campeão da Taça Guanabara.

Almir estava treinando entre os titulares e entrou na escalação para jogar a primeira partida do América pelo Campeonato Carioca. O time sofreu o primeiro gol do Bonsucesso logo no início da partida, mas Almir empatou, aos 47 minutos do primeiro tempo. Edu, que cada vez mais tornava-se um ídolo no time, marcou outros duas e a partida terminou em 3 a 1. Os rubros estreavam bem.

Na sequência, havia o clássico contra o Flamengo e a imprensa carioca queria ouvir o que o atacante tinha a dizer. Almir afirmava estar ansioso para jogar, porém, segundo ele, não por guardar qualquer mágoa do time da Gávea, tampouco visando a qualquer desforra contra seu ex-clube, mas por acreditar ser indispensável à sua recuperação plena continuar jogando, uma vez que já tinha conseguido o máximo que podia nos treinos.

No entanto, uma forte crise de sinusite não deixou Almir entrar em campo. Ele não sentia há anos aqueles sintomas, desde os tempos de Vasco, e Evaristo nem o relacionou para o jogo. O resultado do confronto também não foi nada bom para os americanos. Os rubro-negros venceram por 2 a 0, o que valeu uma manchete de primeira página no *Jornal dos Sports* de 1º de setembro: "Sinusite deixa Almir de fora".

O que para alguns críticos não parecia ser um problema porque, segundo eles, o América estava bem e a ausência de Almir não chegava a ser uma desvantagem, visto que o ataque dos rubros estava se entendendo melhor sem ele. A crise o deixou inativo durante dez dias e quando voltou a treinar, Almir estava até mais magro. Esse período fez com que perdesse dois jogos que terminaram com resultados iguais: 2 a 1. A derrota para o Campo Grande e a vitória sobre o São Cristóvão, ambos pelo Campeonato Carioca.

A página de humor "Penalty", de *O Globo*, escreveu uma nota em sua edição de 11 de setembro sobre o futebol carioca que alcançou Pernambuquinho. "Vários jogadores dados como bagulhos no futebol paulista vieram atuar na Guanabara e passaram a ser heróis (Silva, Almir, Ademar etc). Então, nasceu a lenda lá em São Paulo: jogador que quiser fazer o seu nome vá para o Rio, que lá a parada é mais mole. O futebol carioca está caindo de ruim".

Um fato que chamava a atenção à época, e reforçava a nota da coluna, ainda que ela fosse humorística, era a Federação Carioca de Futebol ter passado a sortear automóveis (Fusca 1967), televisores, geladeiras e máquinas de costura nos estádios por causa do pouco público que as partidas estavam atraindo desde o ano anterior.

Almir voltou a treinar bem e foi escalado para o amistoso contra a seleção de Vassouras, na comemoração dos 110 anos da cidade do interior fluminense. Toda a promoção da partida girou em torno de seu nome, o que valeu a pena para os promotores, pois ele jogou bem e fez um belo gol na vitória do América por 3 a 1. Além disso, Almir ganhou uma placa comemorativa da prefeitura da cidade.

De volta ao campeonato carioca, Almir não disputou o clássico contra o Vasco da Gama, que terminou empatado em 2 a 2. Para o técnico do América, havia uma incompatibilidade tática que deixava Almir quase sem condições de jogar — o fato de ele ter as mesmas características de Edu, estrela do time. Já o outro ponta, Antunes, tinha um entendimento quase perfeito com Edu (eram irmãos), e atuava mais plantado no campo adversário, deslocando-se para as laterais, como orientava Evaristo, algo que Almir, pelo que tinha demonstrado durante os treinamentos, não tinha capacidade de fazer. Contudo, ele prometia lutar pela vaga.

E os torcedores percebiam isso, como demonstra a carta enviada à seção "Bate-Bola", do *Jornal dos Sports*, por José Esmeraldo Campos, de Niterói. "O que é que há com Almir? Por que ele não tem jogado no time do América? Sou um ardoroso fã desse grande jogador e fiquei muito contente quando ele foi para o clube americano. Pensava eu que um homem com a experiência dele seria útil para dar mais personalidade ao nosso time, que se ressente da ausência de um verdadeiro comandante em campo. Mas parece que Evaristo não julga assim. Se isso é verdade para que então contrataram o Brasinha? [apelido dos torcedores do América, que também foi dado a Almir pelos radialistas]. Gostaria que me dessem uma resposta".

A resposta da equipe do *Jornal dos Sports* foi breve: "Não temos elementos para lhe responder. Se alguém do futebol do América entender de lhe satisfazer a curiosidade, nossa coluna está às ordens".

Na mesma época, Almir foi convidado pela *TV Excelsior* para participar do programa *O Advogado do Diabo*, apresentado por Oswaldo Sargentelli, no qual o convidado era julgado por um tribunal, composto de pessoas diversas, conhecidas ou não, depois de terem sido realizados debates e o acusado ter tido direito de defesa. Ao fim, esse júri decidia se o entrevistado seria condenado ou não. O cachê era de NCr 150,00 (uma boa quantia), mas Almir ficou de pensar sobre o assunto e nunca respondeu o convite da *Excelsior*.

Não entrou novamente contra o Madureira, quando os rubros ganharam por 2 a 1, e também ficou de fora da derrota, pelo mesmo placar,

para o Fluminense. Foi inscrito para jogar contra o Olaria e quase não entrou em campo por causa de uma dor no joelho direito, que começou a incomodá-lo depois de um coletivo.

Primeira página

Quase não entrou. No entanto, acabou sendo escalado para participar da partida que, mais uma vez, contribuiria para a imagem que o acompanhava e o acompanharia para sempre, reforçada pelo seu trágico fim de vida.

"Almir cria novo caso no Rio: jogo suspenso", estampou *O Estado de São Paulo*. "Faroeste no futebol carioca", escreveu *O Globo*. "Almir voltou com sururu", foi o que disse o *Diário de Notícias*. "Agora Almir pode ser mesmo eliminado", registrou a *Folha de São Paulo*. "América derrota Olaria, mas jogo não chega ao fim", era o que se lia no *Correio da Manhã*. "Almir acabou com o jogo", foi o destaque do *Jornal dos Sports*. "América e Olaria acaba em briga", escreveu o *Jornal do Brasil*. Todas as manchetes apareceram nas primeiras páginas.

Marcado para a rua Bariri às 16 horas de sábado, 21 de outubro, o jogo, que não chegou a terminar, parecia apenas mais um do fraco Campeonato Carioca. Entretanto, tornou-se um dos raros casos em que todos os jogadores foram expulsos de campo. Aliás, não foram apenas 22 jogadores expulsos, mas, sim, 23, porque o goleiro reserva do Olaria, Ubirajara, também levou cartão vermelho. A briga foi generalizada, envolvendo, jogadores, dirigentes, torcedores e a polícia militar.

Tudo corria bem até aos 24 minutos do segundo tempo, com o placar da partida em 1 a 0 para o América, gol de Antunes, cinco minutos antes. Mas então, de repente, o atacante Sabará, do Olaria, deu um violento soco em Edu, que caiu no gramado. Almir correu para ajudar o companheiro e pegar Sabará na mão, mas foi contido pelos próprios colegas. O juiz Geraldino César (muito criticado) expulsou Sabará e depois de cinco minutos de paralisação a partida foi reiniciada.

Retomado o confronto, mais cinco minutos se passaram até o goleiro Edson dar um chute em Almir, que prometeu uma desforra, algo que,

obviamente, não demorou. Aos 33 minutos Almir subiu para disputar com Edson uma bola cruzada e acertou o goleiro com uma cotovelada. O goleiro, por sua vez, deu um soco em Almir, que caiu dentro do gol, enrolando-se com as redes. Um dos dirigentes do Olaria aproveitou e chutou Almir por trás, que revidou, sendo atacado por outros dirigentes e jogadores. A briga tornou-se generalizada e a pancadaria foi total, com todo mundo brigando, até nas arquibancadas. Quem ajudou Almir foi o preparador físico do América, Antônio Clemente, um homem muito forte que distribuiu pancadas a torto e a direito.

"A essa altura eu já estava acuado dentro do gol do Olaria: o time deles inteirinho fez uma barreira para me massacrar, porque eles sabiam que eu não tinha saída, a não ser que rompesse a rede. Mesmo assim, topei a parada dando um pontapé num, um soco noutro, ameaçando outros na base do grito. Foi uma briga da pesada", relatou ele, em suas memórias. O goleiro Edson teve que receber seis pontos na língua e seis nos lábios. Almir foi levado pelos policiais para o vestiário dos juízes, de onde só saiu abraçado ao presidente do América, Vôlnei Braune, após o clima de guerra ter serenado.

A decisão final foi a expulsão de todos os jogadores e o resultado seria determinado pelo Tribunal de Justiça Desportiva (TJD). Poucos dias depois, o Olaria ingressou com um pedido na FCF para a eliminação de Almir do futebol carioca, alegando: "ele é incorrigível e deixa todos nervosos".

O *Diário de Pernambuco* também citou esse novo caso de Almir na coluna "Dentro e Fora das Quatro Linhas", do jornalista Adonias de Moura, que escreveu: "Será que alguma maldição acompanha Almir, ou é o simples fato de já ser um homem marcado, que o envolve em todas as confusões? O noticiário do sul dá conta de que o futebolista pernambucano cansou de apanhar sem reagir. Foi caçado nas quatro linhas do campo. E só depois da agressão a Edu, e ver seu quadro inferiorizado, é que topou a parada".

Os leitores do *Jornal dos Sports* nunca deixavam de exprimir suas opiniões, como Manuel Morani, da Guanabara: "Coincidência ou não,

a verdade é que essa fase menos favorável por que atravessa o América, começou logo depois da contratação de Almir. Parece que alguns jogadores, principalmente o Antunes, perderam a antiga tranquilidade e deixaram de produzir o que podem e devem. O pior é que até hoje o América não conseguiu utilizar devidamente o Almir e tudo leva a crer que dificilmente o fará".

Nem os leitores do *Jornal do Brasil* deixavam de se expressar. Em sua coluna, Armando Nogueira reprovou a carta de uma leitora na edição do dia 27. "Uma leitora um tanto arrogante (pelo tom, deve ter nariz arrebitado) interpela-me de meu silêncio sobre a nova briga de Almir. Escreve, rubro-negra de raiva, a tal torcedora: 'Quando Almir estava no Flamengo, você não o perdoava; agora como ele saiu do Flamengo e está em outro clube, você silencia sobre a briga de Olaria. É a prova de que você não gosta é do Flamengo...'. Errou, minha filha: não é do Flamengo que não gosto; eu não gosto é de ser leviano...No caso da rixa de Olaria, não tenho elementos para afirmar quem foi o culpado. Simplesmente, não vi o jogo. Toda vez que desanquei Almir tenho me valido do meu próprio testemunho".

O resultado mais imediato dos acontecimentos foi a não escalação de Almir para jogar contra o Botafogo (que venceu por 1 a 0) no dia 28 de outubro, data de seu aniversário de 30 anos de idade, embora poucos soubessem disso.

Além dos parabéns e beijos de Maria de Lourdes, Alvaro, seis anos, e Adriana, um ano e dois meses, a revista *Manchete* publicou naquele dia a continuação de uma série de reportagens sobre futebol chamada "Os Monstros Sagrados do Futebol Brasileiro", escrita por João Saldanha. Dividido por temas, em seu quarto capítulo essa grande reportagem falava sobre "os temperamentais" da história do futebol, citando Heleno de Freitas (já mencionado), Yeso Amalfi (jogador famoso das décadas de 1940/50), Carlyle (centroavante do Galo) e Almir Pernambuquinho.

O presidente Vôlnei Braune conseguiu com a *TV Tupi* a gravação de todo o jogo conturbado e levou ao julgamento para tentar provar que Almir não teve culpa, tendo apenas reagido às agressões sofridas. Porém,

não adiantou muito. Ele foi suspenso por 80 dias (de novo), além de ter sido obrigado a pagar uma multa de NCr$ 10,00. O goleiro Edson e o atacante Sabará foram suspensos por três jogos; Alfinete e Miguel por um jogo; todos os outros jogadores foram multados em NCr$ 10,00. O TJD resolveu manter a vitória do América por 1 a 0. Os dirigentes entraram com recurso para que o julgamento de Almir fosse apreciado pelo STJD, pois, segundo os advogados do clube, a pena tinha sido excessiva.

"Tenho recebido deste clube as maiores demonstrações de apoio de toda a minha carreira", afirmou Almir a toda imprensa depois do resultado. Segundo o atacante, ele estava triste porque 80 dias era muito tempo e ele não poderia ajudar a equipe durante o campeonato. Ele estava usando exatamente os mesmos argumentos que usara no Flamengo ao ser julgado pela final de 1966.

Por sua vez, os advogados do Olaria entraram com recurso sobre a decisão de vitória do América e o advogado do clube, Nei Fonseca, durante sua fala, ofendeu o presidente Vôlnei Braune e Almir, chamando o jogador de psicopata e apostando seu braço que ele não passaria em um exame psicológico primário.

Pernambuquinho começou a tratar seu joelho direito, machucado durante a briga, e ficou sabendo que o Cruzeiro, de Belo Horizonte, que estava de olho nele, havia desistido de contratá-lo por causa de sua suspensão. No dia 19 de novembro foi seu irmão Adilson quem se meteu numa briga feia durante uma partida entre Vasco e Fluminense. O caçula dos Albuquerque perdeu a cabeça e chutou várias vezes o jogador Denílson, caído no gramado — ele levaria seis jogos de suspensão. Dias depois, Almir visitou o irmão e pediu que ele tivesse mais calma em campo.

Tradição no Rio de Janeiro, o time do América foi à Igreja dos Capuchinhos para pedir a "benção dos barbadinhos" (eles têm o costume de usar barba), e Almir foi abençoado pela segunda vez, uma vez que já havia ido à igreja quando jogava no Vasco. Depois, ele voltou a treinar com seus companheiros no Andaraí.

Logo após o Natal, saiu o resultado do julgamento dos recursos e, por unanimidade, (7 a 0) o STJD manteve a suspensão de 80 dias de Almir, assim como as decisões referentes a todos os demais jogadores.

O último ano

O ano de 1968 começou e Almir continuava suspenso, embora treinasse normalmente com os companheiros. Os advogados do América cuidavam do caso dele até que, no dia 16 de janeiro, o STJD aceitou o pedido de revisão da suspensão aplicada a Pernambuquinho, convertendo-a em multa de NCr$ 30,00. Era o fim da suspensão do jogador que, já no dia 24, entrava em campo num jogo-treino contra o Madureira, no qual atuou por toda a primeira etapa, mas não agradou. Sentia o período em que foi obrigado apenas a treinar.

Uma semana mais e o time rubro embarcou para o Espírito Santo, onde disputou, e venceu, o Quadrangular de Vitória. Almir não viajou porque estava sentindo os efeitos de uma forte gripe. No entanto, embarcou pouco depois para uma excursão ao centro-oeste, parando primeiro em Goiânia. Aproveitando a falta de Edu, que estava lesionado, jogou o amistoso contra o Goiás, vitória por 2 a 0. Em seguida, o time foi até Brasília enfrentar o Vasco da Gama, no Estádio Nacional (Pelezão), que terminou em um empate sem gols e com boa atuação de Almir.

O retorno dele aos campos em dois amistosos fez o *Jornal dos Sports* publicar, em sua edição de 11 de fevereiro, uma matéria, de quase página inteira, intitulada simplesmente "Almir". Nela, o jornalista Lúcio Lacombe retratava a vida recente dele como jogador do América, destacando que em seis meses, por dois jogos (oficiais), ele havia recebido 26 milhões (de cruzeiros antigos). Dizia que ele estava sempre, por volta do meio-dia, circulando pelo Posto Quatro-e-Meio, em Copacabana, apenas de calção e esbanjando saúde, parecendo um milionário, porque seu futebol lhe dava quatro mil cruzeiros (novos) por mês sem fazer muita força. Chamou Almir de "uma das maiores vedetes do Estádio Mário Filho [Maracanã] dos últimos anos" e perguntou se ele estaria acabado para o futebol — "é verdade que uma vida desregrada, bebida

e farras o impedem de seguir uma tumultuada, mas de qualquer forma, brilhante carreira".

Contou que ele poderia ser facilmente encontrado, além da praia, na rua Miguel Lemos, onde tinha muitos amigos, ou na cantina Fiorentina, como bom freguês e ótimo pagador. Revelou que havia conseguido mudar para um apartamento maior, em Copacabana mesmo, e tinha trazido sua mãe, dona Dedé, de Recife, para passar uns dias no Rio de Janeiro. Embora seu prestígio tivesse diminuído ao passar a fazer parte do América, ele continuava requisitado e reconhecido como sempre. No clube, era um atleta exemplar que não faltava e treinava bastante, evitando contatos físicos perigosos. A matéria insistia que Almir levava uma vida boêmia e que gostava de uísque, concluindo: "Almir está numa encruzilhada séria e, melhor do que ninguém sabe disso. Ou mostra de novo que é ainda um craque, ou some do mapa".

Mesmo assim, continuou Lacombe, o jogador tinha apenas 28 anos de idade (sic) e ainda pretendia terminar seu contrato com o América e ir para o futebol mexicano, onde seu amigo Vavá tinha muitos contatos. Sua escalada não seria fácil e a reportagem perguntava: "Seria uma repetição de Heleno (de Feitas)? Talvez, mas é pouco provável, pois o grande astro botafoguense era quase o mesmo dentro e fora de campo no final de sua carreira, mas Almir só é mau dentro de campo. Fora é uma dama, gentil e solicito como poucos".

O América voltou para Goiânia, depois de jogar em Brasília, e derrotou o Atlético Goianiense por 3 a 1, de virada. Almir foi substituído por Delém (seu antigo colega de Vasco) no segundo tempo. Três dias mais tarde a equipe viajou para Minas Gerais, onde perdeu do Uberlândia por 1 a 0. Almir foi novamente substituído no segundo tempo, dessa vez por Miguel. Ainda em Minas, goleou o time Águas Virtuosas, da cidade de Lambari, por 6 a 1, e, na sequência, o Flamengo, de Varginha, por 4 a 1. Em ambas as partidas, por exigência dos times, Edu e Almir jogaram.

Encerrada a excursão, era hora de voltar para o Campeonato Carioca, e o América pegou o Vasco da Gama, no Maracanã, no primeiro clássico do ano. No dia do jogo o cartunista Henfil fez uma charge para

o *Jornal dos Sports* mostrando os jogadores do América entrando em campo enquanto Almir, enfurecido, é segurado por dois policiais, e o cartola comenta com o técnico: "Evaristo! Te falei pra só deixar o Almir entrar na hora do jogo começar".

Os rubros perderam por 3 a 2, de virada, após terem aberto 2 a 0 — levaram três gols em apenas 11 minutos (aos 10, 13 e 21minutos do segundo tempo). Nessa partida, Almir jogou contra seu irmão caçula Adilson pela segunda vez e foi substituído por Ica aos 15 minutos em razão de uma distensão muscular. Seu irmão também foi substituído no segundo tempo. Os americanos ficaram com a impressão de que se Almir estivesse em campo, dificilmente os rubros teriam perdido o confronto. Achavam que havia faltado comando em campo.

Por causa da distensão, Almir não jogou contra o Campo Grande, uma partida que terminou num empate sem gols. Os jogadores campistas comemoraram como se tivessem vencido a partida. No jogo seguinte, contra o Olaria, voltou a campo e foi importante na vitória de 1 a 0 usando sua experiência para controlar o jogo depois do gol de Mário Augusto, aos 32 minutos do segundo tempo. Aquela foi a primeira vitória do América no campeonato.

Contra o Botafogo saiu-se melhor, pois além de fazer o segundo gol no empate em 2 a 2, sofreu um pênalti, convertido por Edu. Manga, sem alternativa na jogada, tinha agarrado as pernas de Almir. E no jogo seguinte, vitória por 2 a 1 contra o Bonsucesso, marcou de novo, após cobrar uma falta com precisão e força, aos 23 minutos, não dando chance ao arqueiro Jonas.

4 de abril foi dia de clássico no Maracanã. Flamengo e América se enfrentaram em uma partida que teve como juiz Armando Marques, e duas notas de falecimento. A primeira, já conhecida e motivo de um minuto de silêncio, foi a morte do jornalista Assis Chateaubriand, fundador dos *Diários Associados*; a segunda, inesperada, foi o anúncio do assassinato, nos Estados Unidos, do pastor e ativista negro Martin Luther King. O silêncio no estádio foi espontâneo e impressionante, segundo

os cronistas da época. O resultado do confronto foi um empate em 1 a 1, num jogo sem grandes atrativos e no qual Almir pouco fez.

Em Conselheiro Galvão, o pequeno estádio Aniceto Moscoso, recebeu Madureira e América, e ficou completamente lotado. A partida foi equilibrada, tanto que terminou num empate sem gols. Perto do fim do jogo, Almir fez uma falta solando o goleiro Benício, que caiu no chão gritando de dor. De imediato, o zagueiro Zé Oto foi para cima de Almir e o empurrou. A turma do "deixa disso" interveio e dirigentes do Madureira invadiram o campo. Almir não reagiu a nada e Evaristo entrou em campo para tirá-lo da confusão. Os ânimos serenaram e o jogo recomeçou para logo ser encerrado.

Contra o São Cristóvão o resultado foi melhor, 3 a 0, em São Januário, mas sem qualquer brilho por parte de Almir. Quem brilharia na partida seguinte seria Edu, quando os rubros ganharam da Portuguesa, novamente de 3 a 0, com três gols de Edu, um deles com uma assistência de Almir. O revés veio contra o Bangu, uma semana depois, derrota por 1 a 0 que não contou com a presença de Almir, que apresentava dores na virilha, demonstrando, segundo o médico do América, Oscar Santamaria, que ele, na verdade, estava sofrendo de cansaço muscular.

E esse cansaço não atingia apenas seus músculos, mas também a relação com sua esposa, Maria de Lourdes. Após sete anos de casamento, ela achava que Almir era um bom pai, carinhoso, mas um marido muito ciumento. Resolveram, então, se separar, mas não o fizeram de maneira formal. Almir seguiu no apartamento deles no Rio e ela foi, com Alvaro e Adriana, para a casa da mãe, em São Paulo.

Idade chegando

Com 30 anos de idade, apesar de, volta e meia, aparecer na imprensa como tendo um pouco menos, ainda por causa da falsificação de sua certidão de nascimento no fim de 1956, Almir sentia a idade pesar e dificultar sua sequência como atleta profissional. Com seus anos de rodagem no mundo da bola, já tinha até se tornado exemplo para os demais, como era o caso do jogador Adhemar Bianchini, atacante do

Vasco, que o tinha como modelo para uma carreira como jogador de futebol. Em uma entrevista ao *Jornal dos Sports*, o atacante confessou: "Com as suas catimbas, ele tem sabido ganhar dinheiro e não perde tempo em um clube. A minha teoria será a dele. Ficar mais de um ano no mesmo clube é perder dinheiro. Duvido que alguém tenha jogado em tantos clubes como o Almir e também que tenha ganho tanto dinheiro como ele".

Ainda por causa do cansaço muscular, Almir não participou das vitórias contra o Fluminense, 1 a 0, e Bangu, 2 a 1, jogo de despedida de Evaristo de Macedo como treinador do América — tinha sido contratado para ser técnico do Fluminense. Almir voltou aos treinos, mas uma antiga lesão na coxa esquerda o incomodou e ele retornou, uma vez mais, ao departamento médico. Se a fase não estava boa, ele logo descobriu que poderia ficar ainda pior.

O América contratou como novo treinador Flávio Costa, ex-supervisor de futebol do Flamengo, com quem Almir havia brigado durante a excursão à Europa, no ano anterior, e um dos responsáveis por sua demissão, tendo, inclusive, proibido sua entrada nas dependências rubro-negras. Além disso, o presidente Vôlnei Braune o apresentou aos jogadores como sendo um dos homens que mais conheciam futebol no Brasil.

Flávio havia pedido demissão do cargo de supervisor do Flamengo em outubro de 1967 e estava assumindo o América como treinador em maio do ano seguinte. Pernambuquinho ficou preocupado, mas...

"Ao contrário do que eu esperava, Flávio Costa não me hostilizou. O América era para ele e para mim uma espécie de porto onde nos abrigávamos, após as tempestades que enfrentamos no futebol", afirmou Almir, em suas memórias. Na realidade, o velho Flávio Costa não tinha muitas opções no time rubro. Era obrigado a se apoiar nos jogadores mais experientes se quisesse obter resultados positivos para o clube.

O novo treinador estreou em uma derrota por 3 a 0 para o Botafogo. A formação usada era a mesma da última partida de Evaristo, e Almir não jogou, ainda em razão do problema na coxa esquerda. Porém, co-

mentários sempre surgiam, tanto que na coluna "Câmara", do jornalista Luiz Bayer, do *Jornal dos Sports*, em sua edição de 12 de maio, saiu uma nota, com o título: "Almir prestigiado", na qual dirigentes do América procuravam negar a existência de qualquer incompatibilidade entre o técnico Flávio Costa e o atacante. "Acentuaram que Flávio Costa era supervisor daquele clube [Flamengo] não são suficientes (sic) para modificar a posição do América em relação a Almir, que continua a ser considerado um profissional eficiente, íntegro, dedicado e que tem defendido as cores do América com entusiasmo".

Almir não se conformava com os métodos antigos e ultrapassados que Flávio Costa queria aplicar nos treinamentos e jogos, achando-os inúteis para o time rubro. Chegou a tentar argumentar com o técnico, mas não obteve sucesso. Flávio insistia em usar um sistema de jogo que Pernambuquinho lembrava ser igual ao usado por Yustrich, dez anos antes, no Vasco.

Apesar de tudo isso, ou por isso mesmo, Flávio escalou Almir para jogar contra o Flamengo, no Maracanã. Ele havia se recuperado da lesão e o treinador queria colocá-lo contra o antigo time de ambos. E foi um jogo muito problemático, tão complicado que causou até a paralisação do Campeonato Carioca por alguns dias. Porém, dessa vez, não foi Almir o causador de tanta confusão, mas, sim, o árbitro da partida, Cláudio Magalhães.

"O Flamengo foi roubado hoje", declarou, para toda a imprensa, o presidente rubro-negro Veiga Brito, revoltado. E o vice, Gunnar Göransson, disse que o clube pediria a anulação da partida na justiça. A confusão já havia começado antes mesmo do início do jogo, quando o juiz Armando Marques foi substituído por Cláudio Magalhães, por ordem da Federação Carioca de Futebol (FCF).

Último gol

O jogo em si foi muito disputado, difícil, retrancado, terminando em um empate em 2 a 2. O Flamengo saiu ganhando, gol de César Maluco, aos 14 minutos; Almir empatou aos 9 minutos do segundo tempo,

completamente impedido, o que não foi visto pelo juiz. Ele não sabia, mas esse gol — seu quinto pelo América e o 114º de toda sua trajetória como jogador profissional de futebol — seria o último gol oficial de sua carreira. Não demoraria para que parasse de jogar. Os outros dois gols foram de Fio Maravilha, aos 13 minutos, pelo Flamengo, e de Edu, pelo América, aos 13 minutos e 20 *segundos* (é isso mesmo que você leu, prezado leitor). O América cobrou a saída de bola ainda em meio às comemorações dos flamenguistas e Edu avançou para fazer o gol. E o juiz validou o lance e o gol. Além disso, o árbitro encerrou a partida exatamente aos 45 minutos do segundo tempo, sem nenhum acréscimo, apesar de todos os problemas ocorridos durante a disputa.

Uma outra infração não apitada por Cláudio Magalhães foi a agressão de Pernambuquinho no zagueiro flamenguista Manicera, que passou em brancas nuvens; a partida deixou Almir exultante, uma vez que aquele empate era como uma vitória para os americanos. "Saí de campo machucado e capengando, mas valeu o sacrifício por tudo. Pelo gol que fiz, pelo empate e pela demonstração de fibra do América", declarou, ao final do jogo.

A avaliação negativa da atuação do juiz foi tão contundente que Henfil fez uma charge, no *Jornal dos Sports*, em que aparece uma pessoa perseguindo um ladrão mascarado. Ele, então, chama o ladrão de Cláudio Magalhães, e o larápio fica indignado por ter sido chamado pelo nome do árbitro. A repercussão também chegou à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, onde o deputado Couto de Sousa discursou protestando contra a FCF.

Aquilo tudo provocou a intervenção da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), sob a presidência de João Havelange, no Campeonato Carioca, e sua consequente paralisação. Durante alguns dias ninguém sabia ao certo o que poderia acontecer. Depois de muitas reuniões, uma nova tabela de campeonato foi feita e o sistema de escolha dos árbitros foi alterado. Com essa nova tabela, o América voltaria a campo no dia 26 de maior para enfrentar o Vasco.

Tornozelos inchados

E a reestreia foi com derrota, 1 a 0, para o Gigante da Colina. O autor do único gol da partida foi justamente o atacante Bianchini, que havia elogiado Almir por sua capacidade de ganhar dinheiro com o futebol. Apesar da derrota, o jogador escolhido pelo *Jornal dos Sports* para receber o troféu de "Craque da rodada" foi o jovem atacante Tadeu, do América. Em sua entrevista ao receber o prêmio, falou sobre seus companheiros e destacou Almir. "Todo time deveria ter um jogador da qualidade de Almir. O Brasinha não tem nada de catimbeiro, mas sim um futebol de meter inveja e uma vontade de vencer como poucas vezes tenho visto. O que mais me impressiona é a sua tranquilidade e facilidade de jogar seja ao lado de quem for. Sabe prender a bola na hora exata e sabe comandar os companheiros. É um craque perfeito".

Elogios são bons, porém não desincham tornozelos inchados. Por essa razão, Almir não entrou em campo contra o Madureira, na vitória dos rubros por 2 a 0, nem contra o Bonsucesso, empate em 1 a 1. Voltou contra o Fluminense, derrota por 2 a 0 no Maracanã, em um jogo preliminar de Botafogo e Vasco, encerrado com vitória dos botafoguenses, que, então, se sagraram bicampeões cariocas. Nesse jogo, Almir fingiu que tinha sofrido um estiramento para sair antes de campo, mentindo para Flávio Costa que sentia muita dor.

Contudo, dor real mesmo foi ter ido para a cadeia. Na madrugada de quinta para sexta-feira, já no dia 14 de junho, Almir foi preso pelo famoso delegado de polícia Deraldo Padilha, também pernambucano, e conhecido por ser excessivamente rigoroso. Segundo a crônica da época, Almir teria feito, em Copacabana, "galanteios" a uma moça chamada Maria Lúcia da Silva, que não gostou nem um pouco. Por coincidência, passava por ali uma patrulha com o delegado Padilha, que foi chamada por ela. O policial parou e foi interpelar Almir, que não reconheceu o delegado, e o agarrou pela gola do paletó. Os outros policiais, de imediato, separaram os dois e todos foram parar na 12ª Delegacia Distrital. O advogado Newton Feital, que anos depois teria uma vez mais seu nome ligado ao jogador, tirou Almir da delegacia pagando uma fiança de NCr$ 20,00 por "perturbar terceiros na via pública".

"Almir preso pelo delegado Padilha", deu o jornal *O Globo* naquele mesmo dia, contando o fato na página 14, com foto de Almir de cabeça baixa e o delegado sorrindo. E, curiosamente, aquela mesma edição, na página 12, apresenta outra notícia com o seguinte título: "Queixas contra Padilha vão hoje ao governador", revelando que o administrador regional de Copacabana iria naquele mesmo dia até o governador e o secretário de segurança fazer um relato sobre a atuação do delegado em relação ao comércio e à população do bairro, uma vez que ele era visto agindo com brutalidade e abusando de seu poder. Anos depois, o delegado Padilha seria aposentado compulsoriamente com base no Ato Institucional número 5, o famigerado AI-5.

A página de humor "Penalty" aproveitou para responder a carta do leitor Severino Lucas, da cidade de Campos, que perguntava o que tinha havido entre Almir e Padilha. "Lemos nos jornais que o popular Almir foi em cana porque dirigia um galanteio a uma senhorita. Aliás, é a primeira vez que Almir arranja briga por dizer galanteio. Geralmente, suas confusões são motivadas por xingação".

Todavia, a família de Almir tem outra versão para o fato, que não saiu nos jornais da época. Segundo seu irmão, Adilson, a moça em questão era amante do delegado Padilha, que não gostou de saber que ela tinha saído com o jogador. Por isso, armou a ocorrência para poder prender e bater em Pernambuquinho que, como sempre, enfrentou seus adversários.

Em entrevista após o incidente, Almir disse que não sabia se os homens eram mesmo da polícia, ou marginais que se passavam por policiais, sendo agredido e revidando em seguida. "Eles queriam cartaz e isso eu não dou a ninguém. Começaram a me agredir a pontapés", garantiu. Agora ele já conhecia as delegacias de Santos e do Rio de Janeiro.

Dias depois, o América fez um jogo-treino contra a Portuguesa, na Ilha do Governador, vencendo por 2 a 1, mas Almir não se apresentou para jogar. Flávio Costa demonstrou publicamente sua insatisfação com a atitude do jogador. Em seguida, o América viajou para Salvador para participar do Torneio Luís Viana Filho, do qual saiu vencedor após

duas vitórias; Pernambuquinho, porém, sequer embarcou. Ele ficou no Andaraí fazendo tratamento médico por causa de um estiramento.

"Almir de fora", foi o título de uma nota da coluna "Câmera", do jornalista Luiz Bayer, do *Jornal dos Sports*, de 30 de junho. "Almir está praticamente desligado do América. Não tem comparecido aos treinos e confirmou que pagará NCR$ 25 mil pelo seu passe para pensar em outro rumo. Recorda-se que Almir foi o pomo de discórdia que acabou levando o Sr. Gérson Coutinho à renúncia".

E, de fato, uma semana depois, lia-se, em *O Globo*: "O América desligou Almir"; já o *Diário de Notícias*, estampou: "América rescindiu o contrato com Almir". Aquelas notícias confirmavam a nota dada por Bayer. Pernambuquinho estava fora e dizia que clubes do México, Itália e Estados Unidos estavam interessados em seu passe. O comando do clube americano proibiu-o até de participar do treinamento daquele dia, e anunciou já ter um substituto para o jogador, promovendo o atacante Valdo a titular.

Já fora do América, Almir deu uma entrevista exclusiva ao jornalista Luís Antônio de Almeida, do *Jornal dos Sports*, publicada no dia 17 de julho. Nela, afirmava que Flávio Costa era um derrubador. "Confesso que comecei a sair do América no momento em que soube da contratação de Flávio Costa", declarou, dizendo que o treinador estava completamente superado no tempo e no espaço. Também tinha certeza de que ele ainda derrubaria mais gente no América e, como tantas outras vezes em entrevistas, afirmava não saber por que tantas pessoas o atacavam pessoalmente, pois sempre havia sido, como profissional, um cumpridor de seus deveres. Disse não querer sair do Rio de Janeiro, de Copacabana, na verdade, e que achava que jogaria ainda por mais uns cinco anos.

Ouvido pelo repórter Luís Antônio, o técnico Flávio Costa negou ter qualquer rixa com Almir, e ainda afirmou: "no Flamengo tive que agir contra ele por problemas disciplinares. Sua saída deixou um buraco na equipe do América. É um jogador tarimbado, bom, excepcional mesmo".

No dia 21, o *Diário de Notícias* publicou uma matéria do poeta e escritor Homero Homem chamada "Almir, menino robô, não delinquente

do futebol", com direito a uma curiosa ilustração em que Almir aparece sentado no chão com uma espingarda em uma das mãos enquanto na outra se vê um passarinho pousando em seu dedo, além de vários animais alegres rodeando-os. Num texto literário, Homero ocupou mais espaço retratando como teria sido a infância de Almir em Recife, entre caçadas com o pai, do que com sua vida esportiva, após sua mudança para o Rio de Janeiro. Descreveu as passagens marcantes do jogador no futebol, como o caso Hélio e a cabeçada na final em 1966, finalizando: "Mas chega do passado de Almir. Prefiro ver nele o Almir de hoje e de sempre, o melhor Almir".

Fora do time americano, começou a especulação sobre o futuro de Almir, como se vê na carta enviada por José Olívio Rodrigues, da Guanabara, ao *Jornal dos Sports*, publicada no dia 19 de julho. "Acho engraçado desses torcedores do meu querido Vasco, quando se lê nessa espetacular coluna Bate-Bola um comentário sobre o grêmio cruzmaltino; só aparecem elogios ao presidente Reinaldo Reis. Ninguém tem a coragem de dizer a verdade[...] O Almir está aí dando sopa e ninguém vê".

A carta pareceu fazer efeito porque realmente houve contato de Almir com a direção vascaína, que prometia estudar o assunto, pois não achava o valor alto. Ele se dizia tranquilo, afirmando que tinha propostas de um time do interior e de outro da capital paulista, mas que queria mesmo era continuar vivendo no Rio de Janeiro, em Copacabana.

Dias depois de seu contrato com o América ser encerrado, ele deu uma entrevista para o *Jornal dos Sports*, publicada no dia 26 de junho. Nessa entrevista, feita pelo jornalista Elionário Valente, Almir se mostrou absolutamente tranquilo em relação a seu futuro como jogador de futebol. "Não sei ainda, mas não tenho pressa. Meu contrato com o América terminou somente há cinco dias. Preciso descansar e pensar, antes de tomar um rumo", afirmou.

Dizia ter convites e sondagens do México, — não se lembrava se era do Oro ou do Necaxa —, de um clube de Nova York, além de conversas com o Vasco e afirmava saber de pessoas do Flamengo que gostariam de vê-lo novamente na Gávea.

Lembrou que antes de assinar com o América havia sido convidado tanto por Peñarol como Nacional, ambos do Uruguai, e que clubes de São Paulo também haviam mostrado interesse em seu futebol. Dizia que sua maior preocupação agora era perder a fama de temperamental e não ter mais de ouvir gritos como "é esse!" nos estádios. "Tudo quanto sempre fiz em campo foi somente pensando na vitória do meu clube".

E no dia 30, no mesmo *Jornal dos Sports*, lia-se a manchete de primeira página: "Almir na Gávea já para acertar tudo". Segundo o diário esportivo, o presidente Veiga Brito havia concordado com sua volta e seus companheiros até fizeram festa para Almir por causa da possibilidade de sua volta ao time rubro-negro. No entanto, Veiga Brito afirmou, após alguns dias, que não queria pagar os NCr$ 25 mil pelo passe do jogador, mas, sim, fazer uma troca de jogadores com o América, o que o presidente do clube rubro, Vôlnei Braune, não concordou em nenhuma hipótese. Queria dinheiro vivo por Almir.

A torcida rubro-negra pedia a volta dele, assim como seus antigos companheiros, que chegaram a pensar em fazer uma vaquinha para arrecadar dinheiro, possibilitando seu retorno. Henfil fez uma charge sobre essa possibilidade e a situação do Flamengo. Seu personagem, em três aparições, dizia: "Já pensaram nesse ataque: Silva e Almir? Silva e Almir. Qui (sic) Beleza. Mas será que o Veiga ainda não vendeu o Silva?".

Mais alguns dias de impasse e Braune fez uma contraproposta. Queria Fio Maravilha, do Flamengo, e para isso dava Almir e pagava mais NCr$ 50 mil. Os dirigentes rubro-negros pediram 24 horas para pensar e depois disseram não à proposta, fazendo as negociações voltarem à estaca zero. Enquanto isso, as redações dos jornais recebiam cartas de leitores externando a preferência em ver o atacante pernambucano novamente no Flamengo. As especulações continuaram até o sueco Göransson afirmar, em uma entrevista para a imprensa, que não fazia sentido a volta de Pernambuquinho ao Flamengo, uma vez que eles queriam promover a renovação do time. E ainda completou dizendo que jogador que sai do Flamengo, dificilmente volta.

Com o fim das especulações, o EC Bahia mostrou interesse, mas as negociações não foram adiante. No dia 12 de outubro, o *Jornal dos Sports*

voltou a promover especulações sobre aquela situação: "Madureira quer Almir, o Brasinha"; no entanto, as negociações andavam muito devagar, com muitas idas e vindas. NCr$ 25 mil passara a ser uma soma alta demais para o passe de um jogador como Almir Pernambuquinho. Nos últimos dias do ano de 1968, o Madureira anunciou que havia desistido de contratar o jogador.

1969

O ano virou e, logo em janeiro, o Bonsucesso resolveu comprar Vavá e Almir para reviver a dupla de sucesso do Vasco da Gama. O passe de Vavá pertencia ao América, do México, e o de Almir, a outro América, o do Rio. O diretor de futebol do clube, Antônio Tavares da Silva, estava se entendendo com ambos, e, além de luvas e salários, ofereceria uma colocação em uma rede de postos de gasolina a título de rendimento extra para os dois jogadores.

Porém, as negociações não avançaram; o Bonsucesso queria Almir por empréstimo e o América não cedeu, exigindo sua compra, pois o clube passava por dificuldades financeiras. Passou-se a cogitar a volta de Almir ao Sport, o que lhe permitiria retornar a Recife. Sua mãe, dona Dedé, ficou muito feliz com a notícia. No entanto, essa felicidade durou apenas duas semanas. Almir, interessado em jogar no Atlético Mineiro, viajou para Belo Horizonte. Contudo, a negociação também não se concretizou — o valor de NCr$ 25 mil era considerado alto para um jogador com sua idade.

Durante a visita à capital mineira, em fins de fevereiro, ele foi entrevistado pela imprensa local e elogiou a recém indicação de João Saldanha como novo técnico da Seleção Brasileira. "Se ele for simples, amigo dos jogadores e não quiser inventar, o Brasil pode chegar bem ao México", afirmou.

Em março, o Fluminense de Feira de Santana, na Bahia, conseguiu convencer Vôlnei Braune a vender Almir por NCr$ 10 mil, mas, dessa vez, o próprio jogador recusou a oferta, alegando que tinha negócios a

tratar no Rio de Janeiro e não poderia se ausentar. Esse mesmo motivo ele já havia dado para recusar o convite do Sport.

A possibilidade de contratação por algum clube ia se reduzindo a cada dia e Almir não conseguia mais novas propostas. Passou, então, a se encontrar, nos meses seguintes, com o amigo Vavá pelos bares da rua Barão de Ipanema, em Copacabana, onde tomavam chope e conversavam sobre futebol. Também começaram a disputar jogos amistosos pelo interior do estado, como faziam outros veteranos, recebendo entre NCr$ 1.500 e NCr$ 2 mil para atuarem.

Os meses se passaram e mais nenhuma proposta foi apresentada.

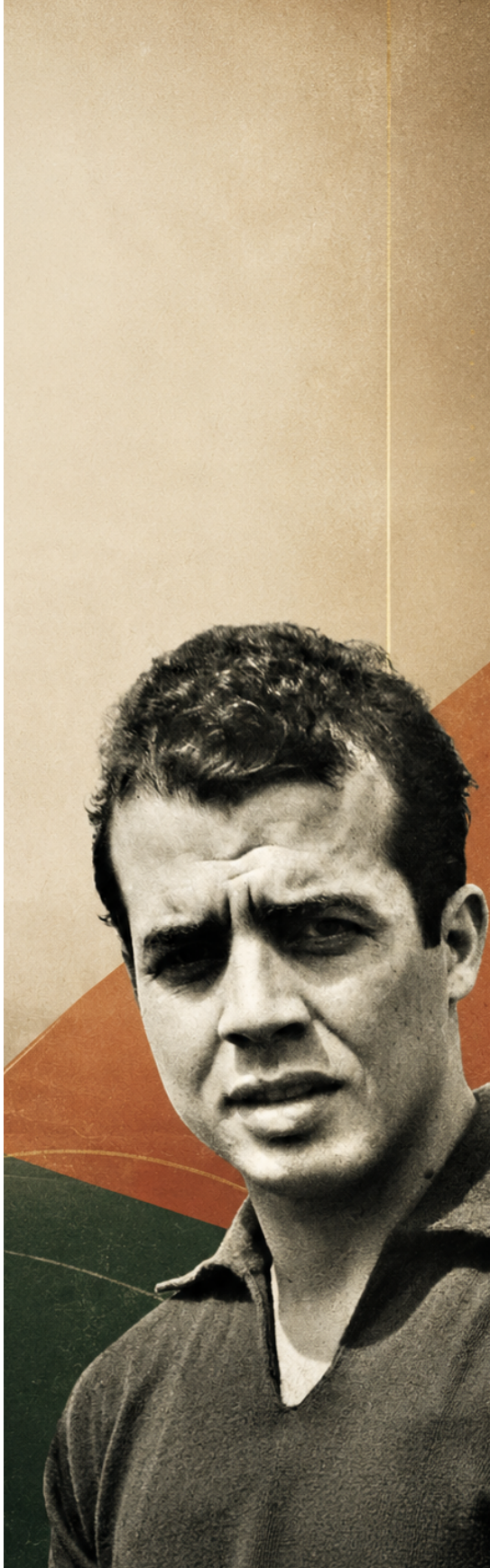
"A verdade é que o futebol dá muito ao jogador, mas o deixa despreparado para a vida depois que encerra a carreira. É terrível o jogador não ter outra profissão", reconheceu em suas memórias.

Capítulo Onze

As versões para um tiro

Com o passar dos meses, Almir foi se adaptando à nova condição de jogador de futebol aposentado. Morava sozinho no imóvel de três quartos na rua Dias da Rocha 71, apartamento 304, em Copacabana. Sozinho, mas sempre acompanhado por amigos, do futebol ou não, que fizeram daquele apartamento do Edifício Concórdia um ponto de encontro onde podiam tranquilamente conversar sobre futebol, beber cerveja, jogar cartas e saborear alguns pratos do Nordeste, que Almir havia aprendido a fazer com a mãe, dona Dedé, bem como rabada, seu favorito.

Ele vivia dos rendimentos de apartamentos e lojas alugadas no Rio, em São Paulo e em Recife adquiridos ao longo de sua carreira. Também mantinha hábitos simples, como viver de calção, camiseta, chinelos e não usar relógio, pois dizia que não tinha hora para mais nada. Frequentava a praia, o cinema (era fã do ator Steve McQueen e seus filmes de ação) e fazia suas compras em Copacabana mesmo, exceto quando queria cozinhar siris, o que o obrigava a se deslocar até a Barra



da Tijuca para comprá-los. Só ia ao Maracanã assistir às partidas de futebol se Pelé estivesse jogando.

Fez de seu apartamento uma parada para os conterrâneos que chegavam ao Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. Ajudava os amigos dos amigos e o porteiro do prédio sabia que sempre estava autorizado permitir a entrada de quem fosse para o 304. Outro hábito era o de frequentar diariamente um boteco minúsculo chamado Nicola's Bar, na esquina das ruas Constante Ramos e Barata Ribeiro, do seu amigo português Joaquim, o Quincas Bigode, onde ficava batendo papo, observando o movimento da rua e bebendo cerveja.

Passara a não gostar de ser visto como o ex-jogador de futebol Almir Pernambuquinho, evitando entabular conversa quando o reconheciam. Muitas vezes, chegava a ser ríspido quando alguém insistia, uma atitude que contrastava com a tranquilidade em que vivia naqueles dias em sua querida Copacabana, sempre com discos de bolero e músicas românticas na vitrola e idas ao teatro para assistir aos shows dos humoristas Chico Anysio e José Vasconcellos.

Tinha até um assistente, o jovem Pereca, José de Freitas Sousa, que vivia pelas ruas do bairro lhe fazendo pequenos serviços. Almir o acolhera e ele servia como faz-tudo para ele e seus chegados — ajudava a arrumar o apartamento, fazia compras, além de também fazer o jogo de loteria esportiva para a turma. Limpava os troféus de Pernambuquinho usados como cinzeiro pelos amigos enquanto jogavam cartas, principalmente buraco, algo que não incomodava o anfitrião. Quem sempre aparecia por lá eram Vavá Peito de Aço, Silva Batuta, Dario, ex-companheiro de Vasco, Nei, amigo ainda das peladas de Recife, além de tantos outros menos assíduos. Pereca teve um final trágico, estranhamente, menos de uma semana antes da morte de Almir.

Mas sua maior satisfação era quando os filhos iam passar férias escolares com ele. Alvaro (chamado de Almirzito pelo próprio pai), naquele começo dos anos 1970, tinha passado dos dez anos de idade, e sua irmã, Adriana, dos quatro. Pequena, ela ficava encantada com o fato de seu pai gostar de ir à praia à noite com eles. Já Alvaro, mais velho,

tem mais lembranças, como a de irem à lanchonete comer hamburguer e, a seguir, passarem nas bancas de revistas depois das 23 horas para conseguir comprar a edição dos jornais do dia seguinte. Almir gostava de ler o *Jornal do Brasil* e o *Jornal dos Sports*, além da revista *Placar*, criada pouco antes da Copa do Mundo de 1970. A revista não demoraria a lhe fazer uma proposta.

Em uma dessas visitas, certa noite, ele viu seus filhos dormindo no quarto e pediu para Maria de Lourdes, já sua ex-mulher, que cuidasse dos dois porque não teria chance de vê-los crescer. Maria de Lourdes levou um susto com o comentário e retrucou: "que besteira é essa agora?". Almir não respondeu muita coisa. Apenas disse que sentia isso.

Alvaro também se lembra das partidas de futevôlei que o pai jogava em Copacabana, sendo ele um dos introdutores da nova modalidade nas praias cariocas. Na época, costumavam jogar seis contra seis, e as apostas eram pagas com caixas de cerveja.

O futevôlei fora criado na década de 1960 por causa da proibição, no tempo dos militares, de se jogar futebol à beira do mar, sendo permitido apenas nas quadras de areia. Foi, então, realizada uma adaptação para burlar aquela regra. Começou a ser chamado de pé-vôlei, mas como a maioria das pessoas não gostou do termo, foi mudado para futevôlei, nome que foi bem aceito. Pernambuquinho foi um dos precursores do novo esporte na praia junto com outros jogadores profissionais como Orlando Pingo de Ouro, do Fluminense, e Octávio Moraes, o Tatá, do Vasco da Gama, além de não jogadores de futebol como o advogado Sérgio Brito, apelidado Cachorrão, seu companheiro de esporte e de cerveja.

Entre peladas e partidas de futevôlei o ex-jogador foi levando sua vida esportiva até ser convidado para participar da solenidade de encerramento do IV Campeonato Carioca de Pelada, promovido pelo *Jornal dos Sports*. No evento, entre várias autoridades estavam o presidente da CBD, João Havelange, e o presidente da Federação Carioca de Futebol, Otávio Pinto Guimarães, que entregaram as medalhas aos atletas num domingo ensolarado de 24 de abril de 1971.

O vencedor da série Veteranos foi o time Surpresa, que convidou Almir para jogar na equipe no campeonato do ano seguinte. Ele aceitou de imediato e disse que não perderia de maneira alguma a chance de participar daquele evento. "Vou jogar no time do Surpresa e mostrar a muita gente que ainda sei bater uma bolinha", disse, animado.

Sua participação foi confirmada na primeira página do *Jornal dos Sports* em sua edição de 4 de novembro. "Almir ataca de Surpresa", foi o título da matéria, com foto na capa, chamando Almir de "um dos fenômenos do futebol brasileiro". Numa entrevista realizada por Marilene Dabus, a primeira mulher a cobrir futebol no Brasil, ele afirmou, logo no início, assumindo a postura de ex-craque aposentado: "Confesso que não tinha o menor jeito para jogar futebol. Quando comecei no juvenil do Esporte (sic) Clube Recife, eu era tão baixinho que não sabiam onde me colocar. Eu achava que o gol e a ponta esquerda eram os dois piores lugares para jogar e, como não tinha condições de ser goleiro, caí inevitavelmente na ponta esquerda".

Quando perguntado por Marilene por que havia parado de jogar tão cedo, ele respondeu que a culpa era de Flávio Costa, que não entendia nada de futebol. Mas que, no fundo, ele havia lhe feito um bem, pois agora podia viver melhor, "jogar minhas peladas tranquilamente e, além disso, não preciso sacrificar o meu uísque. E digo mais, depois de duas doses jogo muito melhor". Depois, ela quer saber por que ele havia resolvido participar do Campeonato Carioca de Pelada. "Eu não resolvi, a turma do Surpresa é que resolveu por mim", respondeu Almir. O pessoal do Flamengo pode gozar sua careca e sua barriga, provocou a jornalista. "Podem me gozar à vontade. Estarei lá para me divertir e lembrar os velhos tempos, ao lado dos meus companheiros. E depois, após dois uísques, não tem nada que me chateie. A não ser o juiz roubar contra o meu time. Aí eu viro fera", concluiu.

Valorização

O ano virou e, em janeiro de 1972, o início do V Campeonato Carioca de Pelada estava próximo. Criado e promovido pelo *Jornal dos Sports*,

o diário esportivo procurava valorizar seu campeonato ao máximo. Naquele ano, por ser patrocinado pela caderneta de poupança Cofrelar (a inflação estava muito alta), as inscrições só poderiam ser feitas se o peladeiro abrisse uma conta na instituição.

Ainda naquele mês, o jornal *O Pasquim* publicou uma grande entrevista com Almir. Ninguém menos que os jornalistas Ziraldo, Jaguar, Sérgio Augusto e Fortuna fizeram 110 perguntas para ele, em um de seus bares favoritos. Com duas páginas, a entrevista era uma das chamadas de capa e tinha uma foto dele vestindo apenas calção de banho, camiseta e chinelo de dedo no meio do bar. Quando o pessoal de *O Pasquim* chegou, ele estava jogando caixeta com os amigos. O título foi apenas "Almir".

Perguntado sobre sua idade, ele respondeu que tinha 33 anos, completados no dia 25 de outubro. Curiosamente, ele ainda dava a idade errada, a que constava em sua certidão de nascimento falsa, conseguida por Cier Barbosa, no final de 1956. E ainda confundiu a data, misturando o dia falso, 25, com o mês verdadeiro, outubro. A pergunta tinha como objetivo questionar se ele não era muito novo para ter abandonado sua carreira. Almir respondeu que não, que um ponta de lança é um jogador esforçado e só os jogadores "descansados" é que ficavam mais tempo. Contou ainda que teve problemas com a imprensa, com os clubes e com uma pessoa. Indagado, disse não poder citar nomes da imprensa e que a pessoa que o prejudicou havia sido, e não poderia deixar de ser, Flávio Costa.

Os entrevistadores recordaram o gol de cabeça na lama, que, segundo Ziraldo, "foi um dos gols mais falados da história do futebol brasileiro", e da confusão na final contra o Bangu. Perguntaram se ele brigava bem e ele respondeu, simplesmente, que não. Sobre como vivia, disse que tinha guardado algum dinheiro e que aplicava na Bolsa de Valores, com ações do Banco do Brasil. Puxaram o assunto Hélio, a final contra o Milan, Amarildo, e as famosas bolinhas, que admitiu ter usado. Falaram sobre sua família em Recife, sobre seu prazer em beber e se sexo antes dos jogos não era problema — para ele, ao menos, não era. Ele relatou já ter sido preso por causa de briga por mulher e ter levado um tiro na

perna; falou ainda sobre a Itália, os times argentinos e confessou que não sabia fazer nada, só jogar futebol.

Afirmou que Pelé também era um catimbeiro: "É só falar em campo, ele catimba. Impressiona o juiz, impressiona o adversário, impressiona meio mundo. Ele é inteligente". Disse que Paulo César (Caju) havia pedido conselho a ele na hora de renovar seu contrato, e Henfil notou que seu apartamento tinha virado o "Consulado do Norte". Falou até do garoto Pereca; e Fortuna encerrou a entrevista perguntando se ele nadava muito na praia, local que frequentava bastante. "Não nado nada", Almir respondeu, finalizando a entrevista.

No dia 26, ele era capa novamente do *Jornal dos Sports*, em mais uma entrevista na qual era chamado de "um dos maiores ídolos da torcida rubro-negra"; a matéria revelava que Almir relutara em participar do campeonato amador porque estava velho e só queria jogar peladas com os amigos, mas atendendo aos apelos de Carlinhos e de Dida, ambos ex-Flamengo, ele havia aceitado. O jogo de cena para se valorizar continuava mesmo depois da aposentadoria.

O time de Almir, o Surpresa, estreou no campeonato contra o Liverpool goleando o adversário por 6 a 1, quatro gols saíram de assistências suas. Ele foi chamado pelo jornalista Luiz Rivera de "a grande sensação do jogo". No dia seguinte, o *Jornal dos Sports* definiu a partida com o título: "Almir provou que ainda é cobra". No dia 30, em sua coluna no *JS*, Marilene Dabus escreveu elogiando a raça do jogador em sua carreira, principalmente no Flamengo (de quem a jornalista era torcedora fanática). "Um ídolo que a gente não esquece e que fica babando de prazer quando tem oportunidade de vê-lo novamente", tietou, no texto.

Já não participou da segunda partida contra o time Segundinho, goleado por 4 a 0, por causa de um estiramento na coxa esquerda. Voltou contra o Desacato, empate em 1 a 1, partida que não terminou por causa de uma invasão de campo por parte dos torcedores. Definido o segundo confronto, o Surpresa venceu por 3 a 2, e foi para a final da sua chave. Novamente, incomodado pelo problema na coxa, Almir não jogou e seu time foi derrotado pela equipe Roxo por 4 a 1, perdendo a oportunidade de disputar as finais do V Campeonato Carioca de Pelada.

Apesar da derrota, Almir continuou como pauta do *Jornal dos Sports* e, em sua edição de 24 de março, o jornalista Lúcio Lacombe, na coluna "Os Imparciais" discorreu sobre a paixão nos esportes coletivos, no futebol e no Flamengo, quando citou Almir: "E nessas minhas divagações rubras, fui lembrar do Almir e quase choro de saudades. Aquele sim, reagia como um torcedor igual a nós. A derrota o abatia, amargurava a tal ponto que ele era capaz de desatinos para evitá-la".

Como também fez Marilena Dabus, quase um mês depois, na mesma coluna "Os Imparciais", quando se referiu a Almir no rubro-negro. "Acontece que jogador do Mengão para ser ídolo na torcida rubro-negra tem que enfiar a cara na lama para faturar um gol como fez Almir contra o Bangu. Tem que suar a camisa e até mesmo morrer por ela, mesmo que o jogo esteja completamente perdido, tem que demonstrar publicamente seu grande amor pelo clube, enfim, tem que justificar o enorme privilégio que foi merecedor em envergar as cores do clube mais querido do Brasil".

Ainda de acordo com o *Jornal dos Sports*, via-se que a esmagadora maioria dos jogadores, quando entrevistados, davam Almir Pernambuquinho como referência de um jogador que sabia ganhar dinheiro com o futebol. O número era tão grande, quase uma unanimidade, que chamou a atenção do próprio Almir, que dizia não entender o porquê de ter virado referência.

No final de abril, mais exatamente no dia 29, Almir Pernambuquinho fez sua última aparição pública. Ele foi convidado pelo Vasco para compor o time dos veteranos do clube na festa de apresentação da nova, e bombástica, contratação do Gigante da Colina: o jogador Tostão, campeão mundial de 1970. Foi uma festa completa com shows de Chacrinha, Martinho da Vila e Clara Nunes, distribuição grátis de bandeiras do Vasco, partida dos veteranos, saudação do craque para a torcida, e jogo contra o antigo clube de Tostão, o Cruzeiro, que venceu o (fraco) confronto por 1 a 0. A estreia oficial de Tostão seria no jogo seguinte, contra o Flamengo.

Naquele dia, Almir jogou contra o time da ADEG (Associação Desportiva Enéias Gomes), e seu time foi derrotado por 4 a 2 — Almir

foi substituído no segundo tempo por Bibi. Ali encontrou seus velhos companheiros de Vasco da Gama como Bellini, Sabará, Orlando, Coronel e Barbosa, e foi vítima de comentários maledicentes por parte do jornal *O Globo*, em sua edição do dia seguinte, que afirmou que o antigo atacante estava muito barrigudo. "Também, foi visto tomando duas cervejas no gargalo. Faz isso todo dia na Miguel Lemos", escreveu o diário. Por sua vez, a revista *Placar*, em sua edição de 5 de maio, apontou: "Palavra, ainda prefiro o Almir, gordo como está, a ver esses caras de hoje tropeçando na bola". Almir posou para a foto com o uniforme vascaíno junto com seus antigos colegas.

Uma semana depois, era chegado o dia da estreia oficial de Tostão no confronto entre Vasco e Flamengo. Na véspera, o *Jornal dos Sports* publicou uma entrevista com Almir, explicando que ele havia jogado por ambos os times. "Almir já viveu esse clássico dos dois lados", foi o título que contava a história do ex-jogador de maneira simpática, sem recordar fatos polêmicos, recordando apenas os jogos importantes de sua carreira. Perguntado sobre suas condições físicas, ele respondeu: "Aí eu me lembro que não devia ter tomado tanto chope. Mas eu não fujo nem do jogo, nem do pau. No jogo dos veteranos, joguei mais ou menos", admitiu. O clássico terminou empatado, 2 a 2, em um Maracanã lotado com 108.454 pagantes. Segundo cronistas da época, Tostão deu personalidade ao time do Vasco, que enfrentava a melhor equipe carioca do momento.

Pouco depois, foi anunciado que Almir participaria do futuro VI Campeonato Carioca de Pelada, a ser realizado em 1973. Segundo o *Jornal dos Sports*, o time do Surpresa preparava um "senhor ataque". Aquele anúncio não se concretizaria.

Memórias de Pernambuquinho

Sem o compromisso das partidas do Campeonato de Pelada, Almir continuava com sua rotina de receber os amigos em seu apartamento, cozinhar seus pratos nordestinos, tomar cerveja, jogar cartas, implicar com Pereca, observar o movimento da rua, ir ao cinema e se envolver em situações que saíam do controle, conforme recorda seu filho Alvaro,

que, naquela época, aos doze anos, visitava o pai durante o período de férias escolares.

"Eu estava com meu pai no Nicola's Bar, que era muito pequeno, e apareceu um casal de moradores de rua com seus filhos a tiracolo pedindo dinheiro. Meu pai disse que não daria, mas se eles quisessem comer no bar podiam ficar à vontade para pedir sanduíches, sucos, vitaminas, o que quisessem. O homem recusou e disse que queria dinheiro. Meu pai negou novamente. O homem insistiu em pedir dinheiro e aí meu pai perdeu a paciência e se irritou em ver o homem querendo usar a família para ganhar dinheiro. Deu um tapa nele que, assustado, saiu correndo com a família atrás".

E foi nesse mesmo Nicola's Bar que, em uma noite de agosto de 1972, ele concordou em gravar depoimentos sobre sua vida de futebolista para a revista *Placar*. Os jornalistas José Fausto Neto e Maurício Azedo gravariam os depoimentos e prepararam as matérias. Fausto Neto era pernambucano e conhecia Almir desde os tempos das peladas em Recife. A ideia era que Almir Pernambuquinho contasse integralmente o que presenciara nos bastidores do futebol no Brasil e fora. "Vou falar tudo", afirmou o ex-jogador.

As sessões de depoimentos eram quase diárias. Almir não era um entrevistado muito eloquente, só melhorando depois de tomar uma cervejinha. Porém, era disciplinado e tranquilo, sem se importar em voltar várias vezes ao mesmo assunto. Maurício Azedo e Fausto Neto também faziam pesquisas para corrigir datas, placar de jogos, nomes e locais que o ex-jogador citava de maneira errônea. "Vou dizer coisas que nunca ninguém teve coragem de dizer", gabava-se ele, durante os primeiros depoimentos.

Demonstrou durante as sessões ter ainda um profundo ressentimento de Flávio Costa pelo mal que, segundo ele, o treinador o fizera; por outro lado, demonstrou ter profunda admiração por Pelé. "Ele pode nem pegar na bola, mas para mim é sempre o melhor jogador em campo. O Negão é especial".

No meio dessas gravações, a *Placar* publicou uma entrevista com Almir, ainda sem citar os depoimentos que estavam sendo realizados sobre sua história. Com o título, "No meu time só joga macho", escrita por Fausto Neto na edição de 13 de outubro, a intenção da era mostrar que Almir Pernambuquinho, com toda sua experiência, queria ser treinador de futebol e estava disponível no mercado. "Ele exibiu seu excelente futebol para brasileiros, argentinos e italianos. Sabe tudo de bola, das malandragens dos craques às falsidades dos cartolas. Está preparado para ser grande técnico", dizia o texto.

Almir argumentava que técnico não ganha jogo, mas ajuda, e ele devia muito ao técnico Martim Francisco, o maior treinador que havia conhecido. Para ele, o técnico ideal era amigo dos jogadores, sem confundir amizade com libertinagem. "Se amanhã aparecer um time me convidando para técnico, topo a parada, dependendo das condições. Mas quem escalará o time sou eu. Cartola não dará palpite no meu time", ensinava.

Durante três meses, os jornalistas foram assíduos frequentadores do Edifício Concórdia. Muitas vezes, eles interrompiam o jogo de cartas com os amigos que permaneciam para acompanhar os depoimentos de Almir. E ele continuava servindo a si mesmo e aos companheiros de cerveja. Quando acabava, Pereca ia pegar mais na geladeira.

"Perereca (sic) morreu uma semana antes de Almir. Tinha ido fazer as apostas da Loteria Esportiva para o pessoal da casa e voltava despreocupado, com os cartões perfurados de esperança, quando foi atropelado por um automóvel, naqueles quarteirões de Copacabana que ele estava acostumado a percorrer de olhos fechados. Almir lhe foi fiel além da vida: desembaraçou seu corpo no Instituto Médico Legal, quase brigou diante da burocracia que procrastinava a realização do enterro, e tratou de lhe dar uma sepultura digna".

Os capítulos de suas memórias foram publicados na revista *Placar*, de 5 de janeiro de 1973, edição 147, a 30 de março, edição 159. Para o lançamento do livro, Almir foi capa da revista, em uma foto na qual aparece sério, sem camisa e com o olhar distante. As chamadas eram:

"Sensacional. Violento. Verdadeiro. 1º capítulo do livro *Eu e o Futebol*, de Almir, o Pernambuquinho. O retrato sem medo do nosso futebol". No texto inicial de apresentação, os autores chamaram o trabalho de "um documento importante para a fixação da história da fase de ouro do futebol brasileiro, iniciada com a vitória na Copa do Mundo de 1958". Afirmavam que seria uma história sem romantismo e sem o folclore pitoresco que marcavam os depoimentos do gênero. Sem subterfúgios, Almir Pernambuquinho contaria o que viu e viveu nos campos e nos bastidores, mostrando o quanto de heroísmo, sacrifício e ilusão existia no esporte mais popular do Brasil. "Trata-se de uma autobiografia. Talvez, se Almir tivesse um biógrafo, ele visse as coisas de um ponto de vista diferente do grande craque. Placar mesmo discorda de muitos dos ângulos de vista de seu atual e eventual colaborador", escreveram.

Ao longo da publicação alguns leitores se manifestaram na seção de cartas sobre as memórias, como Rafael Côrtes Carvalho, do Rio de Janeiro, que classificou como "sensacionais as reportagens sobre a vida futebolística do Almir. Já nos dois primeiros capítulos sente-se que o Pernambuquinho é a imagem de como deve ser o jogador do Flamengo: raçudo e macho, não como qualquer belezoca tricolina". A edição de 26 de janeiro da revista publicou um texto que tinha o seguinte título: "Herói no duro".

Duas edições mais adiante, no dia 23 de fevereiro, já depois da morte de Almir, a leitora Maria Fernanda dos Santos, de São Paulo, capital, quis se despedir diretamente do jogador. "Amigão, um dia, não sei quando, todas as torcidas estarão reunidas num mesmo estádio. Nesse dia, eu que não pude torcer por você estarei lá, inevitavelmente para lhe agradecer de perto a grande alegria que você deu a uma menina naqueles jogos contra o Milan, em 1963. Adeus, Almir — e até de repente".

Na edição 153, Fausto e Azedo adicionaram, além do capítulo sete, uma grande matéria sobre o enterro de Pernambuquinho. No total, foram 13 capítulos que, por duas vezes, mereceram a capa da revista — no lançamento, como previsto, e após sua morte, ocorrida na madrugada do dia 6 de fevereiro, uma capa não prevista.

Uma morte repentina, inesperada, mas, para muitos, não tão surpreendente.

Voltar ao futebol

Almir não andava satisfeito com seu dia a dia e até pensou em passar um tempo em Recife, com dona Dedé e seu Arlindo. Mas só um tempo, pois não queria deixar Copacabana de maneira alguma. "Sair de Copacabana, atravessar o túnel, só por duas razões: atrás de muito dinheiro ou morto", costumava dizer.

Porém, estava cansado da rotina de apenas passar o tempo ao longo dos dias e queria voltar ao futebol, única coisa que sabia fazer na vida. Estava arrependido, segundo confessou em suas memórias, de ter negado a oferta do presidente do América, Vôlnei Braune, para ser técnico do clube após sua saída como jogador. Lamentava não ter aceitado a proposta em 1968 e agora orientava seu irmão Ayres, o Chumbinho, que também tinha parado de jogar, a ir para a universidade e se formar em educação física para poderem trabalhar juntos como técnico e preparador físico.

Os três meses de depoimentos para a *Placar* tinham tomado bastante do seu tempo e de sua atenção, mas aquilo havia chegado ao fim. Provava naqueles dias do trabalho realizado, semanalmente, lendo a revista e confirmando que os textos eram fiéis às suas declarações. Os dois jornalistas continuaram mantendo contato com ele, principalmente Fausto Neto, que o conhecia desde Recife. E algumas pessoas citadas procuravam os jornalistas para pedir retificação, ou saber até quando iriam as publicações. Almir não se importava com nenhuma reação.

Naquele começo de fevereiro, ele estava particularmente triste por causa da morte repentina de seu amigo Pereca, vítima de atropelamento em Copacabana. Não queria sair de casa e estava mais calado. Segundo o jornal *O Globo* foi ele quem pagou um enterro "de primeira classe" para o amigo, que tinha sido atropelado em 1º de fevereiro e morrido no dia seguinte, no Hospital Miguel Couto. Apesar de ter tomado todas as providências, e discutido com os servidores do IML (Instituto Médico Legal) por causa da demora, ele chegou atrasado ao sepultamento

no cemitério de São João Batista e exigiu que o caixão de Pereca fosse aberto. Ele queria ver o amigo pela última vez, e colocar um anel em seu dedo anelar, como se fosse uma aliança, porque o sonho de Pereca era se casar. Ao término da cerimônia, ainda segundo o jornal, teria dito: "Só quero que, quando eu morrer, meu enterro seja igual ao do Pereca". Voltou para casa e bebeu muito naquele dia.

Acordou tarde na segunda-feira, dia 5 de fevereiro, e foi com o filho Alvaro, que passava suas férias escolares com o pai, e Pedrinho, um amigo de Recife que estava morando com ele, para a praia, no trecho da rua Constante Ramos. Encontrou os companheiros de futevôlei e jogou umas partidas, indo para um bar próximo beber cerveja e uísque Red Seal, seu preferido. O dia estava ensolarado e quente. Almoçaram tarde e ele foi depois ao Nicola's Bar, onde encontrou alguns conhecidos e bebeu mais. Voltou a seu apartamento à noite e lamentou, novamente, a morte de Pereca para Pedrinho, que tentou animá-lo um pouco. Porém, ele tinha que sair e Almir resolveu retornar ao Nicola's para tomar o último trago da noite antes de se recolher.

No entanto, encontrou o amigo Elói de Lima, conhecido como Japonês, um vendedor pracista que tinha acabado de chegar de viagem e queria jantar na churrascaria Recreio. Junto com ele estava sua namorada Aninha e o amigo em comum Alberto Russo, proprietário de uma tapeçaria ali na região. Os amigos animaram Almir a sair com eles, que disse querer comer casquinha de siri ao lado da Galeria Alaska (hoje Galeria Atlântica). Telefonaram, então, para Eunice Ferreira de Sousa, 31 anos, corretora de imóveis, namorada ocasional de Almir, e resolveram ir primeiro à churrascaria. Decidido a sair, ele levou, como era hábito quando saía à noite com os amigos, o filho Alvaro para dormir na casa de uma amiga sua, Lêda, que morava próximo, na avenida Nossa Senhora de Copacabana.

Já era meia-noite quando, na churrascaria Recreio, jantaram e tomaram uísque e cerveja. Terminaram de comer e resolveram fazer a vontade de Almir. Voltaram para Copacabana e foram até a Galeria Alaska, famoso reduto homossexual na época, com teatros, bares e restaurantes que atendiam a esse público. Entraram no restaurante

Rio-Jerez, ao lado da galeria, e pediram casquinha de siri e chope. Eram duas horas da manhã de segunda para terça-feira, dia 6 de fevereiro.

Como não era difícil de acontecer na presença de Almir, houve discussão, ameaças e briga naquela madrugada no Rio-Jerez, como admitiu a namorada Eunice, em seu depoimento para um processo com mais de 500 páginas sobre o assassinato de Almir: "que a depoente por outras várias vezes, saiu acompanhada de Almir, esclarecendo a bem da verdade, que em algumas oportunidades Almir brigou (fls.29)", declarou ela. A grande diferença foram os tiros detonados naquela madrugada. E, em seguida o corpo, já sem vida, de Almir Moraes Albuquerque estirado no meio do restaurante. Seu amigo Alberto Russo, também alvejado, faleceu na ambulância no caminho para o hospital, vítima de um tiro no pescoço. Japonês levou um tiro na perna.

Fim de noite e a notícia espalhou-se rapidamente.

Tão rapidamente que o jornal *O Globo*, ainda em sua edição de 6 de fevereiro, colocou em sua primeira página (numa diagramação feita, visivelmente, na última hora) "Assassinado a tiro o ex-jogador Almir", com uma foto dele de 1972 usando terno e sorrindo. O texto da capa dizia: "Com um tiro na testa, foi assassinado na madrugada de hoje o ex-jogador do Flamengo e Vasco, Almir Moraes de (sic) Albuquerque. O crime ocorreu num bar do Posto 6 da Avenida Atlântica, onde Almir — que entrou para a crônica esportiva como um dos jogadores mais violentos do futebol brasileiro — estava em companhia de amigos, um dos quais também foi morto. O criminoso ou criminosos fugiram; seriam três homens de fala espanhola (sic). (2º Clichê – Página 19)". O termo segundo clichê indicava que era a segunda tiragem da edição. Na primeira, não constava a notícia da morte do jogador.

O diário carioca estava certo, eram três homens, entretanto apenas um tinha a fala espanhola. Eram cidadãos portugueses. Com o passar do tempo, duas grandes versões foram criadas para a morte de Almir, além de algumas variações, e até hoje não se sabe qual a mais verdadeira.

Diferentemente do habitual, Alvaro acordou ainda na casa da amiga de seu pai, Lêda, na manhã de terça-feira. Seu pai não o havia

buscado durante a madrugada. Levantou e sentiu a presença de várias pessoas na casa. Muitos cochichavam. Alvaro não lembra quem contou sobre a morte de seu pai, mas a causa foi dada, primeiro, como a de um acidente de automóvel. Somente algumas horas depois é que lhe contaram a verdade.

Todas as rádios e tevês deram destaque ao assassinato de Almir Pernambuquinho, incluindo o *Jornal Nacional* da *TV Globo* à noite, com imagens do Canal 100; na semana seguinte, a revista *Veja* publicou uma matéria de quase duas páginas. Seu amigo Cachorrão, parceiro de futevôlei, ficou sabendo logo pela manhã da terça-feira, pela *Rádio Tupi*, enquanto dirigia para o trabalho. "Foi um choque. Fui até dispensado do escritório naquela manhã, pois estive com ele dois dias antes da morte. Fui para o IML", recordou ele. Nesse mesmo dia, o jogo Náutico x Sport, em Recife, teve um minuto de silêncio em homenagem a Almir.

O primeiro jogador a chegar ao Rio-Jerez, ainda de madrugada, foi o ex-colega de Flamengo Silva Batuta, e depois alguns outros. Após o corpo ter sido levado ao Instituto Médico Legal, Ademir de Menezes e Vavá tomaram as primeiras providências, e, em seguida, o ex-jogador Gilbert de Oliveira, presidente da Fugap (Fundação de Garantia do Atleta Profissional do Estado da Guanabara), anunciou que a entidade custearia todas as despesas do enterro, num total de Cr$ 2.656,68 (àquela altura, a moeda voltara a ser Cruzeiro). Também foi Ademir de Menezes quem se dirigiu ao apartamento de Almir para pegar as roupas com as quais ele seria enterrado.

Maria de Lourdes, ex-esposa de Almir, que passava férias na casa de sua mãe em Praia Grande, litoral de São Paulo, ficou sabendo por uma vizinha, que escutara a notícia no rádio, na manhã de terça-feira, e lhe contou. Ela foi para o Rio de Janeiro de imediato. Chegou ao IML, depois da autópsia, e da decisão de que ele seria enterrado no Rio mesmo, e não em Recife, como chegou a ser cogitado. O velório foi realizado na capela 5 do cemitério São João Batista. Centenas de pessoas compareceram, entre as quais Dona Dedé, mãe de Almir, e seus irmãos, Ayres e Arlindo Filho, que tinham acabado de chegar de Recife.

A família Moraes Albuquerque ficou sabendo da morte também no início da manhã de terça-feira, quando um amigo taxista passou cedo pelo armazém de secos e molhados do pai de Almir e o pegou arrumando o estabelecimento para abri-lo. Perguntou se ele tinha notícias do filho famoso e, diante da negativa, contou o que havia escutado no rádio de seu carro sobre seu assassinato. Seu Arlindo ficou em choque e foi contar para sua esposa. Ele não quis ir para o Rio de Janeiro — não tinha condições emocionais —, mas Dona Dedé e os filhos Ayres e Arlindo tomaram o primeiro avião em que conseguiram embarcar. O enterro foi marcado para as 10 horas do dia seguinte.

O caixão foi coberto pelas três bandeiras dos times pelos quais jogou no Rio: Vasco, Flamengo e América. Alvaro, com quase 12 anos de idade, chamou a atenção de todos por sua postura adulta durante toda a cerimônia. Garrincha, Nilton Santos, Brito, Jairzinho, Bellini, Friaça, Ademir de Menezes, Vavá, Orlando Pingo de Ouro, Rildo, Duílio, Silva, Félix e outras dezenas de jogadores acompanharam o sepultamento, junto com mais de 500 pessoas, entre dirigentes, torcedores, políticos e fãs. Almir foi enterrado no jazigo 229, da quadra 13, do São João Batista; cinco anos depois, seus restos mortais foram transferidos para o Cemitério Parque das Flores, em Recife.

Muitos estavam indignados diante das circunstâncias de sua morte, e as conversas em seu enterro giravam em torno de desconfianças sobre reações que poderiam ter sido geradas em virtude das revelações que ele estava fazendo sobre o mundo do futebol na revista *Placar*; também se falava em consequências de mais uma briga em que ele se envolvera recentemente, dessa vez com um delegado de polícia.

"Meu Deus, para que tanta glória? Para que tanta glória em tão pouco tempo e um tempo tão longo de separação?", desabafou Dona Dedé, ao lado do caixão do filho, segundo relatos de Fausto Neto e Maurício Azedo apresentados nas memórias do jogador.

No dia 7, a notícia explodiu em quase todos as primeiras páginas dos jornais do Brasil, bem como em jornais de países nos quais ele atuara. "Almir: o triste fim", *A Tribuna* (de Santos); "Almir morreu como

viveu: violentamente", *Folha de São Paulo*; "Atleta solicitará um acusador para o assassino de Almir", *Diário de Pernambuco*; "Assassino de Almir ainda está foragido", *Jornal do Brasil*; "Matador de Almir é turista português", *Jornal dos Sports*; "Mulher diz quem atirou em Almir", *Correio da Manhã*; "Polícia caça português que matou craque Almir", *Diário de Notícias*; "Assassinado Almir, rei da catimba", *Correio Braziliense*; "Morte violenta, o fim de Almir", *Diário da Noite* (SP); "Rei da catimba lutou até morrer", *Última Hora*; "Será sepultado hoje o ex-jogador Almir", *Diário do Paraná*; "*Almir: el fin de un rebelde*", *Clarín* (Argentina); "*Ucciso a Copacabana l'ex-calciatore Almir. Stava rivelando retroscena scandalistici*", *Corriere della Sera* (Itália); "*Assassinato a colpi di rivoltella l'ex-giocatore brasiliano Almir*", *La Stampa* (Itália).

Todos foram criticados pelo colega jornalista José Álvaro, da *Tribuna da Imprensa*, que tinha a coluna "O dia-a-dia da criação" e usava desenhos de polegar para cima ou para baixo, conforme achava boa ou não uma notícia, que, no dia 9 de fevereiro, usou o polegar para baixo para avaliar tais notícias: "Achei muito injusto que a maioria da imprensa ligasse a morte violenta do jogador Almir à maneira como jogava em campo. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Em suas estrepolias dentro e fora de campo, Almir nunca usou revólver, nunca foi um covarde. As manchetes comodamente sensacionalistas dos jornais estão servindo magnificamente para o advogado de defesa de um cara, ou de um grupo de caras que não teve peito para resolver na mão a diferença eventual, e apelou covardemente para o revólver contra um grupo de pessoas desarmadas. Esses caras que, para serem machos precisam estar acariciando um revólver, não podem ser beneficiados porque os mancheteiros dos jornais gostam do sensacionalismo mais fácil e pouco (ou nada) verdadeiro".

Xerife de faroeste

O que teria acontecido no restaurante Rio-Jerez que provocou as mortes de Almir Pernambuquinho e de seu amigo Alberto Russo, ambos deixando um casal de filhos, e feriu Japonês, amigo de Almir?

"Meu pai estava no lugar errado e na hora errada. Ele não era muito de sair à noite nem ficar bebendo até tarde. Mas gostava de circular com Almir, uma pessoa famosa. Fomos algumas vezes com ele ao Maracanã e, na arquibancada, quase não conseguíamos ver o jogo de tantas pessoas que pediam seu autógrafo", revela Alberto Russo Júnior, filho da segunda vítima fatal naquela noite, que, à época, tinha dez anos de idade.

A primeira versão, contada pelo português Artur Garcia Soares (autor dos disparos), e por José Salazar y Salazar (filho adotivo de Artur, espanhol), António Samuel Vicente (amigo português de Artur) e pela argentina Elcira Helena Barragan (companheira de Artur) dizia que eles estavam no restaurante quando começou uma briga entre uma turma de rapazes (membros dos Dzi Croquettes, grupo andrógino de dança e teatro), que haviam acabado de fazer um show na Galeria Alaska, e um terceiro grupo, que chegara pouco tempo antes. Alguém desse terceiro grupo (Almir) estava surrando um dos membros dos andróginos (que ainda vestiam parte do figurino do show) e o filho adotivo de Artur teria tentado impedir que Almir continuasse com aquele ato de violência. Almir, então, teria se voltado furiosamente contra o filho dele, e Artur, assustado, sacou a arma e atirou. "Ou eu deixava o meu filho morrer ou matava seus agressores", declarou aos jornais.

Esse grupo de portugueses era liderado por Artur Garcia, natural da região de Trás-os-Montes, nordeste de Portugal, viúvo e pai de dez filhos; ele tinha 52 anos e sua companheira Elcira estava grávida de quatro meses. Eles viviam de vender produtos artesanais de Portugal pelo Rio de Janeiro; segundo alguns comentários, aqueles produtos eram falsos, tratando-se de mercadorias brasileiras com etiqueta de Portugal, o que lhes permitia vendê-los bem mais caros. Estavam morando no Rio de Janeiro, hospedados no Hotel Rio-Lisboa, no bairro do Catete, e renovavam seu visto de turista a cada três meses viajando para o Paraguai.

Em uma explicação mais rocambolesca sobre os portugueses, levantada pela imprensa mais tarde, Artur pertenceria à polícia política de Salazar (PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado), do falecido ditador português, líder de um regime autoritário que só terminaria em 1974, com a Revolução dos Cravos. Após o acontecido,

Artur teria feito contato com sua chefia em Lisboa que, por sua vez, teria procurado o governo brasileiro, no auge da ditadura militar, para que medidas de proteção fossem tomadas em prol de seu agente. Essa versão explicaria a facilidade encontrada por Artur Garcia e sua turma para sair do Brasil depois de terem cometido um duplo assassinato e ferido uma terceira pessoa.

O fato é que ele, no dia seguinte ao crime, se apresentou na 13ª Delegacia Distrital, acompanhado de seu advogado, Newton Feital, que já havia trabalhado para o América, assumindo a culpa pelos disparos diante do delegado Ivan dos Santos Lima, encarregado do caso, na Delegacia de Homicídios. Artur disse que sua intenção não era matar ninguém, apenas proteger seu filho adotivo, José Salazar. O delegado também ouviu dois garçons do Rio-Jerez que trabalhavam naquela noite e, na semana seguinte, ouviu o depoimento de Japonês que, simplesmente, negou que tivesse havido, antes dos tiros, uma briga com os Dzi Croquettes. Ele viria a falecer, décadas depois, durante a pandemia de COVID-19.

A arma usada no crime foi uma pistola Beretta calibre 6.35 e, depois de efetuados os disparos, os três homens da mesa fugiram do local. A companheira de Artur, a argentina Elcira Helena, permaneceu no restaurante, onde foi presa por um policial militar. Segundo o acusado, ele atirara e fugira para andar na praia, nervoso com tudo o que acontecera. Não sabia sequer se havia acertado alguém. Tomando conhecimento das mortes, se apresentou à polícia. Após ter se apresentado, o português simplesmente desapareceu do Rio de Janeiro, mesmo após sua prisão preventiva ter sido pedida.

O processo correu durante três décadas, mas ninguém foi preso; anos mais tarde, descobriu-se que José Salazar y Salazar tinha sido preso na cidade de Vigo, na Espanha, por falsificação de documentos. O processo sobre a morte de Almir acabou sendo extinto em 2006, e arquivado na Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Há, contudo, outra versão que inverte as posições dos presentes naquele crime. Nessa, os portugueses teriam mexido com os rapazes do Dzi Croquettes de maneira preconceituosa e Almir teria tomado

as dores dos artistas, tentando protegê-los dos portugueses, chamados de "ciganos" no processo judicial. Isso teria provocado uma briga que terminou com os disparos.

Essa versão foi defendida pelo escritor Mário Prata, que estava, naquela noite, no Rio-Jerez, em uma crônica publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em 12 de janeiro de 1994, quase 21 anos depois do ocorrido. Em "Quando morreu o Almir, eu estava lá", ele conta que estava no restaurante ao lado do diretor de teatro Aderbal Freire Filho e de sua esposa Alice, além do ator Ivan Setta, quando houve a confusão e os tiros. "Eu só estou escrevendo este caso aqui, em homenagem aos vinte anos (sic) da morte do Almir. O violento e craque machão brasileiro que morreu defendendo um grupo de homossexuais. Acho que morte mais digna não poderia ter o artilheiro", escreveu.

Seja como for, o jogador de futebol Almir Pernambuquinho perdeu a vida às 2h45, segundo o IML, do dia 6 de fevereiro de 1973, com um tiro na cabeça. "Ferida penetrante no crânio, com hemorragia nas meninges e destruição parcial do tecido nervoso central", dizia o laudo cadavérico. Seu amigo Alberto Russo morreu com um tiro no pescoço, enquanto Japonês foi ferido na perna direita.

"O Almir era assim. Não conhecia ninguém, mas viu a injustiça e, mesmo sabendo que a briga era desigual, topou a parada. E ele morreu assim também, enfrentando no peito um fanfarrão armado. Já estava levando uma vida calma, retirado que nem xerife de faroeste", escreveu João Saldanha, em seu prefácio para as memórias de Pernambuquinho.

A missa de sétimo dia foi realizada, a convite da revista *Placar*, na Igreja de São Paulo Apóstolo, em Copacabana, a mesma em que Almir foi batizado.

Repercussão

Na semana seguinte à morte de Almir, vários artigos foram escritos nos jornais fazendo um apanhado de sua história, além da análise de seu comportamento em campo e fora dele, e do seu significado para o futebol.

No entanto, Armando Nogueira, o maior crítico do jogador, limitou-se a escrever uma nota (ainda crítica) em sua coluna no *JB*: "O mundo do futebol lastima a tragédia de Almir, um ex-jogador em que a paixão alucinada dos estádios estimulou demais o gosto da violência. Almir, no melhor da carreira, tinha uma técnica razoável, usava muito bem a velocidade, mas ninguém lhe exaltava o bom futebol; ele próprio se proclamava um grande catimbeiro. O mesmo temperamento vulcânico que lhe deu fama e fortuna levou-o, agora, a perder tragicamente a própria vida no impiedoso match do destino."

Já Nelson Rodrigues não escreveu nada sobre a morte de Almir Pernambuquinho. Em nenhuma de suas colunas.

Já o jornalista e pesquisador João Máximo, escreveu o artigo "Um último gesto para o Pernambuquinho", para o *Jornal dos Sports*, revelando que alguém depositara uma rosa vermelha no corpo de Almir, ainda estirado no restaurante. "Se existe algum mistério em torno da morte desse fascinante personagem do nosso futebol, o mistério está todo ali, naquela rosa vermelha. Em seus trinta e cinco anos de vida — onze dos quais passados no futebol profissional de grandes cidades como o Rio, São Paulo, Milão e Buenos Aires — Almir Morais (sic) Albuquerque não fez mais do que criar, em torno de si, toda uma legenda de ódio".

Mais adiante no texto, Máximo explicou: "Por muito tempo Almir serviu, como um perfeito instrumento, ao ódio de terceiros: cartolas, companheiros de equipe, torcedores. Porque ele, Almir, aprendera desde cedo a fazer do ódio sua única arma para enfrentar a vida. Por ironia, perderia a vida por causa desse ódio". Demonstrou também que em sua morte tudo se encaixava: o ambiente de um bar, a provocação, a briga, os tiros. "No desfecho da história, só uma coisa não combina: a rosa vermelha. Almir, o craque, o companheiro temido, o menino, o louco, o homem cuja vida foi um incessante acumular de ódios, o vilão dos estádios, o possesso, o mais detestado personagem do nosso futebol a quem ninguém consegue amar, morreu inspirando a mãos anônimas um verdadeiro gesto de ternura".

Três dias depois do enterro, a mãe de Almir, dona Dedé, escreveu uma carta, distribuída para a imprensa e amigos, na qual agradecia a todos pelo carinho que haviam tido com Almir e com ela naquela hora tão difícil, especialmente a Ademir (de Menezes), Vavá e Bellini. E agradeceu "a esta moça desconhecida para mim, mas que usou suas delicadas mãos para colocar flores no frio corpo do meu amado filho, a minha sincera gratidão".

Outro o artigo sobre o assunto foi escrito pelo jornalista e escritor Aguinaldo Silva (famoso mais tarde por ser autor de telenovelas da *TV Globo*) no jornal *Opinião*. Em "Almir, seu último tango", com caricatura do jogador feita por Elifas Andreato, ele explicou que "num futebol de sambistas, do bom crioulo Pelé, Almir também seria uma exceção, machão, distribuindo tapas, adotava ante a derrota uma dramaticidade que levaria às últimas consequências". Um herói sem caráter? Perguntou, opinando que Almir talvez tenha sido, à revelia, um contestador dentro do nosso futebol. "Basta dar uma olhada, na mesma Placar que publica a história de Almir, nos 11 jogadores que receberam o troféu Bola de Prata. Deles, apenas dois — Ademir e Paulo César (Caju) — são grandes jogadores. Os nove restantes foram escolhidos pelo bom comportamento e por acreditar que, ao se entregar de corpo e alma às ambições dos clubes, estão contribuindo para uma coisa chamada o engrandecimento do nosso esporte".

Um antigo colega de escola de Almir em Recife, o bicampeão brasileiro universitário de salto em altura, Paulo Henrique Sá, pediu ao governo de Pernambuco que prestasse homenagens a Almir e desse o nome do jogador a algum grupo escolar do Estado, e que designassem um advogado como assistente do Ministério Público da Guanabara para acompanhar o processo do assassinato.

Cinco meses depois do crime, o jornalista Tárik de Souza publicou uma nota em *O Pasquim*, edição de 24 de julho, dizendo que os jornais italianos tinham levantado a possibilidade de que a morte de Almir estivesse vinculada às denúncias que fazia para a revista *Placar*. "Olha que já faz quatro meses (sic). Será? Seria? Era? [...] E de Máfia, eles entendem".

Seu livro de memórias, *Eu e o Futebol*, foi finalmente publicado pela Editora Abril em agosto de 1973 (seis meses depois da morte), e contou com dois lançamentos, um no dia 20, em São Paulo, e outro no dia 25, no Rio de Janeiro. Custava Cr$ 12,00 e seria o primeiro da futura coleção "Biblioteca Esportiva Placar" que, no fim, não teve continuidade. Na peça publicitária sobre o livro, veiculada nas revistas da Editora Abril, lia-se: "Saiu o livro de Almir. Toda a carreira do mais corajoso jogador brasileiro de todos os tempos. Um relato dramático contando a verdade sobre os subornos, bolinhas, ameaças. E o que é mais grave: citando nomes".

Ao longo dos anos, várias matérias foram veiculadas sobre Pernambuquinho na imprensa e na internet, sempre com um viés mais sensacionalista, com expressões como "Anjo ou Demônio", "Almir: profissão macho", "um marginal do futebol", "figura folclórica do futebol", "o trágico fim de um craque destemido", "o bandoleiro das multidões", "Pernambuquinho, futebol e fúria", "rei das confusões", "*bad boy* do futebol", "o encrenqueiro que substituiu Pelé e foi assassinado jovem demais", "o maior encrenqueiro da história do futebol brasileiro", "infernal dentro e fora de campo", "o herói do bi mundial do Santos que jogou dopado", "o herói marginal". Títulos que, de fato, retratavam o jogador Almir Pernambuquinho, mas apenas em parte.

A revista *Placar*, durante alguns anos, recordou o aniversário de morte do jogador, além de publicar textos rememorando alguns fatos notórios de Pernambuquinho, incluindo a Taça Almir de Futevôlei e a Taça Almir Albuquerque, torneio regional, com a chancela da CBD, que se valia dos jogos da competição nacional, e que foi promovido pela própria revista, e teve o América de Natal (RN) como campeão. Ambas homenagens foram feitas ainda em 1973. Ele é também lembrado pelo Centro de Memória do Vasco da Gama, nos museus do Flamengo e do Boca Juniors, em Buenos Aires, além de estar pintado no muro do Centro de Treinamento Rei Pelé, do Santos, junto com outros craques da história do clube.

Na noite de 6 de agosto de 1981, a *TV Globo* apresentou um episódio da série "Plantão de Polícia", estrelada por Hugo Carvana e De-

nise Bandeira, chamada "O homem que incendiou o Maracanã". Nesse episódio, eles contavam uma história muito parecida com a de Almir, trocando apenas o nome. A família Moraes Albuquerque não gostou do que viu e processou a emissora. A Justiça deu ganho de causa à família e a TV fez uma retratação pública, mas sem indenização porque, ainda segundo o juiz, como não havia existido prejuízo financeiro, não cabia ressarcimento.

Almir está na "Calçada da Fama do Maracanã", embora seu registro, bem como o de outros craques, tenha desaparecido durante a grande remodelação do Maracanã, que começou no final de 2010. Bellini, Barbosa e Amarildo, de sua época, e jogadores mais novos como Bebeto, Kaká e Marta também viram seus registros sumirem, sendo descobertos, anos depois, em salas e até banheiros que serviam como depósito no próprio Maracanã. Atualmente, a exposição conta com todos os craques e continua crescendo.

O Cinefoot (Festival de Cinema de Futebol) homenageou Almir Pernambuquinho em duas ocasiões: em 2013, com as presenças dos irmãos Arlindo, Ayres e Adilson, em Recife, e em 2025, com a exibição do documentário *Almir Pernambuquinho – o touro indomável do futebol*, do jornalista Raphael Zarko, do *ge.globo*.

Da mesma forma, foram realizados vídeos ao longo dos anos, tais como: *Almir Pernambuquinho – polêmico, genial e violento*, do canal do *Youtube Futebol e Cerveja* 77; *O triste fim de Almir Pernambuquinho: o mais desordeiro e genial atacante do futebol brasileiro*, do canal *Histoe-Futebol*; *Craques do passado: Almir Pernambuquinho*, do canal *rluiz66* (uma série de vídeos); *Almir Pernambuquinho — Herói do Bi-Mundial do Santos*, do canal *O maior de todos os Tempos*; "Almir, o primeiro *bad boy* do futebol *brasileiro*, do canal *História em Campo*; *Almir Pernambuquinho*, do canal *AudiopediaFut*; *Almir Pernambuquinho – craques para sempre*, do canal *Brazuca Esporte Clube*; *Primeiro bad boy do nosso futebol*, do *Baú do Assaf*; *Almir Pernambuquinho, o maior encrenqueiro da história do futebol*, do canal *Iconografia da História*; *Conheça Almir Pernambuquinho*, do canal *Lance!*; *Almir, craque do Flamengo de 1965 a 1967*, do *canal do Bruno Lucena*; *Entre Paixão e Gols: Almir Pernambu-*

quinho, do canal *Vasco Vintage*; e *Almir, o Pelé Branco*, da *TV Cultura*, de São Paulo.

Lembranças ocasionais são publicadas volta e meia, como a da revista *El Gráfico*, em 3 de julho de 2008, quando lembraram de Almir como jogador do Boca Juniors. Juca Kfouri escreveu sobre Almir e suas memórias para a *Folha de São Paulo*, edição de 4 de novembro de 1997, em razão de seu comentário sobre o título mundial do Santos na edição anterior da *Folha*. Já o site italiano especializado em futebol *ilcalcio.net* tem em seus registros permanentes o perfil de Almir.

Assim como a página *3º Tempo*, do jornalista Milton Neves, na seção "Que fim levou?". No site *Le Monde Diplomatique Brasil*, foi publicada, em 9 de dezembro de 2020, a matéria "Autoritarismo, futebol e grupos paramilitares", em que se traça um paralelo entre o então governo Jair Bolsonaro e a situação dos anos 1960, sob o regime militar, na final do Flamengo contra o Bangu em 1966. O jornal *O Estado de São Paulo* recordou os 30 anos de sua morte; já a revista *Veja Rio*, publicou matéria lembrando os 40 anos da tragédia. Há menções a Almir ainda nos livros *Os Mortos-Vivos do Futebol*, de Dagomir Marquesi e *Viagem ao País do Futebol*, de Mário Magalhães, além de em obras que tratam a grande vitória do Santos em 1963; e também nos filmes *Flamengo Paixão*, de 1980, dirigido por Davi Neves, e *Passe Livre*, de Oswaldo Caldeira, que contou sobre a vida de Almir num filme dedicado ao jogador Afonsinho.

Em 1997, o canal a cabo *GNT* lançou um documentário em 12 episódios chamado "500 Anos de História", com texto do escritor Fernando Morais, para dar início às comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil, e Almir foi citado no episódio que tinha o esporte, e o futebol, como tema.

Almir foi lembrado pelo Santos FC na homenagem que o clube fez aos jogadores pelos 50 anos da conquista do bicampeonato mundial em 1963, em uma festa na sede do clube, no dia 16 de novembro. Alvaro foi convidado como representante de seu pai e posou, com faixa de campeão, com Mengálvio, Pepe, Dalmo, Lima, Dorval e outros. Torcedores que

assistiram ao jogo no Maracanã, na época, foram convidados e estiveram presentes levando consigo até seus ingressos originais.

Personalidade pública

Em uma época da história em que cada pessoa, individualmente, pode tornar-se um astro em potencial, ainda que somente para si próprio e para os que o acompanham pelas redes sociais, as personalidades públicas de verdade passaram a sofrer ainda mais pressão, pois a fronteira entre o público e o privado ficou mais difícil de ser medida, uma vez que cada momento, diariamente, pode ser documentado e transmitido, de maneira instantânea, para o mundo, seja em uma declaração refletida ou impulsiva. Mas, ao final, passível de ser analisada por todos. E más notícias viralizam muito rápido, sem qualquer revisão ou deferência ao implicado.

O jogador de futebol Almir Pernambuquinho era uma personalidade pública, de verdade, em seu tempo. No final da década de 1950, e durante praticamente toda a década de 1960, ele era notícia em todas as mídias existentes — jornal, revista, rádio e televisão (ainda em seus primeiros anos) — por suas ações dentro e fora de campo. E as más notícias já "viralizavam" muito rápido.

Almir marcou, de maneira perene, sua passagem pelos estádios de futebol do Brasil com suas características: uma coragem física invulgar, sua ambição e sua incapacidade de admitir derrota. Todas essas características foram colocadas à disposição de dirigentes de clubes, treinadores, árbitros, colegas, imprensa e torcedores ávidos por sentirem amor ou ódio por ele, o que lhe permitiu assumir, assim, o papel de fazer do jogo de futebol um espetáculo mais intenso.

Pernambuquinho encarnava em campo a paixão pelo futebol, o êxtase, o amor pela camisa que vestia e, tendo conquistado por mérito próprio a fama de homem violento, era desafiado pelos adversários habitualmente.

Ele também tinha uma vontade de justiça, dentro e fora dos estádios, com explosões típicas de quem levava tudo às últimas consequências.

Combinado à sua notoriedade no gramado, isso lhe deu sua fama de marginal, admitido já na primeira linha de suas próprias memórias. Se ele era um contestador, foi à sua revelia, pois isso nunca fez parte de suas preocupações. E à despeito de tudo, era considerado um grande amigo, "um amigão mesmo", pelos seus companheiros.

A imprensa se aproveitava, muitas vezes exagerando suas atitudes, para auferir mais interesse pelas narrativas. Era o segundo jogo jogado, além da partida oficial. Sua morte, rápida e violenta, foi uma coincidência, e não um reflexo natural do que foi sua vida, embora seja muito fácil fazer essa associação.

Poucos jogadores de futebol viveram suas carreiras, na história do esporte, como Almir viveu a sua.

"O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão", resumiu Nelson Rodrigues, que abriu essa biografia e também a encerra. Palavras dirigidas ao esporte, mas que se confundem com quem viveu o futebol intensamente, com paixão e entrega total, como Almir Pernambuquinho.

Títulos de Almir Pernambuquinho

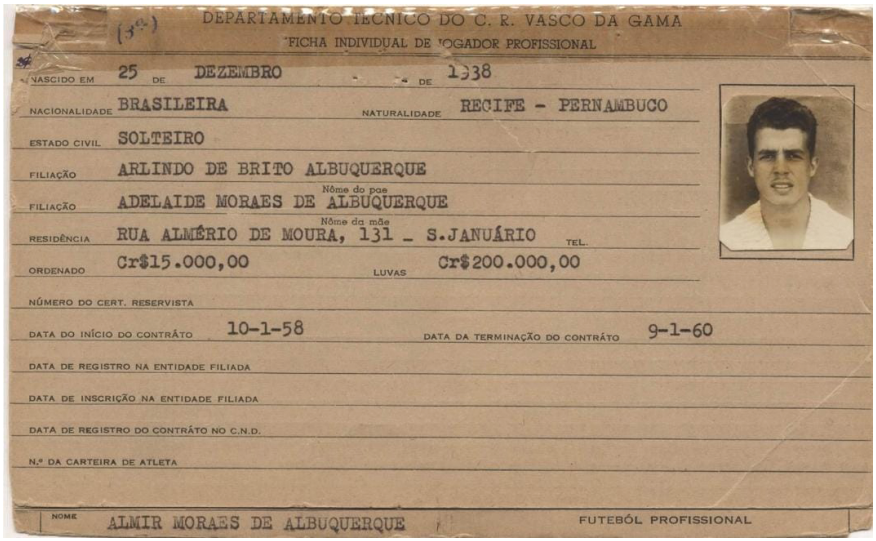
- **Vasco da Gama**
- Torneio de Paris (França) – 1957
- Troféu Teresa Herrera (Espanha) – 1958
- Campeonato Carioca – 1958
- Torneio Rio-São Paulo – 1958

- **Boca Juniors**
- Campeonato Argentino – 1962

- **Santos**
- Campeonato Paulista – 1964
- Torneio Rio-São Paulo – 1963 e 1964
- Campeonato Brasileiro – 1963 e 1964
- Copa Libertadores – 1963
- Copa Intercontinental – 1963

- **Flamengo**
- Campeonato Carioca – 1965

- **Seleção Brasileira**
- Copa Roca – 1960
- Taça do Atlântico – 1960



DEPARTAMENTO TÉCNICO DO C. R. VASCO DA GAMA

FICHA INDIVIDUAL DE JOGADOR PROFISSIONAL

NASCIDO EM	25 DE DEZEMBRO DE 1938
NACIONALIDADE	BRASILEIRA
NATURALIDADE	RECIFE - PERNAMBUCO
ESTADO CIVIL	SOLTEIRO
FILIAÇÃO	ARLINDO DE BRITO ALBUQUERQUE (Nome do pai)
FILIAÇÃO	ADELAIDE MORAES DE ALBUQUERQUE (Nome da mãe)
RESIDÊNCIA	RUA ALMÉRIO DE MOURA, 131 _ S.JANUÁRIO TEL.
ORDENADO	Cr$15.000,00
LUVAS	Cr$200.000,00
NÚMERO DO CERT. RESERVISTA	
DATA DO INÍCIO DO CONTRÁTO	10-1-58
DATA DA TERMINAÇÃO DO CONTRÁTO	9-1-60
DATA DE REGISTRO NA ENTIDADE FILIADA	
DATA DE INSCRIÇÃO NA ENTIDADE FILIADA	
DATA DE REGISTRO DO CONTRÁTO NO C.N.D.	
N.º DA CARTEIRA DE ATLETA	
NOME	ALMIR MORAES DE ALBUQUERQUE — FUTEBÓL PROFISSIONAL

Na ficha cadastral de Almir no Vasco da Gama, de janeiro de 1958, consta o valor das luvas: Cr$ 200.000,00.



Em pé: Laerte, Miguel, Paulinho, Bellini, Écio, Orlando, Coronel e Barbosa. Agachados: Roberto Pinto, Sabará, Rubens, Livinho, Delém, Almir, Pinga e Dario. Foto enviada por Tarcísio Vória

Almir foi Supersupercampeão com o Vasco ainda em 1958. Na foto, ele está agachado atrás do menino.



Os fotógrafos não perdiam a oportunidade de registrar a grande revelação do Vasco com Garrincha. Era conhecido como um jogador "viril".



ALMIR, ENTRE BELAS FÃS, ASSINA (SEM RIR) TRÊS VÊZES ALMIR.

Almir era muito assediado quando estava em Poços de Caldas treinando com a Seleção Brasileira para a Copa da Suécia. Acabou não indo.



Já no Corinthians, Almir encontrou com Bellini, capitão da Seleção de 58, em confronto de 1960. Ele era padrinho de batismo e casamento de Almir.



Cartaz de divulgação do jogo / Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube

Ele jogou pelo São Paulo, como convidado especial, na segunda partida comemorativa da inauguração do Morumbi em outubro de 1960.



Maurinho, Almir, Paulo Valentim e Orlando Peçanha posaram para a foto antes de uma das partidas do Boca Juniors, onde jogavam em 1961.



Em 1962, ele foi emprestado para o Fiorentina, na Itália. Achava-se rotulado por parte da imprensa como um jogador violento.



Ainda em 62, Almir foi transferido para o Genoa, onde virou figurinha de álbum da Panini.



I calciatori del Genoa scherzano durante la gita al Sestriere: Almir (a destra) ha colpito Bruno con una palla di neve; al centro il mediano Colombo (Foto Moisio)

Almir não gostava nem um pouco do frio da Europa, mas saía para brincar com os companheiros do Genoa na neve. Não fez um gol sequer na Itália.

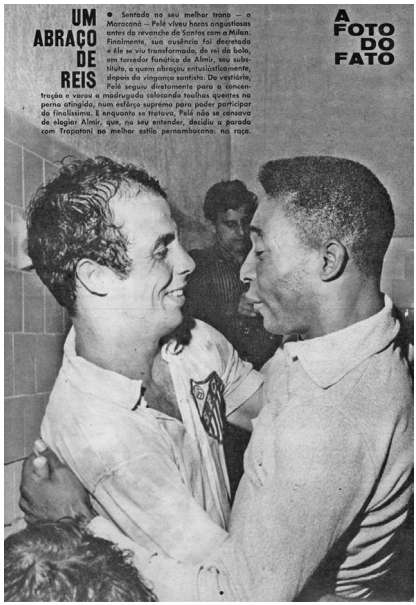


Ele voltou para o Brasil em 1963, quando começou a jogar no Santos como substituto de Pelé.



Na década de 60 o Santos embarca para mais uma de suas famosas excursões. Em pé, da esquerda para a direita: o técnico Lula, Gylmar dos Santos Neves, Coutinho, um diretor santista, Joel Camargo, Laércio, Zito, Toninho Guerreiro, Ismael, Mengálvio, Haroldo, Geraldino, Ciro Costa e Pepe. Agachados: o massagista Macedo, Chicão, Noriva, Peixinho, Almir, o presidente Athiê Jorge Cury, Lima e Modesto.

O Santos estava sempre viajando na década de 1960. Todo mundo queria ver o time do futuro Atleta do Século.



UM ABRAÇO DE REIS

A FOTO DO FATO

● Sentado no seu melhor trono — o Maracanã — Pelé viveu horas angustiosas antes da revanche do Santos com o Milan. Finalmente, sua ausência foi decretada e êle se viu transformado, de rei da bola, em torcedor fanático de Almir, seu substituto, a quem abraçou entusiàsticamente, depois da vingança santista. De vestiário, Pelé seguiu diretamente para a concentração e varou a madrugada colocando toalhas quentes na perna atingida, num esfôrço supremo para poder participar da finalíssima. E enquanto se tratava, Pelé não se cansava de elogiar Almir, que, no seu entender, decidiu a parada com Traparoni ao melhor estilo pernambucano: na raça.

Almir foi muito importante para o Santos ser campeão mundial em 1963. Pelé não jogou as finais e depois foi abraçar Pernambuquinho no vestiário.



— Almir tenta escapar da marcação de Altair em mais um "Fla-Flu" no Maracanã. Crédito: revista Futebol e Outros Esportes.

Em 1965, Almir foi para o Flamengo onde virou ídolo da torcida por sua garra nos gramados, o que virou sua marca.



Tanta garra que, muitas vezes, ele tinha reações extremamente violentas em campo, o que também virou sua marca.



Almir e seu irmão caçula Adilson foram capa da Revista dos Esportes. Conselhos do mais velho no estilo "faça o que eu digo, não faça o que eu faço".



O OUTRO LADO DE ALMIR

ALMIR é tido como vilão do futebol brasileiro. O jogador, realmente, tem sido figura central em brigas dentro do campo e a perna quebrada do zagueiro Hélio o marcou para sempre. Almir nunca negou ser *catimbeiro*, nem que procura ganhar os jogos sempre, pois vive disso.

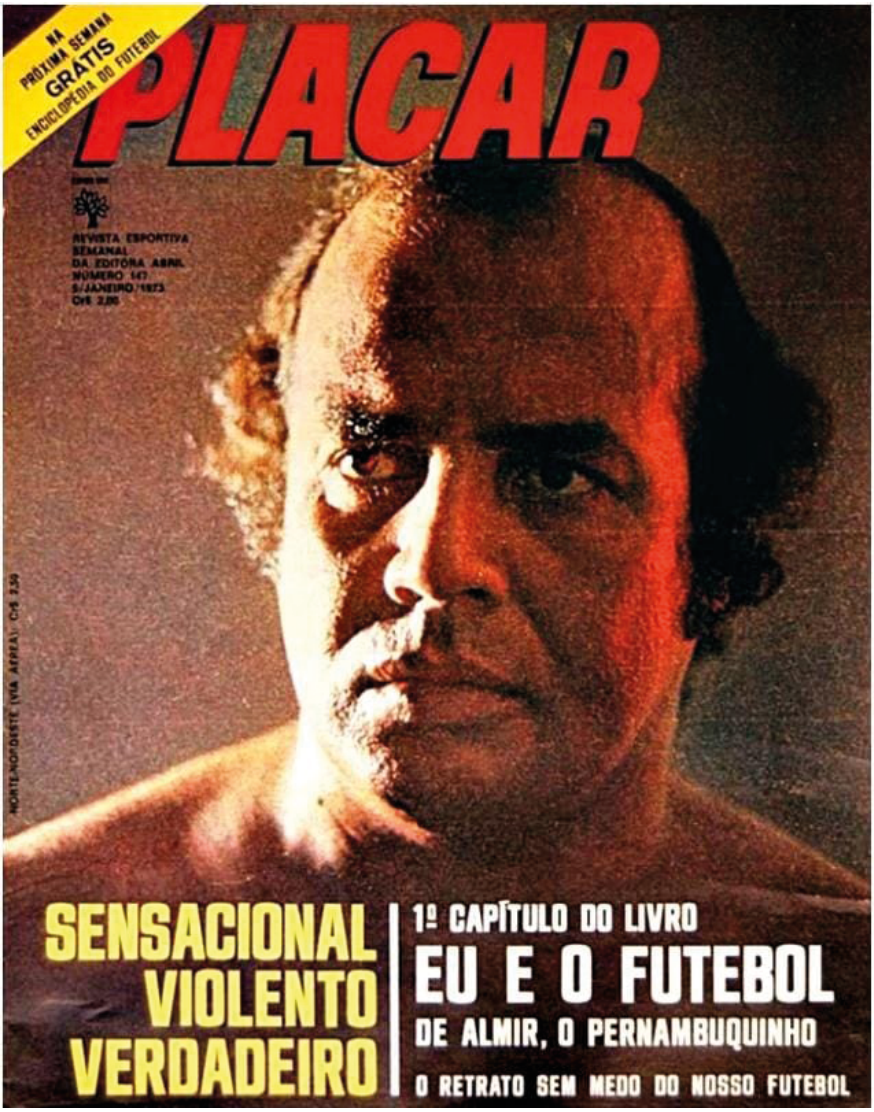
No entanto, é preciso separar bem o futebolista do homem, nas críticas. Pois, se dentro de campo Almir está mais para vilão do que para herói, fora dêle é homem educado, simples e que sabe fazer amizades com facilidade. E, no seu lar (um apartamento na Rua Barata Ribeiro, em Copacabana) nada se parece com o

A imprensa tentava minimizar isso, muitas vezes mostrando Almir como um rapaz tímido e educado, além de bom pai de família.

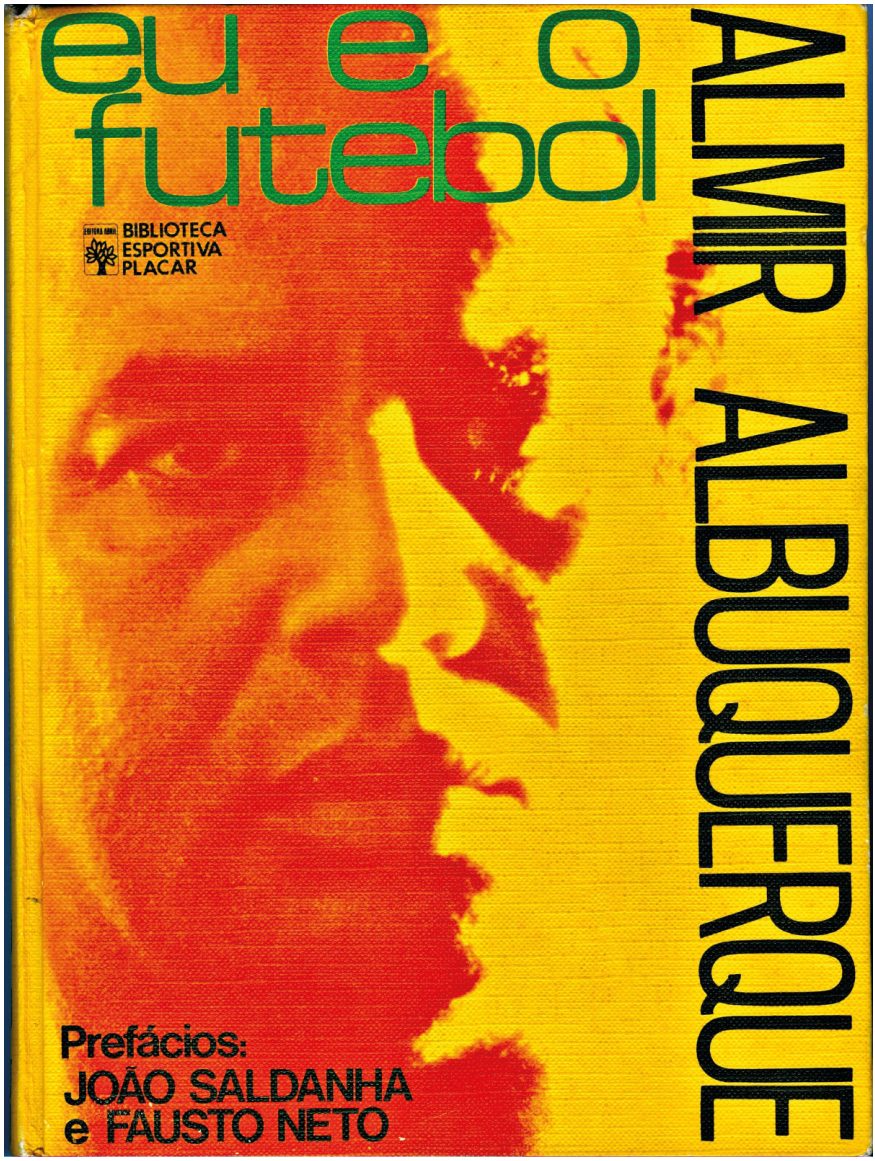


Em pé: Rosan, Alex, Badeco, Aldeci, León e Djair. Agachados: Bataglia, Almir Pernambuquinho, Edu, Tadeu Ricci e Gilson Porto.

Acima do peso e calvo, Almir transferiu-se para o América do Rio em 1967, seu último clube.



Já aposentado, Almir foi convidado pela revista Placar para contar suas memórias que começaram a ser publicadas em janeiro de 1973.



Assassinado dia 6 de fevereiro, no meio das publicações da revista, seis meses depois a Placar lançou seu livro de memórias.

Agradecimentos

Família Albuquerque

Alvaro e Adriana, filhos; dona Maria de Lourdes, viúva; Adilson e Ângela, irmão e cunhada; Almir e Alejandro, sobrinhos.

Edu Antunes Coimbra, César Maluco, José Trajano, Joel Santana, Maneco (Santos FC), Paulo Henrique (Flamengo), Alberto Russo Júnior, Cachorrão (Sérgio Brito), Mainha (Inaldo Amorim Silva Maia), Marcelo Farias Sobrinho, Ewerson Vasconcelos (Museu do Sport), Walmer Peres Santana (Centro de Memória do Vasco da Gama), Alice Diniz (Biblioteca da ABI), Deusemara Galdino de Oliveira (Paróquia São Paulo Apóstolo), Lenivaldo Aragão, Raphael Zarko, Luiz Carlos Azedo, Luiz Maurício Azedo, Marilka Azedo, Maurício Melo Júnior, André Barroso, Roberto Samora, Odir Cunha, Adilson Mastellari, Adry Santos, doutor Lucas Ribeiro, Andreia Rossato, Igor Rossato, Roberto Minadeo, Ivo Cláudio de Souza, Nirton Venâncio, André Avelar, Edmílson Caminha.

SOBRE O AUTOR



WILSON ROSSATO

Jornalista e escritor, é autor de contos, romances e livros infantojuvenis, tendo sido premiado por alguns deles. Também é o autor de *Mil Vezes Túlio Maravilha e Joel Santana – O Verdadeiro King do Rio*. Com essa biografia de Almir Pernambuquinho, resgata a história de um dos mais polêmicos jogadores da história do futebol brasileiro.

Editora Albatroz